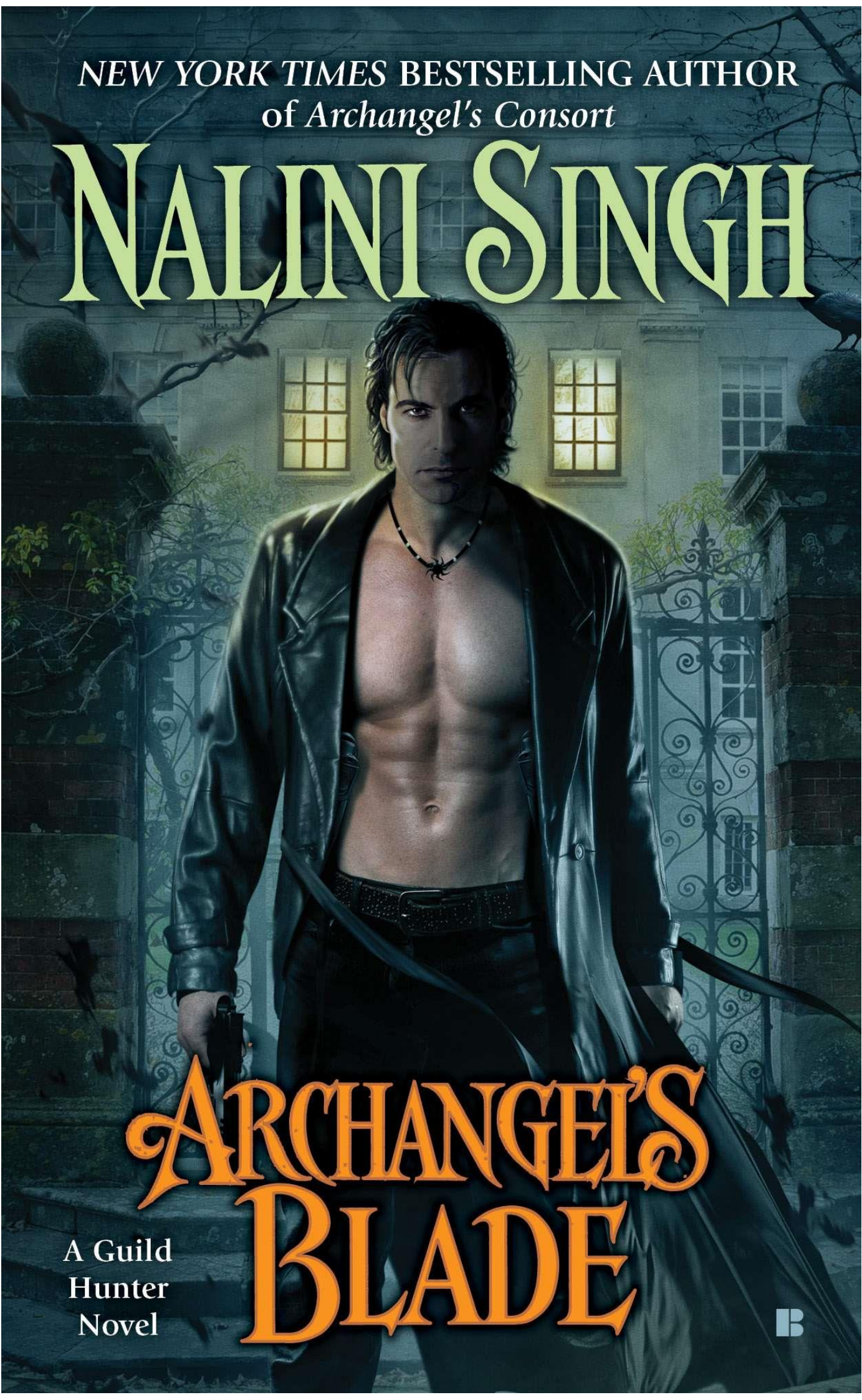


NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
of *Archangel's Consort*

NALINI SINGH



ARCHANGEL'S BLADE

A Guild
Hunter
Novel







CRÉDITOS

TRADUÇÃO E REVISÃO:

Grupo Shadows Secrets

SINOPSE

A cabeça cortada marcada com uma tatuagem característica em sua bochecha deveria ter sido um caso da Sociedade, mas instintos sombrios afiados por centenas de anos de vida compelem o vampiro Dmitri a tomar o controle. Há algo deturpado sobre esta morte, algo que sussurra séculos há muito passados... Mas a necessidade de Dmitri de descobrir a verdade não é nada comparada à força cruel de sua resposta à caçadora designada a decifrar a tatuagem.

Brutalizada em um ataque terrível que quase a matou, Honor não está nem perto de estar pronta para ficar cara a cara com o vampiro sedutor que é a mão direita de um arcanjo, e que usa sua crueldade tão audaciosamente quanto sua sensualidade letal... O mesmo vampiro que tem sido sua obsessão secreta desde o dia em que ela era velha o suficiente para entender as emoções violentas, inexplicáveis que ele despertava nela.

À medida que o desejo se torna uma perigosa compulsão que pode destruir ambos, se torna claro que o passado não continuará enterrado. Algo está caçando... E não irá parar até trazer um pesadelo coberto de sangue à vida mais uma vez...

ANTES DE ISIS

“Papa! Papa!”

“Uuuf, Misha.” Pegando a forma animada de seu filho quando o pequeno menino veio correndo pelo áspero caminho rural, ele apoiou Misha em seu braço—bronzado, marcado e musculoso de trabalhar nos campos—e disse, “O que sua mama tem dado para você comer?”

Uma risada gargalhada, seu filho certo de que o pai não o derrubaria. “Você me trouxe um doce?”

“Eu estava com fome no caminho para casa,” ele brincou. “Receio que eu tenha comido.”

Misha franziu a testa, seus olhos escuros atentos... E então ele riu de novo, uma risada enorme e profunda para um garoto tão pequeno. “Papa!” Ele começou procurar no bolso da camisa de seu pai, dando um grito triunfante quando encontrou o pequeno pacote embrulhado.

Sorrindo para a alegria de seu filho, ele olhou para cima e a viu na porta de entrada. Sua esposa. Com sua filhinha em seus braços. Seu coração se contorceu em um nó que era quase doloroso. Às vezes, ele pensava que devia ficar envergonhado de amar tanto sua esposa e seus filhos, até que os dias quando ele ia ao mercado eram uma rara angústia... Mas ele mesmo não tinha coragem de acreditar nisso.

Quando outros homens queixavam-se de suas esposas, ele simplesmente sorria e pensava na mulher com os olhos oblíquos e boca grande que esperava por ele. Ingrede odiava sua boca, queria uma pequena e delicada, como a da esposa de seu vizinho próximo do outro lado da planície, mas ele amava seu sorriso, amava o dente torto na frente, e o modo como ela começava a balbuciar quando ele a convencia a tomar mais da água ardente fabricada pelo filho daquele mesmo vizinho.

Agora, pousando o saco ao lado na porta, ele segurou sua bochecha com a mão. “Olá, esposa.”

“Eu senti sua falta, Dmitri.”

1

Agachado no píer de concreto iluminado apenas pelo brilho amarelo opaco da luz tremeluzente do poste a vários metros de distância, Dmitri inclinou a cabeça decapitada em sua direção com um aperto no cabelo do homem morto, não se preocupando com luvas. Elena, ele pensou, não teria aprovado a quebra do protocolo forense, mas a caçadora estava atualmente no Japão e não retornaria à cidade por mais três dias.

A cabeça da vítima havia sido separada de seu — até agora não descoberto — corpo a golpes, a arma, possivelmente, algum tipo de machadinha. Não foi um trabalho limpo, mas tinha conseguido resolver as coisas. A pele, que parecia ter sido ou rosa ou branca em vida, estava inchada e fofa com água, mas o rio não teve tempo de degradá-la a lodo.

“Eu estava esperando,” ele disse para o anjo de asas azuis que estava em pé do outro lado da sinistra descoberta, “por algumas semanas tranquilas.” O reaparecimento da arcanjo Caliane, considerada morta por mais de um milênio, tinha abalado ambos anjos e população vampírica. Os mortais também sentiram alguma coisa, mas eles não tinham conhecimento verdadeiro da impressionante alteração na estrutura de poder do Grupo dos Dez, os arcanjos que governavam o mundo.

Porque Caliane não era simplesmente velha, ela era uma Anciã.

“Sossego aborreceria você,” Illium disse, brincando com uma fina lâmina prateada em torno de seus dedos. Tendo voltado para casa do Japão no dia anterior, antes de Raphael e Elena, ele não parecia de modo algum exausto depois de ter sido sequestrado e preso no meio de uma batalha entre arcanjos.

Dmitri sentiu seus lábios curvarem-se. Infelizmente, o anjo com asas azuis beijadas de prateado e olhos de ouro estava certo. Dmitri não tinha ainda sucumbido ao tédio que afetava tantos dos imortais por uma simples razão: ele nunca ficava parado. É claro, alguns diriam que ele estava inclinando-se longe demais na outra direção — na companhia daqueles que viviam somente para o penetrante prazer de sangue e dor, cada outra sensação tendo ficado sem graça.

O pensamento devia tê-lo preocupado. Que não tenha acontecido... *Isso* o preocupou. Mas sua inexorável descida para a sedutora escuridão vermelha-rubi não tinha nada a ver com a situação atual. “Ele tem presas nascentes.” Os pequenos, imaturos caninos pareciam quase translúcidos. “Mas não é um dos nossos.” Dmitri conhecia o nome e o rosto de cada vampiro que vivia dentro e ao redor de Nova York. “Nem se encaixa na descrição de nenhum dos Transformados que tenha desaparecido dentro do território maior.”

Illium equilibrou sua lâmina na ponta do dedo, a luz amarela do poste refletindo

uma faísca inesperada de cor antes que ele começasse a jogá-la através de seus dedos mais uma vez. “Ele pode ter pertencido a outra pessoa, tentado escapar de seu Contrato, topado com problemas.”

Já que sempre havia idiotas que tentavam não cumprir seu lado do negócio—uma centena de anos a serviço dos anjos em troca do dom da quase imortalidade—isso era altamente possível. Embora por quê um vampiro viria para Nova York quando a cidade era a casa de um arcanjo, e de uma poderosa Sociedade de Caçadores dedicados a recuperar aqueles que decidiam fugir, não era tão explicável.

“Laços familiares,” Illium disse, como se tivesse lido os pensamentos de Dmitri. “Vampiros jovens tendem a permanecer ligados às suas raízes mortais.”

Dmitri pensou na despedaçada casca queimada de uma casa que ele visitou dia após dia, noite após noite, até que tantos anos tinham se passado que não havia mais qualquer sinal da pequena casa de campo que uma vez esteve lá. Somente a terra, acarpetada de flores silvestres, permanecia, e era de Dmitri, sempre seria de Dmitri. “Nós temos trabalhado juntos por muito tempo, Bluebell,” ele disse, sua mente naquela planície varrida pelo vento onde ele tinha uma vez dançado com uma sorridente mulher em seus braços enquanto um menino de olhos brilhantes batia palmas.

“Eu continuo dizendo isso,” Illium respondeu, “mas Raphael se recusa a se livrar de você.” Aquela lâmina de prata brilhou mais e mais rápido. “O que você acha da tatuagem?”

Levantando-se, Dmitri inclinou a cabeça para o outro lado. A tatuagem no alto da bochecha esquerda do homem morto—marcas negras que lembravam letras do alfabeto Cirílico entrelaçadas com três sentenças escritas no que poderia ter sido Aramaico—a era complexa e incomum... E ainda assim, algo sobre ela incomodava Dmitri.

Ele tinha visto isso antes, ou alguma coisa semelhante, mas ele tinha estado vivo há quase um milênio, e a memória era menos do que uma sombra. “Deve deixá-lo mais fácil de identificar.” A luz brilhou sobre aquelas pequenas presas. E ele percebeu que o que não tinha visto na primeira vez. “Se suas presas não estão maduras, ele ainda deveria estar em isolamento.”

Nos primeiros meses após sua Transformação, os vampiros eram criaturas rastejantes, pouco mais do que animais, enquanto a toxina que transformava mortal em vampiro fazia seu caminho dentro de suas células. Muitos optavam por passar a conversão em um coma induzido, exceto por certos períodos necessários de vigília. Dmitri tinha passado os meses depois de sua violenta Transformação preso com correntes de ferro sobre um chão frio de pedra. Ele lembrava-se pouco daquele tempo além do frio da pedra embaixo de seu corpo; a rigidez do aperto das algemas ao redor de seu pescoço, seus pulsos, seus tornozelos.

Mas o que veio depois que ele acordou como um quase imortal... Isso ele nunca

esqueceria, nem mesmo se ele vivesse até os dez mil anos de idade.

Azul selvagem cruzou sua visão, a luz amarela piscando tornando as linhas cintilantes de prata nas penas de Illium para estanho. “A Sociedade tem bons bancos de dados,” o anjo disse, fechando suas asas e escorregando a faca ao mesmo tempo.

“Sim.” Dmitri tinha formas para acessar aqueles bancos de dados sem cooperação da Sociedade, tinha feito por muitas ocasiões anteriores, mas podia ser uma boa jogada informar os caçadores desse caso, para que eles pudessem informá-lo de qualquer outro incidente similar—porque os instintos afiados por quase mil anos de sobrevivência sangrenta diziam que ele precisava lidar com isso ele mesmo, não passar o caso para a Sociedade. “Onde está o saco?”

Quando Illium produziu um saco de lixo preto, ele ergueu uma sobrancelha. “Eu pensei que Elena tinha lhe ensinado alguma coisa por agora.”

O anjo deu-lhe um olhar inesperadamente solene daqueles olhos dourados pontilhados com cílios negros mergulhados em azul, um eco de seu cabelo. “Você acha que eu cairei de novo, Dmitri?” Memórias em sua voz, sussurros de dor. “Perder minhas asas?”

Dmitri não estava surpreso pela questão. Illium não era um dos Sete de Raphael, os anjos e vampiros que tinham jurado suas vidas ao arcanjo, porque ele era nada menos do que agudamente inteligente. Agora, ele encontrou seu extraordinário olhar. “Você olha para ela de um jeito que nenhum homem deve olhar para uma mulher que pertence a um arcanjo.” Illium tinha uma fraqueza por mortais, e embora Elena fosse agora um anjo, ela tinha a vulnerabilidade de um coração humano, era mortal em seus pensamentos.

O anjo de asas azuis nada disse enquanto Dmitri colocava a cabeça dentro do saco plástico. Não havia outra evidência aqui para alguém coletar—a cabeça tinha estado flutuando sobre o Hudson, sido avistada e recolhida por Illium quando ele voava sobre o rio apenas uma fração de segundos antes que os últimos raios de sol fossem consumidos pela noite, poderia ter vindo de qualquer lugar.

“Ela me instiga,” o outro homem admitiu finalmente. “Mas ela é do Sire, e eu protegeria aquela relação com minha vida.” Calmo. Apaixonado. Absoluto.

Dmitri poderia ter deixado por isso mesmo, mas havia mais em jogo do que uma atração perigosa.

“Não é com traição que eu estou preocupado. É com você.”

O cabelo de Illium varreu através de seu rosto em um sopro caprichoso antes de se estabelecer. “Em Amanat,” ele disse, falando da cidade perdida recém-ressurgida, “Elena disse que precisava de mim para protegê-la de você.” Um débil sorriso. “Foi uma provocação, mas não faz mal nenhum ter alguém do lado dela.”

Dmitri não contestou a avaliação implícita de Illium de seus próprios sentimentos em direção à Caçadora da Sociedade que foi escolhida como consorte de Raphael. “Você está convencido que ela salvou a vida dele quando Lijuan atacou?”

O relatório de Illium parecia implausível, ainda que o próprio Raphael tenha confirmado algo disto quando o arcanjo contatou Dmitri logo após o despertar de Caliane.

“Somente Raphael sabe a verdade, mas eu sei o que vi,” Illium disse, seu rosto tenso com a lembrança. “Ele estava morrendo, e então ele viveu—e as chamas em suas mãos eram coloridas em tons de amanhecer.”

As mesmas cores suaves que se estendiam nas asas de Elena.

Dmitri continuava desconfiado. Elena era a mais fraca dos anjos, seu coração mortal nem perto de ter força suficiente para sobreviver ao mundo dos arcanjos. “Ela se tornou uma fenda permanente na armadura dele.” Como o segundo de Raphael, Dmitri nunca ia aceitar isso, embora tivesse jurado protegê-la e carregaria aquele voto até o fim, não importava qual o custo.

“Você nunca teve uma mulher que criasse tal fenda em sua armadura?” Uma das penas de Illium caiu em direção ao chão, mas foi chicoteada para longe sobre a água antes que ela pudesse tocar o implacável concreto. “Em todos os anos que eu te conheço, você nunca teve uma amante a quem verdadeiramente reivindicou.”

“Eu observarei as estradas por você, Dmitri.”

Illium tinha pouco mais de quinhentos anos perto dos mil de Dmitri. Ele não conhecia nada do que tinha acontecido antes—somente Raphael sabia. “Não,” Dmitri disse e essa era uma mentira que ele contava com séculos de experiência. “Fraqueza gera um homem morto.”

Illium expirou quando eles alcançaram a Ferrari vermelho-fogo, que o anjo cobiçava, mas não podia dirigir por causa de suas asas, e disse, “Não perca sua humanidade, Dmitri. É o que faz você.” Ele estendeu aquelas asas de impossível beleza e subiu para o ar com uma graça e força que previam o que ele um dia podia tornar-se.

Observando o anjo voar para o céu estrelado sobre uma Manhattan se espreguiçando e acordando para a batida sombria da noite, até que ele fosse uma sombra completa contra o negro brilhante, os lábios de Dmitri curvaram-se em um sorriso sombrio. “Eu perdi minha humanidade um longo tempo atrás, Bluebell.”

Honor estava nas profundezas do subterrâneo do edifício principal da Academia da Sociedade, examinando um texto iluminado do século XIV feito por Amadeus Berg,

lendário caçador e explorador, quando seu celular tocou. Pulando com a abrupta explosão de som, ela o agarrou do local em que o tinha colocado na mesa ao lado das chaves. “Sara?” ela disse, tendo reconhecido o número piscando na tela como o número do celular pessoal da Diretora da Sociedade.

“Honor.” Decidida. Sem nenhuma brincadeira. Sara. “Onde você está?”

“Na seção de livros raros da Biblioteca da Academia.” Mal iluminada em respeito à idade dos livros armazenados aqui, e mantidos a uma precisa temperatura ambiente, ela havia se tornado um refúgio, um lugar onde poucos se aventuravam.

“Bom. Você não está muito longe.” O som de papel farfalhando. “A Torre precisa de uma consulta e você está particularmente bem qualificada. Quando você...”

Honor não ouviu o resto das palavras da diretora porque seus ouvidos travaram com um estrondoso fluxo de sangue, seu rosto aquecendo até sentir como se sua pele fosse cair pela queimadura, deixando sua carne exposta ao ar cruel. “Sara,” ela deixou escapar, dedos cerrados na borda da escrivaninha, o osso mostrando branco contra a pele que uma vez tinha sido um tom de castanho claro pela luz solar, mas agora era maçante, pastosa, “você sabe que eu não posso.” Seu terror era maior do que qualquer lamentável vestígio de orgulho sobrevivente.

“Sim, você pode.” O tom de Sara era gentil, mas firme. “Eu não vou permitir que você se enterre na Academia para sempre.”

Sua mão apertou o telefone, seu coração disparou tão rápido e irregular que doeu. “E se eu quiser ser enterrada?” ela perguntou, encontrando a vontade de lutar no mesmo esmagador medo que fazia suor escorrer ao longo de sua espinha.

“Então eu teria que ser dura e lembrar a você que você ainda está sob um contrato de caçadora ativa.”

Os joelhos de Honor desabaram, jogando-a em uma cadeira. A Sociedade era o único lar que ela conhecia, seus companheiros caçadores eram sua família. “Eu sou uma instrutora.” Foi uma última tentativa desesperada de sair disso.

“Não, você não é.” Uma denúncia não menos cruel por ser em um tom suave. “Você não deu uma única aula nos meses em que estive lá.”

“Eu irei—”

“Honor.” Uma única palavra final.

Ela cerrou suas mãos em punho sobre a mesa, olhando sem ver o assombroso azul e apaixonado vermelho do manuscrito iluminados que ela derrubou com uma chocante falta de cuidado no chão polido. “Diga-me os detalhes.”

Sara soltou um suspiro. “Parte de mim quer lhe envolver em algodão, mantê-la

segura e aquecida onde nada pode machucar você,” ela disse com uma ferocidade que traiu o generoso coração abaixo do exterior duro, “mas a outra parte de mim sabe que eu estaria ajudando a prejudicar você, e recuso-me a fazer isso.”

Honor encolheu-se. Não porque as palavras eram duras, mas porque elas eram verdade. Ela não estava inteira, não tinha estado inteira nos últimos dez meses. “Eu não sei se sobrou o bastante de mim para juntar, Sara.” Algumas vezes, ela não tinha certeza se ainda não estava naquele buraco sujo manchado de sangue, suor e... Outros fluídos corporais, que sua vida atual não era uma ilusão criada por uma mente fragmentada.

Então Sara falou e o próprio fio das suas palavras era um reforço bem-vindo de que era verdade. Porque certamente, se ela tinha criado para si mesma uma fantasia para escapar da realidade brutal, ela não teria feito a Diretora da Sociedade tão inflexível?

“Ransom e Ashwini não ariscaram suas vidas para resgatar você apenas para que você pudesse se virar e desistir.” Um lembrete das mãos que tinham desfeito suas amarras, os braços que tinham ajudado a transportá-la para a dolorosa luz azul. “Encontre os pedaços e costure-os de volta.”

O estômago de Honor era uma pura agitação agora, sua mão livre abrindo e fechando compulsivamente. “É aqui onde eu saúdo e digo, 'sim, senhor'?” Suas palavras não continham nenhuma acidez, porque ela lembrava-se de acordar várias e várias vezes no hospital para ver Sara sentada ao lado dela, uma feroz força protetora.

“Não,” a diretora replicou, “diga que você está indo colocar seu rabo em um táxi. É apenas oito e meia, você não deve ter qualquer problema em fazer sinal para que algum pare.”

Calafrios percorreram sua espinha; suor brilhava em seu lábio superior. “É um anjo que eu estou encontrando?” *Por favor, diga sim*, ela implorou em um silencioso desespero. *Por favor*.

“Não, seu encontro é com Dmitri.”

Uma imagem de um homem com pele de mel escuro e uma face que era cruel em sua beleza. “Ele é um vampiro.” Saiu quase como um sussurro silencioso. O vampiro, no que dizia respeito a essa cidade, inferno, esse país.

Sara não disse nada por um longo tempo. Quando ela falou, ela fez uma única pergunta esmagadora. “Você está feliz, Honor?”

Feliz? Ela não sabia mais o que era felicidade. Talvez ela nunca tivesse conhecido, embora ela tenha aprendido alguma coisa disto observando os filhos biológicos nos lares adotivos que tinha estado depois que ela deixou o orfanato aos cinco anos. Agora... “Eu existo.”

“Isso é o bastante?”

Ela desenrolou seus dedos com esforço, viu as meias-luas cravadas dentro de suas palmas, vermelhas e irritadas. A Sociedade tinha pagado um psicólogo, continuaria a pagar por tanto tempo quanto ela precisasse dele. Honor tinha ido a três sessões até perceber que ela nunca conversaria com a mulher adorável e paciente que estava acostumada a lidar com caçadores.

Em vez disso, ela tentava ficar acordada, tentava não lembrar.

Presas afundando em seus seios, na parte de dentro de suas coxas, no seu pescoço, corpos excitados esfregando-se contra o seu enquanto ela gemia e implorava.

Ela tinha sido forte no começo, determinada a sobreviver e cortar os bastardos em tiras.

Mas eles tinham tido ela por dois meses.

Muita coisa podia ser feita a uma caçadora, a uma mulher, em dois meses.

“Honor?” A voz de Sara, cheia de preocupação. “Olhe, eu conseguirei outra pessoa. Eu não devia ter empurrado você tão cedo.”

Um alívio. Mas parecia que ela tinha algum pequeno resquício de orgulho restante, afinal—porque ela encontrou sua boca abrindo, as palavras saindo sem sua vontade consciente. “Eu estarei a caminho em dez minutos.”

Foi só depois que ela desligou que percebeu que tinha pegado uma caneta em algum momento... E escrito o nome de Dmitri várias e várias vezes no bloco de anotações que ela estava usando para suas notas. Seus dedos sofreram um espasmo, derrubando a caneta.

Estava começando novamente.

2

A torre, preenchida com luz, dominava o horizonte de Manhattan, um arranha-céu de onde o arcanjo Raphael dominava seu território, Honor jogou sua mochila sobre o ombro, depois de pagar o táxi, e olhou para cima. Suas asas delineadas contra o céu da noite difusa com diamantes, anjo depois de anjo chegava para pousar enquanto outros partiam. Ela não podia distinguir nada além da beleza assombrosa de suas silhuetas, mas de perto, elas eram tão inumanas quanto eram deslumbrantes—apesar de o rumor na Sociedade ser, você não tinha visto inumano até ficar face a face com Raphael.

Dadas suas habilidades diferentes, e portanto, suas diferentes tarefas, Honor tinha conhecido Elena somente de passagem, não conseguia imaginar como a outra caçadora lidava com ter um arcanjo como amante. Claro que, exatamente neste minuto, ela iria preferir lidar com Raphael do que com o homem que ela estava aqui para encontrar... O homem que era ao mesmo tempo um pesadelo e um sonho sombrio, sedutor.

Forçando a si mesma a olhar para longe da saída ilusória dos céus, ela rangeu seus dentes e manteve seus olhos focados diretamente à frente enquanto desceu do carro para a entrada da Torre—controlada por um vampiro vestido em um terno preto caro e óculos escuros. Sua garganta secou no segundo que ela parou na frente dele, seu estômago se contorceu, e por um instante, pontinhos negros preencheram sua visão.

Não. Não. Ela não iria desmaiar na frente de um vampiro.

Mordendo forte o bastante sua língua para que lágrimas se espalhassem em seus olhos, ela arrumou a alça de sua bolsa do laptop e olhou naqueles óculos escuros para ver seu próprio reflexo. “Eu tenho um encontro com Dmitri.” Sua voz era macia, mas ela não tinha tremido, o que era uma vitória em si.

O vampiro se esticou e abriu a porta com uma mão forte. “Siga-me.”

Ela sabia que estaria cercada pelos quase-imortais no instante em que entrasse na zona segura em volta da Torre, mas tinha sido mais fácil mentir para si mesma sobre este fato quando ela não podia vê-los. Isto não era mais uma opção. Aquele à frente dela, seus ombros cobertos com aquele paletó perfeitamente ajustado, sua pele de um tom de canela que mostrava ser do subcontinente indiano, era simplesmente o mais próximo. Vários estavam parados perto dos cantos do saguão de mármore cinza com detalhes dourados, predadores majestosos de guarda. Então tinha a linda mulher sentada na mesa de recepção apesar da hora tardia.

A recepcionista sorriu para Honor, suas sobrancelhas cor de amêndoas mantendo uma expressão de boas-vindas. Honor tentou sorrir de volta, porque sua parte racional sabia que todos os vampiros não eram iguais, mas seu rosto parecia estar congelado no

mesmo lugar. Ao invés de forçar, ela se concentrou em se manter controlada aos níveis mais básicos.

“Ela está sem resposta. Catatônica.”

“Prognóstico?”

“Não há como saber. Eu sei que não deveria dizer isto, mas parte de mim me diz que ela estaria melhor morta.”

Acordada encarando o escuro em um esforço fútil de lutar contra o horror detestável que a perseguia em seus sonhos, Honor tinha, várias vezes, pensado que aquele doutor sem rosto estava certo, mas hoje a memória incitava outra emoção.

Raiva.

Um latejar surdo que a pegou de surpresa.

Eu estou viva. Eu consegui, porra. Ninguém tem o direito de tirar isso de mim.

Sua admiração com sua própria fúria foi tanta que a levou pela subida do elevador—presa em uma pequena caixa com um vampiro que vestia terno Armani e tinha uma aura de poder contido que dizia que ele não era um guarda comum.

Quando as portas se abriram para depositá-los em um carpete grosso e preto, as paredes reluzentes pintados com o mesmo tom da meia noite, ela respirou fundo. Havia uma pulsação sexual neste lugar que zumbia logo debaixo da superfície—as rosas eram muitas e vermelhas-sangue contra a meia-noite onde elas ficavam em seus vasos de cristal, em cima de mesas elegantes de um preto lustroso, o carpete muito luxuoso para ser meramente útil, a tinta brilhando com cintilas de ouro.

A obra arte ao longo de uma parede era uma fúria de vermelho que a atraiu com sua crueldade feroz.

Sensual.

Linda.

Letal.

“Por aqui.”

Sangue correndo por suas veias de uma forma que ela sabia que não era seguro na companhia dos Transformados, ela seguia dois passos atrás de seu guia—para que ela estivesse prevenida se ele se virasse, atacasse sua garganta. Sua arma estava dentro do coldre de ombro escondido dentro do cinza desbotado de seu suéter favorito, sua faca em uma bainha visível em sua coxa, mas ela tinha mais duas escondidas em bainhas nos seus braços. Não seria o bastante, não contra vampiros cujo instinto e experiência lhe diziam

que tinham de ter mais de duzentos anos, mas pelo menos ela morreria lutando.

Parando em frente a uma porta aberta, ele a fez entrar antes de se virar em direção ao elevador. Ela deu um passo para dentro... E congelou.

Dmitri estava parado do outro lado de uma pesada mesa de vidro, o horizonte de Manhattan brilhando às suas costas, sua cabeça curvada, fios de sedoso cabelo negro acariciando sua testa enquanto ele olhava o pedaço de papel em sua mão. Sua mente se retraiu. Antes... *Antes...* Ela tinha sido fascinada por este vampiro, embora só o tivesse visto à distancia ou na tela de uma televisão. Ela tinha até feito um livro de recortes de seus movimentos—até o ponto que ela se sentiu como uma perseguidora perturbada e queimou a coisa toda.

Isso não tinha conseguido acabar com a compulsão irracional e estranha que ela sentia por ele desde que podia se lembrar. Nada tinha a livrado daquilo... Até o porão úmido e imundo e o terror. Aquilo tinha adormecido tudo, mas agora ela se perguntava se não tinha sido sempre levemente desequilibrada, ela tinha sido tão obcecada por um estranho que tinha como boato uma inclinação para uma crueldade sensual, prazer cortado com dor.

Então ele olhou para cima.

E ela parou de respirar.

Dmitri viu a mulher parada na porta em um caleidoscópio de imagens. Cabelo de ébano macio preso em sua nuca, mas prometendo cachos impetuosos. Olhos assombrosos—*assombrados*—de um verde profundo inclinados nos cantos. Pele de um marrom pálido que ele sabia que se tornaria da cor calorosa de mel com o sol. “Nascida no Havaí?” ele perguntou, e era uma estranha pergunta para se fazer a uma caçadora que tinha vindo para uma consulta.

Ela piscou, longos cílios momentaneamente escondendo aqueles olhos que falavam de florestas distantes e pedras preciosas escondidas. “Não. Em uma cidade de lugar nenhum, longe do oceano.”

Ele se viu contornando o vidro e aço de sua mesa para ir em direção dela. Por um momento, ele pensou que ela iria cambalear para trás e para o corredor, mas então ela enrijeceu sua espinha e manteve sua posição. Ele estava ciente de seu medo—afiado e mordaz—deslizando atrás dos seus olhos, mas ainda assim ele se moveu em volta dela para fechar a porta.

Permitir que ela saísse não era uma opção.

Quando ele voltou para encará-la mais uma vez, o horrível murmúrio de medo havia sido colocado sob um rígido controle, mas sua respiração era irregular, seu olhar se desviando do dele quando o tentou capturar.

“Qual o seu nome?”

“Honor.”

Honor. Ele saboreou o nome, decidiu que combinava. “Nascida Caçadora?”

Um balançar de sua cabeça.

Não era de se surpreender. Elena tinha provavelmente alertado a Diretora da Sociedade sobre sua habilidade de usar ramos de um aroma extraordinário para seduzir e ludibriar aqueles caçadores que nasciam com a capacidade canina de rastrear vampiros pelo cheiro. Sara dificilmente iria enviar a ele uma presa fresca. Mas esta mulher, esta Honor... Ele queria usar uma deliciosa rajada de aroma nela até que estivesse excitada e relaxada, sua excitação um inegável odor contra seus sentidos.

Era instintivo assegurar que ela não estava mentindo para ele—ele exalou um suspiro entorpecedor de champanhe e desejo derretido como ouro, orquídeas sob a luz da lua, cerejas mergulhadas em chocolate beijando a pele de uma mulher. Honor balançou sua cabeça um pouco, um movimento quase imperceptível que ecoou as linhas de expressão de sua testa.

Então, não forte o bastante para identificar a si mesma, ou ser identificada pela Sociedade como nascida caçadora, mas o suficiente para que ela tivesse uma ligeira suscetibilidade à sedução do cheiro. Ele não ficou surpreso pela descoberta, tinha encontrado mais de um como ela nos séculos desde que ele tinha desenvolvido o talento—eles pareciam atraídos até a Sociedade, apesar do fato que eles carregavam apenas um mero toque da linhagem dos caçadores. Isto, é claro, queria dizer que ele não podia seduzir Honor tão facilmente quanto uma verdadeira nascida caçadora... Mas o aroma não era a única arma em seu arsenal quando o assunto era sexo.

Explorando ela com seus olhos de novo, ele notou o pulso errático em seu pescoço, mas foi a pele cobrindo o local que chamou sua atenção. “Quem quer que você permitiu que se alimentasse de você,” ele disse em um suave murmúrio que ele estava consciente de que carregava um gentil tom de ameaça, “Não era muito cuidadoso.” Suas cicatrizes denotavam que um vampiro tinha rasgado e destruído.

A mão dela apertou a alça da mochila que ela tinha tirado do ombro. “Isto não é da sua conta.”

Surpreso que ela tinha achado coragem para dizer isto a ele apesar do terror que se agitava por ela, bruto e sangrento, ele levantou uma sobrancelha. “Sim, é.” Ele tinha dormido com muitas mulheres lindas, deixado algumas soluçando de prazer, outras de

uma maldade sensual que as tinha ensinado a nunca mais tentar jogar com ele. Honor não era linda. Havia medo demais nela. Dmitri podia gostar de um pouco de dor na cama, mas, na maioria dos casos, ele preferia que suas parceiras gostassem disso, também.

Esta caçadora quebrada, com seu terror que tornava o ar cáustico, iria tremer e quebrar como vidro partido ao primeiro toque de sua boca. E ainda assim, ele desejava percorrer seus dedos por aquela pele que deveria ser dourada pelo sol, delinear as exuberantes curvas de seus lábios, as longas linhas de seu pescoço, a compulsão forte o suficiente para servir de alerta. A última vez que ele tinha permitido seu pau decidir por sua cabeça, ele quase tinha acabado como o assassino de estimação de uma arcanjo.

Virando, ele andou em volta de sua mesa e pegou o saco de lixo que estava no chão. “Eu presumo que você tenha alguma experiência com tatuagens?”

Linhas em sua testa, confusão momentaneamente apagando a mais desagradável emoção dominante que ele tinha percebido até agora. “Não. Minha especialidade é em línguas antigas e história.”

Inteligente da Diretora da Sociedade. “Neste caso, me diga tudo que puder sobre esta tatuagem.” Usando luvas desta vez, ele tirou a cabeça e colocou no saco, o toco do pescoço colando no plástico com um som de sucção.

A caçadora deu um passo para trás, seus olhos fixos na terrível evidência de violência. Quando ela lançou seu olhar de volta para ele, ele viu uma fúria impiedosa naquele rosto que já tinha se mostrado ser tão expressivo, que ele se perguntou se ela já havia ganhado algum jogo de pôquer em sua vida. “Você acha isto engraçado?”

“Não.” A verdade. “Não parecia razoável colocá-la no freezer quando você estava a caminho.”

Isto era algo tão inumano de dizer que Honor teve de tomar algum tempo, redefinir seus parâmetros mentais. Porque o fato era, apesar de sua beleza masculina sombria e discurso moderno, ela não estava encarando um humano. Nem mesmo perto. “Quão velho você é?” A especulação da mídia era entre quatrocentos a seiscentos anos, mas naquele instante, ela sabia que eles estavam errados. *Muito* errados.

Um sorriso fraco que fez seus pelos da nuca arrepiar. “Velho o bastante para te assustar.”

Sim. Ela tinha sido presa com vampiros que só queriam machucá-la, levava as cicatrizes de seu abuso mesmo agora, mas ela nunca tinha estado na presença de alguém que gelava seu sangue só com sua mera presença. Ainda assim, apesar de ser conhecido por ser um filho da mãe poderoso, cruel como uma lâmina cintilante, Dmitri funcionava bem no mundo humano. O que queria dizer que ele podia mascarar a verdade letal quando queria, mas esse era como ele era debaixo do civilizado terno preto no preto—um homem que olhava para uma cabeça cortada do mesmo jeito que olharia para uma bola de

boliche.

Mantendo este conhecimento em mente, ela colocou sua bolsa de laptop em cima da mesa de vidro, já que não haviam cadeiras deste lado, e se forçou a se inclinar para perto da cabeça decapitada. “Ele esteve na água?” A pele estava molhada e mole, ficando branca e enrugada—uma lembrança obscena de horas felizes gastas no banho.

“Hudson.”

“Ele precisa ser olhado por uma equipe forense apropriada,” ela murmurou, tentando ver as linhas completas da tatuagem. “Eu preciso de acesso a equipamentos de laboratório para que eu...”

Mãos enluvadas em sua visão, empurrando a cabeça de volta para dentro do saco de lixo. “Siga-me, coelhinho.”

Excitação queimou em seu estômago, queimando suas veias para preencher seu rosto, mas ela pegou seu laptop e fez como ordenado. As costas dele eram solidas e fortes na sua frente, seus cabelos reluzentes em um rico e evocativo negro sob as luzes. Quando ela não ficou ao lado dele, ele deu um olhar entretido sobre os ombros—exceto que a risada não alcançava aqueles olhos atentos que murmuravam de séculos há muito passados. “Ah, uma mulher à moda antiga.”

“Como?” Estava tomando toda sua concentração respirar, seu corpo perto de uma sobrecarga de adrenalina.

“Você obviamente acredita em andar três passos atrás de um homem.”

Era além de tentador tentar alcançar sua lâmina. Ou talvez sua arma.

Sorrindo, como se ele tivesse lido seus pensamentos, ele entrou em um elevador diferente daquele que ela tinha subido, e tirando uma das luvas, ele colocou a palma de sua mão em um scanner. A tela brilhou verde por um segundo antes que a porta abrisse, e ele fez um gesto para ela entrar. Ela se recusou a entrar. Talvez ele fosse tão velho que ela não tinha nenhuma esperança de derrotá-lo se ele viesse atrás dela—mas lógica não tinha nenhuma chance contra a vontade animal primitiva de seu interior, aquela que sabia que monstros podiam lhe machucar mais facilmente se você não os pudesse ver.

“E aqui eu estava sendo cortês,” ele falou pausadamente, pisando dentro da caixa de metal e esperando que ela entrasse antes de pressionar algo no teclado eletrônico de um lado.

O elevador desceu a uma velocidade que fez com que seu estômago fosse até a boca, mas aquilo não a assustou. Era a criatura dentro do elevador que tinha feito isto. “Pare com isto,” ela disse quando ele continuou a olhar fixamente para ela com aqueles olhos de um marrom escuro. Sim, ela tinha sido fascinada por ele uma vez, mas isto tinha sido à distância.

De perto, ela estava ciente de que não era seguro estar sozinha com ele. Ele era, ela pensou, capaz de se divertir rasgando ela em pedaços apenas com sua exuberante voz... Antes que ele realmente começasse a machucar.

“O namorado,” ele murmurou, olhos mergulhando em seu pescoço de novo, “obviamente não tomou o cuidado com você que deveria ter tido.”

Uma risada histérica ameaçou efervescer dela, mas ela descaradamente a expulsou. Ele podia sentir o gosto de seu medo, mas ela não daria mais nada. “Nunca deixou marcas, Dmitri?”

Ele se inclinou contra a parede. “Qualquer marca que eu deixo é muito de propósito.” Tom sensual, palavras provocantes, mas havia algo duro em seu olhar enquanto ele continuava a observar a pele rasgada em seu pescoço.

A cicatriz não era assim tão ruim—só parecia que um vampiro tinha perdido o controle enquanto se alimentava. Isto tinha sido no final. No começo, ele tinha tentado mantê-la o mais ilesa possível para que continuasse a provê-los com prazeres. Aqueles, os vampiros “civilizados” que tinham sido quase delicados a respeito de se alimentar enquanto ela estava nua e vendada, suas mãos passando por seus seios, entre as luzes, tinham sido o mais horripilante. E eles *ainda estavam lá fora*.

Um jato de ar fresco, a porta se abrindo.

Nunca tirando seus olhos de Dmitri, mesmo enquanto suas memórias ameaçavam absorvê-la, ela deu um passo para fora ao lado dele. Sua atenção foi pega pelas paredes de vidro de ambos os lados, além das quais ficavam escritórios, computadores... e laboratórios de última geração. “Eu nunca tinha ouvido falar que existiam estas coisas aqui em baixo.”

Dmitri se moveu para dentro do laboratório. “Nova aquisição. Não fale sobre isto ou terei de fazer uma visita em uma meia-noite quieta enquanto você estiver bem confortável em sua cama.”

Todos os músculos de seu corpo se enrijeceram com este comentário quase descuidado. “Eu não tenho hábito de fofocar.”

“Aqui.” Ele colocou o saco de lixo e seu conteúdo em uma mesa de aço. A natureza horrível de seu dever deve ter corroído a fascinação por sexo que ele vestia como uma segunda pele—se você gostasse de seu seio beijado por sangue e dor. Não o fez. Ele permanecia sofisticado, sexy e uma criatura que ela não queria em seu quarto a qualquer hora do dia ou da noite.

Seus lábios, o inferior apenas cheio o bastante para tentar uma mulher com fantasias de pecado, se curvaram como se ele lesse seus pensamentos. “Você precisa de ajuda para tirar a pele?”

3

“Não.” A reação que ela teve no andar de cima foi incitada pelo choque à insensibilidade dele—ela não tinha problemas em trabalhar com as coisas terríveis que encontrava. “Eu vou tirar as melhores fotografias que posso, dadas as condições da vítima, e trabalharei, na maior parte, por elas. Mas eu quero usar o microscópio na tatuagem, também, me assegurar que não perdi os detalhes.”

Mais confortável agora, ela tirou a câmera digital que tinha enfiado no bolso lateral da sua bolsa do laptop. “Um patologista deveria examinar a cabeça antes de pensarmos em remover a pele.” Ela ligou a máquina. “Você já mandou alguém perguntar nos tatuadores?” Se eles tivessem sorte, ela poderia ter uma fotografia nítida pra começar a trabalhar.

“Sim.” Colocando uma luva para repor a que tinha tirado, ele tirou a cabeça da bolsa e esticou bem a pele sobre o osso da bochecha do homem enquanto ela tirava o maior número possível de fotos em alta definição em ângulos diferentes. “Isso deve ser o suficiente por agora.” Enquanto ele colocava a cabeça em uma bandeja e se livrava do saco de lixo, ela ligou seu laptop e transferiu as fotos para o HD.

O corpo dela alerta para qualquer movimento dele, ela estava ciente de Dmitri ter colocado a cabeça no freezer, tirando suas luvas e limpando suas mãos. Então quando ele apareceu ao lado de sua cadeira sem aviso, a emoção que ele despertou foi tão terrível, tão viciosa, que partes da cabeça dela apenas desligaram. E quando ele tirou o cabelo de cima do pescoço dela para lhe tocar a pele sensível da nuca, ela...

Barulho. Um som de metal se estilhaçando. Palavras.

A próxima coisa que viu, foi ela parada em pé, bem distante de Dmitri, um banco alto com pernas de aço jogado entre eles. Um filete de sangue marcava a bochecha dele, mas os olhos estavam focados na porta atrás dela. “Fora!”

Apenas quando a porta fechou, é que ela notou que alguém havia tentado intervir. As palmas de sua mão estavam suadas, um calafrio na espinha. *Lembre-se*, ela disse a si mesma, *lembre-se*. Mas o tempo tinha acabado, um ponto negro ensopado no pânico que era um gosto vil em sua língua. “Eu acertei você.”

Levantando sua mão, ele esfregou a ponta dos dedos em sua bochecha, saindo com uma mancha vermelha escura nas pontas deles. “Há algo em mim que faz as mulheres desejarem usar facas.”

Oh, Deus. Ela baixou a cabeça, percebendo que estava segurando uma lâmina em sua mão, a ponta úmida. “Eu não acho que aceitará um pedido de desculpas.” A fala saiu

calmasua mente tão chocada que estava amortecida.

Colocando suas mãos no bolso, Dmitri disse, “Não, mas você pode pagar pelos seus crimes mais tarde. Agora, eu preciso de tudo o que você sabe sobre isso.”

“Eu quero consultar alguns textos da biblioteca da Academia,” ela disse, forçando seu cérebro a funcionar, apesar de sua mão se recusar a soltar a faca que ela tinha aparentemente tirado da bainha que ficava em sua coxa.

“Tudo bem. Mas lembre-se, coelhinho, nenhuma palavra pra ninguém.” Ele chegou perto o suficiente que o calor sombrio que vinha dele a acertava em uma ameaça silenciosa que a deixou feliz por estar com sua faca. “Eu não sou um homem legal quando estou com raiva.”

Ela manteve a posição, uma tentativa desajeitada de apagar a humilhação do ataque de pânico. “Eu estou certa que você não é um homem legal de jeito algum.”

A resposta dele foi um sorriso que sussurrava sobre lençóis de seda, sussurros eróticos, e pele úmida com suor. A intenção declarada daquilo fez com que o coração dela batesse forte contra suas costelas. “Não,” ela disse, com a voz bruta.

“Um desafio.” Ele não estava tocando-a e mesmo assim ela se sentia acariciada por milhares de cordas de pele, suaves, lascivas e inegavelmente sensuais. “Eu aceito.”

Dmitri fez a ligação uma hora depois, tendo que lidar com outro problema nesse meio tempo. “Sara,” ele disse quando a Diretora da Sociedade atendeu o celular.

“Dmitri.” Um cumprimento frio. “Do que você precisa?”

“Saber por que a caçadora que você mandou acabou de cortar o meu rosto.” A ferida já tinha cicatrizado, mas foi uma perfeita artimanha para iniciar a conversa.

Sara respirou fundo. “Se você fez alguma coisa com ela, eu juro por Deus que vou pegar o meu arco e pregar você no lado de fora da maldita Torre.”

Dmitri gostava de Sara. “Ela está sendo levada pra casa enquanto conversamos.” A dívida de sangue era entre ele e Honor; isso seria resolvido em particular. “Eu arrumei um motorista humano pra ela.”

Sara resmungou algo. “Ela é a melhor pessoa para o trabalho.”

Ele encarou o horizonte reluzente de Manhattan. “Quem fez aquilo no pescoço dela?” Frio queimava em suas veias, uma resposta cruel às cicatrizes de uma mulher que ele não conhecia e que seria simplesmente outra amante pelo tempo em que ela o

agradasse. Porque embora sua resistência fosse fascinante, fosse ser uma diversão interessante, ele não tinha dúvidas de que ela acabaria em sua cama—e ela se arrastaria para lá com prazer.

Então Sara falou e o frio ficou frígido. “Os mesmos desgraçados que a mantiveram acorrentada em um porão por dois meses.” Era um resumo brutal. “Ela estava quase morta quando nós a encontramos. Eles continuariam com seus jogos doentios apesar de três costelas delas estarem quebradas, ela estar sangrando e com febre por causa das feridas que...” Sara despejou as palavras, sua raiva finamente chegando a um limite, mas Dmitri não precisava de nada mais.

Ele se lembrou do incidente. A sociedade tinha pedido assistência da Torre, tendo sido garantida imediatamente. Entretanto, envolvido na reconstrução de uma Manhattan que tinha sido terrivelmente arrasada pela batalha entre Uram e Raphael—e, mais importante, focado em manter o território de Raphael enquanto o arcanjo passava a maioria do seu tempo no Refúgio, esperando pela sua consorte adormecida acordar—Dmitri não tinha coordenado pessoalmente a investigação. Isto estava para mudar. “Estado dos seus agressores?”

“Ramson e Ashwini mataram dois dos quatro que eles encontraram na cena. Os outros dois foram levados para a Torre, mas eles eram apenas um monte de músculos contratados, que tinham a permissão de...” Um suspiro bruto. “Aqueles atrás disto eram mais espertos. Eles não deixaram nenhuma pista forense e Honor estava sempre vendada. Nós os pegaremos.” Palavras gélidas. “Nós sempre pegamos.”

Terminando a ligação assim, Dmitri olhou para uma cidade que ainda não adormeceria por horas. Os agressores de Honor iriam todos morrer. Isso nunca foi questionado. A única diferença era que, agora que ele sentiu a lâmina dela contra sua pele, agora que ele tinha sentido a profundidade gritante do seu medo, ele teria um prazer requintado em cortar pessoalmente todos os órgãos vitais de seus corpos antes de deixar que eles se curassem em algum buraco... E então ele faria tudo aquilo outra vez.

Sua consciência não estava pesada pela ideia de uma tortura tão sádica.

“Você não deveria ter sido tão teimoso, Dmitri.” A mão esguia de uma mulher acariciando seu corpo, descendo até se fechar em seu pênis flácido.

Raiva floresceu naqueles olhos de um bronze debochado, brilhante.

Mudando sua pegada para as bolas, ela apertou até ele ficar próximo de desmaiar, seus músculos tensos contra as correntes que mantinham seu corpo ereto preso com os pés e mãos afastados no meio do quarto escuro e frio no fundo da fortaleza. A posição deixava todas as partes do seu corpo expostas a ela e aqueles a quem ela comandava para fazer sua vontade.

Enquanto tinha pontos escuros surgiam nos limites de sua visão, ela o beijou, suas unhas afundando em seu maxilar e suas asas abrindo em suas costas, brancas como a neve, mas com um

banho de carmesim cintilante sobre as penas primárias. “Você irá me amar.”

O primeiro golpe veio um segundo depois, enquanto ela continuava beijando-o. Suas costas eram carne viva quando ela interrompeu a punição, o aroma de sangue maduro e espesso no ar.

Lábios em seus ouvidos, seda contra sua pele. “Você me ama agora, Dmitri?”

Um bipe.

Virando, ele desligou a memória que não tinha chegado à superfície por séculos e séculos, e atendeu à ligação interna: “Sim?”

“Senhor, você pediu para ser avisado caso Holly Chang mudasse seu padrão de comportamento.”

Quarenta minutos depois, Dmitri estava na frente da pequena casa suburbana em Nova Jersey onde Holly Chang vivia com o seu namorado, David. Isolados de seus vizinhos por um quintal generoso e cercas altas, não era nada que ela poderia ter conseguido se a Torre não tivesse se intrometido e ordenado que ela se mudasse—de um condomínio de apartamentos onde ela estava perigosamente próxima de humanos.

A mulher humana tinha acabado de completar 23 anos quando tinha sido sequestrada por um arcanjo insano. Ela viu suas amigas serem massacradas, seus membros amputados antes das peças serem colocadas de volta em uma espécie de quebra-cabeça macabro; quando Elena a rastreou, ela estava nua e coberta com uma crosta vermelha do sangue delas.

Holly sobreviveu ao horror, mas não tinha saído igual a quando ela entrou. Desconsiderando o fato que ainda havia alguma dúvida sobre sua sanidade, Uram tinha também a alimentado com seu sangue ou a injetado deliberadamente com um pouco da toxina que tinha alimentado sua violência assassina. Eles não sabiam ao certo, porque as memórias de Holly daqueles eventos foram nubladas até a inutilidade pelo medo cego que a deixou muda por dias depois que ela foi encontrada. O que eles sabiam era que a jovem mulher estava... Mudando.

“Fique perto do portão,” ele disse para o vampiro que tinha ligado pra ele, antes de sair das sombras e subir em direção à casa iluminada somente pelo brilho da televisão na sala da frente.

Holly, pequena e aparentemente delicada, abriu a porta para ele antes dele alcançá-la. Sangue manchava sua camiseta branca de manga longa, contornava sua boca. Levantando a mão, ela passou as costas das mãos em seus lábios, borrando o líquido. “Você veio limpar a bagunça, Dmitri?” Naqueles olhos oblíquos e raivosos, ele percebeu a

compreensão resoluta de que ele seria a morte que viria até ela se perdesse a batalha contra o que quer que fosse o que Uram tinha feito a ela. “Foi um filho do vizinho. Tinha gosto doce.”

“Foi um descuido seu caçar tão próximo de casa.” Empurrando-a para frente com uma mão em seu pulso esquerdo, ele subiu a manga da blusa antes que ela pudesse pará-lo. O curativo em seu braço estava bem apertado. “Eu sou um vampiro, Holly.” Ele murmurou, levantando uma mão para tirar a mancha de sangue do canto de seus lábios com seu polegar. “Eu sei quando o sangue em você é seu.”

Ela sibilou pra ele, puxando pra longe o seu braço e entrando na casa. Entrando, ele fechou a porta. Ele tinha estado aqui muitas vezes, conhecia a casa, mas ao invés de segui-la até a cozinha, onde ele podia ouvi-la lavando o sangue da boca, ele desligou a televisão e checkou para ter certeza que eles estavam sozinhos na casa.

Quando ele finalmente entrou na cozinha, agora iluminada por uma lâmpada, foi para ver Holly limpando seu rosto com um pano de prato, embora ela não tenha trocado a camiseta suja de sangue. “Morte por Dmitri,” ele disse, encostando-se ao batente da porta com uma preguiça que não enganaria ninguém que o conhecesse. “É isso que você está querendo?”

Um olhar penetrante daqueles olhos que um dia foram castanho-claro e agora tinham anéis de um verde profundo que estava crescendo pelas íris. O mesmo tom brilhante dos olhos de Uram... Mas não tão escuros como os da caçadora que usou uma faca nele mais cedo esta noite. O olhar de Honor continha o mistério de profundezas proibidas, de segredos assombrantes sussurrados na noite escura. Os de Holly, por contraste, continham apenas raiva rasgante e um esmagador ódio por si mesma.

“Não é o seu trabalho?” ela perguntou. “Matar-me se eu provar que sou um monstro?”

“Todos nós somos monstros, Holly.” Cruzando seus braços, ele assistiu enquanto ela começava a andar de um lado para o outro na pequena cozinha. “É apenas o caso de quanto longe você vai.”

Para trás e para frente, para trás e para frente. Mãos nos cabelos, tremores histéricos. Outra vez. “David me deixou,” ela soltou por último. “Não pôde aguentar o fato de me ver acordada e encarando-o por cinco noites seguidas, meus olhos brilhando.” Um risinho que falhou em esconder a dor terrível que ele sabia que tinha arrebatado o coração dela. “Eu não estava olhando para o rosto dele.”

“Você tem se alimentado?” Holly tinha uma necessidade limitada de sangue e Dmitri tinha assegurado que ela teria essa necessidade satisfeita.

A resposta dela foi chutar a geladeira tão forte que ela amassou a superfície branca e polida. “Sangue morto! Quem quer isso? Eu acho que vou procurar um pescoço macio e

agradável assim que eu puder escapar dos malditos guardas.”

Entrando realmente na cozinha, Dmitri a rodeou para agarrar suas mãos, parar seus passos. Então ele levantou seu pulso até a boca dela. “Coma.” O sangue dele era potente, satisfaria qualquer necessidade que ela pudesse ter.

Como ele sabia que ela faria, ela se afastou para sentar, *se esconder*, em um canto da cozinha, abraçando os joelhos e com a cabeça baixa enquanto ela balançava o corpo. Porque, apesar de suas palavras, Holly não queria tocar em um doador humano, não queria acreditar que mudou em um nível tão elementar. Ela queria ser a garota que era antes de Uram—aquela que tinha acabado de assegurar um cargo cobiçado em uma casa de modas, que amava tecido e desenho, que ria com as amigas enquanto elas caminhavam para o cinema para pegar a última sessão.

Nenhuma daquelas amigas tinha sobrevivido.

Indo para a geladeira, ele tirou uma das bolsas de sangue que eram entregues em prazos regulares e colocou em um copo antes de se abaixar para ficar ao lado dela. Ele empurrou para trás uma mecha de cabelos negros e brilhantes com atualmente com luzes da cor de algodão doce e disse: “Beba.” Nada mais era necessário—Holly sabia que ele não sairia até que o copo estivesse vazio.

Olhos estranhos, cheios de ódio. “Eu quero matar você. Toda vez que você entra por aquela porta, eu quero pegar um facão e arrancar a sua cabeça.” Ela engoliu o sangue e jogou o copo no chão tão forte que quebrou por todo o lado.

Usando um lenço para limpar a boca dela, ele o jogou no lixo antes de se levantar para encostar-se à prateleira oposta a ela. “Uma mulher cortou meu rosto hoje.” Ele contou a ela. “Não com um facão, mas com uma adaga.”

Os olhos de Holly procuraram sua pele sem marcas. “Besteira.”

“Tenho quase certeza de que ela mirou na jugular, mas eu fui rápido demais.” E Honor tinha se movido com muito mais graça que ele supunha antes daquela pequena demonstração. A mulher era treinada em alguma espécie de arte marcial, treinada a um nível em que significaria que ela não era uma vítima indefesa. E, mesmo assim, ela foi uma.

“Que pena que ela errou,” Holly murmurou... Antes de perguntar aquilo que vinha pairando no ar desde o momento em que ele entrou na casa. “Por que você não me deixa morrer, Dmitri?” Suas palavras eram um apelo.

Ele não estava certo de por que não a tinha matado no momento em que ela começou a apresentar sinais de uma mudança letal, então ele não a respondeu. Ao invés disso, se agachando novamente, ele levantou o rosto dela com os dedos. “Se chegar a uma execução, Holly,” ele murmurou, “Você nunca irá me ver chegando.” Rápido e certo, era

como seria—ele não deixaria que ela morresse se afogando em medo.

“Ela morreu apavorada, Dmitri. Se você apenas tivesse me dado o que eu pedi, ela ainda estaria viva.” Um suspiro, dedos elegantes acarinhando sua bochecha enquanto ele estava pendurado quebrado nas algemas que tinham entalhado sua pele. “Você quer o mesmo para Misha?”

“Não me chame assim.” A voz áspera de Holly quebrou a memória arrasadora do amanhecer doloroso de sua existência. “Holly morreu naquele armazém. Alguma coisa diferente saiu.”

Era uma tentativa de apagar a si mesma, e que ele não permitiria—mas não iria doer deixar que ela traçasse uma linha entre o passado e o presente. Talvez então, ela finalmente começaria a viver sua nova vida. “Do que você quer que eu te chame?”

“O que você acha de Uram?” Uma pergunta amarga. “Ele não precisa mais do nome, no final das contas.”

“Não.” Ele não deixaria que ela se machucasse dessa maneira, o próprio nome como uma mortalha venenosa. “Escolha novamente.”

Ela bateu a mão fechada contra o peito dele, mas a raiva dela era permeada com dor e ele sabia que ela não iria contra ele nisso. “Sorrow¹,” ela sussurrou depois de um longo silêncio. “Chame-me de Sorrow.”

Aquele não era um nome alegre, um nome esperançoso, mas ele lhe daria essa escolha quando ela teve tantas roubadas de si. “Sorrow, então.” Inclinando-se ele pressionou seus lábios na testa dela, sua franja seda contra os lábios dele, seus ossos finos, frágeis, tão vulneráveis sob suas mãos.

Naquele momento, ele soube por que não a havia matado ainda. Ela era uma criança pra ele, não importava a idade. Uma criança perigosa, mas, ainda assim, uma criança, assustada e tentando com afinco esconder isso. E o assassinato de uma criança... Deixava uma cicatriz na alma de um homem que nunca, nunca poderia ser apagada.

¹ Tristeza, em inglês.

4

De volta à Academia da Sociedade, Honor colocou sua bolsa do laptop na pequena mesa enfiada ao lado do guarda-roupa em seu alojamento. A cama tomava a maioria do espaço restante. O quarto era adequado, e era isso—a maioria dos caçadores somente usava o alojamento quando eles necessitavam fazer uma sessão intensa de instruções na Academia. Honor tinha estado aqui desde o dia em que eles a autorizaram a sair do hospital.

Não era porque ela não podia pagar coisa melhor. Dados os honorários que os caçadores ganhavam como um resultado da natureza de alto risco de seu trabalho, e o fato que ela não teve muito tempo livre em que gastar aquele dinheiro, ela tinha construído um pé-de-meia considerável antes do rapto. Nada disso tinha sido tocado em sua convalescência, já que a Sociedade cobria os custos médicos de todos seus caçadores. A verdade era, ela poderia mudar para uma cobertura, se isso fosse o que queria.

Apenas não pareceu valer o esforço de mudar-se.

Exceto que, esta noite, o quarto era repentinamente como uma gaiola. Como ela podia ter estado tão insensível a ponto de não notar os limites claustrofóbicos? A percepção da profundidade de sua apatia foi um tapa, que fez sua cabeça ressoar—mas não o suficiente para acalmar a resposta afiada às paredes à sua volta.

Começando a suar, ela arrancou sua camiseta e caiu sobre a cama, mas isso não fez nada para esfriar seu corpo.

Água.

Poucos minutos depois que o pensamento passou por sua cabeça, ela estava vestida em um maiô preto reluzente, um robe ao redor de seu corpo. Os notívagos pelos quais ela passou em seu caminho para a piscina da Academia pararam apenas tempo suficiente para dizer oi antes de continuarem o seu caminho—e logo ela estava deslizando dentro das águas azuis cristalinas que prometiam a paz.

Braçada, braçada, respiração. Braçada, braçada, respiração.

O ritmo era melhor do que meditação. Demorou dez voltas, mas, no final, ela estava calma. No entanto, a sensação de sufocamento atacou novamente no instante que retornou para seu quarto—agora que ela tinha notado seu tamanho minúsculo, não conseguia tirá-lo da cabeça. Seus pesadelos—coisas malévolas, rasgantes—eram ruins o suficiente sem adicionar pânico claustrofóbico à mistura.

Após ter tomado banho na piscina, ela vestiu roupas limpas e pegou seu laptop.

A biblioteca estava calma naquela hora da noite, mas não deserta. Havia um casal de instrutores trabalhando em pesquisas, e uma caçadora que parecia como se tivesse chegado de um trabalho.

Um único olhar para aquele cabelo escuro brilhante, aquelas botas gastas, e seus lábios se curvaram em alegre surpresa. “Ashwini?”

A caçadora alta de pernas longas abaixou o livro que estava examinando e girou sobre seus calcanhares. Rosto quebrando em um sorriso que a transformou de bonita para maravilhosa, ela deu um “Whoop!” e saltou sobre uma mesa da biblioteca para agarrar Honor em um abraço apertado. Nenhum sinal restava da briga de facas que a tinha deixado seriamente ferida pouco tempo atrás.

Sorrindo, Honor a abraçou de volta—Ash era uma das raras pessoas que ela nunca tinha tido problemas em permitir aproximar-se, mesmo logo após o ataque. Talvez fosse porque a outra caçadora era sua melhor amiga... E talvez fosse porque foi Ashwini quem tinha arrancado a venda de seus olhos e soltado as correntes que a mantiveram presa e indefesa, seu corpo um pedaço de carne para seus captores.

“Eu te peguei, Honor—os bastardos não tocarão em você de novo.”

“O que você está fazendo aqui, sua lunática?” ela perguntou, focando-se no fato de que sua amiga nunca tinha desistido dela, ao invés do miasma podre de uma memória muito mais vil.

Um beijo estalado em sua bochecha antes de Ashwini recuar. “Eu vim ver você—você não estava em seu quarto, então eu vim aqui pra te esperar.” Olhando ao redor quando um dos instrutores disse “Shiii” em uma voz alta, ela rolou os olhos. “Engraçado, Demarco. Eles não chamaram o controle de volume em sua última festa?”

O caçador esguio, seu cabelo do loiro bagunçado de um homem que amava o sol, sorriu e apontou um dedo. “Eu *sabia* que você estava lá, Senhorita Mentirosa.”

“Isto é uma biblioteca, pessoas,” disse o último homem na sala, botas manchadas sobre uma mesa de leitura e um livro encadernado em couro aberto na frente de seu rosto.

Ash e Demarco vaiaram. Porque Ransom era a última pessoa que você esperaria encontrar em uma biblioteca—exceto que o boato era de que ele estava morando com uma bibliotecária. Isso, Honor pensava, ela teria que ver para crer. Agora ele abaixou o livro em seu colo e se inclinou em sua cadeira, cruzando os braços atrás de sua cabeça. “Eu serei obrigado a informá-la que eu estou ensinando um curso avançado em como lidar com a Irmandade de Asas quando necessário.”

Ashwini vagueou para brincar com o lindo cabelo negro de Ransom, puxando-o para fora de sua habitual trança para escorregar seus dedos através dele. “Qual condicionador você usa, Professor Ransom? Eu estou pensando em mudar de marca.”

“Foda-se,” ele disse sem exaltação e olhou para Demarco. “Eu estou com fome.”

O outro caçador parou, acenou decididamente. “Sim, eu também.”

Foi assim que Honor encontrou a si mesma sentada na, de outra forma deserta, sala de jantar com outros três caçadores, falando merda. Isso era algo que ela não tinha feito por meses, até mesmo afastando Ash quando sua melhor amiga tentava fazê-la sair, e agora ela não podia entender por qual razão. Pela primeira vez desde que tinha escapado daquele buraco infernal onde quase morreu, ela sentia-se real, uma pessoa, ao invés de uma sombra esquecida, uma ilusão translúcida.

Pare de mentir para si mesma, Honor.

Ela tinha se sentido muito real, muito viva, na Torre. Gelada por um medo que tinha deixado sua pele pegajosa com suor, e por sua compulsão profunda em direção a um vampiro que tinha olhado para ela com sexo—do tipo sombrio, gritante—em seus olhos, mas viva, apesar de tudo.

Sua mão apertou a alça da sua caneca de café. Ela já tinha comido um sanduíche de queijo torrado e uma banana, verdadeiramente faminta pela primeira vez em meses—embora o plano rigoroso da nutricionista da Sociedade significasse que ela retornou lentamente a um peso saudável ao longo do ano passado. Ela não tinha sentido o gosto de nenhuma daquelas coisas, comido somente por que era mais fácil do que discutir.

O olhar de Dmitri tinha deixado claro que ele apreciava suas curvas, que ele não tinha problemas com o fato que seu corpo natural era muito mais de uma ampulheta do que estava na moda atualmente. Ele iria, ela pensou, ter um prazer requintado em acariciar cada centímetro do corpo de uma mulher... Se não estivesse no humor para machucá-la um pouco.

“Algum de vocês conheceu Dmitri?” ela encontrou a si mesma perguntando durante uma pausa na conversa, perturbada pelo fato de que mesmo sabendo, sem sombra de dúvida, que ele não seria nada bom para ela, ela não conseguia parar sua imaginação de traçar a curva ligeiramente cheia de seu lábio inferior. Uma indulgência perigosa, uma pequena loucura.

“Sim.” Ramson engoliu o Pop-Tart² em sua boca. “Quando Elena desapareceu. Um filho da puta frio. Não é alguém que você gostaria de encontrar em um beco deserto.”

“Um desafio. Eu aceito.”

Teria sido fácil dizer a si mesma que ele tinha estado jogando com ela, divertindo-se às custas dela... Exceto que ela estava bastante certa que um homem não olhava para uma mulher com aquele tipo de calor entorpecido em seus olhos a menos que estivesse

² Espécie de biscoito recheado. Marca mais popular da Kellogg nos Estados Unidos.

planejando ter ela nua e indefesa embaixo dele, suas coxas espalhadas e abertas.

“Ei.” A voz de Ashwini, baixa para deslocar-se sob a conversa de Demarco e Ransom. “Eu ouvi que você estava dando consultoria para a Torre. Dmitri?”

“Eu o cortei,” ela sussurrou, a memória real do ato ainda um vazio negro em sua mente.

O sorriso de Ashwini foi feroz. “Bom para você. O bastardo provavelmente mereceu.”

Olhando fixamente sua melhor amiga, Honor começou a rir e era a primeira vez que ela tinha feito isso desde que Ash e Ransom a carregaram para fora daquele buraco sujo, machucada e violada e sangrando por tantas marcas de mordidas rasgadas em sua carne que os médicos tiveram que colocá-la dentro de um banho antisséptico, não querendo perder nenhuma das feridas.

Desinteressado em dormir naquela noite. Dmitri estava em pé na varanda sem grades do lado de fora de sua suíte na Torre quando a sombra noturna de asas passou sobre ele e então desceu.

O anjo que pousou ao seu lado era tanto familiar quanto indesejável. “Favashi,” ele disse, tendo esperado a visita. O progresso da arcanjo tinha sido monitorado desde que ela foi flagrada a uma hora da costa de Boston. “Você veio reivindicar o território de Raphael enquanto ele está no Extremo Oriente?”

O rosto sereno de Favashi em nada a traiu enquanto ela fechava as asas de um creme suave e requintado. “Ambos sabemos que ele é mais forte do que eu sou, Dmitri. E mesmo se ele não fosse, você lidera os Sete dele. Eu seria uma tola em levantar-me contra você em uma batalha.”

Ele bufou, embora ela estivesse certa. Sua força de vampiro, juntamente com sua inteligência e experiência quando se tratava de situações de combate, certificavam-se de que nenhuma cidade alguma vez cairia sob sua vigia. E esta cidade? Ele tinha a vigiado desde muito antes de ela ser como uma joia cobiçada por muitos, nunca a deixaria cair em mãos inimigas.

“Então você está aqui para massagear meu ego?” ele ronronou, seu tom tão mortal quanto a lâmina de um bisturi. “Que pena que eu prefira que as mãos me acariciando não pertençam a nenhuma cadela de sangue frio.”

Fogo nos olhos dela, um vislumbre do poder vicioso que vivia por trás da máscara de uma adorável Princesa Persa, elegante e benevolente. “Eu ainda sou uma arcanjo,

Dmitri.” Um chicote de arrogância no lembrete, mas então seus lábios curvaram-se. “Eu fui uma tola e esta é minha recompensa. Você nunca perdoará a ambição de uma jovem mulher?”

Dmitri a encarou, essa arcanjo que tinha o feito acreditar, por um brilhante momento, que ele podia rastejar para fora do abismo e ficar sob a luz mais uma vez. Como o cabelo de um luxuriante marrom visom³ e olhos da mesma cor luxuriante, sua pele o cremoso dourado da Pérsia, e seu corpo como de uma deusa, Favashi era uma rainha com a aparência de uma.

Homens tinham lutado por ela, morrido por ela, adorado ela. Mulheres viam nela uma graça que faltava em Michaela, a mais bela de todos os arcanjos, e então elas a serviam com mãos dispostas e coração leal, nunca entendendo que Favashi era tão impiedosa quanto seus irmãos do Grupo. “Ambição,” disse ele, “tem seu preço.”

Abrindo suas asas, como se para expô-las à carícia languida da noite, Favashi virou seu rosto para a paisagem noturna cravejada de diamantes que era Manhattan. “Um lugar deslumbrante, mas tão duro. Minha terra é mais gentil.”

“Um homem pode queimar até a morte em seu deserto sem jamais ser encontrado.” Ele não tinha dúvidas que Favashi tinha enterrado muitos corpos sob aquelas dunas de areia. Ele não tinha nenhum problema com isso—ele mesmo tinha enterrado alguns corpos. O que ele tinha problema era com o fato que ela não tinha apenas o levado a acreditar nela, mas que ela tinha esperando manejá-lo em uma coleira, seu cão de guarda e assassino pessoal.

Uma vez, há tanto tempo atrás que era outra vida, Dmitri tinha sido transformado em uma coisa para ser usada. Nunca mais. “Por que você está aqui?”

“Eu vim ver você.” Uma simples resposta, mas sua voz tinha uma música suave, exótica, que se transformava em um convite. “Deixe o passado onde ele pertence. Eu cortejaria você de novo.”

“Não.” Ele capturou o pulso dela quando ela levantou a mão para tocar seu rosto, apertando com tanta força que teria fraturado os ossos de uma mulher mortal. “A última vez que um anjo tentou me cortejar,” ele sussurrou, inclinando-se para falar com seus lábios roçando em seu pescoço, “Ela acabou em pedacinhos e então eu a usei para alimentar seus cães.” Foi ele que tinha cortejado Favashi antes—ou ao menos ela tinha permitido que ele acreditasse que era ele conduzindo a dança. A única coisa boa que tinha resultado da experiência foi que ele nunca mais cometeria o erro de acreditar nas mentiras doces de uma mulher.

Correndo seus lábios ao longo da borda sensível de sua orelha, ele sugou de forma

³Vison ou visom é um nome dado a vários mamíferos da mesma espécie das doninhas.

que ele sabia deixá-la fraca, enquanto esfregava o polegar sobre a crescente pulsação no pulso que ele ainda segurava. “Eu observei os cães alimentarem-se,” ele murmurou, estendendo a mão livre sobre o arco de suas asas na mais íntima das carícias, “e desejei ter tido mais tempo para cortá-la com a lâmina.”

Favashi arrancou seu pulso e deu um passo para trás. Isso pouco importava—seus olhos estavam dilatados, sua pele corada. Ele sorriu, tocando seus dedos muito deliberadamente na pulsação rápida em seu pescoço. “A cama não está longe se você deseja ser servida, minha Senhora Favashi.”

Nenhuma reação à apelação zombeteira. Ela era um arcanjo, afinal. Mas seu tom continha uma preocupação que poderia ter uma vez o levado a acreditar que ela se importava. “Você não é quem foi uma vez, Dmitri. Eu não gostaria de um homem como você em minha cama.”

“Pena. Eu tinha muitas coisas que eu adoraria fazer com você.” Nenhuma delas tinha qualquer coisa a ver com prazer. “Agora,” ele disse, tendo tido o suficiente de jogos, “diga-me a razão real para você estar aqui.”

Uma mecha de cabelo escuro visom cruzou o rosto dela antes de cair quando o vento bateu. “Eu falei a verdade.” Seu rosto impecável em perfil, ela observou um grupo de anjos se preparar para pousar em um terraço mais abaixo, suas asas em concha para dentro para diminuir a velocidade da descida deles. “Raphael e Elijah ambos tem consortes e estão estáveis, ao contrário dos outros no Grupo. Eu decidi que é hora de juntar-me a eles—você foi o único que me pareceu uma escolha adequada.” O cálculo frio de um imortal. “Quer eu confie ou não em você em minha cama, o convite permanece. Considere quanto poder você teria para comandar como meu consorte.” Com isso, ela expandiu suas asas que ele tinha uma vez acariciado enquanto ela arqueava-se nua sobre ele, e saiu do terraço.

Fazendo uma ligação para garantir que ela iria ser rastreada fora do país, Dmitri virou seu rosto para os frios ventos noturnos que tinham traços do Hudson entrelaçados com a batida frenética desta selvagem e viva cidade de aço, vidro e coração. Favashi não entendia e provavelmente nunca o faria. O fato era, Elena era fraca, demasiadamente fraca para ser a consorte de um arcanjo, e, mesmo assim, Raphael a amava.

Embora Dmitri, como o líder dos Sete de Raphael, não pudesse aceitar tal fraqueza, o mortal que ele uma vez tinha sido, o que tinha amado uma mulher com uma boca ampla e olhos marrons oblíquos... Esse homem compreendia o que era amar tão profundamente que era uma espécie de bela loucura.

Um calor abrasador.

Carne queimada.

Gritos.

Palavras que ela deveria entender, mas não conseguia.

Dor, queimante, cegante... Mas sobrecarregada pela angústia.

“Não, não, não.”

Jogada para fora do pesadelo pelo som de sua própria voz, Honor tocou seu rosto para encontrar uma única lágrima em sua bochecha. Isso a assustou. Na maioria das vezes, quando sonhava com o porão, ela acordava rígida com terror, náusea agitando seu estômago. Às vezes ela acordava enfurecida, sua mão segurando fortemente uma arma. A única coisa que ela não fez, não tinha feito desde o resgate, foi chorar. Nem quando acordada, nem quando adormecida.

Esfregando sua manga sobre a umidade para erradicar a evidência de sua perda de controle, ela deu um olhar autoconsciente pela biblioteca. Estava deserta, e uma olhada para seu relógio mostrou a ela o porquê—eram 5h da manhã. Ashwini e Demarco tinham deixado ela e Ransom aqui algum tempo depois da 1h, e ela lembrou de murmurar “Tchau” para o outro caçador quando ele, também, foi para a cama depois de cerca de uma hora.

Agora, arrumando seu laptop e as fotocópias que ela tinha feito de uma série de textos, ela voltou para seu quarto. Sua pequena, célula sufocante de um quarto—exausta ou não, ela sabia que dormir seria uma impossibilidade. Imaginando que Ashwini estaria acordada, já que a outra caçadora tinha sido chamada para uma caçada local, ela pegou seu telefone celular.

“Honor, do que você precisa?”

“Você pode falar?”

“Sim, acabei de chegar em casa depois de coletar o vampiro idiota.”

“Mas já?” Tinha que ser algum tipo de recorde.

“Ele teve a brilhante ideia—olha isso—de se esconder na casa da mãe. Como se esse não fosse o primeiro lugar que procuraríamos.”

Era em momentos como esse que Honor era forçada a lembrar que os vampiros uma vez tinham sido humanos. Os ecos podiam levar décadas para desaparecer... Embora ela estivesse certa que nenhum deles permaneceu em Dmitri. “Você disse algo sobre um apartamento estar livre em seu edifício, na última vez que estive aqui,” ela disse, raiva de si mesma por ser incapaz de parar de pensar sobre a letal, sensual criatura que tinha olhado para ela com olhos cheios de intenções ocultas. “Suponho que ele ainda esteja?”

“Não. Porque eu coloquei seu nome para alugá-lo.”

A bunda de Honor bateu na cama. “Você sabia.”

“É uma planta aberta,” Ashwini disse, ao invés de responder a pergunta implícita. “Vidro por toda parte, e apesar disso ser um risco de segurança mais abaixo, você vai estar no trigésimo primeiro piso. Eu posso ter meio que arrombado o cadeado da sua unidade de armazenamento e movido todas as suas coisas semana passada, mas se você contar a alguém, eu vou dizer que foram os duendes.”

Em qualquer outro momento, com qualquer outra pessoa, Honor ficaria zangada, mas esta era Ash, que tinha entendido que Honor precisava escapar antes dela mesma. “Eu te devo uma.”

“Quer que eu vá pegar você? Eu ainda tenho o carro com que saí para caçar.”

Honor olhou ao redor de seu quarto. “Dê-me um par de horas para fazer a malas aqui.” Ela não tinha muito, mas era uma regra tácita de que a cama era para ser feita, o chão aspirado, e o lixo removido, antes da partida. “Eu a encontrarei no portão da frente.”

“Honor?”

“Sim?”

“É bom ter você de volta.”

5

Ele tinha mentido para Favashi.

Dmitri manobrou a Ferrari de volta para Manhattan, tendo feito uma viagem bem cedo pela manhã, atravessando o rio, para o Enclave Angélico—para a casa de Raphael.

Durante o tempo em que ele ficou enjaulado, ele, uma vez, tinha ameaçado jogar Isis para os cães comerem. Mas na realidade, depois dele tê-la esfaqueado tantas vezes que o coração dela não era nada além de uma polpa espessa e sangrenta, Raphael arrancou sua cabeça com apenas um puxão. Então, juntos, picaram a desgraçada em pedacinhos, mas não para jogá-la aos cães. Não, eles a queimaram até virar cinzas, em uma fogueira montada no centro do pátio dela. Diferente de um arcanjo, Isis não era poderosa o suficiente para retornar disso.

Dmitri nunca se arrependeu da brutalidade do que eles fizeram. Foi necessário para garantir que ela não surgisse novamente. Ele só queria que eles tivessem demorado mais, a feito gritar e implorar e suplicar... Como sua Ingrede certamente fez. Mas Misha tinha ficado sozinho e assustado, no lugar frio e escuro abaixo da fortaleza, voltar para ele sendo a prioridade número um de Dmitri.

“Papa, papa!” Seu filho tentando se arrastar pela pedra, mãos pequenas inchadas e machucadas das suas vãs tentativas de arrancar a algema de seu pescoço, aquela coisa inominável que nem Dmitri nem Raphael conseguiram remover sem machucá-lo.

“Shh, Misha.” Ele tentou manter a sua voz calma, não se permitindo revelar sua agonia enquanto envolvia aquelas mãos quebradas com as suas e as levava aos lábios. “Foi apenas um arranhão. Papa está bem.”

Tendo tirado a chave de Isis, ele destrancou o aro que mantinha Misha cativo, jogou-o longe. “Estou aqui agora.” O corpo pequeno e febril do seu filho mais velho, abraçando bem apertado, tão apertado,. “Vai ficar tudo bem.”

Com o peito apertado com uma dor que nunca diminuía, Dmitri apertou o controle que lhe permitia acesso ao grande estacionamento abaixo da Torre. Rápido e silencioso, o portão abriu de uma vez. A Ferrari ronronou entrando em sua vaga habitual, e alguns minutos depois ele estava indo em direção ao elevador, suas memórias contidas atrás de paredes que ninguém nunca tinha violado.

No momento em que as portas abriram, seu celular tocou, a recepcionista lhe avisando sobre a chegada de Honor. Uma antecipação sombria cantarolou através dele, intensa o suficiente que não havia nenhuma chance dele deixá-la escapar antes de saciar sua fome. “Eu vou acompanhá-la,” ele disse.

A recepcionista levantou o rosto para ele no instante em que ele saiu em direção à entrada, com os belos lábios tensos. “Senhor, tem...”

“Dmitri.” Uma voz aérea sussurrante de mulher.

Virando-se, ele viu uma mulher loira, voluptuosa, desencostando da parede onde ela aparentemente estava encostada esperando. “Carmen,” ele disse, ciente de Honar em pé a apenas alguns metros de distância. “Você tem negócios na Torre?” Ele dispensou com um aceno um guarda que se aproximava—o motivo pelo qual Carmen tinha sido autorizada a chegar no saguão, era o motivo de ela ser um problema para Dmitri controlar.

A humana deslumbrante, com o cabelo bagunçado como se tivesse acabado de sair da cama—embora seus lábios pintados com perfeição, seus olhos grandes e azuis delineados com kaja—colocou suas mãos no peito de Dmitri, acariciando sua lapela. “Eu tenho negócios com *você*.” Nada além de elegância em sua sensualidade opressiva, ela pendeu a cabeça um pouco para a esquerda.

Ele não perdeu o convite. Colocando sua mão no pulso dela, ele a tirou de si com uma gentileza que ela confundiu com carinho. Até que ele disse, “Nós transamos uma vez, Carmen. Não acontecerá novamente.”

A face dela corou, olhos brilhando com uma emoção que não era exatamente raiva, mas era tão perigosa quanto. “Deus, você é um desgraçado.” Um rubor sobre seu colo, exposto pelo profundo decote do vestido sério que abrigava seu corpo. “Eu farei tudo o que você quiser.”

“Eu sei.” Era parte do motivo pelo qual ele nunca a levaria para sua cama novamente. Ela tinha estado muito disposta desde o começo, e embora Dmitri não tivesse nada contra disposição—ele gostava de suas mulheres suaves e molhadas em boas vindas—Carmen queria mais que sexo.

Dmitri não queria. Não com ela. Nem com nenhuma outra mulher. “Vá embora, Carmen.”

Ao invés de ir embora, ela pressionou seu corpo contra o dele, seus mamilos aparecendo através do material suave e cinza do seu vestido, deixando claro que, elegantemente sexy ou não, ela não estava usando sutiã. “Só mais uma vez, Dmitri.” A fome batendo no seu pulso. “Eu quero sentir suas presas rasgando a minha pele.” O arrepio que passou pelo seu corpo foi quase orgásmico. “Por favor, só mais uma vez.”

“Qualquer vampiro servirá, Carmen. Nós dois sabemos disso.” Ela tinha ficado viciada no prazer que um beijo de vampiro podia proporcionar, algo que ele não tinha percebido até depois que a levou pra cama. “Eu não fodo e me alimento da mesma mulher.” Era uma regra inquebrável.

Suas mãos agarraram a lapela do terno dele: “*Qualquer coisa, Dmitri.*”

“Você não quer dizer isso pra mim.” Ele permitiu que o predador frio e sombrio dentro dele emergisse, enchesse seus olhos enquanto ele baixava sua voz para conter pura e suave ameaça. “Eu não jogo limpo e eu não paro quando me pedem.” Erguendo seu dedo, ele tocou quase que delicadamente na bochecha dela, a violência nele uma lâmina implacável resultante das memórias que tinham acabado de emergir. “Você quer que eu te machuque?”

Carmem empalideceu, não resistiu quando um dos vampiros que estavam trabalhando naquele turno segurou com uma mão no braço dela ao mínimo sinal de Dmitri.

Vendo-a ir, ele se virou para Honor. “Agora, você,” ele murmurou, não tendo perdido nem por um segundo a noção da batida rápida de pulso, sua respiração superficial, a complexidade escondida de seu aroma. “Você, eu quero que diga isso para mim.”

Uma respiração profunda. “Eu não durmo com homens que gozam me fazendo sangrar.” Uma raiva contida naquelas palavras... E algo antigo, complexo, obscuro.

Tendo alcançado-a, ele sorriu e soube pelo olhar dela que tinha deixado aparecer muito de si mesmo, a lâmina muito letal. “Bom,” ele murmurou. “Será melhor ainda quando eu a possuir.”

Alguma cor em suas bochechas, sem falar que ele podia ouvir o bater do coração dela como uma criatura pequena, aprisionada, apavorada e estraçalhada. “Eu não fodo.”

“Você,” ele disse, desejando colocar sua boca no pulsar de suas veias e sugar, “eu não foderia. Não na primeira vez, de qualquer forma.”

Apesar das palavras que ele escolheu, Honor não tinha certeza se Dmitri estava falando de sexo, com aquele tom de voz ronronado que era tanto a mais pecaminosa decadência quanto um alerta mortal. Ele tinha apavorado Carmem com uma ameaça silenciosa e calculada, era temido por todos os vampiros na cidade—e ainda assim ela se encontrou se impondo, com uma coragem que vinha de uma parte escondida que ela não compreendia muito bem.

Talvez ela desabasse quando estivesse sozinha, mas ela *não* demonstraria isso na frente desse vampiro que olhou para sua antiga amante com a mesma distância que outro homem olharia para um inseto. “Se você quer saber o que eu descobri, saia da porra do meu espaço pessoal.”

Ele não se mexeu. “Que pena que você não é um dos cães de caça.”

“Aroma,” ela disse, uma pausa em sua respiração quando ela sentiu o mais fraco carinho de pele negra e diamantes confundindo seus sentidos. “Sara me disse que você pode seduzir com o aroma.” Isso fez com que ela se perguntasse quantas caçadoras ele

teria levado, nuas e dispostas, à sua cama com nada além da intoxicação de sua habilidade. “Eu não nasci caçadora,” ela argumentou, embora tivesse ficado claro que ela talvez tivesse tido uma em sua linhagem.

E Dmitri sabia.

Aqueles belos lábios curvando levemente, ele apontou sua cabeça na direção do elevador. “Venha, coelhinho.”

Rangendo os dentes, ela se forçou a seguir—embora seu coração estivesse ameaçando sair de seu peito só de pensar em estar no elevador com ele. Infelizmente, escapar não era uma opção. Não havia nenhum lugar nessa cidade onde ele não poderia rastreá-la.

E ele faria, porque ela tinha o que ele precisava. O fato que ele queria dormir com ela era um adicional, uma diversão. “Vocês descobriram algo mais sobre a vítima?” ela perguntou, com o suor descendo pela espinha enquanto entrava no elevador.

“Ele morreu talvez um dia antes da cabeça ser encontrada.” Olhos escuros, *escuros*, pairando sobre cada curva e sombra de seu rosto. “Você precisa desacelerar sua pulsação, Honor. Ou eu considerarei como um convite. E ambos sabemos o quanto você apreciaria as minhas presas.”

Seu estômago deu cambalhotas. “Carmem estava certa. Você é um desgraçado.” No buraco, um dos vampiros tinha usado suas presas para injetar algo na corrente sanguínea dela que tinha o objetivo de tornar as coisas mais prazerosas para o doador, forçando-a a gozar vezes e mais vezes—um estupro devastador de seus sentidos que ela não podia combater.

Ela vomitou depois que ele terminou, para o desgosto dele. Galões de água congelante jogados sobre ela foram sua punição. “Eu prefiro comer pregos a deixar você se aproximar de mim.”

“Uma bela analogia, mas eu não preciso forçar minha comida.” Estendendo seus braços para segurar a porta do elevador, ele aguardou. “Como você pode ver, ela vem implorando à minha porta.” Ele continuou esperando mesmo quando começou a apitar.

Nem no inferno, ela permitiria que ele ganhasse.

Ele sorriu quando ela entrou, e novamente, era o sorriso de um predador. Sem calor ou qualquer resquício de humanidade. “Então o coelho trêmulo ainda tem alguma coragem sobrando.”

As portas se fecharam.

“Como está seu rosto?” ela perguntou, com a mão coçando por uma lâmina.

Ele se virou para que ela visse a bochecha que tinha cortado. O caramelo escuro de

sua pele estava suave e saudável mais uma vez, o tipo de pele que pedia por um toque... Se você esquecesse que ele era perigoso como uma cobra espreitando sua presa.

“O vampiro tatuado,” ele disse, se encostando preguiçosamente contra a parede, sua voz em um tom lânguido, “tinha acabado de ser Transformado. Dois meses de idade no máximo. Ele não deveria ter saído da contenção.”

Franzindo o cenho, ela mordeu os lábios. “Caçadores geralmente não têm nada a ver com vampiros tão jovens. Eu ouvi que eles são relativamente fracos.”

“Fraco é uma palavra.” Olhando para as portas enquanto elas se abriam, ele acenou para ela sair.

Ela fincou o pé em seu lugar. “Depois de você.”

“Se eu quisesse avançar em sua garganta, Honor,” ele disse no mesmo tom de voz enganosamente preguiçoso, “Você estaria pregada na parede antes de ver eu me mover.”

Sim, ela sabia disso. Mas não mudava as coisas. “Eu posso ficar aqui o dia todo.”

Mais uma vez, Dmitri segurou a porta. “Quem era você antes deles te pegarem?”

Aquilo atingiu fundo no orgulho de Honor, coisa que ela não tinha imaginado que ainda possuía, por ele saber como ela tinha sido rebaixada e humilhada, tinham feito dela menos que um animal, mas ela encontrou sua voz na raiva que tinha crescido no silêncio frágil, desde que ela tinha sido tirada do buraco. “Eu também tenho uma pergunta.”

Ele ergueu a sobrancelha.

“Por que diabos os piores deles ainda estão andando por aí?” Enquanto ela estava aprisionada nesse corpo que não conseguia esquecer as cicatrizes, os ossos quebrados, mas, acima de tudo, a perda agonizante do direito de fazer escolhas, de permitir ou não permitir que fosse tocada.

Alguma coisa fria, gélida, surgiu nos olhos escuros de Dmitri. “Por que eles ainda não sabem que estão mortos.” Palavras gélidas. “Você gostaria de ver quando eu os fizer gritar?”

O sangue congelou nas veias dela.

Dmitri sorriu. “Quais fantasias você vem tendo, coelhinho? Arrancar os olhos deles, talvez, deixar crescer somente pra arrancar de novo?” Um sussurro terrível, sensual. “Quebrar seus ossos com um martelo enquanto ainda estão conscientes?” Sem esperar por uma resposta, ele saiu do elevador.

Seguindo-o, ela encarou o paletó preto que se ajustava tão perfeitamente sobre aqueles ombros largos graciosos como um tipo líquido de músculo. Nada em relação a Dmitri era menos que sofisticado. Mesmo sua violência. E ainda assim ele tinha chegado

assustadoramente perto dos sonhos viciosos que a entretiam quando pensava em ter seus agressores á sua mercê—em um quarto gelado desprovido de luz, como eles fizeram com ela.

“Eu sei,” ele disse, como se pudesse ler a mente dela, “porque, uma vez, eu cortei a língua de quem me manteve prisioneiro.”

Alguma coisa adormecida em seu interior despertou, alguma parte antiga, à espera, que ansiava pela resposta dele para a pergunta que ela queria fazer: “Foi o suficiente?”

“Não, mas foi satisfatório mesmo assim.” Entrando pela porta de seu escritório, ele foi em direção às janelas. “Aqueles que dizem que vingança te engole vivo estão errados—não o faz, não se você a fizer direito.” Olhando sobre o ombro, ele lhe deu um sorriso cortante que a fascinou e a apavorou ao mesmo tempo. “Eu lhe garanto que a convidarei quando eu rastreá-los.”

“Você parece certo que conseguirá.”

Ele não respondeu—como se fosse óbvio que ele caçaria sua presa. “Venha aqui, Honor.” Um comando entrelaçado com o gosto fraco de algum tempero exótico que fez seus seios incharem, e sua respiração pausar.

Era uma boa coisa que ela aparentemente tivesse somente uma mera gota da linhagem de caça. “Mesmo antes do ataque,” ela disse, cravando as unhas nas palmas da mão, “eu não era o tipo de caçadora que brincava com vampiros.” Enquanto ela não tinha nada contra aqueles companheiros que tomavam vampiros como amantes, ela se conhecia bem o suficiente para saber que precisava de compromisso de um tipo que os quase imortais não podiam dar. Suas vidas eram muito longas, o amor um divertimento, fidelidade a uma mortal risível. “Ser comida nunca foi muito atraente para mim.”

Dmitri virou para encostar-se à parede de vidro que deixava ver toda Manhattan, sua beleza masculina fortemente destacada pela forte luz do sol em suas costas. “Ah, mas eu acho que você seria um lanchinho delicioso.”

Dmitri observou a caçadora à sua frente tirar a mochila de laptop do seu ombro e deixar sobre a sua mesa antes de tirar o computador. O rosto dela estava corado, seus seios proeminentes sob o suéter, mas não havia nada além de foco inflexível em suas palavras. “Nós podemos brincar o dia inteiro, ou eu posso lhe mostrar o que encontrei.”

“Dmitri, pare de brincar.”

Palavras ditas em uma língua distante, tão clara para ele como a luz do sol. Ela estava zangada com ele naquele dia, sua Ingrede. E ainda assim, no final, ele a colocou na

cama, a despiu por inteiro e beijou cada pedacinho daquele corpo exuberante e pequeno. Ele havia amado mergulhar nela, encher suas mãos com seus seios, as coxas dele firmes entre as dela que eram suaves e fornidas, enquanto chupava e lambia os lábios dela, seu pescoço. Naquele dia, Caterina foi concebida, ou pelo menos era o que Ingrede havia determinado.

"Por isso que ela é uma criança com um temperamento horrível, sua filha."

"Dmitri?"

Piscando, ele lutou para manter uma memória que era totalmente desprovida de dor e horror do que viria a seguir, apenas para percebê-la fora de alcance. "Estou ouvindo," ele disse, olhando para Honor.

O olhar dela pousou nele e, por um instante, ele sentiu a sensação mais desconcertante—como se já tivesse passado por esse momento antes—mas ela piscou e olhou para baixo, e a sensação passou. "A tatuagem não está em nosso banco de dados. Contudo, eu enviei algumas perguntas discretas pela rede internacional dos caçadores."

Dmitri também havia comentado entre a rede de vampiros de alto nível que ou trabalhavam ou haviam trabalhado com cortes poderosas. A cooperação naquele nível era muito mais predominante do que a maioria das pessoas acreditava. Era somente quando as questões de território e poder eram envolvidas que as coisas ficavam problemáticas. "Você teve algum sucesso em decifrar as linhas de texto?"

Seus olhos brilharam, a primeira vez que ele tinha visto uma luz como aquela neles. Aquilo o fascinou, a vida repentina, brilhante, neles. *Essa*, ele pensou, *essa* era quem ela era antes de ser destruída... Antes de ter aprendido a sentir cheiro de medo em cada respiração. Ele compreendia o que era quebrar, melhor do que ela imaginava.

"Observe, Dmitri."

"Não, não!" Puxando suas correntes até seu pulso sangrar. "Eu farei o que quiser—rastejarei aos seus pés!!!"

Risos, lindos e caçoantes. "Você irá de qualquer maneira."

"Não! Não! Por favor!"

6

“A linguagem”—a voz de Honor se entrelaçando com um dos mais dolorosos momentos de suas centenas de anos de existência—“é próxima de Aramaico, mas não muito. É quase como se alguém tivesse pegado Aramaico como base, então escrevesse seu próprio...” Um sopro de ar levantou os finos cachos de cabelo que tinha escapado do grampo de sua nuca. “Eu chamaria isso de um código. As linhas são um código.”

Atraído pela suavidade dela, ele aproximou-se, a viu enrijecer. “Você pode desvendá-lo?”

“Será difícil com uma amostra tão pequena,” ela disse, mantendo sua posição, “mas sim, eu acho que sim. Eu já comecei.”

Ele estava prestes para pedir mais detalhes quando seu celular tocou. Olhando para a tela, ele viu que era Jason, o espião-mestre de Raphael e membro dos Sete. “Você encontrou alguma coisa,” ele disse para o anjo, sua atenção nos cachos do cabelo de Honor.

“Em certo sentido—eu estarei aí em apenas cinco minutos para discutir isso.”

Desligando, Dmitri olhou para os céus além do vidro, procurando pela distinta forma de asas negras de Jason. Ele não encontrou—não era uma surpresa, dado que Jason tinha o habito de voar muito acima das camadas de nuvens e descer em uma explosão de velocidade. Olhando de volta para Honor, ele a pegou encarando-o. “Geralmente, quando uma mulher me olha assim,” ele murmurou em deliberada provocação, “eu considero um convite para tomar o que eu quiser.”

Apertando a mão ao redor da caneta, ela ficou ereta. “Eu estava pensando que você parecia como um homem que podia quebrar meu pescoço com a mesma calma desumana com que quebraria um telefone celular.”

Dmitri colocou as mãos nos bolsos. “Eu estaria mais preocupado em perder meu celular.” Ele disse isso para chocá-la, mas parte dele não estava certo se isso não era verdade, de fato.

O olhar de Honor permaneceu em seu rosto, aqueles olhos verdes meia-noite cheios de segredos velhos demais para pertencer a um mortal... Exceto que esta tinha vivido uma era nos meses que passou presa à mercê daqueles que não tinham misericórdia. “Todo mundo,” ela agora disse, “sabe que vampiros foram uma vez humanos. Eu não tenho certeza que você foi.”

“Nem eu tenho.” Uma mentira, por causa despertar de suas memórias, memórias que incitavam a mesma raiva, horror, e angústia que ele tinha sentido tanto tempo atrás

que o tempo não era nada além de uma lenda antiga para os mortais. Entretanto, Honor não tinha direito a esse conhecimento. Somente para Ingrede ele teria desnudado sua alma, e sua esposa estava há muito tempo morta, cinzas ao vento implacável.

Dmitri.

Eu o encontrarei no terraço, Jason. Apesar de seu alcance e habilidades específicas variarem dramaticamente, todos os membros dos Sete podiam se comunicar no plano mental, uma vantagem estratégica incalculável em certas situações. “Não saia ainda, Honor. Eu não gostaria de ter que perseguir você.”

Honor observou Dmitri sair pela pequena porta que dava para o terraço. Um anjo com asas tão negras quanto o coração sem fim da noite desceu para pousar com graça tranquila na extremidade do espaço aberto um instante depois. Honor inspirou fundo quando viu a tatuagem cobrindo o lado esquerdo de seu rosto—linhas rodopiantes, pontos arqueando as longas curvas para criarem uma impressionante peça de arte. Bela e assombrosa, combinava com o rosto que carregava a força irresistível do Pacífico misturada com outras culturas que ela não podia identificar completamente. Seu cabelo, amarrado para trás em um elegante rabo, alcançava a metade do caminho entre suas omoplatas.

Dmitri, com seu terno preto de corte impecável combinado com uma camisa azul vívida, seu cabelo apenas longo o suficiente para convidar o impulso dos dedos de uma mulher, era tão urbano e sofisticado quanto o anjo era áspero. Mas uma coisa era clara—ambos eram lâminas afiadas, ferozes e impiedosos.

Jason olhou através do vidro plano da janela. “Honor St. Nicholas,” ele disse. “Encontrada abandonada ainda recém-nascida na porta de uma pequena igreja na área rural de Dakota do Norte. Batizada com o nome da freira que a encontrou e o santo padroeiro das crianças. Nenhuma família conhecida.”

Dmitri não ficou surpreso com o conhecimento de Jason—havia uma razão pela qual o anjo era chamado de o melhor espião-mestre do Grupo. “Eu assumo que você não veio aqui para falar sobre Honor.”

O anjo dobrou suas asas mais apertadas quando um vento rápido cruzou o terraço suspenso bem alto sobre a frenética batida da cidade. “Há algo em sua voz, Dmitri.”

Era estranho quão bom Jason era para pegar dicas sobre as pessoas, embora ele fosse um anjo que preferisse ficar sozinho. “A menos que você tenha intenções em relação a Honor,” ele disse, “não é algo que você precise se preocupar.”

Jason não falou por um longo momento sem interrupção de qualquer som além do

vento sussurrando sobre suas asas. “Você sabe o que foi feito a ela?”

“Eu posso adivinhar.” Ao contrário de Jason, ele tinha conhecimento íntimo da sede de sangue que vivia no interior dos Transformados. Dmitri tinha tido controle da sua desde o início—talvez porque ele tinha apunhalado sua raiva dentro do corpo de Isis, ou talvez porque ele tinha estado determinado a nunca tornar-se um escravo de ninguém ou de qualquer coisa—mas isso não queria dizer que isso não existia. “Ela é mais forte do que parece.”

“Você tem certeza?”

“Por que a repentina preocupação com a caçadora?” Jason via tudo, mas preferia manter sua distância daqueles que observava.

Jason não respondeu. “Eu tenho algumas notícias do território de Neha.”

A Arcanjo da Índia era poderosa e, desde a execução de sua filha, caminhava à beira da insanidade. “É algo sobre o qual nós devemos nos preocupar?”

“Não. Não parece conectado com qualquer outra coisa.” Ele seguiu um helicóptero vindo pousar em um telhado fora do território da Torre. “Um anjo parece ter desaparecido. Fora do Refúgio há meros dois anos.”

Dmitri franziu a testa. “Ela não pode saber nada sobre isso.” Anjos tão jovens eram habitualmente colocados sob o comando de um vampiro ou anjo mais velho.

“Não. O vampiro—Kallistos—que cuidava do anjo, disse que imaginou que o jovem havia voltado para o Refúgio.”

Isso não era suspeito em si. Um vampiro de posição elevada em uma corte de arcanjos tinha muitos afazeres, e não era incomum um jovem anjo fugir para a segurança da fortaleza angelical secreta após sua primeira experiência com o mundo. “Você já alertou o Refúgio?”

“Aodhan e Galen estão fazendo perguntas,” o anjo de asas negras disse, nomeando dois dos Sete.

Dmitri assentiu. Fronteiras de território à parte, os jovens eram sempre protegidos.

“Eu falarei com os outros segundos no Grupo, ver se eles podem lançar alguma luz sobre a questão.”

“Anjos não desaparecem simplesmente.”

“Não, mas já vi o jovem ocasional tornar-se um pouco selvagem após a primeira saída do Refúgio.” Jason lidava principalmente com os anjos mais velhos, arcanjos incluídos, mas Dmitri continuava tendo contato com os anjos mais jovens porque gostava de dar uma olhada em todos os que entravam no território de Raphael. “Uma vez, rastreei

um jovem anjo até uma ‘festa na ilha’ no Mediterrâneo.” Ele balançou a cabeça pela memória. “O garoto estava sentado numa árvore, observando os foliões—ele nunca tinha imaginado aquele nível de hedonismo.”⁴

“Tal inocência.” Jason pisou na beira do terraço. “Astaad,” ele disse, “há algo lá. Maya não foi capaz de obter qualquer detalhe, mas ela está trabalhando nisso.”

Astaad era o Arcanjo das Ilhas do Pacífico e um dos que não pareciam exercer jogos políticos. “Eu pensei que seu comportamento estava conectado com o despertar de Caliane.” Sempre havia efeitos colaterais quando um arcanjo acordava, e a mãe de Raphael era uma das mais antigas das Anciãs.

“Pode não ser nada, rumores iniciados por outras fontes.” Olhos sobre a cidade, encantadora sob o sol, ele disse, “Você é mais velho do que eu, Dmitri.”

“Somente trezentos anos.” Uma piada entre dois homens que tinham vivido mais tempo do que a maioria podia esperar imaginar.

“Eu perguntei a Elena o que era ser mortal. Ela disse que o tempo é precioso de uma forma que um imortal simplesmente nunca imaginará.”

“Ela está certa.” Dmitri havia sido ambos, e, se ele pudesse voltar no tempo, destruir Isis antes que ela alguma vez chegasse perto dele e dos seus, ele faria isso num piscar de olhos, embora isso significasse que ele morreria em umas poucas curtas décadas. “Eu senti mais como mortal do que em todos os séculos desde então.”

“Será que você me amará quando eu ficar gorda e pesada com nosso bebê?”

Ele colocou a mão na curva de sua barriga, tocou os lábios em suas pálpebras, a ponta de seu nariz, seus lábios. “Eu amarei você mesmo quando eu for poeira no vento.”

Honor observou Dmitri caminhar para ficar em pé de lado do anjo de asas negras e prendeu o fôlego com quão próximo ele estava da borda desprotegida. Ao contrário do anjo, ele não tinha asas caso caísse, e ainda assim estava lá com uma confiança que dizia que ele não estava ao menos preocupado com a eventualidade.

Uma mudança no ar a sua volta.

Girando, ela descobriu o vampiro com óculos escuros na porta. “Dmitri está do lado de fora.”

Ele dirigiu-se até o terraço sem uma palavra, exatamente quando o anjo de asas

⁴ Teoria ou doutrina filosófico-moral que afirma ser o prazer o supremo bem da vida humana.

negras pisou fora da borda. Aquelas incríveis asas desapareceram por um momento antes que ele se levantasse a uma velocidade vertiginosa. Em qualquer outro dia, ela teria seguido a trajetória de seu voo, mas hoje sua atenção estava fixada em Dmitri—cuja face tornou-se granito depois de ouvir o que quer que fosse que o outro vampiro tinha dito.

Aproximando-se silenciosamente, ele disse, “Deixe isto. Nós estamos saindo.”

Um comando arrogante, mas ela leu a tensão no ar, fez a conexão. “Você encontrou o resto do corpo?” Mesmo enquanto falava, ela estava removendo o cartão de dados de seu laptop no caso de não poder retornar imediatamente para recuperá-lo.

“Sim.” O telefone de Dmitri tocou quando eles entravam no elevador, mas evidentemente o sinal não caiu porque ele teve uma conversa rápida e curta.

Enquanto isso, o outro vampiro se virou para olhá-la. Ela não disse nada, e aqueles óculos de sol espelhados tornavam impossível para ela conseguir uma leitura dele. Querendo distrair a si mesma do fato de que ela estava presa em uma gaiola de aço com dois predadores mortais, ela disse, “Óculos de sol no escuro saíram de moda junto com os permanentes⁵.”

Ele mostrou seus dentes—mas não suas presas—para ela. “Você não quer ver o que está atrás dos óculos, querida.” A última palavra era uma zombaria de apelido que fez os pelos de seu corpo levantar-se em alerta defensivo.

“Venom.”

O vampiro virou seu rosto para frente novamente, mas os cantos de seus lábios continuaram puxados para cima nos cantos. “Você quer que eu dirija?”

“Não, nós pegaremos a Ferrari. Pegue outro carro para que eu possa deixar você lá.”

“Eu posso chegar mais rápido a pé e isso me dará uma chance de observar a multidão sem eles estarem cientes disso.”

“Vá.”

Sair para a luz artificial de uma garagem subterrânea nunca tinha sido tão bom—ela estava certa de que, sem Dmitri para segurar sua coleira, Venom teria mostrado suas presas de mais de uma forma. “Agora eu sei que você é importante,” ela disse quando viu que a Ferrari com a capota abaixada estava estacionada no ponto mais próximo do elevador.

“Se você levou tanto tempo, Honor, você é mais burra do que parece.”

⁵Ondulação do cabelo para a formação de cachos por meio da utilização de produtos químicos.

Como uma provocação, era apenas levemente irritante, especialmente quando estava claro que Dmitri não estava prestando total atenção. Deslizando sobre o couro macio do banco do passageiro, ela olhou para onde Venom tinha saído da garagem. “O que há com os óculos de sol?”

“Você não ouviu? Ele está na cidade há tempo suficiente para ter entrado em contato com um número de caçadores.”

“Eu não trabalhava muito no país... antes.” Ela respirou de verdade pela primeira vez no que pareceu uma hora enquanto Dmitri dirigia para fora da segurança da zona da Torre e para dentro da música de Manhattan—completa com buzinas, gritos de insultos, e uma centena de conversas ao celular acontecendo ao mesmo tempo. “Não tinha razões para interagir com o pessoal da Torre quando estava na cidade.”

“Neste caso”—um tom de divertimento—“eu deixarei Venom surpreender você.”

A cidade ganhou em volume quanto mais eles se afastavam da Torre. Nova York tinha a sobrecarregado quando ela chegou pela primeira vez—recém-saída de um ônibus de Dakota do Norte. Aqui não era sua casa—nenhum lugar era casa, na verdade—mas pelo menos a Sociedade ficava aqui. Ashwini e Sara viviam aqui. Assim como Demarco, Ransom e Vivek. Amigos que tinham procurado por ela com persistência implacável, que morreriam por ela se chegasse a isso. Isso era alguma coisa. E deu-lhe uma âncora quando todo o resto estava saindo de controle. “Onde eles encontraram o corpo?”

“Na Times Square.”

Descrença seguida por uma súbita conexão mental. “O mesmo ponto onde Raphael puniu aquele vampiro?” O incidente era lendário. O arcanjo tinha quebrado cada osso no corpo do vampiro, então deixado ele no centro da Times Square por três longas horas. Fria, calculada, brutal, tinha sido uma punição que ninguém jamais esqueceria.

Na época, ela sentiu pena. Agora, ela sabia exatamente quão sádicos os quase-imortais podiam ser, suas mentes capazes de pensar os horrores mais depravados, desumanos. Agora ela entendia que a punição de Raphael não podia ter sido nada mais que um aviso.

“Perto o bastante.” Ultrapassando um caminhão de entregas, Dmitri ignorou as maldições de um motorista de táxi—que engoliu seu discurso no meio das palavras—e encarou uma executiva de terninho prestes a atravessar a rua sem olhar. Ela congelou no lugar, seu café caindo despercebido no asfalto. “As condições das partes do corpo dizem que ele não foi atirado do ar,” ele disse depois que eles passaram pela mulher, “então os pedaços tiveram que ser carregados.”

Partes. Pedaços.

Nada muito surpreendente, dada a decapitação. “Vigilância?” Ela perguntou

enquanto eles atingiam o limite do mundo das maravilhas de outdoors cintilantes e multidão esmagadora da Times Square.

“Está sendo colhida.” Estacionando irregularmente no meio de uma rua que tinha sido bloqueada, a multidão pressionando-se no cordão policial, ele saiu. Todo mundo dentro de um pé moveu-se para trás... E continuou se movendo enquanto ele caminhava até a cena.

Honor seguiu seu rastro, viu os olhos das pessoas verem a faca amarrada na sua coxa. As expressões tensas desapareceram, para ser substituídas por um cauteloso sorriso. Caçadores eram geralmente muito bem apreciados pelo público em geral, uma vez que as pessoas sabiam que se tudo fosse à merda e os vampiros banhassem as ruas em sangue, seria a Sociedade que correria ao resgate. Até mesmo os vampiros mais fracos no meio da multidão deram um aceno amigável—cidadãos cumpridores da lei não tinham nada a temer da Sociedade.

Um minuto depois, ela abaixou-se sob a fita policial para encontrar a si mesma olhando uma cena mais adequada a um abatedouro do que ao caótico, vívido centro de uma das cidades mais conhecidas do mundo. Mil perfumes a cercavam—o doce, doce saber de açúcar da chocolateria do outro lado da rua; café, amargo e rico, de um lugar na esquina; fumaça de tabaco e escape de carros misturado com o azedo do suor humano—mas nenhum desses podia superar o avançado, úmido cheiro de carne podre.

7

A polícia havia deixado a maioria das partes do corpo nas bolsas esportivas grandes onde tinham sido encontradas, mas mesmo um olhar rápido na metade de cima do torso—que parecia ter caído de uma das bolsas, provavelmente quando alguém ficou curioso—mostrou que o vampiro tinha sido desmembrado com os mesmo corte de machadinha que ela notou ao longo do pescoço. “Ou alguém estava muito zangado ou eles simplesmente não davam a mínima.”

Dmitri se abaixou perto do torso. “Não atribua razões humanas pra isso, Honor.”

Memórias de tapas que tinham partido seus lábios quando ela era uma criança, socos cuidadosamente mirados onde professores e assistentes sociais não veriam as marcas, o corte da faca dela dentro da carne gordurosa quando a porta do quarto abriu tarde uma noite. “Humanos podem ser depravados da mesma maneira.” Ela não sentia culpa pelo que tinha feito para se proteger e aos outros enquanto criança—ela tinha decidido na primeira vez que um “pai” adotivo a olhou de uma forma que nenhum homem deveria olhar para uma criança que ela não seria uma vítima indefesa.

E ela não tinha sido... Até o porão e o riso zombeteiro suave enquanto elegantes mãos feitas percorriam seu corpo nu.

Fodam-se, ela pensou, a raiva que tinha acordado dentro dela na noite anterior ardendo ainda mais intensamente. O que quer que acontecesse, ela não daria aos desgraçados a satisfação de vê-la se encolher e morrer.

“Sim,” Dmitri disse enquanto ela permitia que aquele voto se estabelecesse dentro dela, “mas isto tem o toque de um imortal.” O cabelo negro-azulado dele brilhava sob a luz do sol, um convite sensual. Os dedos dela estavam na metade do caminho quando ela percebeu o que estava fazendo.

Com o rosto em brasa, ela puxou a mão de volta, cerrando em punho. O que tinha de *errado* com ela? Esqueça o fato que eles estavam em público o máximo que podiam; ela tinha certeza de que ele era capaz de fazer coisas que fariam o porão parecer brincadeira de criança.

E ainda assim ela queria tocá-lo, até que quase podia sentir a seda fria de seus cabelos escorregando entre os seus dedos.

“Você já tinha visto algo assim antes?” ela perguntou, se dando um forte tapa mental para espantar o fio sedutor da compulsão.

“Desmembramento não é novo,” ele disse com o pragmatismo frio de um homem que tinha sobrevivido à Idade das Trevas tanto mortal quanto imortal. “Mas isso não é

sobre como o corpo foi esquartejado — isso, eu acho, foi um exercício prático.”

Mais fácil de transportar, deixar em um lugar público. “Então é sobre o espetáculo.”

O assentimento silencioso de Dmitri deixou fios de cabelo caindo sobre sua testa. “Isso, e um desafio. Por que mais se dar ao trabalho de desovar o corpo aqui, no coração do território de Raphael?”

Ela percebeu então, semelhante a pedaços de uma linguagem antiga se unindo em sua mente para formar uma frase perfeita. “Mas Raphael, como é de conhecimento público, não está aqui agora, Dmitri. Você está.”

Ele ficou imóvel, de uma maneira que um ser humano simplesmente não podia ficar. Era como se cada parte de seu corpo ficasse em silêncio. Ele não respirou, nem piscou. “Muito bem, Honor. Parece que foi uma boa ideia manter você por perto.”

Talvez fosse um insulto. Ou talvez não fosse nada além da arrogância de um quase imortal que tinha vivido por séculos, visto impérios se erguerem e caírem, lutado em campos de batalha encharcados de sangue e visto milhões, bilhões de vidas humanas extintas sob a inexorável marcha do tempo. Era um pensamento fascinante e desconcertante ao mesmo tempo. Incerta de por que ela estava tão... perturbada pela ideia, ela levantou para examinar as outras partes do corpo o melhor que podia—ela não era patologista, mas tinha um treinamento básico que todos os caçadores recebiam.

A carne tinha começado a se decompor, vermes se arrastando em várias partes. “Sem refrigeração, mesmo que pareça que o corpo foi desmembrado logo após a morte,” disse ela. “Se este despejo foi planejado—e tem que ter sido, por tantas partes terem sido deixadas aqui de uma só vez—eu esperava que o assassino ou assassinos teriam cuidado melhor do corpo.”

“Por quê?” Levantando-se, Dmitri retirou e jogou fora as luvas que ele tinha pegado de um dos policiais. “O objetivo era criar um show. Estou bastante certo de pedaços de carne humana com vermes rastejando teria o impacto certo.”

Ele estava certo. Não era difícil adivinhar que o cheiro de decomposição foi fundamental para a descoberta precoce dos restos—e isso não falava de loucura desenfreada, mas de um tipo astuto de inteligência. “Eu gostaria de saber se o patologista encontrou quaisquer outras marcações.” Quanto mais texto ela tivesse para trabalhar, mais fácil seria o processo de decodificação.

“Vou providenciar isso.” Ele pegou um telefone celular. “Você quer a pele, ou fotos vão servir?”

Um homem tão lindo. Uma pergunta tão sem piedade.

“As fotografias servirão por agora,” disse ela, se perguntando se ele ainda era capaz das profundezas das emoções humanas, esta criatura formada para sedução e afiada em

sangue, “mas devem preservar a pele, se possível.”

“Será feito.”

Pouco tempo depois, ele a levou para a Academia. “O seu alojamento é aqui?”

Ela balançou a cabeça. “Eu me mudei esta manhã.” Outro passo para fora do poço, outro “foda-se” para os bastardos que a machucaram.

O sorriso de Dmitri foi lento, perigoso. “Bom.”

Seu encéfalo gritou uma advertência enquanto seu abdômen se contraía com consciência sensual visceral. “O edifício tem segurança.”

Ele levantou uma sobrancelha.

Sim, ela também não achava que isso iria impedi-lo.

Saindo, ela absorveu a imagem que ele fazia naquele carro, uma criatura linda, sexy, sua pele beijada a uma perfeição cálida pelo sol, o azul deslumbrante de sua camisa um contraste exótico. “Você parece um playboy riquinho.” Se riquinhos fossem tubarões.

“E?”

“E playboys preferem o tipo de modelo brilhante, na cama e fora. É uma regra.”

“Enquanto você está na biblioteca, procure uma pintura intitulada *Adormecida* por Gadriel,” disse ele, ajustando os óculos escuros. “Essa é a minha ideia de mulher perfeita.”

Claro que essa foi a primeira coisa que ela fez—e sentiu uma corrente elétrica de calor imoral esquentar seu sangue quando a tela do computador se encheu com a imagem nua de um casal dormindo na cama, o homem deitado de costas, a mulher deitada em cima dele, a mão dele fechada no abundante cabelo cor de ébano dela. Tinham muitos lençóis emaranhados, mas nenhum cobria a pele cor de mel da mulher. Seus seios pesados estavam esmagados contra o peito do homem, a mão livre dele pousada possessivamente em seu exuberante bumbum, seu corpo cheio de curvas e suavidade.

Exceto pela falta de tônus muscular que fica por baixo da pele de todo caçador, poderia ter sido uma pintura de Honor.

Voltando à Torre com a sua mente cheia de imagens de como Honor pareceria no lugar da modelo de Gadriel, Dmitri subiu até seu escritório. “O que você conseguiu?” ele perguntou a Venom quando o vampiro voltou de suas tarefas que consistiam em fiscalizar a remoção e transporte das partes do corpo. Sua pergunta, no entanto, não tinha nada a ver com o que foi encontrado de manhã.

“Os vampiros que pegaram Honor foram espertos,” Venom respondeu, tirando os óculos de sol para revelar olhos que nenhum ser humano jamais, *jamais* teriam. “Eles usaram vampiros mais fracos e mais jovens para fazer o trabalho sujo, e foram esses vampiros que os caçadores encurralaram quando eles entraram.”

Dmitri sabia que os dois sobreviventes haviam sido brutalmente baleados e fatiados, mas deixados vivos. No entanto, de acordo com o vampiro que estava encarregado do caso até agora, eles não tinham dito nada de importante. O cérebro por trás do sequestro os manteve meticulosamente fora do circuito.

Dmitri decidiu que precisava fazer-lhes uma visita pessoal. Esta era sua caça agora. “Continue assim.”

Seu telefone particular tocou quando Venom saiu. Atendendo, ele se viu falando com Dahariel, o segundo de Astaad. “Quais são as novidades sobre Caliane?” perguntou o anjo.

A pergunta não era inusitada, dado o fato de que a mais velha dos arcanjos estava permitindo que apenas Raphael e os que ele chamava de seus atravessasse o escudo ao redor da cidade recém-ressuscitada de Amanat.

“Interessada em ajudar o povo dela a fazer a transição do sono para o despertar.” Essas pessoas, mortais e—havia sido descoberto—vários imortais, haviam dormido mais de um milênio, ao lado de sua deusa em uma cidade de pedra cinza agora brilhando sob a luz de um sol estrangeiro.

Pelo que Raphael tinha dito a ele em sua última conversa, os moradores de Amanat estavam contentes em recriar e viver no tempo em que tinham ido dormir, enchendo os jardins com flores, fontes com água. Eles não queriam ouvir de coisas modernas, não tinham curiosidade de explorar uma nova pátria montanhosa longe do lugar onde tinham andado pela última vez.

“Ela os mantém encantados,” disse Raphael sobre sua mãe. “Mas não canta para eles por isso—a devoção deles é verdadeira.”

“Ela quer mais território?” Dahariel perguntou em um tom que alguns chamariam de sem emoção, mas que Dmitri reconheceu como friamente prático.

“Não. Terra, ao que parece, nunca foi a fonte da loucura de Caliane.” A arcanjo tinha cantado as populações adultas de duas cidades levando-as para o mar, a fim de proteger o mundo da guerra, criando “um silêncio tão profundo, que ecoou em toda a eternidade”—palavras que Jessamy tinha escrito em suas histórias do reinado de Caliane.

“Falei com Jessamy,” disse Dahariel em um eco sinistro. “Nunca houve um despertar como este.”

E então ninguém sabia as regras de batalha. “Nós somos imortais, Dahariel. O

tempo não é nosso inimigo.” É melhor esperar, saber a verdade sobre a sanidade de Caliane ou falta dela antes de preparar uma guerra que iria banhar o mundo em sangue, deixar os rios vermelhos, fazer do mar um cemitério silencioso. “Como está Michaela?” O segundo de Astaad era amante da arcanjo Michaela, um choque de lealdades que fez Dmitri imaginar exatamente quem Dahariel servia.

“Algumas mulheres,” disse Dahariel no mesmo tom duro desprovido de qualquer traço de humanidade, “são capazes de entrar tão fundo na cabeça de um homem, que tirá-la de lá o faz sangrar.”

Desligando, Dmitri se questionou sobre a violência velada na declaração de Dahariel. Dmitri sabia amar uma mulher, mas ele nunca quis rasgar Ingrede de seu coração, não importa a dor associada. Favashi nunca tinha feito um lugar muito profundo para si. E Honor... Sim, ela estava entrando na cabeça dele, mas era uma compulsão que acabaria quando ele a levasse para a cama, a tivesse nua e se contorcendo debaixo dele.

Mas primeiro ele iria cumprir sua promessa, lançar os restos ensanguentados e gritantes de seus abusadores em seus pés. Vingança, como ele disse a ela, poderia ser doce, de fato.

“Eu lhe darei a sua liberdade, nunca olharei em sua direção novamente.” A tentativa de ser real, mesmo quando os olhos dela caíram sobre a lâmina em sua mão. “Riqueza além da imaginação será sua.”

O que ele queria, Isis nunca poderia lhe devolver. “A única coisa que eu desejo,” ele sussurrou, tocando a ponta de sua lâmina sobre a pele acima do coração dela, “é ouvir você implorar por sua vida. Então implore.”

A faca deslizou profundamente.

Tinha acabado de passar das oito, o mundo envolto em frias trevas, quando, vestido em jeans, uma camiseta, e um longo casaco preto que ele tinha há anos, ele entrou na mansão do Enclave Angélico mantida pelo anjo Andreas. Andreas tinha sido encarregado do interrogatório e punição dos vampiros que os salvadores de Honor tinham deixado vivos.

“Dmitri.” As asas de Andreas—de âmbar escuro com listras cinza—abriram atrás dele enquanto ele cumprimentava Dmitri na frente de uma casa que era toda vidro e ângulos duros, incomum para um anjo mais velho. “Por que o súbito interesse por esses dois?”

Porque era pessoal agora. “Conversaremos depois de eu ter falado com eles.”

Os traços aristocráticos do rosto de Andreas não mudaram para uma expressão de afronta. O anjo era poderoso, mas Dmitri era ainda mais. A única razão para Dmitri não governar um território era porque ele preferia trabalhar na Torre... E nas sombras. Sua posição como o segundo de Raphael nunca tinha sido chata ainda.

No que ele pensava como sua “adolescência,” raivoso e cheio de uma dor impotente, uma vez que ele tinha saído para trabalhar para Neha. A Arcanjo da Índia não tinha ficado satisfeita com sua decisão de voltar ao que tinha sido o início da primeira Torre de Raphael no minuto em que completou o termo que ele tinha concordado em servir em sua corte. Mas então ela sorriu.

“Tão selvagens, os dois.” Um balançar de cabeça, aqueles olhos castanhos profundos contendo a diversão de um arcanjo que tinha vivido milênios. “Claro que você acha minha corte muito educada para seu gosto. Vá, então, Dmitri, mas quando desejar companhia civilizada, as portas desta corte estarão sempre abertas para você.”

Neha tinha sido uma rainha graciosa, com seu consorte, Eris, a seu lado e riso em seus olhos ao que ela considerava a loucura da juventude. Agora Eris não tinha sido visto por centenas de anos e a execução de sua filha Anoushka tornou a Rainha das Cobras, dos Venenos, em uma criatura de sangue-frio parecida com aquelas que eram mantidas como animais de estimação.

“Por aqui.” Andreas saiu antes dele.

Enquanto passavam pelo amplo núcleo central da casa, Dmitri viu um belo, embora magro, homem de descendência asiática trabalhando em uma mesa pequena no canto. Seus olhos se estreitaram. “Aquele é Harrison Ling?”

Andreas parou. “Sim. Você o conhece?”

“Ele é o cunhado de Elena. O tolo tentou escapar de seu Contrato, foi arrastado para casa por Elena.” Dmitri duvidava que Harrison tivesse a menor ideia do quão grande foi o favor que ela fez pra ele—Andreas não era conhecido por sua misericórdia para com aqueles que quebravam seus Contratos. Quanto mais Harrison se mantivesse entre os desaparecidos, pior o preço que ele teria que pagar.

“Harrison,” disse Andreas com uma escuridão ecoando em sua voz. “Fez muito bem em aprender o significado da lealdade.”

O homem levantou o olhar naquele instante e o medo que se arrastou, oleoso e escorregadio, por trás de seus olhos era uma coisa rastejante. Dmitri não sentia nenhuma simpatia por ele. Ao contrário de Dmitri, Harrison tinha escolhido se tornar um vampiro—e ele fez essa escolha sem saber se a mulher a quem ele professava amar seria capaz de segui-lo. Como se viu, Beth, irmã de Elena e mulher de Harrison, era incompatível com a toxina que transformava humanos em vampiros; ela morreria, enquanto Harrison ficaria para sempre jovem.

“Os prisioneiros,” disse ele, descartando o homem patético de sua mente.

Andreas levou-o para fora e para um pequeno bosque de pinheiros atrás de sua casa. As criaturas nuas penduradas nos galhos de duas árvores separadas se gritaram de terror no instante em que ouviram o farfalhar das asas angelicais.

Holly... Sorrow teve a mesma reação primitiva. Ela podia retrucar com Dmitri, tentar jogar jogos de poder que lhe davam a ilusão de controle, mas coloque-a em um quarto com um anjo e ela ficava quase catatônica. Ela se recusava a falar sobre o que Uram fez com ela, mas Dmitri tinha visto a carnificina no armazém, os membros esquartejados e o chão encharcado de sangue, as bocas escancaradas cheias de órgãos, e os olhos encarando cegamente.

“Eles ainda tem as línguas?” ele perguntou pra Andreas, percebendo o fato que os dois homens tinham se tornado eunucos, os seus pênis removidos com o que parecia ser uma lâmina cega. Eles eram vampiros. Aquelas partes cresceriam de novo—e seria quando Andreas ordenaria sua remoção mais uma vez. Sem anestesia.

“Eu estava planejando cortá-las de novo amanhã.”

Dmitri não sentiu nojo com a brutalidade da punição constante, não quando ele tinha uma excelente ideia dos horrores que aqueles homens tinham feito com Honor para a satisfação sexual deles. “Deixe por agora. Eu posso precisar fazer perguntas para eles novamente.”

Andreas inclinou sua cabeça. “Você precisa de privacidade?”

“Sim.”

Esperando até o anjo desaparecer através das árvores, ele andou até o vampiro mais próximo dele. “Então,” ele murmurou, “você gosta de tomar aquilo que não te pertence à força?”

8

Os lamentos do homem tornaram-se pânico selvagem quando ele reconheceu a voz de Dmitri. Já que ele tinha perdido seus olhos, suas órbitas buracos negros enormes em seu rosto, o som era a única coisa que restava para ele. “Eu não sei de nada! Eu contaria a você se eu soubesse!”

Dmitri acreditava nele—o vampiro era fraco, teria quebrado no primeiro sinal de dor. Mas havia uma chance que ele tenha vislumbrado algo sem saber. “Diga-me tudo,” ele disse, falando para ambos. “Desde o primeiro instante em que vocês foram abordados. Caso isso se revele útil, talvez eu não dê uma punição a vocês.”

Terror tornou-os incoerentes por vários minutos. Ele simplesmente esperou passar. Frio de coração, Favashi tinha uma vez o chamado. Mas como ela era uma vadia que queria somente usá-lo, suas palavras não tinham qualquer poder. Ainda assim, a acusação era verdade—sua consciência raramente o perturbava, e nunca quando era sobrea castigar aqueles que tinham brutalizado mulheres e crianças.

“Basta,” ele retrucou quando eles continuaram a choramingar e implorar.

Silêncio, enquanto eles engasgavam com suas próprias respirações. Quase meio minutos depois, o que tinha falado por primeiro abriu sua boca. “Eu estava trabalhando como segurança particular quando recebi um telefonema um dia. O homem do outro lado disse que tinha me visto numa grande festa, gostou do trabalho que eu tinha feito, e perguntou se eu queria ganhar algum dinheiro com um trabalho sigiloso.”

“Qual festa?”

“Ele nunca disse, mas nós trabalhávamos basicamente com evento grandes—vampiros ricos.”

Isso não dava nada novo a Dmitri, mas ele colocaria alguém para verificar a lista de convidados das festas em que os vampiros tinham trabalhado. “E?”

Sacudindo uma perna quando algo grande e negro pousou em sua carne exposta, o vampiro estremeceu violentamente. “Era tanto dinheiro que eu disse, eu disse c-certo.” Engolindo. “Então eu perguntei a Reg se ele gostaria de entrar, já que o cliente disse que precisava de duas pessoas.”

Reg, o vampiro loiro magro, ainda estava chorando, mas silenciosamente. “Eu queria como o inferno ter dito não.”

Agora ele queria, Dmitri pensou. Ele não teve problema nenhum com isso quando tinha rasgado a carne de Honor, quando a tocou de uma maneira que nenhum homem

tinha o direito de tocar uma mulher sem consentimento. Caminhando até o loiro, Dmitri o estapeou duro o suficiente que alguma coisa quebrou-se com um estalo audível. “Você realmente pensa que eu dou a mínima?” ele perguntou em uma voz calma, contida. “Agora responda a pergunta que fiz.”

Cuspindo um dente, o vampiro soluçou a próxima série de palavras. “Leon tinha o contato. Eu apenas fiz o que ele disse.”

Leon começou a falar antes que Dmitri pudesse lembrar o vampiro por quê não era uma boa ideia mantê-lo esperando. “Sempre pelo telefone.” Ofegante. “Nunca tive qualquer contato cara a cara. Dinheiro era depositado em minha conta e eu dava a Reg sua parte.”

Dmitri não disse uma palavra.

“O cliente,” Leon continuou, tropeçando em sua própria língua, “disse que ela era sua namorada, que isso era alguma estúpida fantasia sexual de ser sequestrada e...” Batimentos cardíacos ensurdecedores, pele contraindo, como se ele estivesse assustadoramente consciente do que Dmitri gostaria de fazer para ele. “Ele disse que era a fantasia dela.”

Dmitri ouviu o tremor sob seu gemido irritante. “Qual foi sua primeira pista de que não era?”

Reg foi quem respondeu. “Quando ela quebrou o nariz do Leon! Eu disse a ele que algo estava errado, mas ele ficou puto então ele a socou, bateu nela.”

Dmitri estendeu sua mão, seus dedos flexionados. “Você é mais velho, Reg. Por que você não o parou?” ele perguntou em um tom tão suave quanto neve recém-caída.

Reg começou a vomitar.

Dmitri não disse nada até os espasmos passarem. Então ele se aproximou para golpear sua mão no rosto do vampiro. “Responda minha pergunta.”

Suor escorrendo por suas têmporas, o loiro engoliu. “O dinheiro. Eu queria o dinheiro.”

“Bom.” Ele bateu na bochecha do vampiro, o deixou tremendo enquanto ele aproximava-se de Leon.

Que estava tentando tirar os pulsos das cordas em um esforço inútil para escapar, uma marionete quebrada. Alcançando o bolso interior de seu casaco, Dmitri tirou uma faca de filetagem, pressionando o metal frio na nova pele rosa em frente a ele. “Conte-me o resto.” Ele cortou uma linha funda no centro do peito de Leon.

Sangue, escuro e vermelho, escorreu do corte enquanto o vampiro choramingava. “Nós não deveríamos danificá-la a ela e eu lhe dei um olho roxo. Então nós a amarramos e

a deixamos onde as instruções mandavam, e demos o fora.”

“Você não continuou fora.” Outro corte, este horizontal, e profundo o suficiente para roçar os órgãos internos de Leon.

Mas o outro vampiro manteve-se falando, porque ele sabia que Dmitri podia fazer muito pior. “Sete semanas depois, o cliente me ligou novamente, me dando um endereço, disse que talvez nós gostaríamos de participar de festividades.”

Torcendo a lâmina, Dmitri puxou para cima, colapsando um pulmão. “Continue falando.” Os vampiros da idade de Leon não precisavam respirar... muito.

“Nós fomos lá”—duras, ofegantes tentativas de respirar—“o lugar estava vazio exceto pela caçadora, mas ficou claro que mais de um vampiro tinha se alimentado dela. O cliente deixou-nos uma nota para aproveitarmos. A nota se foi. Eu joguei fora.”

Dmitri removeu a faca. “E você? Aproveitou?” Eram perguntas retóricas—estes dois tinham sido encontrados com Honor mais de uma semana depois, suas bocas manchadas com o sangue dela. “Você convidou seus amigos, também, não convidou?” Os dois vampiros mortos durante o resgate tinham trabalhado para a mesma companhia de segurança. “Quem mais?”

“Ninguém,” Leon respondeu. “Eu juro. Apenas nós quatro.”

Eles estavam apavorados demais para mentir, então Dmitri aceitou isso. “Bom.”

A gritaria parou quando ele removeu suas cordas vocais. Mas ele os deixou vivos. Raphael tinha dito algo a ele uma vez, um longo tempo atrás. Algo que sua mãe, Caliane, tinha dito.

“Três dias no período de uma vida mortal podem parecer como três décadas.”

A mãe de Raphael pode vir a ser uma Anciã insana, mas neste ponto, Dmitri concordava com ela completamente. Então ele asseguraria que Andreas soubesse para não deixar Reg e Leon morrerem. Quanto aos outros... Eles desejariam a morte todas as noites pelos próximos dois séculos, uma vez que ele os encontrasse.

Dois meses, afinal, era muito mais tempo do que três dias.

Nove da noite, e Honor não sabia o que estava fazendo neste lugar. “Sinto muito por ter cancelado nossas outras consultas. Obrigada por vir tão tarde.”

Anastasia Reuben sorriu, seu cabelo cinza aço puxado para trás em um coque elegante. “Eu tenho trabalhado com os caçadores por duas décadas, Honor. Eu sei que vir

ver uma terapeuta é pior do que ter seus dentes arrancados.”

Ela riu, ou tentou, soando estranhamente grosso. “Então, como isso funciona?”

“Não há pressão, nem regras aqui,” Dra. Reuben disse, olhos gentis. “Se tudo que você quer fazer é falar sobre o último episódio de *Caçadores de Rapina*⁶, então é isto o que nós faremos.”

Honor tinha a sensação que este não era um exemplo hipotético. “Eu vim porque...” Balançando sua cabeça, ela empurrou-se para seus pés, adrenalina correndo através de cada célula em seu corpo. “Sinto muito por ter desperdiçado seu tempo.”

Dr. Reuben levantou-se também. “Eu estou contente que você veio.” Alcançando dentro de um armário, ela puxou um pequeno caderno coberto com redemoinhos dourados e brancos. “Alguns caçadores nunca falam, mas eu percebi que colocar palavras no papel pode ajudar.”

Honor pegou o caderno, não tendo nenhuma intenção de usá-lo. “Obrigada.”

“Isso é para seus olhos exclusivamente. Queime ele posteriormente se você quiser.”

Dando um aceno, Honor saiu do pequeno, discreto escritório a dois quarteirões da sede da Sociedade.

Não foi até que ela estivesse de volta em seu apartamento, laptop aberto no arquivo da tatuagem, que ela permitiu a si mesma pensar sobre por que tinha ido lá. Talvez fosse o despertar lento da ira dentro dela, uma coisa fria, brilhante que era toda dentes e bordas cintilantes. Então de novo, talvez tenha sido o conhecimento de que, estúpido ou não, ela queria testar o pecado sombrio dos lábios de Dmitri. Ou talvez tenha sido os pesadelos.

Toda sua vida, ela tinha se sentido sozinha, sem raízes. Até mesmo agora, quando ela tinha amigos, leais e fortes, havia um enorme buraco dentro dela—como se ela tivesse perdido algo terrível e precioso. Como uma criança, ela tinha pensado que devia ter uma gêmea, que sua mãe tinha mantido uma e doado a outra. No entanto, como uma adulta, ela reconhecia a sensação de perder alguma *outra* coisa, fora de si mesma. Aquela estranha, penetrante solidão nunca era mais prevalente do que após um pesadelo—acordada ou dormindo.

“Basta,” ela murmurou. “Hora de trabalhar.”

E ela trabalhou, até a cidade começar a pulsar com uma batida mais calma, o céu naquele impenetrável tom opaco entre a meia noite e a madrugada. Ela não devia ter cedido ao sono, mas ela estava cansada, seus olhos arenosos do desfile de noites sem dormir, e o oblívio a atingiu antes que ela soubesse.

⁶ Pra quem não lembra, é o seriado de maior sucesso no mundo de Guild Hunter ☺

Foi o som dos gritos incessantes, ásperos de uma mulher que a acordou. Seu corpo estava enrolado em uma bola apertada no sofá, devastado por soluços secos, o eco persistente do tormento da mulher rasgando buracos em sua alma. Incapaz de suportar isso, ela tropeçou para o banheiro e atirou água gelada no rosto devastado por uma angústia tão profunda, que ela nunca sentiu igual. Como poderia ser isso? Ela tinha sido torturada e quebrada... Mas esta desolação vinha de outro lugar, muito, muito profundo que não tinha nome.

Engolindo a queimação em sua garganta antes que a tristeza pudesse capturá-la em seu agarre doloroso, ela tirou a roupa e entrou no chuveiro. Eram quase 5 da manhã, mas as três horas de sono que ela tinha conseguido esta noite eram melhores do que a hora da noite anterior. Lavando o suor, ela pressionou sua cabeça contra o azulejo e simplesmente deixou a água rolar de cima até abaixo dela.

Ela sempre tinha amado água. Parte da razão que ela tinha terminado em Manhattan foi porque era cercada por água. Tinha sido uma decisão considerada se alistar na Academia. Ela queria estudar línguas antigas e sabia que a Sociedade cobriria seus gastos se ela assinasse um contrato para permanecer ativa por pelo menos quatro anos após a graduação.

A marca de quatro anos tinha ido e vindo, mas ela nunca tinha sequer considerado ir embora. Não somente os outros caçadores tinham se tornado sua família, mas sua perícia em culturas e línguas antigas era uma habilidade em constante demanda, dado o fato de que o mundo deles era governado por imortais. O pensamento circulou sua mente de volta para a Torre e para o vampiro que sempre tinha sido sua mais escura, mais secreta fraqueza.

Desligando o chuveiro, ela saiu para secar-se, forçando seu cérebro a focar-se na tarefa que tinha deixado ela com uma fortíssima dor de cabeça na noite anterior. O que quer que tenha sido tatuado no rosto do vampiro—e na parte de trás de seu ombro, de acordo com as fotos que ela tinha recebido do patologista—era tão idiossincrático que desafiava uma explicação lógica. E, no entanto, ela sabia que tinha de haver uma. Por que independentemente de como a cabeça tinha caído nas mãos de Dmitri, o corpo tinha sido uma mensagem inconfundível.

Vestindo um jeans e uma camiseta branca lisa, ela dirigiu-se para a área da cozinha, que estendia-se para a sala de visitas, para preparar um chá. A vista da seção da frente dos apartamentos era a mesma—a Torre. Brilhante com as luzes contra a escuridão do céu da manhã, chamava a atenção como uma estrela guia.

Caminhando para a parede de vidro, chá na mão, ela observou um anjo solitário chegando para pousar. Ele era apenas uma silhueta desta distância, mas mesmo assim, sua graça era extraordinária. Nenhum dos anjos “normais,” ela pensou. Este era alguém com asas semelhante ao anjo de asas negras com quem Dmitri tinha falado no terraço de seu escritório.

A batida na porta de seu quarto foi tão inesperada que ela não se assustou, apenas olhou. Quando ela veio novamente, ela largou o chá, puxou sua arma, e caminhou com pés silenciosos até o olho mágico. O vampiro do outro lado era um predador elegante que ela deveria ter baleado no primeiro olhar. Em vez disso, ela abriu a porta.

“Dmitri.”

Vestido num jeans preto, uma camisa da mesma cor e um casaco de couro macio que chegava aos seus tornozelos, ele parecia como a mais pecadora fantasia que ela já tinha tido, o tipo que deixava uma mulher molhada, escorregadia e pronta. Tomando uma profunda, trêmula respiração, ela captou os tentáculos de suntuoso prazer e sexo afiado como uma lâmina em seu cheiro.

Não era a razão para sua resposta, mas o vício luxuriante disso certamente não ajudava. Era uma coisa boa que ela não fosse uma verdadeira caçadora nascida—porque ele era potente. “Você geralmente visita a essa hora?”

“Eu estava de passagem.” Ele inclinou-se contra o batente da porta, levantando o grande envelope em sua mão.

As lâminas de essência ficaram afiadas, atravessando seus sentidos com erotismo mortal. De repente tudo que ela viu em seus olhos foi uma ameaça tão sensual quanto uma carícia no escuro e tão letal quanto um estilete. “O que você fez?” A pergunta fugia de todos os limites de conversa social e convencional.

“Nada que não precisasse ser feito.” Empurrando-se do batente quando ela soltou seu agarre mortal na porta e se afastou, ele entrou no apartamento.

Ela puxou o envelope dele no instante em que a porta se fechou, guardando sua arma enquanto se permitia desfrutar do perverso, belo cheiro dele. “Mais fotos das tatuagens da vítima?”

“Não.”

Abrindo-o, ela puxou várias folhas de papel, juntamente com um número de fotografias ampliadas. No começo, ela não entendeu o que estava vendo, e então ela entendeu e seu sangue ferveu. “Este é meu exame de corpo de delito.” Especificamente, do exame humilhante após seu resgate. O médico e a enfermeira tinham sido ambos gentis, bondosos, mas lá naquela sala de exames, não havia mais nenhuma forma de fingir que aquilo não tinha acontecido, que ela não tinha sido transformada em...

Sufocando o rio de memórias, ela focou no aqui e agora, na raiva tão incandescente em sua visão. “Onde você conseguiu isso?” Suas mãos tremiam com a necessidade de machucá-lo, este vampiro que jogava com ela como se fosse um brinquedo divertido.

Dirigindo-se para a janela onde ela estava em pé somente momentos antes, ele disse, “Esta não é realmente uma pergunta.”

Não, não era. “Seu bastardo,” ela disse, atirando tudo sobre a mesa de café, a borda de prazer que ela tomou de sua presença erradicada pelo gelo na voz dele, um lembrete implacável de que ele *não era humano*, de que ele não tinha consciência como elas conhecia. “Que direito você tinha de invadir minha privacidade?”

“Eu queria as imagens que eles tiraram,” ele disse sem virar-se.

Seu estômago rolou. “Eu sabia que você gostava da dor, mas não percebi que você se excitava com tortura.”

Um olhar sobre seu ombro. “Das marcas de mordida, Honor.” Seu nome soou com a mais decadente das tentações, tocado por uma sensualidade que era tão natural para o homem em seu apartamento como respirar... Mesmo quando ele era revestido no gelo do qual ela tardiamente reconhecia com raiva, dissolvida e mortal.

Marcas de mordidas.

Sua própria raiva resfriada pelo frio dele, ela pegou a pilha de papéis e fotos, virando-as até que ela chegou às páginas que listavam as mordidas em seu corpo, com imagens associadas. “Não há nada que você possa aprender disto.” No fim, eles a tinham rasgado como se ela fosse um pedaço de carne, triturando e arrancando.

“Você ficaria surpresa.” Girando nos calcanhares, ele tirou o casaco, atirando-o sobre as costas de um dos sofás para revelar braços musculosos livres de armas... Exceto a longa lâmina fina angulada na bainha em suas costas. De alguma forma, não a surpreendeu que ele era um homem de lâminas, apesar de que, pela arma que ela estava certa que ele tinha em uma bainha no tornozelo, ela sabia que ele não tinha problemas com armamentos modernos também.

Ela manteve sua posição quando ele veio ficar ao lado dela, embora a força de seu maxilar cerrado enviasse dor pelos ossos. Chega de medo, ela jurou, mesmo sabendo que não podia ser tão simples assim, o núcleo primordial de seu cérebro dizendo para ela correr—ou lutar, atirando, cortando e chutando.

O calor do corpo dele insistente contra sua pele, Dmitri apontou um conjunto de três mordidas que eram pequenas e igualmente espaçadas. Elas tinham sobrevivido à violência posterior por causa de sua localização—a única misericórdia era que elas tinham curado sem deixar cicatrizes, então ela não estava constantemente lembrando-se de como elas tinham chegado a ser. “Atrás de minha coxa esquerda...”

“Alguns centímetros acima do joelho,” Dmitri completou.

Dedos pequenos, finos em seu corpo, delicadas presas afundando de novo e de novo naquela área. “Rubi de Sangue,” ela sussurrou. “A vampira sempre cheirava a Rubi de Sangue.” O elegante perfume tinha sido uma jaula opulenta em torno de seus sentidos, e ainda lhe dava ânsias—um estranho na rua, uma loja, isso não importava. Ela sentia o

cheiro dele e bile revestia sua garganta enquanto um suor frio cobria seu corpo. “Eu costumava sonhar em cortar a garganta dela e observá-la cair em meus pés enquanto eu a afogava nesta coisa.”

Os olhos de Dmitri—escuros, tão, *tão* escuros—encontraram os seus. “Você gostaria de visitá-la?”

9

Silêncio. Em sua mente. Em sua alma. Uma calmaria sem fim. “Você já tinha visto ela se alimentando antes.” As palavras quebraram o silêncio, fizeram com que ela deixasse cair os papéis em sua mão. Eles flutuaram até o carpete com uma serena e estranha graça.

“Ela tem quinhentos anos de idade—hábitos peculiares tendem a permanecer. Se alimentar da artéria femoral na coxa não era incomum.” Uma pausa perigosa. “Não entre amantes,” ele corrigiu, e isto fez ela questionar se assim era como ele preferia beber. “Mas da parte de trás? É músculo.”

“Dói,” Honor disse, não sabendo por que ela admitiu aquilo. “É por isso que ela o faz. Sempre dói.” Olhando para sua arma abaixada que de alguma forma estava na sua mão de novo, ela disse, “Você irá me parar se eu atirar nela?”

“Não.” Nem mesmo a menor hesitação. “Mas você ira querer esperar até que eu acabe de interrogá-la—seria terrível esperar a ferida da bala curar.”

Parte dela não sabia se ele estava brincando, mas ela leu a raiva cortante em seus olhos bem o bastante. Ela sabia que não tinha nada a ver com ela. Não, o que tinha o deixado pronto para aplicar a mais brutal punição era o fato de que uma antiga vampira, em quem ele provavelmente confiava para manter as coisas em ordem, esteve jogando uns jogos bem indecentes. Honor não ligava sobre suas motivações, se isto a deixasse perto o bastante para matar uma das criaturas que a tinham tornado sua “escrava de sangue” pessoal por dois intermináveis meses.

Eles estacionaram em frente aos portões de uma propriedade em Englewood Cliffs enquanto o amanhecer riscava o céu em aquarelas de pêssego, rosa e azul dourado. Dmitri tinha guardado o laptop dela no porta-malas de sua Ferrari e abaixado a capota. Ela tinha achado uma liberdade acolhedora no chicotear gelado do vento, usando o tempo para juntar suas defesas, para preparar a si mesma para o grosso e nauseante aroma de Rubi de Sangue.

Os portões, altos e ornamentados e cobertos com hera verde escura, abriram com uma graça majestosa no instante que o guarda viu o carro. O caminho estava manchado com sol e sombra dos carvalhos que o delineavam, e a casa, quando chegou à vista, denotava outro século—um pesado e ostentoso. “Não é um vampiro que acredita em se mover com o tempo.”

“Não.” Dmitri tinha parado o carro em frente aos degraus rasos que levavam à

entrada. “Em certos períodos, era costume manter o seu ‘rebanho’ ao alcance. Valeria continua mantendo esta prática, apesar disto vir a ser considerado algo arcaico pela maioria de seus contemporâneos.”

Valeria.

Suas mãos queria pegar a gigantesca faca de caça na bainha de seu tornozelo e correr pela porta, destripar a vampira, mas ela se forçou a esperar a despeito de seu pulso bater apenas uma palavra—vingança. “O gado se voluntariava?”

“Sempre há aqueles que se voluntariam.” Ele empurrou a porta abrindo-a e ficou parado para tirar seu casaco, revelando o algodão macio negro de sua camiseta.

Ela pensou em Carmen, como a loira tinha se rebaixado diante Dmitri, até Honor se sentiu humilhada por ela. “Você nunca teve nenhum problema.”

Dmitri não respondeu até que eles se encontrassem em frente do carro. “Existem diferentes tipos de problemas.”

Ela viu algo de inesperado nele naquele momento, uma coisa silenciosa e sombria tão crua e dolorosa como aquela que vivia dentro dela. “Dmitri,” ela começou, enquanto a porta da casa abria para revelar uma criada em um uniforme preto e branco.

“Está na hora.”

Todo seu corpo ficando quente e depois frio com estas palavras, ela subiu os três largos degraus com ele. A criada deu um passo para o lado quando eles se aproximaram. “A senhora está na sala matinal, senhor.”

Honor não tinha nenhuma ideia do que era uma sala matinal, mas Dmitri balançou a cabeça rapidamente. “Nós não iremos precisar de você. Tire o dia de folga. A Torre irá te contatar amanhã.”

A criada empalideceu, mas apenas disse, “Sim, senhor. A cozinheira também está aqui.”

“Diga a ela que ela não precisa estar. O rebanho de Valeria?”

“Na casa de hóspedes.”

“Tire eles de lá. Você tem cinco minutos.”

“Sim, senhor.” Balançando sua cabeça, a criada correu pelo saguão.

Foi quando Honor percebeu que ela tinha pego um olhar de relance em presas. “Ela era uma vampira.” Ainda assim Honor não tinha sentido medo; a outra mulher era obviamente tão mais fraca que ela, independente de seu vampirismo.

“Jovem,” Dmitri respondeu, fechando a porta com um ruído seco. “Servindo seu

Contrato. Eu diria primeira década.”

“Não surpreende ela parecer tão humana.”

“Alguns dos fracos nunca perdem o âmago de humanidade.” Com isto, Dmitri a levou corredor abaixo—era revestido com um carpete de um borgonha profundo, as paredes cobertas com os mais requintados papéis de parede cor de creme em relevo com um tema sutil. A quase imortalidade realmente dava mais tempo para os Transformados acumularem riquezas, mas Honor tinha conhecido vampiros com centenas de anos de idade que nunca tinham alcançado este nível de afluência. Então ou Valeria tinha começado com riqueza ou ela a tinha criado por uma combinação de poder, vontade e uma determinação implacável.

Dmitri entrou por uma porta na direita, uma sombra negra.

“Dmitri, meu querido,” veio uma voz esfumada que fez o corpo de Honor se preencher com um terror gelado. Então ela sentiu o sombrio, almiscarado aroma de Rubi de Sangue. Congelando com suas costas para a parede do lado da porta, ela tentou fazer com que os tremores parassem, controlar a náusea que estava ameaçando lançar o chá que era tudo que ela tinha tomado de café da manhã.

“Valeria,” Dmitri falou lentamente, mesmo enquanto entrelaçava rastros de requintado chocolate e rico licor em volta dos sentidos de Honor. A potência disto dominou o almíscar do perfume que era assinatura de Valeria, permitiu a Honor extrair uma respiração.

Dmitri falou de novo antes que a mulher na sala pudesse responder. “Eu lhe tirei da cama?”

Uma baixa, íntima risada. “Isto é uma coisa que você sempre é bem vindo a fazer.”

Outro abalo repugnante. Ela nunca tinha pensado em perguntar a Dmitri se ele tinha dormido com a vampira. Raiva seguiu forte atrás da incomoda feiura da suposição, uma dura e viciosa mordida que fez com que ela quisesse esfaqueá-lo naquelas costas musculosas. A própria força de sua reação foi um tapa, firmando-a mais uma vez. Enxugando suas palmas nas coxas de seu jeans, ela puxou sua arma.

Dmitri pareceu sentir o instante que ela se preparou, por que ele se endireitou e disse, “Eu lhe trouxe uma visitante.”

“Oh?” Uma pergunta curiosa enquanto Dmitri trocava de lado para permitir Honor pisar à frente.

Valeria estava reclinada no divã cor de creme em frente à janela, vestida em um robe de cetim vermelho que parava no meio da coxa—o cinto preso de forma frouxa o suficiente na sua cintura que a curva interna de um de seus seios perfeitos estivesse artisticamente exposta. Ela havia arqueado sua cabeça para garantir que a luz da manhã a

atingisse com o ângulo ideal para aumentar suas já estonteantes qualidades. Longos cabelos castanho-dourados se encaracolavam por cima de seus ombros para balançar contra seus mamilos que ficaram duros e preparados onde tocavam o cetim.

Como um convite, isto não podia ter sido mais claro.

Até que aquele olhar azul profundo se virou da apreciação do corpo de Dmitri para cair em Honor. Repentinamente Valeria estava com seus membros em movimento, fúria um fluxo vermelho pela pele suave de seu rosto enquanto ela se levantava—mas Honor vislumbrou por um segundo a mais perversa fome sob a raiva. Valeria estava recordando como ela tinha usado Honor, rebaixado ela. E ela apenas queria fazer isto de novo.

“Bem...” Cálculo naqueles olhos estonteantes que falavam de uma beleza imortal. “Você me trouxe um lanche. Você sempre foi um querido.”

Honor viu Dmitri ficar tenso e—sem pensar—esticou a mão para tocá-lo nas costas fora da vista de Valeria. *Ainda não*. Tensão enrolada, músculos tensos, mas ele não atacou, este lindo predador com morte em seus olhos. “Esta é uma sala agradável,” ele murmurou ao invés, naquela voz aveludada que Honor nunca, jamais queria ouvir no escuro.

Linhas marcaram a testa macia de Valeria. “O quê?”

“Janelas pequenas, no entanto,” Dmitri continuou, suas costas se flexionando levemente debaixo da mão esticada de Honor. Surpresa ao perceber que ainda estava o tocando, ela a tirou. “Significa,” ele adicionou, “que só há uma saída.”

Honor sempre soube que Dmitri era impiedoso, mas foi quando ela vislumbrou a névoa entorpecida de medo aparecer nos olhos azuis de Valeria que ela entendeu exatamente onde ele ficava na cadeia alimentar. A vampira olhou em volta, seus olhos selvagens quando ela os encarou de novo. “Foi apenas um pouco de diversão, Dmitri. Você sabe como isto é.”

“Hmm. Conte-me.”

Valeria pareceu levar o leve ronronar como encorajamento. “A vida pode ficar tão tediosa depois de séculos de excesso. Era uma pequena emoção perversa ter a caçadora à nossa disposição.” Andando para frente, coxas macias expostas em vislumbres provocativos pelo cetim vermelho, ela ignorou Honor para passar sua mão no peito de Dmitri, devagar e com um prazer não escondido.

Os dedos de Honor apertaram a arma. Foi preciso um controle de ranger os dentes para não colocar uma bala entre aqueles olhos azuis tão largos e sedutores.

Dmitri simplesmente levantou sua mão, fechou-a sobre a da vampira. “Um jogo intrigante,” ele disse, sua voz abaixando enquanto ele puxava Valeria cada vez mais perto, até que ele estava falando com seus lábios encostando à orelha dela, os seios dela roçando contra seu peito. “Eu não teria pensado que você teria tamanha criatividade.” Ele colocou

a mão livre em seus cabelos castanhos.

Os olhos de Valeria se fecharam, seu corpo estremecendo do contato com seu corpo musculoso. “Eu levaria o crédito” — um sussurro rouco — “mas você me descobriria.”

A risada de Dmitri teria feito Honor atravessar sua lâmina na barriga dele e correr tão longe quanto humanamente possível. Mas Valeria sorriu, abrindo seus olhos. “Eu recebi um convite.” Um olhar ambicioso sobre Honor. “O medo dela era tão potente quando eu cheguei, mas ela não gritou ou implorou. Não por semanas.”

Dmitri puxou o rosto de Valeria de volta em direção a ele, o ato brusco. “Você manteve o convite, não manteve?”

“Sim. Era uma recordação.” Lábios trilhando por sua mandíbula. “Você a trouxe para mim, Dmitri? Posso tê-la toda para mim?”

Honor tocou sua mão nas costas de Dmitri de novo, não sabendo por que ela acreditava que aquilo faria algum bem, nem mesmo sabendo por que ela achava que podia de alguma forma ler este vampiro tão velho e poderoso que fazia seus ossos doerem só de pensar sobre isso.

“Primeiro me diga com quem você a dividiu,” ele sussurrou, ignorando o fato que Valeria tinha puxado a fita do robe para expor pele suave emoldurada em carmesim. “Eu quero saber quem mais tem o seu gosto.”

“Mas eu quero ela para mim mesma.” Petulância.

“Valeria.”

A mulher praticamente teve um orgasmo ao comando naquela voz cheia de facas e gritos à meia noite. “Eles dizem que você faz doer, Dmitri.”

Em resposta, ele usou o aperto em seu cabelo para puxar sua cabeça para trás tão forte que fez lágrimas formarem em seus olhos. Ela lambeu seus lábios, não fez esforço para cobrir o mamilo rosa escuro exposto pelo deslocamento de cetim sobre sua pele. “Tommy. Eu vi Tommy lá uma vez quando me atrasei durante meu turno com ela.”

Honor se lembrava desse dia, lembrava da elegante voz feminina discutindo com a voz profunda de homem enquanto Valeria persuadia o homem a deixa-la ficar.

“Nós iremos jogar juntos.” O som de roupas se esfregando uma contra a outra, a umidade de um beijo lento. “Você sabe que gosta do jeito que eu jogo.”

O homem — Tommy — tinha eventualmente cedido. Juntos, os dois tinham... Eles fizeram Honor gritar. Sua mão apertou a camiseta de Dmitri enquanto ele movia a mão que não estava nos cabelos de Valeria para se fechar na garganta dela. “Somente Tommy?”

“Havia outros, mas eu nunca vi. Nós tínhamos horários próprios.” Seios subindo e

descendo, lábios partindo.

“O convite, Valeria.” Comando simples. “Conte-me sobre o convite.”

A morena moldou o músculo rígido de seu peito com mãos possessivas que Honor queria quebrar em milhares de pedaços. “Em meu quarto, na gaveta de cima da mesinha do lado da cama.” Dedos descendo para entrar por baixo da camiseta dele, revelando uma pele escura e quente. “Eu irei te mostrar quando nós subirmos.” De novo, seus olhos mudaram para Honor. “Eu a quero.”

Foi quando Dmitri sorriu, arqueou o pescoço de Valeria de novo... E cortou sua garganta com a mesma emoção que seria esperada de um gato caçando derrubando sua presa, a lâmina pesada um elegante brilho prateado ao sol da manhã.

Enquanto a vampira colocava as mãos em volta da garganta, ele a agarrou por seu pescoço e a pressionou contra a parede com a lâmina enfiada em seu pescoço. “Não tire,” ele ordenou quando Valeria foi fazer exatamente isto. “Ou eu irei cortar suas mãos.”

Honor tinha puxado sua arma no primeiro corte, mas agora seus olhos encontraram os de Dmitri enquanto ele levantava uma sobrancelha. Ela balançou sua cabeça. “Eu não posso atirar nela agora.” Não quando a vampira estava presa como um inseto, o cetim vermelho de seu robe de um tom mais rico, molhado, sua pele creme manchada de sangue.

Dmitri se moveu em direção a Honor, e ela percebeu que, com exceção da mão que ele usou para apertar a garganta de Valeria, ele havia conseguido evitar receber qualquer gota de sangue nele mesmo com a artéria jorrando—o que levava à conclusão amedrontadora de que ele já tinha feito isto antes. “Você,” ele disse, tocando o queixo dela com os dedos de sua mão limpa, antes de arrancar as rosas de um vaso e derrubá-lo para lavar sua mão manchada de sangue, “é humana demais.”

Sim. Era um choque agradável, uma confirmação de que ela manteve seu núcleo apesar do horror do buraco sombrio onde Valeria, Tommy e seus amigos grotescos tinham usado ela até que tinham destruído seu próprio espírito. Passando por Dmitri para encarar a vampira morena, ela disse, “Mais alguma coisa que você gostaria de dividir sobre meu sequestro e ataque?” para o mostro com seus vastos olhos azuis.

Dmitri sentou-se no divã, se esticando para escolher um chocolate da vasilha de cristal em uma mesa próxima. Quando Valeria mostrou seus dentes para Honor, se recusando a responder a pergunta, ele atirou na outra mulher pela coxa, quase no ponto exato onde a vampira gostava de se alimentar.

Valeria gritou alto e agudo.

Honor entendia que a punição para imortais, seus corpos capazes de se recuperar de feridas brutais, não era a mesma que para mortais. Mas ela nunca esteve tão perto d a

realidade impiedosa disto. “Isso lhe incomoda?” ela perguntou para Dmitri quando os gritos de Valeria morreram em soluços.

Ele deu de ombros, ombros movendo com uma graça muscular debaixo da fina camiseta de algodão. “Não.” Colocando sua arma ao lado da vasilha de cristal, ele disse, “Valeria, seja uma boa anfitriã e responda a pergunta de Honor,” antes de jogar um dos chocolates dentro de sua boca.

“Eu não sei mais nada,” a vampira soluçou, seus olhos marcados de vermelho com lágrimas. “S-somente sobre T-Tommy.”

“Oh, não se preocupe,” Honor disse, lembrando como Valeria tinha bebericado suas próprias lágrimas, como ela tinha rido quando Honor gritou tanto que sua garganta tinha ficado machucada, mas a vampira subitamente pareceu amedrontada de uma forma que Honor nunca iria esperar de um vampiro de sua idade e poder.

“Ele fez tudo, se lembra?” Valeria disse, mãos subindo até sua garganta de novo enquanto a ferida começava a curar em volta da pesada faca de caça.

“Eu não faria isto.” Dmitri comeu outro chocolate.

Abaixando suas mãos em um medo espasmódico, Valeria continuou a falar com Honor, olhos cintilando com lágrimas. “Foi ele que te machucou—eu só queria me alimentar.”

Sim, Tommy tinha a machucado, como somente um homem podia machucar uma mulher. Mas somente por que Valeria tinha incitado ele. Antes disso, seus ataques físicos tinham sido relativamente menores no esquema das coisas—o bastardo tinha apreciado seu sangue mais que qualquer coisa. Valeria, entretanto, sempre tinha sido bastante inventiva quando era somente ela e Honor no escuro.

“Oh, isto doeu?” Uma suave risada baixa. “Perverso de minha parte. Mas uma garota tem de se alimentar.”

“Dmitri,” Honor disse, “eu mudei de ideia.”

E então ela atirou em Valeria na outra coxa.

10

Preocupou-a um pouco que ela não hesitou, mas esta mulher, que agora gritava porque era sua própria carne na linha, tinha *torturado* ela. Ninguém no inferno tinha o direito de dizer o que a faria sentir-se melhor... Porque colocar aquela bala em Valeria com certeza fez. “Terminei.” Nunca mais esta patética criatura espreitaria seus pesadelos.

“Veja se você pode encontrar o convite.” Dmitri levantou-se. “Valeria e eu precisamos conversar em particular.”

Guardando sua arma, ela virou-se para ele. “Não a mate.” Seria muito rápido, não o suficiente. E pelo que Valeria tinha feito a ela, sua perícia em certos tipos de dor, Honor sabia que ela não era, nem de longe, a primeira vítima da vampira.

Um sorriso preguiçoso que fez os cabelos de sua nuca se levantaram. “Confie em mim.”

A coisa estranha era que ela confiava. Talvez isso fizesse dela uma tola iludida, mas não mudava o fato de que ela confiava. Deixando-o com a vampira aterrorizada, que já estava choramingando e tentando persuadir o homem que Honor sabia que pedidos femininos jamais influenciariam, ela caminhou para fora e escada acima.

O tema de opulenta elegância continuou através do resto da casa, as obras de arte nas paredes exibidas em molduras folheadas a ouro, mas com bom gosto, os corredores pintados à mão em tons que não interrompiam o fluxo da decoração, um corrimão de mármore requintadamente esculpido limitando a curvatura da escada no segundo andar. O quarto dispunha de uma cama de dossel enorme de madeira escura com cortinas amarradas impecavelmente nos cantos. Os lençóis eram do mais fino algodão egípcio, amassados do acordar precipitado de Valeria.

Foi quando ela abriu a gaveta ao lado da cabeceira que o primeiro grito que reverberou através da casa, tão agudo que Honor não podia imaginar o que Dmitri estava fazendo a Valeria. Pena agitou-se dentro dela, mas ela endureceu a mandíbula e manteve-se em frente. Porque se Dmitri mostrasse misericórdia aqui, então outros vampiros logo começariam a ceder aos seus desejos mais escuros e o mundo se tornaria vermelho sangue.

Lá.

O convite era um cartão prata dobrado ao meio.

Tédio é tão chato, não é, Valeria? Palavras escritas em tinta preta em uma mão graciosa que poderia ter sido masculina ou feminina. *Eu tenho um entretenimento que deve satisfazer até mesmo seu apetite esgotado.*

Abaixo disso havia um endereço, uma lista de três datas e horários, e uma nota que dizia: *Caso você deseje saciar-se, venha na mesma hora nos mesmos dias nas semanas seguintes.*

Não havia assinatura, e apesar de Honor ter manuseado a nota com cuidado, ela sabia que era pouco provável que houvesse qualquer impressão digital. Ainda assim, ela desceu até a cozinha, acompanhada de outro grito gelante, e encontrou um saco plástico. Não era Ziploc⁷, mas serviria por agora. Colocando o cartão dentro, ela voltou para a sala matinal, os corredores cheios de um prolongado silêncio quebrado apenas pelo som dos choramingos de Valeria.

Ela entrou para não encontrar nenhuma mancha de sangue nas roupas ou corpo de Dmitri, seus braços bronzeados capturando seu olhar enquanto ele colocava sua arma dentro do coldre em seu tornozelo com a ação sem pressa de um homem que sabia que era a coisa mais perigosa naquela sala sem dúvida. Valeria, em contraste, estava de alguma forma... Diminuída.

"Achei," ela disse.

"Bom." Ele angulou sua cabeça em direção à entrada de carros. "Illium observará Valeria até os homens de Andreas chegarem."

Valeria fez um som baixo, suplicante enquanto Honor olhou para fora da janela— para visualizar a surpreendente visão de um anjo com asas de um azul beijado pela prata vindo pousar no verdejante gramado. "Ele é..." Sua respiração fugiu dela. Ela havia visto fotos até agora, até mesmo imagens na televisão do anjo de asas azul, mas nenhuma delas tinha lhe feito justiça. Nada podia.

O impacto era ainda mais surpreendente de perto. Olhando para ele quando eles se encontraram no carro, ela captou seus olhos dourados Venezianos, o preto cabelo mergulhado em azul cintilante, o rosto que era tão puro em sua beleza, que ele deveria ter sido bonito demais. Não era. Ele era simplesmente a mais bela criatura do sexo masculino que ela já tinha visto em sua vida.

Encontrando seu olhar, ele disse, "Eu sou Illium."

Os lábios dela ameaçaram se curvar pela despudorada curiosidade naqueles olhos dourados. "Honor."

Dmitri, terminando uma chamada rápida em seu celular, abriu a porta do lado do motorista. "Se Valeria tentar algo," ele disse a Illium, "corte seus braços fora."

O anjo de asas azuis não pareceu minimamente perturbado pela ordem. Acrescentando a óbvia confiança de Dmitri nele, isso deixou claro que, belo ou não, Illium não era nenhum ornamento bonito. Embora, ela pensou, capturando a aguda inteligência

⁷Marca de um tipo de saco de armazenamento que pode ser utilizado no freezer ou no micro-ondas.

em seu rosto enquanto ele falava para Dmitri, ele era plenamente capaz de usar o impacto de sua aparência para sua vantagem.

“Elena e Raphael estão a caminho,” ele disse agora. “Estarão pousando perto das seis da tarde.”

Dando um nítido aceno, Dmitri deslizou para dentro do carro. “Honor. Pare de flertar com Illium. Isso só incentiva sua vaidade.”

“Ele está certo.” Illium caminhou ao redor para abrir a porta do lado do passageiro para ela. “Eu também sou um cavalheiro, ao contrário de algumas pessoas.”

Quando ela entrou no carro, seus olhos encontraram-se e ela se perguntou quem ele era por trás daquela surpreendente beleza e charme, este Illium com suas asas azuis. “Obrigada.”

Seu olhar em resposta foi avaliativo... Quase gentil. “Você não é como as outras.”

“O quê?”

Dmitri arrancou com o carro antes que Illium tivesse chance de responder. Quando ela olhou para trás, foi para vê-lo observando-os com uma distinta expressão de consideração em seu rosto, suas asas estendidas para pegar a luz solar da manhã. Fios de prata brilhando, o transformando em uma miragem viva. “Eu pensei,” ela disse depois que ele desapareceu de vista, “que anjos estavam mais acima na cadeia alimentar do que vampiros.” E, no entanto, Illium tinha recebido ordens de Dmitri.

“Ele é um dos Sete, a guarda de elite de Raphael,” Dmitri disse a ela enquanto eles saíam pelos portões. “Eu os lidero.”

O segundo de Raphael. A razão do título ficou de repente muito mais clara. “Eu nunca conheci um anjo como Illium.” Independentemente de sua aparência, ele parecia mais “humano” do que qualquer outro imortal que ela já tinha conhecido.

Um duro olhar. “Flerte com ele se quiser, Honor, mas você é minha.”

As palavras cruas foram um choque... E não. “Eu não sei o que *isso*—entre nós—é,” ela disse, reconhecendo o escuro fogo que tinha queimado entre eles desde o começo, “mas sei que, pela minha saúde mental, eu preciso ficar longe, muito longe de você.”

“É uma pena.” Dito com a mesma falta de emoção com que ele tinha atirado em Valeria.

Isso a assustou. Uma resposta sensata. O que não era sensato era que ela queria alcançar e tocar o ângulo brutal de sua mandíbula, suavizá-lo de alguma forma. Impossível. “Se vier a isso, eu morrerei para assegurar minha liberdade,” ela disse, deixando o vento chicotear seu cabelo em seu rosto. “Eu nunca serei uma prisioneira novamente, sua ou de qualquer outra pessoa.” Era uma promessa que ela tinha feito

quando era uma boneca quebrada em uma cama de hospital, ela tinha derramado sangue vermelho escuro do coração para manter-se.

Dmitri mudou de marcha com a facilidade de um homem acostumado ao poder. “Eu não pretendo machucá-la, Honor.” O tom duro substituído por seda preta, pecaminosa e tentadora enquanto a rica essência de chocolate infiltrava-se em seus ossos. “Eu pretendo seduzir você.”

Uma explosão de calor na parte de baixo de seu corpo, uma pulsação de atração que não seguia nenhuma regra de comportamento racional... E uma obsessão contra a qual ela não podia lutar. “Alguma vez uma mulher dissesse não para você, Dmitri?”

“Uma vez.” Ele virou a esquina com um sorriso que fez ela querer acariciar seu rosto, traçar aqueles belos lábios com os seus. “Eu casei com ela.”

Dmitri não estava certo de por quê disse aquilo a Honor, quando ele não falava de Ingrede a ninguém. Somente Raphael sabia, e o arcanjo respeitava seu desejo de manter silêncio sobre o assunto, sobre a ferida que nunca tinha sido curada. “Tommy,” ele disse, mudando a direção da conversa quando Honor abriu sua boca como se para perguntar-lhe sobre a única mulher em sua longa, longa vida que já tinha ocupado seu coração, “é Thomas Beckworth Terceiro.”

O olhar de Honor pesou sobre ele, mas ela pegou a deixa. “Tommy é um nome comum.”

“Valeria confirmou.” Quando ela tinha percebido que implorar e suplicar não ia funcionar, a vampira tinha tentado fazer a informação de refém. Bastou um par de ossos partidos para acabar com isso. Dmitri tinha se certificado de que aquelas fraturas ecoavam as fraturas meio cicatrizadas que ele tinha visto nas radiografias tiradas de Honor depois do resgate.

“Por favor, Dmitri,” Valeria tinha gritado. “Não se transforme em um monstro por causa de uma mortal.”

Isso o fez sorrir com genuína diversão. “Querida Valeria, eu era um monstro antes de você ter nascido.” Ele tinha se tornando um no instante que a cabana queimou, levando consigo a melhor parte dele.

“De acordo com uma pesquisa que eu pedi para Venom realizar enquanto você estava no andar de cima,” ele disse, olhando para longe das memórias que o perseguiriam por toda a eternidade, “parece que Tommy se escondeu.”

Um sussurrar de essência, flores silvestres ao florescerem enquanto Honor alterava

sua posição no assento. “Ele não pode saber que estamos em cima dele.”

O cheiro dela envolveu-se ao redor dele, tocando-o em um nível que ele não permitiu qualquer mulher. “Não,” ele disse, apertando a mão ao volante, “mas ele tem conexões suficientes para ter percebido que você está trabalhando pra mim.”

Honor percebeu as linhas de tensão ao redor da boca dele, teve que fechar sua mão para parar a urgência de inclinar-se e acariciá-las. Esta loucura, isso poderia acabar por matá-la.

“Nós iremos à casa de Tommy,” ele continuou quando ela não interrompeu, “veremos o que nós podemos descobrir.”

Aquela casa provou ser tão pomposa por dentro quanto a de Valeria tinha sido elegante. Arabescos enfeitavam os cantos, papéis de parede tão feios que tinham sido comprados mais com referência ao custo do que ao gosto, a mobília desajeitada e coberta de um tecido floral tão horrível—e sem dúvida tão caro—quanto o papel de parede.

Mas o quarto era o que ganhava o prêmio.

“Uau,” Honor disse, olhando para a enorme cama circular coberta com lençóis de cetim rosa bem como as milhares de almofadas debruadas em pele branca. “Eu não achava que as pessoas realmente tinham camas como estas fora de um filme pornô.” Incapaz de se conter, ela olhou para cima. “Um teto espelhado. Eu estou chocada.”

Dmitri começou a rir, e era um som belo e selvagem que foi cortado com brusquidão. “Honor, deixe o quarto.” Uma ordem revestida de gelo.

Seu estômago apertou. Teria sido tão fácil se virar e ir embora, permitir que ele a protegesse—e era isso o que ele estava tentando fazer, essa perigosa criatura que nunca seria humana—mas deixar também seria ceder aos bastardos que tinham tentado destruí-la. “Chega de fugir,” Ela disse, mantendo seu tom de voz calmo por viciosa força de vontade. “Mostre-me.”

Um momento tenso, olhos escuros, escuros examinando-a. “Honor.”

“Algumas batalhas,” ela disse suavemente, segurando aquele olhar cheio de segredos tão *velhos*, “uma mulher tem que lutar por si mesma.”

As maçãs de seu rosto estavam rígidas contra sua pele quando ele disse, “Atrás de você.”

A fotografia ampliada em preto e branco cobria toda a parede de frente para a cama. Era de uma mulher nua pendurada por pesadas correntes em seus pulsos, suas pernas abertas e acorrentadas ao chão. Sua cabeça estava caída, seus cabelos caindo ao redor de seu rosto, o lado de seu seio sangrando onde um vampiro tinha se alimentado.

Era Honor.

Caminhando para essa imagem que ameaçava catapultá-la de volta para dentro de um pesadelo, ela desembainhou uma lâmina e lentamente, metodicamente, começou a cortá-la em pedaços. “Eu esqueci,” ela disse, engolindo sua raiva quando isso ameaçou afogá-la, “Que ele tirou fotos.”

Clique. Clique.

O som a tinha humilhado de novo quando ela pensou que havia endurecido para tudo que seus abusadores podiam lhe fazer. “Então ele começou a trazer uma câmara de vídeo.” O que queria dizer que havia gravações dela em algum lugar, gravações onde ela tentava não gritar enquanto Tommy a machucava. Isso era a razão pela qual ela tinha esquecido—porque ela não podia suportar a vergonha se saber que outros, talvez seus amigos, a veriam presa e indefesa e degradada... Mas é claro, ela nunca tinha *verdadeiramente* esquecido.

“Nós encontraremos as imagens e gravações originais.” Dmitri começou a vasculhar o quarto com fúria calma e focada, arrancando gavetas, esvaziando prateleiras. “Ele as terá guardado para si, uma coisa secreta, porque assim que elas vazassem, ele sabia que eu ia cortar sua garganta.”

“Você não pode saber isso.” Uma dor em seu peito, tão grande, tão pesada.

Dmitri aproximou-se para ajudá-la a arrancar o último pedaço, observou em silêncio quando ela o rasgava em pedaços ainda menores. “Não importa o quê,” ele disse, quando o último pedaço flutuou para o chão aos pés dela, mil mariposas pretas e brancas, “estas imagens nunca verão a luz do dia.”

Em seus olhos, ela viu uma profecia de morte assustadora.

Tommy não era o mais esperto dos homens—eles encontraram os cartões de memória contendo as fotos e vídeos em um cofre na parede. Dmitri não disse nada quando ela desapareceu para o carro—e para seu laptop—para verificar se aquelas imagens dariam alguma pista que poderiam levar à identificação de outros membros deste pequeno grupo doentio.

“Eu vou destruir estas,” ela disse quando ele saiu, não tendo encontrado nada de útil no quarto. Eram evidências, deviam ser manuseadas com cuidado. Exceto que era *ela*. Nua e amarrada e desonrada. Racional ou não, ela queria que as imagens desaparecessem, de modo que ninguém mais pudesse vê-las.

Caminhando para o porta-malas, Dmitri o abriu para pegar um pequeno martelo do que revelou ser um elegante kit de ferramentas. Ela o usou para esmagar os cartões de memória, em seguida pegou o alicate que ele estendeu para partir os componentes

metálicos em pequenos, minúsculos pedaços. Dmitri foi uma audiência completamente calma olhando, mas essa calma estava irritável na hora que eles acabaram de revistar a casa—Tommy não tinha deixado pistas quanto ao seu paradeiro.

“Honor.” Dmitri angulou seu corpo para encará-la enquanto parava a Ferrari em frente ao QG da Sociedade. Mantendo seu olhar, ela estendeu a mão para tocar uma mecha cacheada do cabelo que tinha escapado da presilha da base de seu pescoço, tendo cuidado de não roçar qualquer outra parte dela. “Tão suave,” ele murmurou. “Feminina, bela e difícil de quebrar.”

A dor em seu peito, aquela coisa horrível, não diminuiu. Mas, nesse momento, ela poderia tê-lo beijado. Ele não era humano, não era nem mesmo bom, mas tinha acabado de devolver a ela um pedaço de seu orgulho que a maldade de Tommy tinha lhe roubado. “Eu o chamarei assim que descobrir alguma coisa,” ela disse, e quase soou como uma promessa.

Ao invés de subir para ver Sara quando ela entrou no edifício da Sociedade, ela desceu, para os Porões. Os esconderijos subterrâneos serviam a um duplo propósito—como um lugar para caçadores manterem-se escondidos quando as coisas não iam tão bem, e uma casa para o sofisticado sistema de vigilância e de coleta de dados da Sociedade.

Tudo isso liderado por uma mente brilhante presa em um corpo que tinha sido esmagado em um acidente de infância. Vivek só tinha sensibilidade nos ombros e acima deles, mas se alguém pensava que isso o impediu de ser o melhor maldito “analista de informação,” também conhecido como espião, em operação na Sociedade no mundo, iria provavelmente ter uma desagradável surpresa algum dia desses.

“Honor,” ele disse quando ela passou por seus protocolos de segurança para entrar no refúgio que abrigava os computadores de onde—de acordo com os rumores da Sociedade—ele governava o mundo. “Dmitri já está atrás de você?”

11

Assustada, ela encarou... E vislumbrou as rugas de preocupação no rosto dele. “Eu não estou me escondendo de Dmitri.”

“Oh, bom. Embora se você o irritar suficientemente pra isso, tente não atirar nele à luz do dia. Sara ainda não perdoou Elena por isso.”

Honor ouviu falar do incidente; ela tinha procurado o relatório do jornal online. “Eu acho que uma ferida a bala pode machucá-lo por um tempo, mas tenho certeza que ele é muito velho para ser morto mesmo se você estourar o coração dele.”

Vivek estremeceu. “Ooh, Elena não sabe disso.” Virando sua cadeira com um suave comando de voz, ele percorreu os painéis do computador principal para investigar um alerta piscando. “Então você desceu até aqui por causa da minha companhia esfuziante?” Uma afirmação sarcástica, mas Honor passou a infância envolta em solidão—ela entendia a emoção melhor que a maioria.

“Perdoe-me por não ter vindo antes,” ela disse. “A verdade é que eu provavelmente não teria abandonado a Academia mesmo agora, se Sara não tivesse me forçado a isso.” Parecia impossível que ela tivesse estado tão fraca, tão abatida, mas era uma verdade que ela não podia ignorar. Porque ela nunca mais voltaria a isso.

Vivek lhe deu um olhar penetrante. “É seguro, não é? As pessoas não entendem a necessidade disso.”

Ela pensou nele aqui nesse esconderijo, protegido de um mundo que o tinha descartado quando ele se tornou menos que perfeito. Exceto... “Você tem muito mais coragem do que eu jamais terei, V.” Abandonado em uma instituição por sua família, ele literalmente se construiu com uma pura e teimosa recusa a se render.

“Eu era uma criança quando aconteceu,” ele disse, voz rouca. “Eu tive muito tempo para superar a autopiedade enquanto deitava na cama do hospital, então não me dê créditos que não mereço.”

Honor balançou a cabeça, mas se manteve em silêncio. Então ela perguntou o que a fez descer até aqui, apesar do horror disso continuar a ser um tijolo quebrado esmagando seu coração de dentro pra fora. “Eu preciso que você faça uma pesquisa.” Medo, raiva e náusea se embolaram em seu estômago. “Imagens ou vídeos de mim.”

Os olhos de Vivek encararam-na com uma raiva tão profunda que ela ficaria alarmada se não soubesse que ele era um nascido-caçador—preso à cadeira de rodas ou não, ele tinha os mesmos instintos do resto da Sociedade. Agora, tornando a focar os computadores, ele começou a dar comandos de voz tão rápido para tantas telas que ela

não conseguia manter o foco em nenhuma delas.

Um calafrio desceu pela sua espinha enquanto ela assistia os resultados chegarem um em cima do outro. Engolindo a bile que queimava em sua garganta, ela se forçou a esperar até que ele completasse a busca. “Mostre-me.”

Imagens após imagens encheram as telas.

Ela analisou cada página de resultados, com Vivek checando uma segunda vez, “É isso?”

“Sim. Eu fui o mais longe que se pode ir, usando múltiplos e amplos termos de pesquisa.”

Tremendo, ela caiu em uma cadeira. “Elas são todas fotos que foram liberadas quando eu desapareci, ou fotos imparciais tiradas depois do meu resgate.”

Vivek continuou a falar com seus computadores pelos próximos 10 minutos enquanto ele checava e checava novamente. “A net está limpa, Honor. Quaisquer imagens que esses desgraçados tenham, eles não as uparam.” Um brilho em seu olhar. “Eu diria que eles estão com muito medo da Torre.”

“Eles estão certos em ficar.” Ela deveria estar feliz, mas encontrar Valeria e descobrir a identidade de Tommy apenas reforçou o fato de que os outros que a trataram como um pedaço de carne estavam lá fora, andando por aí, tirando sarro dela ao viver suas vidas livres de terror ou medo. “Eu não vou parar,” ela disse tão baixo que Vivek não ouviu, sua mão socando sua coxa. “Nem Dmitri.” Um lembrete de que ela tinha alguém muito mais perigoso e implacável ao seu lado do que qualquer um dos amigos doentes de Valeria.

“Eu não pretendo machucá-la, Honor. Eu pretendo seduzir você.”

Claro, aquele homem também queria tirar um pedaço dela. Não um pedaço pequeno também. Não, Dmitri não ficaria satisfeito com nada menos do que total entrega carnal.

Nove horas depois da última vez que ele viu Honor, com a noite cobrindo o mundo, Dmitri tinha acabado de falar com Galen via satélite quando Venom entrou no quarto. “Sorrow escapou da segurança.” O vampiro não teve nenhum problema em usar o nome novo de Holly — talvez porque ele também teve que criar uma nova identidade para si mesmo. “No mínimo há uma hora.”

Dmitri não soltou palavras. “Eu vou encontrá-la.” Ele também teria uma conversinha com os guardas, porque enquanto Sorrow era altamente inteligente e não muito humana, ela também tinha menos de um quarto de século para os mais de 150 anos

deles.

Venom balançou a cabeça, seu cabelo caindo sobre a testa. “Ouça,” ele disse, jogando o cabelo pra trás com nervosismo, “Você está lidando com outra situação. Eu vou...”

“Não. Ela é minha responsabilidade.” Elena a tinha rastreado, mas foi ele que a tirou daquele minúsculo posto de guarda onde ela estava se escondendo, com o corpo todo manchado de sangue. “Eu sei os lugares onde ela vai.”

Venom não contrariou, sua boa vontade de ajudar os outros no Sete um dos motivos pelos quais ele foi aceito no grupo, em primeiro lugar. “Você está se aproximando demais, Dmitri. Se...” As pupilas negras do vampiro se contraíram, pontos negros em contraste com o verde-mar de sua íris. “Se ela tiver mais de Uram nela do que tem de humanidade, execução pode ser necessária.”

“Isso não será problema.” Ele tinha quebrado o pescoço do seu próprio filho, afinal.

“Ficará tudo bem, Misha. Eu prometo.” Ele contou a mentira com um sorriso, beijou seu filho na testa, aquela pele suave de bebê tão quente contra seus lábios. “Papa vai fazer com que tudo fique bem.”

A Ferrari arrancou muitos “Uaaaaaaaau” dos meninos que estavam na rua quando ele parou em um local de estacionamento proibido na frente de um prédio imundo com um letreiro de neon proclamando-o como “O Antro de Sangue.” Já que o número da placa deixava claro que o carro pertencia a Dmitri, então ele não se incomodou com avisos. Qualquer um idiota o suficiente para tocar em seu carro merecia o que estaria por vir.

Um porteiro de olhos esbugalhados que tinha pelo menos o dobro do peso de Dmitri—e que não seria apto a pará-lo nem por um segundo caso Dmitri ficasse irritado—abriu a porta do local antes de Dmitri alcançá-la.

“Uma mulher de um metro e cinquenta e seis de descendência asiática,” ele disse para o homem de cabeça raspada. “Cabelos negros com mechas cor de rosa, olhos castanhos”—no momento, ao menos—“pele pálida.” Sorrow evitava o sol, não porque lhe machucava, mas porque ela acreditava ser uma criatura que pertencia à escuridão.

“Eu vi uma garota indo pra dentro de uma das cabines com um cara quando saí para o intervalo,” o porteiro disse. “Pode ser ela.”

Indo em direção à cabine depois que o porteiro a apontou, ele empurrou a porta para surpreender um cara branco de vinte e poucos anos com suas calças nos tornozelos.

Ele tinha um pênis rígido em suas mãos, estava se masturbando, com um olhar vidrado.

Sorrow, sentada no banco oposto, sorriu com lábios vermelhos. “Veio se juntar à festa?” Uma pergunta irônica que não tinha nada de sexual, embora ela estivesse vestida com um vestido preto e justo de alcinhas que terminava no alto de suas coxas, suas pernas cobertas em botas de cano alto pretas.

Sem dizer uma palavra, Dmitri estapeou o cara. O homem piscou, olhou pra baixo, pra cima. “O que...”

“Saia.” Dmitri manteve a porta aberta.

Pênis amolecendo, o homem subiu as calças e saiu, tropeçando em seus pés em sua pressa pra sair da cabine. Fechando a porta, Dmitri encostou-se a ela e observou Sorrow enquanto ela engolia o que parecia ser uma dose dupla de tequila antes de bater o copo na mesa com um olhar de nojo. “Você sabia que eu nem consigo ficar bêbada?”

“Seu metabolismo se alterou.” Junto com muitas outras coisas.

Um riso amargo. “Sim... E eu posso fazer com que homens ponham seus paus pra fora e se masturbem na minha frente. Grande superpoder, hein?”

Na verdade, era. Juntamente com aquele anel de um verde hipnótico em volta de seus olhos e talvez uma insanidade assassina, Sorrow havia ganhado a habilidade de hipnotizar pessoas por curtos períodos. Agora, ela só podia fazer com que fizessem coisas que eles já estavam dispostos a fazer, mas Dmitri não achava que fosse ficar assim por muito tempo. Desde que Uram tinha a mordido, *infectado*, as mudanças em Sorrow tinham progredido a uma velocidade espantosa.

Ciente da frustração com a sua falta de raiva evidente, ele assistiu enquanto ela saía do banco, graciosa como um gato, e andou para colar o corpo nele. “Por que você nunca me mordeu ou me fodeu, Dmitri?” Olhos brilhantes. Palavras pesadas. “Não sou boa o suficiente pra você?”

“Eu não durmo com garotinhas.”

A cabeça dela se voltou pra trás, olhos carregados de maquiagem se chocando contra os dele. “Eu não sou criança.”

Dmitri nem se incomodou em responder. Ao invés disso, pegou a mão dela, ele abriu a porta.

Ela resistiu. “Eu...”

“Chega,” ele disse em um tom baixo que cortou através da música como se ela não existisse. “Eu cortei um vampiro em pedacinhos pequenos e precisos hoje.” Honor não tinha percebido que mais da metade do coração de Valeria não estava lá sob seu robe quando ela voltou para a sala. “Estou planejando fazer muito pior com outro. Então não

mexa comigo.”

Sorrow inspirou, mas não falou novamente até que eles estivessem na rua, a brisa tardia da primavera fresca o suficiente para arrepiar os braços. “Quanto tempo demora?” ela perguntou em uma voz trêmula.

“O quê?”

“Para se tornar... inumana?”

“Três meses depois de minha Transformação estar completa.” Foi esse o tempo que Misha gritou e chorou nas correntes em frente a ele, o tempo que as cinzas de Caterina ficaram expostas aos elementos junto com as de sua mãe.

“Desculpe-me, Ingrede.” Em pé ao lado da casa queimada, o corpo de seu filho morto em seus braços, o mais precioso dos fardos. “Perdoe-me.”

Alcançando a Ferrari, ele abriu a porta do passageiro. “Entre.”

Sorrow obedeceu, sua ousadia esmagada pela brutalidade do humor dele. De repente, ela pareceu dolorosamente jovem, mas Dmitri não estava disposto a dar mais nenhuma chance. Ela teve mais de um ano delas. “Usar habilidades vampíricas em mortais sem permissão pode fazer com que você seja sentenciada ao enterro. A punição envolve ser enterrada viva em um caixão, lhe ser dado somente sangue suficiente para sobreviver.”

O seu lábio inferior tremeu.

“Meu casaco está atrás.”

Virando-se, ela se cobriu com ele, se encolhendo no assento. “Você vai me enterrar?”

“Não. Essa penalidade em particular foi tirada dos livros.” Raphael tinha feito isso por Elena, um presente de um arcanjo para sua consorte. “Eu fui encarregado de criar outra punição para substituí-la.”

Sorrow apertou ainda mais o casaco dele em seu corpo. “Sinto muito.” As palavras hesitantes, assustadas da criança que ele a tinha chamado.

Suspirando, ele os levou além do rio Harlem e cortou através de Manhattan para atravessar a ponte George Washington, antes de parar o carro em um mirante que ficava de frente para Manhattan. A paisagem urbana era uma extensão de pedras preciosas contra o negro do céu, os anjos voando por ela colocados em silhueta. “Estou colocando você sob Contrato, Sorrow.” Era a única maneira de lhe ensinar controle. “Não importa se você foi Transformada sem consentimento, você não ficará livre até eu decidir que você não é um risco.”

Tendo tirado as botas durante o percurso, ela dobrou as pernas sobre o banco.

Pequena como era, aquilo não foi muito difícil. “Você vai me ensinar o que eu preciso saber?” Um apelo.

“Não, Venom vai cuidar de tudo.” A garota estava ficando dependente dele.

“Estou com frio.”

“Eu sei, Misha, Você está sendo um garoto muito valente.”

“Eles machucaram Mama e Rina.” Tentativas corajosas de conter o choro. “Eles machucaram Mama e Rina, Papa.”

O som do choro de Misha ainda o assombrava. Ele não iria, não podia, adicionar mais uma voz a isso. “Venom também começará a lhe ensinar como controlar seu talento.” Embora Sorrow não soubesse, as habilidades hipnóticas de Venom colocavam as dela no chinelo. “Eu espero que você siga suas instruções.”

“Eu irei.” Uma pausa preenchida com coisas não ditas depois daquela confirmação baixa. “No que eu estou me transformando?” ela perguntou finalmente.

Ele poderia ter mentido pra ela, lhe dado falsas esperanças, mas aquilo só faria com que ela morresse. Virando pra ela, ele se inclinou para ajeitar uma mecha de cabelo negro, com mechas de cor roubada pela noite, atrás de sua orelha. Ela se contraiu e ele sabia que ela tinha sentido a lâmina fria de sua fúria. “Ninguém sabe. Mas se tem algo que eu não permitirei que você se torne, é um problema. Você entendeu?”

Sua garganta se mexeu enquanto ela engolia. “Sim.” Um sussurro antes de ela virar seu rosto para a mão que ainda acariciava sua bochecha. “Eu estou com medo, Dmitri.”

“Papa, eu estou com medo.”

Sorrow não era Misha, pequeno e indefeso, mas ela poderia bem ter sido. E então, apesar do seu voto de manter distância, ele não disse que ela *deveria* ter medo, que quase todo mundo acreditava que suas chances de sobrevivência eram limitadas. Ao invés disso, ele acariciou a seda negra de seus cabelos e pensou nos cachos suaves que ele tinha sentido uma vez sob suas mãos enquanto o corpo de seu filho se acabava em convulsões em seus braços.

“Por favor, não, pare!”

Honor jogou os lençóis e saiu da cama com o coração acelerado. Uma olhada no relógio mostrou que tinham passado pouco mais de três horas desde que ela desmaiou, depois de trabalhar na tatuagem até depois da meia-noite. O problema era que continuava se lembrando do que Valeria, Tommy e seus amigos tinham feito com ela.

Exceto que aquele pesadelo... Ela poderia jurar que não tinha nada a ver com o buraco. Talvez tinha sido um eco dos pesadelos de sua infância que foram a razão pela qual ela nunca foi adotada, embora crianças pequenas estivessem sempre em alta. Aparentemente, ela gritava e gritava e gritava até se esgotar—apenas pra começar novamente assim que acordasse. A gritaria continuou até ela ter 4 ou 5 anos, depois do que ela criou a tendência de se acordar quando eles começavam e passar o resto da noite lutando contra o sono.

Problemas com abandono, um psicólogo infantil havia chamado. Honor não tinha certeza. O que ela sentia quando acordava daqueles pesadelos da infância tinha sido grande demais, vasto demais, uma escuridão terrível preenchida com desolação suprema. A mesma coisa que apertava sua garganta agora, seu coração batendo pesado e forte o suficiente pra machucar. Passando a mão sobre o peito para desfazer a sensação, ela foi para o chuveiro.

Depois, vestindo roupas limpas, ela pegou o telefone e discou um número que ela nunca havia pensado em usar às quatro da madrugada, em uma manhã fria de primavera, o céu de um preto esfumado quebrado por uma dispersão de escritórios iluminados nos arranha-céus.

Uma voz masculina sombria apareceu, pedindo para que ela deixasse uma mensagem.

Desligando, ela esfregou as palmas em seu rosto e foi espalhar as fotografias ampliadas da tatuagem na pequena mesa de jantar ao lado da janela. Ela fez uma grande descoberta, ou o que ela achava que era uma grande descoberta, um pouco antes de cair exausta na cama. Agora, com a mente mais clara, não obstante os pesadelos, ela começou a retrair a sua linha de pensamento.

Sim, é isso, definitivamente. A chave. Ou parte dela.

Ela não sabia por quanto tempo havia trabalhado, mas seu bloco de notas estava coberto com várias anotações quando ela ouviu o bater na porta. Franzindo o cenho, ela olhou no relógio.

Quatro e meia.

Corpo tensionando com uma estranha alegria porque só poderia ser uma pessoa, ela pegou sua arma e olhou pelo olho mágico.

12

Ela guardou a arma—estranho, dado quem ela estava prestes a deixar entrar—e abriu a porta.

“Você ligou?” Dmitri estava usando uma camisa branca aberta no colarinho e calças pretas, seu cabelo bagunçado apenas o suficiente para fazê-la pensar que ele tinha estado passando suas mãos através dele.

Isso fez seus próprios dedos enrolarem-se nas palmas. “Entre,” ela disse, uma vívida imagem de como ele poderia parecer satisfeito e preguiçoso na cama formada em sua mente. Embora ela soubesse que era bem mais provável Dmitri ser um amante que assumiria o controle total mesmo na mais íntima das danças, sua mente insistia em vê-lo relaxadamente deitado em suas costas, um sorriso provocante em seu rosto—da forma que um homem olharia para uma amante familiar.

A ideia era tão tentadora que ela teve que forçar a si mesma a ignorá-la, lembrar a verdade de que ele era um sofisticado vampiro que tinha experimentado todos os pecados—e que não ficaria com a mesma mulher além do tempo necessário para satisfazer sua curiosidade.

“Eu casei com ela.”

Uma mulher, ao menos, tinha despertado mais nele do que uma atração sexual passageira. Honor tinha o desejo mais insaciável de saber qualquer coisa sobre aquela mulher, umas cem mil perguntas que ela queria perguntar. Entretanto, havia uma única questão para a qual ela não precisava de resposta: era evidente que Dmitri tinha feito seus votos de casamento muito, muito tempo atrás. Aquele homem não existia mais, provavelmente não existia há séculos.

“Eu tenho algo para mostrar a você,” ela disse, incapaz de entender a estranha dor dentro dela.

Ele a seguiu para a mesa, ouvindo em silêncio.

“Eu estou quase certa,” ela disse depois de explicar o processo pelo qual ela tinha chegado à conclusão, “de que isto é um nome.” Ela tocou em um grupo particular de símbolos. “A amostra que eu tenho para trabalhar é tão pequena que é possível que eu possa estar errada, mas eu *acho* que o som é algo como Asis ou Esis.”

Dmitri ficou muito, muito quieto. “Isis.”

Uma mão fantasma agarrou a sua garganta, apertou. “Conte-me sobre ela.” O rosto de Dmitri era todos feições duras quando ela olhou para cima depois de fazer aquela

pergunta, seus olhos tão distantes que ela viu o nada e o para sempre neles. “Dmitri.” De alguma forma, sua mão estava no antebraço dele, a pele quente através do linho fino da camisa, seus tendões tensos.

Seu rosto, no entanto, nada mostrava. “Você não devia estar me tocando neste momento, Honor.”

Ela puxou sua mão para longe, mas o medo que ela sentia não tinha nada a ver com ele. Estava em seus ossos, trazido à vida pelo nome que nada significava... E ainda assim incitava não apenas o medo, mas uma raiva além de ira, além de fúria. “Diga-me.”

A voz de Dmitri permaneceu estranhamente sem tom quando ele disse, “Isis foi o anjo que me Transformou. Eu a esfaqueei no coração e a cortei em pedaços por isso.”

Prazer, cruel e selvagem, interligado com um desespero assustador, rugiu através dela. Chocada, ela derrubou a caneta que estava usando para explicar o seu raciocínio e cambaleou para longe da mesa.

Os olhos de Dmitri não se moveram de Honor quando ela enfiou as mãos em seus cabelos, soltando-os do coque bagunçado em sua nuca, e fez seu caminho para a cozinha com passos bruscos. “Foi onde vi esse código.” Na escrivaninha de Isis—no começo, quando ela tinha o levado para seus aposentos. “Ela o chamou de seu pequeno segredo, mas os cortesões e amigos tinham que conhecê-lo, porque ela escrevia notas para eles usando o código.” Imortais demais para destacar um nome, mas ele começaria a seguir essa linha de investigação.

Neste momento, era Honor que prendia sua atenção.

Enquanto ele observava, ela começou a fazer chá com os movimentos metódicos de uma mulher que tinha frequentemente feito a mesma tarefa—e ainda assim tomava cuidado com todo e cada passo do processo. O tipo de coisa que Ingrede tinha feito quando precisava se acalmar.

“O que,” ele murmurou, inclinando-se no banco que separava a área da cozinha da área de jantar e de estar, “você sabe sobre Isis?”

O espaço era aberto em ambos os lados, então ele não podia bloqueá-la, mas Honor, nervosa como ela estava, não parecia querer fugir dele. Neste momento, enquanto ela colocava água fervente em um bule de vidro, seus ossos brancos contra sua pele, ela pareceu estar lutando apenas contra si mesma.

“Nada,” ela disse, largando o jarro de água quente e colocando o chá vermelho-alaranjado pálido para infusão. “Contudo, eu quero dançar em seu túmulo.”

A emoção nua em sua voz encontrou um eco dentro dele. “Não há túmulo,” ele disse, olhando para aqueles profundos olhos verdes cheios de segredos. “Nós nos certificamos que nada dela permanecesse.” Exceto que parecia que algo *tinha* sobrevivido,

algum pedaço contaminado que agora tentava criar novas raízes.

“Nós?”

Ele não viu mal algum em compartilhar a verdade—isso nunca tinha sido segredo. “Raphael estava lá. Nós matamos Isis juntos.” Os laços forjados naquela sala encharcada de dor embaixo da fortaleza, e no sangue e vísceras da morte de Isis, eram algo que jamais quebraria.

Honor apoiou suas mãos no balcão. E então ela encontrou seu olhar com aqueles olhos que pertenciam a um imortal, e fez uma pergunta que ele nunca teria esperado da mulher assustada que tinha entrado em seu escritório. “Quem era você antes de Isis, Dmitri?”

“Eu o quebrei.” Um sussurro desconsolado.

“Deixe-me ver.”

“Você contará a Mama?”

“Isso será nosso segredo. Aqui, está consertado.”

“Dmitri, Misha, o que vocês estão fazendo?”

“Coisas secretas, Mama!”

Risos, doces e femininos e familiares, seguido dos passos silenciosos de Ingrede. Pesada com a gravidez, ela beijou primeiro seu filho risonho, e então seu marido sorrindo.

“Eu era outro homem,” ele disse, levado ao limite pela forte atração que sentia por Honor. Ele podia ter levado uma vida de devassidão depois que seu mundo queimou até virar cinzas, podia ter enegrecido sua alma e se entregado a todos os vícios que havia na tentativa de anestesiá-la a dor, mas ele nunca, jamais tinha traído Ingrede onde importava. Seu coração tinha permanecido intocável, envolto em pedra.

“Eu amarei você mesmo quando eu for poeira ao vento.”

Esta caçadora estilizada no nível mais profundo não era suscetível de tentá-lo a quebrar aquela promessa... Mas não havia como negar que existiam profundezas ocultas nela. Profundezas que ele era compelido a explorar.

“Você tem uma excelente mira,” ele disse.

Um encolher de ombros. “Eu pratico, e Valeria não era exatamente um alvo em movimento.” Linhas marcaram sua testa. “Eu devia me sentir mal em aproveitar quando ela estava pregada como uma borboleta, mas não sinto. O que isso me torna?”

“Humana. Imperfeita.”

“Estranho como isso realmente me faz sentir melhor.” Ela levantou a mão para abrir um armário superior. O movimento apertou seu moletom cinza uma fração sobre seus seios fartos, mas nem de perto o suficiente para exhibir um corpo que Dmitri estava malditamente certo que foi feito para ser exibido.

Hummm...

Girando nos calcanhares, ele começou rondar o seu apartamento. Quando ele virou na direção daquilo que ele imaginou que era seu quarto, ela disse, “Isto é privado, Dmitri.”

Ele a ignorou.

Ouviu-a xingar palavrões.

Mas ele já estava em seu closet que ela correu ao redor do balcão para segui-lo. “O que você pensa que está fazendo?”

“Vendo quem você era antes de Valeria e Tommy.” Ele puxou um vestido curto escarlate com um enorme decote em suas costas. “Isso, eu gosto.”

Honor, suas bochechas tão vermelhas quanto o vestido, pegou o cabide dele. “Para sua informação, eu nunca usei isso. Foi um presente de um amigo.”

Seu entusiasmo resfriou. “Esse é o tipo de vestido que um homem compra.”

“Ou uma amiga que gosta de me irritar,” ela murmurou, empurrando o vestido de volta dentro do closet. “Agora saia.”

Ele alcançou dentro para puxar fora um número de outros itens em vez disso, atirando-os na cama. Camisas e blusas simples, na maior parte, mas todas ajustadas. Nada como as camisetas e suéteres disformes que ela estava usando. Atirando elas na cama, ele disse, “Vista-se adequadamente e eu vou lhe mostrar algo que você nunca viu antes.”

Olhando para ele, ela começou a guardar as roupas. “Acontece que eu estou trabalhando—o resto da tatuagem não se decodificará por si mesmo.”

Um fogo frio de raiva invadindo suas veias com o lembrete de Isis, ele fechou a porta do closet com deliberado cuidado. “Pelo que eu vi,” ele disse em um tom de voz moderado, “você tem andado em círculos.”

Uma expiração forte. “Eu quase consegui. Está na ponta da minha língua.”

“Uma pausa vai ajudar.” Enquanto ela se vestia, ele faria algumas ligações, incluindo uma para Jason. Se alguém estava tentando reviver ou reverenciar Isis de algum modo, maneira ou forma, Dmitri queria saber. Pra que ele pudesse esmagar a repugnância.

Movimento, Honor caminhando até a penteadeira para pegar uma escova. “Para onde nós vamos?”

“Você descobrirá quando chegarmos lá.”

Olhos apertados. “Saia para que eu possa me vestir.”

“Não leve muito tempo.” Saindo sob o olhar assassino dela, ele começou a fazer seus telefonemas. Jason não tinha ouvido sequer um sussurro de qualquer coisa relacionada a um anjo chamado Isis, mas prometeu alertar sua rede. Dmitri também contatou Illium, instruindo-o para informar o resto dos Sete. Seu telefonema final foi para Raphael.

A resposta do arcanjo foi simples. “Você tem certeza?”

“Sim,” ele disse, entendendo a pergunta. “Eu lidarei com isso.” Isis era seu pesadelo.

Desligando, ele estava olhando para fora, pra uma Manhattan ainda envolta no beijo cinzento da noite, a Torre dominando o horizonte, quando a essência de flores silvestres desabrochando ficou mais forte. Mexia com emoções há muito enterradas nele, aquela essência, o fazia lembrar-se do mortal que ele tinha sido há tantos anos atrás que civilizações inteiras tinham ascendido e caído durante sua vida.

“Vamos.”

Ele virou-se para ver Honor vestindo um mal ajustado jeans e uma camisa branca solta. “Eu disse adequadamente vestida.” Ele sabia muito bem o que ela estava fazendo com sua roupa disforme, e isso o tornou impiedoso. “Só porque os predadores não podem dar uma boa olhada em você isso não significa que eles não considerem você carne fresca.”

Fúria manchou de vermelho o alto de suas bochechas. “Foda-se, Dmitri.”

“Agora?” Ele deu a ela um sorriso deliberadamente provocante. “Venha até aqui, então, querida.”

Ele viu sua mão contrair-se, sabia que ela estava lutando contra o impulso de pegar sua arma, acertá-lo no coração. “Você sabe o quê?” ela disse. “Eu acho que prefiro minha própria companhia. Saia.”

“Patético, Honor,” ele disse, ciente dos dolorosos botões que ele estava pressionando. “Valeria—se ela ainda tiver sua língua, o que é duvidoso—estaria rindo pelo que ela fez de você.”

Honor ficou imóvel. “Eu acho que estou começando a odiar você.”

“Não me incomoda.” Havia força no ódio. Foi por isso que ele sobreviveu àquela masmorra. “Isso tornará ainda mais doce quando eu tiver você nua e molhada para mim.”

Sem responder, ela fez seu caminho para o quarto. Dez minutos depois ela voltou. Desta vez, seu cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo apertado, ela estava vestida

em jeans apertados, enfiados dentro de botas pretas na altura dos joelhos, coberta com uma camiseta preta apertada ao corpo sobre a qual ela jogou uma jaqueta de couro até o quadril no mesmo tom. Ele tinha estado certo—seus seios eram deliciosos, seu corpo um nocaute.

Caminhando até parar a poucos centímetros de uma forma feminina que estava praticamente vibrando de raiva, ele estendeu a mão para tocá-la, a compulsão inegável. Um borrão de movimento, um cotovelo em seu peito, suas pernas sendo chutadas debaixo dele, e de repente ele estava caindo no chão, olhando para uma Honor que não era vítima.

Dmitri riu.

Honor não sabia o que ela tinha esperado, mas não era aquele riso, profundo e masculino e acaloradamente *verdadeiro*. Quando ele ergueu uma mão em direção a ela, ela a ignorou... Embora fosse perturbador o quanto ela queria montar naquele belo corpo e inclinar-se para beijar aqueles lábios sensuais, risonhos—como se ele não tivesse acabado de cortá-la com a lâmina impiedosa de sua voz.

O riso dele desapareceu em um sorriso que era muito, muito masculino. “Venha aqui.”

Ela caminhou até a porta ao invés disso... Mas ela não tinha mais tanta certeza de que, quando se tratava dessa loucura dentro dela, uma loucura que levava o nome de Dmitri, ela sairia vencedora.

Honor congelou quando Dmitri parou o carro ao redor dos fundos de um discreto edifício preto em Soho. “Seu bastardo,” ela disse, sua voz tão suave que era quase sem som. Erotique era o clube de escolha da mais alta elite de vampiros. Os anfitriões e anfitriãs—principalmente humanos, mas com ocasionais “novos” vampiros no meio—eram treinados para saber como lidar com os quase-imortais mais velhos. Alguns chamavam os dançarinos dentro de suas paredes exclusivas de gueixas do Ocidente.

Apoiando sua mão contra o encosto do assento dela, Dmitri lhe lançou um olhar que parecia sombriamente divertido... Se você não olhasse dentro daqueles olhos, frios e brutais. “Há uma chance alta,” ele disse em uma voz que era cetim preto sobre seus seios, “de que pelo menos alguns dos vampiros que você encontrará aqui hoje à noite já tenham provado você.”

“Vamos, caçadora. Grite uma pouco mais. O sangue tem gosto melhor quando você grita.”

Manchas em frente a seus olhos, sua respiração estrangulada em seu peito. Sua arma estava em sua mão e apontada para a cabeça de Dmitri antes que ela estivesse ciente de puxá-la do coldre de seu ombro. “Eu estou indo embora.”

Dmitri moveu-se à velocidade da luz, e de repente sua arma estava na mão dele, o rosto sensual a poucos centímetros do seu. “Provoque-os com sua sobrevivência, Honor. Ou fuja como um coelho assustado. Sua escolha.”

A violência dentro de seu corpo precisava de libertação—ela queria bater em Dmitri, maldito seja. “Por que você se importa?” Foi um sussurro áspero. “Eu sou apenas uma nova diversão para você.”

“Verdade.” Tocando a ponta da arma na bochecha dela. “Mas eu acho que não há diversão em jogar com alguém que já está meio morto.” Ela colocou a arma no colo dela e abriu a porta para sair. “Estranho,” ele murmurou, fechando a porta, “como você algumas vezes me lembra dela, e, ainda assim, não tem sequer um vislumbre do espírito dela.”

Ela olhou fixamente para sua forma recuando quando ele foi em direção à entrada de trás do clube, deixando-a sozinha no carro, arma pesada em seu coldre quando ela a guardou. As palavras dele tinham sido calculadas para incitar uma reação, mas elas ainda acertaram. forte.

“Você não é mais divertida, caçadora. Eu esperava mais resistência a este jogo.”

Saltando para fora do veículo, ela seguiu atrás de Dmitri. Ele olhou sobre seu ombro, esperando-a alcançá-lo. “Tente não atirar em ninguém.” Um ronronar baixo que afagou seus sentidos com uma intimidade tão exuberante quanto a sinuosa essência de rosas à meia noite. “Nós precisamos de gente para conversar.”

Eles tinham alcançado a porta a então, uma porta que um segurança já estava segurando aberta. “Senhor,” ele disse, mantendo seus olhos escrupulosamente longe de Honor.

“Ele pareceu surpreso,” ela disse uma vez que eles estavam dentro do corredor. “Normalmente não é seu cenário?”

“Não.” Angulando sua cabeça na direção dela quando eles se voltaram em direção ao som rouco de uma cantora de jazz vindo da esquerda, ele disse, “Eles assumirão que eu tenho você em minha cama.”

13

Mais perto, a voz da cantora emaranhava-se com a suave conversa. A vozes eram elegantes, cultas... Tal como as que ela tinha ouvido no porão. “Eu sei,” ela disse, determinada a não permitir que isso a retornasse para dentro da escuridão, “mas como você tem uma reputação de desfrutar da dor, eu estou certa que eles não ficarão surpresos se eu ceder à necessidade de esfaquear você.”

Um brilho de riso naqueles olhos tão escuros e velhos, mas ele nada disse quando eles atravessaram o umbral para o que parecia ser um bar muito distinto, completo com uma cantora em um vestido verde brilhante no palco baixo ao lado. A iluminação era suave, os grupos de mesas privadas, a clientela vestida com roupas formais impecáveis. “Um pouco cedo para coquetéis.”

“Ou muito tarde,” Dmitri respondeu. “Tempo significa pouco aqui.”

Todos os homens e mulheres em sua linha de visão tinham idade o suficiente para que o vampirismo tivesse feito sua mágica, aperfeiçoando suas feições a um nível de beleza possuído por raros mortais. “Eu esperava...” Na verdade, ela nunca tinha pensado muito sobre Erotique, mas o que ela tinha ouvido focava em um aspecto que faltava aqui. “As dançarinas?”

“Em outra seção,” Dmitri disse-lhe. “Há um andar inteiro abaixo de nós, bem como um número de outras áreas mais íntimas similares a esta.”

“Dmitri.” Uma mulher deslumbrante em um vestido preto colado que chegava aos tornozelos e exibia suas qualidades com sensual elegância cruzou a sala até eles, seus passos rápidos. “Eu não sabia que você estava vindo, ou nós teríamos arrumado uma sala privada para você e sua convidada.”

“Consiga aquela mesa do canto, Dulce.” Sua voz era aquela de um homem que esperava obediência instantânea. “Champanhe. E encontre Illium.”

O menor lampejo de... Algon os ossos perfeitos do rosto de Dulce, desaparecendo tão rápido quanto surgiu. “Sim, é claro.”

Honor viu o casal já na mesa de canto mover-se espontaneamente quando viram a anfitriã ir em direção a eles. Havia mais do que um pouco de medo em seus movimentos. Consciente de que os vampiros de certa idade têm uma audição sobrenatural, ela inclinou-se para falar contra a orelha de Dmitri. Como qualquer outro homem, qualquer outro vampiro, ela teria estado perto de vomitar agora... Mas fosse qual fosse a inexplicável alquimia existente entre ela e Dmitri, lhe permitia respirar em sua presença, disse, “Você mantém eles com medo de propósito?”

A mão dele roçando levemente a parte de baixo de suas costas. “Significa que eu tenho que executar menos deles.”

Ela não disse mais nada até que eles estavam sentados e Dulce tinha desaparecido depois de servir o champanhe “Dulce não é humana.” Tinham sido os olhos que a tinham entregado. Um intenso e profundo roxo, brilhantes como joias contra o cabelo preto corvo. Nenhum humano tinha olhos daquela cor—e nenhuma lente de contato havia sido inventada para poder simular esse tipo de beleza sobrenatural.

“Não. Ela gerencia Erotique, tem feito isso pelos últimos dez anos.” Uma sobancelha levantada. “Você não acha que eu seria recebido por ninguém menos do que o gerente, você acha, Honor?”

Ela não mordeu a isca. “Por que nós estamos aqui?”

“Olhe para o canto diagonalmente oposto.”

Seguindo seu olhar, ela viu um vampiro alto e ruivo com uma morena curvilínea em seu colo. Nenhum deles tinha notado a chegada de Dmitri—e a razão era clara. A mão pálida do vampiro jazia no prateado brilhante do vestido até o tornozelo da mulher, perigosamente perto das curvas fartas de seus seios, seus lábios aninhando-se na longa linha de sua garganta. Ambos ficaram imóveis um instante depois, e então o vampiro estava se alimentando, os músculos da garganta movendo-se, enquanto a morena jogou sua cabeça para trás em um orgasmo silencioso.

A mão de Honor fechou-se em torno da taça de champanhe à sua frente. Examinando a sala, ela percebeu que mais de um vampiro estava se alimentando—e não eram todos homens. Uma mulher etereamente adorável com características hispânicas estava passando suas mãos pelo cabelo de um magro vampiro loiro, suas unhas afiadas azul-cristal pontos dramáticos contra a pele dele enquanto ela o abaixava para alimentar-se logo acima do pulsante ponto em seu pescoço.

“Eu pensei,” ela disse, garganta seca, “que isso era um clube, não uma orgia de alimentação.”

A risada de Dmitri era uma corda de pele entrelaçando em seus sentidos. “Tão inocente, Honor.” Ele tomou um gole de seu champanhe. “Alguns vampiros vêm aqui porque sabem que encontrarão um parceiro disposto se precisarem, parceiros que sabem o que esperar. Mas a maioria dos outros são amantes entregando-se a um pouco de exibicionismo inofensivo.”

Obviamente notando seu olhar na vampira, ele disse, “Aquela é Amalia. Ela gosta deles jovens—mas ele é maior de idade, adulto o suficiente para fazer uma escolha.” Havia algo naquela declaração, algo velho e enterrado e com *tanta* raiva.

“Você está observando o vampiro com a morena atraente,” ela disse, sabendo que,

mesmo se Dmitri a levasse para cama, aquilo era tudo que aconteceria — sexo. Sexo erótico, pecaminoso, perigoso, mas nada além de uma ligação física. Nenhum segredo seria partilhado, nenhum laço forjado. “Por quê?”

“Aquele é Evert Markson. Melhor amigo de Tommy.”

Sua cabeça ergueu-se, “Você sabia que ele ia estar aqui.”

“Evert tem o hábito desagradável de alimentar-se na Erotique numa base regular.”

Era difícil não encarar Markson, mas ela manteve a sua atenção em Dmitri. “Você acabou de me dizer que vampiros vêm aqui para alimentar-se.”

“Somente de vez em quando, quando eles não têm um amante ou doador regular. Talvez se eles estão visitando a cidade.” Ele colocou a taça de champanhe na mesa. “A razão para Evert precisar alimentar-se na Erotique é que ele machuca suas amantes de tal maneira que nem mesmo a pior das groupies⁸ chega perto dele agora. As anfitriãs aqui só o toleram sob a condição dele se alimentar em público, onde pode ser monitorado.”

Coração em sua garganta, Honor voltou a olhar para a morena nos braços de Markson, vendo o que ela tinha perdido antes — a respiração superficial, as linhas brancas entre lábios cheios franzidos apertados. “Ela não está tendo orgasmo, está?” A vontade de levantar-se e arrancar o vampiro para longe da outra mulher deixou todos os músculos de seu corpo tensos ao ponto da ruptura.

“Ele está fazendo doer.”

“Dmitri” — soltando a frágil haste de sua própria taça antes que ela a quebrasse — “se ele é o melhor amigo de Tommy, então...”

“Sim. Exatamente.” Seu olhar mudou pra a porta de entrada. “Bluebell está aqui.”

Os filamentos de prata das asas de Illium capturaram a luz quando ele entrou. As mulheres na sala — e mais do que alguns homens — ficaram imóveis, observando seu progresso com os olhos cheios de admiração e *desejo*.

Raiva, uma coisa brilhante, afiada, continuou a cantar uma penetrante canção em seu sangue, mas ela disse: “Olá, Illium.” quando ele agarrou uma cadeira da outra mesa e virou-a para sentar com os braços apoiados nas costas, suas incríveis asas descendo para encostar-se ao chão.

“Olá, Honor St. Nicholas.” Seus olhos, aqueles belos olhos dourados ponteados com os mais impossíveis cílios, se fixaram nela. “Parece que você quer usar uma faca na carne de alguém e observar o sangue formar gotas em sua pele.”

⁸É uma pessoa que busca intimidade emocional e sexual com um músico ou outra pessoa famosa.

“Sim,” ela admitiu, “Mas eu tenho que esperar.”

Illium roubou seu champanhe, tomou um gole, e estremeceu. “Nunca gostei dessa coisa.” Colocando a taça de volta na mesa, ele virou-se para Dmitri. “A palavra é, Tommy está escondido porque está com medo de alguém. Isso foi antes de Honor ser atribuída à Torre, então não é de você.”

Os olhos de Dmitri nunca se moveram de Evert Markson. “Faça-me um favor. Voe à casa de Evert e veja se você encontra alguma coisa interessante.”

O anjo de asas azuis saiu sem mais conversa.

Ao lado dela, Dmitri sorriu e era um sorriso frio, gelado. Ela sabia que ele tinha em sua mira antes de virar a cabeça e ver Evert. Engolindo compulsivamente enquanto ele empurrava a morena de seu colo sem cuidado, seus olhos deslizaram entre Dmitri e Honor. O reconhecimento naqueles olhos foi uma confirmação de que Tommy tinha levado seu melhor amigo ao jogo.

Quando Dmitri não fez nada para impedir o vampiro de sair, ela começou a levantar-se. Ele agarrou seu pulso. “Deixe-o cozinhar em seu medo, Honor.” O murmúrio de Dmitri era um roçar de seda sobre seus sentidos. “Evert não é tão esperto quanto Tommy. Eu sei onde ele está indo.”

Era difícil sentar e observar um dos homens que a tinham torturado sair de sua vista.

“Você pode estar errado.”

Um polegar movendo-se sobre sua pele. “Eu não estou.”

Ela olhou para baixo, surpresa por perceber que ele a estava tocando... E que ela não tinha vontade de afastar-se. “Aroma é a única coisa que você faz, Dmitri?” ela perguntou, sentindo um calor lânguido invadir seu sangue. “Ou você tem outras compulsões em seu comando?”

“Eu deixarei que você descubra.” Acariciando-a mais uma vez, ele levantou. “Vamos brincar com nossa presa.”

Honor segurou suas palavras até que eles estivessem dirigindo através dos céus cinzentos enevoados pintados pela última borda da noite, o vento frio, como uma mordida que sugeria chuva. “Eu não quero me tornar tão fria.” Perder sua humanidade. “Eu não quero sentir prazer na dor dos outros.”

Mudando a marcha com uma facilidade cruel, Dmitri começou a ir em direção à Ponte de Manhattan. “Às vezes não há escolha.”

A escuridão antiga de suas palavras enrolou-se nela. Ela já tinha dito a si mesma que ele era um homem que nunca compartilharia seus segredos, mas ela não podia *não*

perguntar, não podia não tentar ver por debaixo da superfície mortal, sofisticada, quando era sobre Dmitri. “O que Isis fez a você?” Instinto—primitivo, visceral—disse a ela que isso foi a gênese do que ele tinha se tornado—um predador que tinha muito poucas linhas morais que ele não cruzaria.

Seus cabelos chicoteavam seu rosto enquanto ele os conduzia para a ponte, o carro ronronando elegante e perigosamente sobre a larga extensão. “Eu não sou bonito como Illium, mas sou um homem que as mulheres querem em suas camas.”

Sim, ela pensou. Olhar para Dmitri era pensar em sexo. Olhos ricos, escuros, cabelo preto, pele de um tentador tom quente entre o mel e o castanho, lábios que falavam de prazer e dor, um corpo que se movia com uma graça letal que incitava fantasias sexuais de como ele poderia mover-se com—dentro de—uma mulher. “Mas você não é um homem que pode ser possuído.” Tentar seria tanto tolo quanto perigoso. “Você escolhe suas próprias amantes.”

“Isis não pensava assim.” Nenhuma mudança em sua expressão. “Eu era um mortal então, fraco. Ela me queria e quando eu disse não, ela me tomou.”

“Quem quer que tenha pegado você, caçadora”—uma longa, lenta lambida ao longo do interior de sua coxa—“devo-lhe meus agradecimentos.”

Ela enrolou suas mãos em punhos. “Ela machucou você.”

Nenhuma resposta.

Foi talvez uns vinte minutos depois que ele levou o carro a uma silenciosa parada do outro lado da rua de uma moderna casa de dois pisos situada atrás de uma pequena cerca viva. Pintado no que parecia ser um negro estiloso, as molduras das janelas e o telhado eram destacados em um profundo vermelho vivo até mesmo nas sombras monocromáticas antes do amanhecer.

“Esta não pode ser a casa de Evert.” Ele estava usando um relógio de platina, um terno italiano. Não era o tipo de homem que ficaria satisfeito com uma casa pequena, embora moderna.

“É de sua antiga amante,” Dmitri respondeu depois que eles tinham saído do carro e começado a caminhar em direção à frente da casa. “Evert acredita que Shae continua tendo uma quedinha por ele.” Ele puxou uma chave. “Ele está errado.” Destrancando a porta, ele entrou com passos silenciosos.

Honor o seguiu, alcançando atrás de si para fechar a porta. O corredor estava desprovido de luz, exceto pelo brilho sutil da pequena lâmpada na parede da escada, mas a casa não estava quieta como deveria ter estado naquela hora da manhã. Pegando sua arma, ela segurou-a a seu lado enquanto eles subiam as escadas, Dmitri com a graça de uma pantera, ela com um passo mais mortal.

"...Eu tenho certeza." Uma voz feminina apaziguadora. "Sente-se, Evert querido."

"Ele estava olhando *diretamente para mim*." Palavras ofegantes, recortadas. "E a caçadora estava com ele!"

Aquela voz. Honor o conhecia agora, lembrava exatamente o que ele tinha feito, como ele tinha rido aquela risada aguda mais adequada para uma garota adolescente.

"Qual caçadora?"

"Tommy prometeu que ela estava acabada, como lixo. Não sabia de nada, ele disse. O bastardo mentiu para mim."

"Isso pode não ser verdade. Ele é seu melhor amigo." Sons farfalhantes, como se Shae tivesse ficado de pé. "Por que você não liga—"

"Você não acha que eu não tentei?" Um grito rouco, seguido pelo estalo inconfundível de carne encontrando carne.

Raiva, quente como sangue, embaçou a visão de Honor.

Shae, no entanto, não parecia intimidada quando ela disse, "Eu tenho certeza de que é um mal entendido. Se Dmitri quisesse prejudicá-lo, ele não teria deixado um local público detê-lo."

"Sim, sim, você está certa." Alívio, surtos de risos de menina. "Talvez ele apenas esteja fodendo a vadia. Ela tem um doce pedaço de traseiro."

Honor destravou sua arma. Do outro lado dela, Dmitri balançou sua cabeça, e ela lembrou-se que, apesar da idade, ela não percebeu nenhum sinal de verdadeiro poder em Evert Markson. Um tiro no coração poderia matá-lo—e eles precisavam que ele falasse. Forçando a si mesma a recuar do limite, não importa quão satisfatório seria transformar o coração do bastardo em estilhaços carnudos, ela seguiu em silêncio quando Dmitri abriu a porta do quarto e entrou.

Vestindo nada mais que uma calcinha de renda rosa e uma baby look branca, uma mulher pequena com pele café com leite, o cabelo uma tempestade de cachos apertados, estava de pé em frente à porta. No instante em que os viu, ela correu para dentro do banheiro atrás dela e fechou a porta, privando Evert de um refém. Girando ao redor, o vampiro gritou e lançou-se para Dmitri, suas mãos como garras.

Honor atirou nele nos joelhos.

Dmitri olhou para ela quando o vampiro pálido como um fantasma caía em um jato de sangue e ossos. "Eu não precisava de ajuda, querida." Uma declaração suave.

"Eu sei." Markson a tinha machucado de formas que tinham causados danos internos que tinham tomado dos médicos meses para consertar—vê-lo gritar não era o

suficiente para apagar as memórias, mas era alguma coisa.

E... Ele estava tentando machucar Dmitri. Honor não permitiria isso. *Não Dmitri.* “Os vizinhos provavelmente ouviram isso.”

“Não, eles não ouviram. Evert isolou essa casa acusticamente, não foi, Evert?”

“Eu não sei nada, eu juro.” Palavras soluçadas, muco escorrendo de seu nariz.

Dmitri sorriu, tão gentil quanto um punhal deslizando entre as costelas.

E Evert confessou. “Ele tinha essa cabana rústica na floresta no interior do estado— em Catskills. Ninguém pensa em procurá-lo em um lugar como aquele.” Enxugando as lágrimas, ele lutou para sentar-se em uma posição contra a cama, suas feridas já começando a cicatrizar. “Ele não está atendendo seu telefone, porém.”

“Número?”

Evert disse, olhos castanhos inocentes demais para pertencer a essa criatura, pulando em Honor antes de voltar para Dmitri. “Eu pensei que você estivesse envolvido,” ele sussurrou, esfregando a manga do casaco de seu paletó através de seu nariz. “Eu pensei que você tivesse permitido.”

14

Mesmo antes de Honor saber o que Isis tinha feito a Dmitri, ela nunca—nem mesmo por um instante—considerou essa possibilidade. Não o fez agora. Porque se ela sempre compreendeu alguma coisa, era que Dmitri não compartilhava o que lhe pertencia. “Por quê?” ela perguntou ao invés. “Que razão plausível você poderia ter para pensar isto?”

“Quando Tommy me convidou,” Evert disse, sua respiração não mais agitada, seus olhos molhados de lágrimas, “ ele disse que era um jogo novo que *todos* os vampiros de alto nível estavam jogando.”

“Se você achou que eu estava nisso,” Dmitri perguntou em um sussurro de seda, “por que você saiu correndo do clube?”

Olhos indo de um lado para o outro, lágrimas se misturando com o suor em sua face. Sem mais palavras. Sem mais mentiras. De repente, Honor não se importava com o que acontecesse com ele—ele era patético demais. “Faça o que tem que fazer,” ela disse para Dmitri, chegando perto o bastante que ele teve que se inclinar para que ela pudesse sussurrar em seu ouvido, o calor másculo e pecado primitivo dele entrando por seus pulmões para penetrar em seu sangue. “Mas ele não vale um pedaço da sua alma. Não lhe dê isso.”

A respiração dele roçou a bochecha dela, suas palavras um murmúrio baixo que a cobriu em uma luxúria íntima, fazendo que ela se sentisse estranhamente protegida... Segura. “Você tem certeza que eu tenho uma alma?”

“Pode estar espancada e marcada, mas ainda está aí.” Muitos a chamariam de tola por acreditar nisso, mas não havia nada sensato nela quando se tratava de Dmitri. Apenas instinto, primitivo e implacável. “Então, não a desperdice com esse verme.” Afastando-se, ela foi até a porta do banheiro e bateu.

A ex-amante de Evert a abriu imediatamente. Tendo colocado um robe atalhado branco, ela seguiu Honor escada abaixo, antes de tomar a frente para levá-las a um pequeno e pavimentado quintal dos fundos. “Eu sou Shae.”

“Honor.”

“Evert quebrou meu maxilar uma vez.” A mulher bonita sentou em uma das cadeiras que estavam em volta de uma mesa quadrada de madeira. “Por diversão.”

Tomando o assento oposto ao dela, Honor focou na marca feia que se formou na pele outrora perfeita. “Por que continuar com ele?”

Ela deu de ombros. “Eu tinha apenas setenta quando o conheci.”

A espinha de Honor se contorceu quando ela percebeu que Shae, tão pequena e com aqueles olhos humanos e machucados, era uma vampira. “Homens mais velhos, tão charmosos, certo?” ela disse, se forçando a permanecer relaxada. Shae não era uma ameaça, seu poder tão baixo que chegava a ser insignificante—o motivo pelo qual seu corpo ainda não tinha sido capaz de se recuperar dos danos causados pelo tapa cruel de Evert.

“Sim.” A outra mulher balançou a cabeça, seus cachos ficando presos no roupão. “Estúpida, mas ei, todas nós somos idiotas de vez em quando.” Um olhar penetrante. “Dmitri, ahn? Sem ofensa, mas quer mais estupidez?”

Sim, era. Provavelmente o pior erro de toda a sua vida—mas se afastar não era uma opção. Não mais. Se alguma vez foi. “Você está bem certa de que estamos envolvidos.”

“*Por favooooor*, como minha sobrinha-neta diria.” Shae passou as mãos pelos cabelos, ou agitada com os eventos da manhã ou simplesmente incapaz de ficar parada.

Tão jovem, Honor pensou, tão vulnerável, e era um pensamento curioso para se ter sobre uma mulher que tinha mais que meio século que ela. Mas então, tempo não era tudo. Dmitri teria sido uma força a ser reconhecida logo após sua Transformação. Shae sempre seria a presa, ao invés da caçadora.

Eternidade, Honor pensou era tempo demais para permanecer como vítima. “O que você sabe sobre Tommy?”

“Um amigo escroto de Evert. Ele tem 400 anos e ainda tem aquele olhar bajulador, suado, que mostra que um homem quer lhe ver nua—e não de uma maneira boa.” A vampira apertou o roupão em volta de si. “Evert não estava mentindo sobre a cabana. Eles me levaram uma vez lá.” Seu silêncio estava pesado com segredos terríveis demais para ser mencionados.

Nenhuma delas falou por um longo momento, que foi preenchido com os sons animados dos pássaros pulando um no outro, o longo dia deles começando.

“Eu tenho tanto medo,” Shae disse quando os pássaros se afastaram com um refrão alegre, linhas finas saindo de sua boca, “De que seja isso que eu vou virar quando envelhecer. Depravada, sentindo prazer somente com a humilhação e o sofrimento dos outros.” Um olhar de declarada preocupação. “Mesmo Dmitri... Ele mal está desse lado da linha, você sabe disso, não?!”

“Sim.” Ele não era inocente, nunca seria. “Fale-me mais sobre Tommy.”

“Ele é bom com dinheiro, então tem poder financeiro, mas é fraco, fora isso.” Dedos brincando com a lapela do roupão, caindo para girar as pontas do cinto em sua cintura. “Eles gostam de fingir que são grandes homens, mas são patéticos, ambos, ele e Evert.”

“Sim.” A voz profunda de Dmitri por trás de Honor enquanto ele saía pela cozinha. “Eles eram meros peões no esquema das coisas.”

Pela primeira vez desde que ela o conheceu, ela não mudou de posição para mantê-lo em sua linha de visão. Ao invés disso, ela permitiu que ele viesse por trás dela, colocasse sua mão no encosto na cadeira e fizesse carinho com seu polegar na pele do pescoço dela.

Terror, visceral e profundo. Seu coração galopando contra suas costelas.

Rangendo os dentes, ela manteve a mesma posição, uma pequena rebelião, uma pequena reclamação de quem ela era antes do buraco. “Sem gritos,” ela disse, palavras bruscas.

“Eu tinha minhas ordens.” Continuando a brincar com seu polegar pela pele agora suada de medo, ele falou com a outra vampira. “Evert não vai incomodá-la outra vez. Alguém vem buscá-lo em 20 minutos.”

Shae estremeceu. “Eu... Você...” Seus olhos pousaram em Honor, não Dmitri. “Você vai ficar? Se ele acordar...”

“Sim,” ela disse, pega pela ironia de Shae procurando por segurança em uma mulher que estava constantemente batalhando para não engasgar com o gosto rançoso do seu próprio terror.

Dmitri puxou um pequeno cacho do cabelo de sua nuca. “Olhe pra cima, Honor.”

Illium era uma vista fascinante contra o céu luminoso, suas asas varrendo o ar com uma graça que o fazia parecer com um sonho meio esquecido. Quando ele pousou no quintal, suas asas se abriram por um instante, ele era ao mesmo tempo muito homem, terreno e sexual, e uma fantasia inalcançável.

Ela nunca poderia se apaixonar por um homem assim. Não, parecia que os gostos dela eram mais obscuros, complicados, audaciosos. Mas ela podia admirá-lo... E ela podia se perguntar sobre as sombras além do dourado, sombras que ressoavam com algo escondido dentro dela. “Bluebell,” ela disse, lembrando-se de Erotique. “Lindo nome.”

“Eu me chamo Dmitri de Senhor Sombrio.”

“Shae,” Dmitri disse e a mulher levantou de uma vez e foi pra dentro da casa. “Agora, lindo Bluebell” —outra carícia lânguido pela pele dela— “conte para o Senhor Sombrio o que você descobriu.”

Sorrindo, Illium se apoiou na mesa de madeira, uma de suas asas bem próxima de Honor. “Eu achei isso.” Ele entregou um envelope creme. “Estava na cabeceira, posto pela empregada. Veio hoje à noite.”

Honor pegou o envelope antes que Dmitri pudesse, passando seu dedo sob a aba

para abri-lo. Dentro havia uma pequena folha de papel com uma mensagem muito simples.

A segunda caça começará em breve. Eu espero que você ache essa presa tão deliciosa quanto a primeira—a Sociedade tem as pessoas mais apetitosas.

Honor colocou a carta sobre a mesa. Vendo seu conteúdo, Illium e Dmitri trocaram palavras, mas a voz deles foram silenciadas pelo trovão destruidor em sua cabeça. “Ninguém mais,” ela sussurrou, e era um voto. “Os desgraçados não vão pegar mais ninguém.”

A resposta de Dmitri foi um simples “Não vão.” Suas mãos se curvaram na nuca dela... E ela não se afastou.

Dez minutos depois, logo após ele terminar de falar com um de seus homens na vizinhança de Catskills, Dmitri recebeu uma ligação de Sorrow. “Eu acho que fiz alguma coisa, Dmitri.”

Instintos adormecidos lutaram para acordar ao som da voz aguda de medo dela. Ele os esmagou—não podia se dar o luxo de pensar na jovem mulher da maneira como ele pensava em Misha e Caterina. “Onde você está?”

“No parque perto da minha casa, ao lado do chafariz.” Palavras trêmulas, um espírito perto de quebrar. “Perdoe-me sair escondido, eu só queria dar uma volta, só isso.”

“Fique onde está,” ele disse, aqueles velhos instintos enterrados tentando chegar à superfície novamente, difíceis e vindo de séculos de desuso. “Illium vai voar até você—ele não vai aterrissar,” ele adicionou porque podia sentir o pânico dela através do telefone. E, fosse o que ele fosse, ele não era cretino o suficiente para aterrorizá-la dessa maneira. “Eu estarei logo atrás dele.”

Illium levantou voo logo após Dmitri lhe dar os detalhes. Dmitri então chamou a patrulha de Sorrow para detalhar sua localização. “Não se aproximem.”

“Shae,” Honor disse quando ele desligou. “Ela está assustada.”

Ele viu compaixão naqueles olhos escuros como a meia-noite da floresta, ficou abalado pela habilidade dela de sentir emoções ternas. Mas ele não era como ela—tudo de bom nele tinha queimado quando o pequeno corpo de seu filho foi queimado nas ruínas do chalé que ele tinha construído para sua noiva. Tão rápido Misha desapareceu, tão impossivelmente rápido. O crepitar das chamas, o assovio do vento, nada disso tinha dissolvido o eco das últimas palavras que seu filho lhe disse:

Não me solte, Papa.

“Bom,” ele disse enfiando as memórias de volta na caixa de aço que não mais podia contê-las, “medo vai mantê-la longe de problemas.” Atravessando até a sala de estar onde Shae estava, ele pegou seu queixo. “Diga uma palavra sobre o que você escutou aqui hoje à noite e você estará acompanhando Evert como uma convidada de Andreas.”

A vampira ficou pálida. “Na... Não... Nunca.”

“Dmitri.”

Ele liberou a vampira porque ela entendeu, e foi até a porta ao mesmo tempo que a equipe de recuperação chegava, uma Honor furiosa ao seu lado. “Não havia necessidade de aterrorizá-la.” O cheiro de flores selvagens o atingiu forte enquanto ele sentava no assento da Ferrari, raspando contra a ferida bruta que era a memória da pira funeral de Misha.

“Ela é uma vítima.” Honor bateu a sua porta.

Se sentindo perverso, ele não se importou de atenuar sua opinião enquanto dirigia o carro pra longe. “Ela é fraca, um parasita. Um ano, talvez menos, e ela terá encontrado outro Evert para sangrar.”

“Você está falando de uma mulher com todas as marcas de abuso,” Honor argumentou teimosa em sua ideia, tão parecida com outra mulher que uma vez havia lutado com ele, paixão selvagem em sua voz. “Vai levar tempo até ela quebrar o ciclo.”

Ele ouviu o que ela não disse—que tinha levado meses para ela sair daquele buraco onde tinha sido jogada. “Shae,” ele disse, mudando a marcha do carro, “teve toda uma vida mortal para encontrar sua coragem. Ela não teve e nunca terá.”

Honor inspirou. “Isso é brutal.”

“Vem com o território.” Ele havia estado ao lado de uma estudante morta, não muito tempo atrás, colocado o lençol sobre seu rosto inocente e pequeno. “Vampiros que não temem consequências criam carnificina.”

“Eu sei, eu não nasci ontem.” Pondo a mão para trás, ela apertou seu rabo de cavalo.

Ele queria colocar suas mãos naquele luxuriante cabelo de ébano e beijá-la até a irritação deixá-la. A única outra mulher que ele esteve tentado fazer a mesma coisa tinha mordido ele forte nos lábios e dito que ele merecia. Mais tarde, quando a raiva passou, ela se virou para ele na cama e o beijou, hesitante e doce, sua nova mulher muito tímida para dar o primeiro passo.

Uma carícia de flores selvagens, o passado e o presente colidindo como estavam fazendo frequentemente desde que Honor entrou em sua vida. Mas essas memórias... Elas eram algumas das boas. “Diga-me,” ele disse, porque ouviu uma história em sua voz, e ele

tinha a necessidade de saber tudo sobre a vida de Honor St. Nicholas.

Um longo, frio silêncio.

Inesperadamente, ele se viu com os lábios curvados. “Illium te avisou que eu não sou nenhum cavaleiro.”

Um bufar feminino, mas ela começou a falar; “Uma das minhas primeiras caçadas foi um vampiro mais velho. Ele não estava sob Contrato, então não era sobre isso.”

Intrigado porque uma infração de um vampiro que tinha servido seu Contrato era considerada uma questão interna, Dmitri disse: “O que ele fez?”

“Roubou alguma coisa do seu anjo—um artefato antigo.” Ela ajeitou o cabelo atrás da orelha, um ato tão familiar que Dmitri sentiu como se já tivesse visto milhares de vezes. “O anjo não tinha ninguém próximo ao vilarejo onde ele sabia que o vampiro estava escondido, mas eu não estava muito longe, então a Sociedade me pediu para vigiá-lo até que o pessoal do anjo chegasse lá.”

Dmitri não disse nada quando ela ficou quieta, quase podendo tocar o negro pesado que pintava os tons de sua voz, em forte contraste com os vibrantes azul e dourado da manhã, o toque da chuva tendo passado para o Atlântico.

“Um de seus amigos,” ela disse, “tinha ligado antes para avisar que ele estava sendo caçado. Ele descontou sua raiva nos aldeões. O chão estava grudento com sangue quando eu cheguei, o ar tão cheio de ferro que eu não conseguia respirar. Ele esquartejou a todos—homens, mulheres, crianças, *bebês*.” Um chacoalhar da cabeça dela. “Essa foi a primeira vez que eu entendi que os vampiros não são mais humanos, mesmo se eles começaram assim.”

Dmitri se lembrou do caso. Não tinha sido no território de Raphael, mas no de Elijah, o Arcanjo que governava a América do Sul. “Aquele vampiro foi encontrado com múltiplos tiros no coração e grudado no chão com facas.” Ele tinha sido poderoso, o segundo em uma das cortes que reportava a Elijah.

“Eu não tinha um chip de controle,” Honor disse, se referindo à arma que imobilizava vampiros, “e ele estava a caminho de outra vila quando eu o rastreei. A única maneira de pará-lo foi rasgar seu coração e então, enquanto ele estava caído, pregar tantas facas nele que ele não poderia tirá-las todas antes da ajuda chegar.” Ela esfregou o rosto. “Eu usei cinco pentes de bala—ele continuava revivendo antes de eu colocar facas suficientes nele, e depois, quando eu pensei que ele puxaria as lâminas para fora.”

“Linda e mortal,” ele murmurou, parando o carro no parque onde Sorrow aguardava. “Eu acho isso uma mistura intoxicante.”

Honor saiu, seguindo Dmitri enquanto ele entrava no parque. “Todo homem com que eu saí desde a agressão se alarmou depois de ter falado algo que pode se parecer com

uma insinuação, e você continua a dizer coisas como essa.”

“Algumas pessoas,” Dmitri disse, “sobrevivem. Outras não. Você sobreviveu.” Ele sabia, porque conhecia o que era estar em um lugar além da desolação.

Szul selvagem apareceu entre as folhas na frente deles e naquele momento as prioridades de Dmitri mudaram. Entrando na pequena clareira, ele viu tudo com um único olhar. Illium, pousando longe das vistas de Sorrow. A jovem sentada em um tronco velho, abraçando a si mesma, seus olhos desviando do cadáver na grama em frente a ela.

A braguilha do homem estava aberta, seus genitais saindo. Sua cabeça estava em um ângulo que disse a Dmitri que tinha sido quebrada com força, enquanto sua boca estava fixa em uma expressão que lembrava um baiacu. “O que aconteceu?” ele perguntou a Sorrow, enquanto Honor foi se abaixar perto do cadáver.

“Eu estava andando”—rápido, ininterrupto, como se ela tivesse acumulando as palavras—“e a única coisa que me lembro depois é que eu estava aqui, observando o corpo dele ir cair no chão.” Seus olhos, olhos que falavam do homem—o monstro—que a tinha Transformado, encontraram os dele. “Eu estou me tornando como ele. Uma açougueira.” O cheiro do medo dela era inconfundível, mas ela manteve o olhar na mulher que tinha se tornado Sorrow. “Você tem que fazer, Dmitri.” Um sussurro. “Me finalize.”

15

“Ainda não.” Seus olhos se voltaram para o pênis exposto do homem, murcho e enrugado em morte. Um homem normal não anda com seu pênis pra fora. Mas com a memória de Sorrow apagada, não havia jeito de saber se ela tinha seduzido ou hipnotizado o humano a se aproximar o suficiente pra que ela pudesse matá-lo, ou se ela tinha reagido em legítima defesa.

Foi quando Honor se levantou, um sorriso sombrio no rosto. “Eu pensei que eu o tinha reconhecido.”

Ela passou seu smartphone.

Pegando-o, Dmitri olhou para o artigo no jornal que ela pegou sobre um Rick Hernandez, estuprador em liberdade condicional. Sua fotografia tinha sido divulgada como parte da política da polícia de alertar a vizinhança sobre criminosos violentos em seu meio. Um exame mais profundo do artigo mostrou que as duas mulheres pelas quais ele tinha sido condenado por agressão, eram pequenas e de descendência asiática.

Entregando a Sorrow o telefone, ele a assistiu começar a tremer. “Eu vou lidar com isso.” Ele colocou uma mão no cabelo dela e sentiu algo fundamental nele quebrar, se remodelar. “Venom vai te levar pra casa.”

“Venom não está aqui,” Honor disse. “Eu estou. Dê-me as chaves de seu carro.”

“Sorrow não é humana.”

“O fato de que ela quebrou o pescoço de um homem duas vezes o tamanho dela foi a minha primeira pista.” Braços cruzados, mas não havia agressão naqueles olhos cheios de mistério. Ao invés disso, ele viu uma força tranquila e uma ternura inexplicável que envolveu seu coração, arame farpado que o fez sangrar. “Eu estou armada e ela é jovem.”

“Fique com ela até Venom chegar.” Dmitri jogou suas chaves.

Ao invés de dar a volta pelo outro lado do atacante morto de Sorrow, ela andou perto o suficiente dele que as costas das mãos se tocaram. Essa era a primeira vez que ela fazia um esforço consciente para tocá-lo pele a pele.

O corpo dele queimou.

A viagem para a casa de Sorrow não demorou muito. “Venha,” ela disse pra jovem

mulher, que estava sentada quieta e abalada, uma boneca com suas cordas cortadas. Honor se via nela, como ela tinha sido antes da ligação de Sara... Antes de Dmitri. O calor da pele áspera dele ainda estava na dela, e ela se perguntou se ele entendia o que significava pra ela saber que a necessidade dela de alcançá-lo era mais profunda do que as cicatrizes deixadas pelo sequestro. “Vamos entrar e tomar um chá.”

“Eu não tenho nenhum.” Uma pausa, o olhar apagado, sem brilho, indo embora em uma fração, como se ela estivesse lutando pra se libertar do choque. “Eu tenho café.”

“Vai servir.”

Os movimentos de Sorrow continuaram a ser compulsivos e descoordenados enquanto elas entravam na casa, onde a mulher que não era muito humana começou a fazer café com movimentos rápidos e irregulares. “Uram,” ela disse sem aviso prévio. “Eu fui uma de suas vítimas.” Grãos moídos na cafeteira, reservatório de água sendo enchido. “Ele nos levou enquanto íamos para o cinema.”

De acordo com a mídia, o arcanjo Uram tinha entrado em Nova York em um esforço para tomar o território de Raphael. Mas, se Honor estava se lembrando certo, *existia* um zumbido baixo de especulação de que ele tinha algo a ver com a série de desaparecimentos ocorridos na cidade no mesmo tempo. No entanto, essa especulação tinha morrido no instante em que um suspeito mais viável foi encontrado. Ninguém queria acreditar em tal loucura de um arcanjo. “Você foi a única sobrevivente,” ela adivinhou.

“Sim.” Um riso tão amargo quanto o café pingando no bule sobre o balcão. “Embora eu não tenha certeza que alguém chamaria isso de sobreviver. Nem sempre fui Sorrow.” A cafeteira desligou naquele comentário assombrado. Servindo uma caneca, ela o deslizou para Honor antes se servir. “Eu nunca matei um homem antes.”

Honor tomou um gole do líquido quente antes de responder, se sentindo eras mais velha do que essa garota, embora a verdadeira diferença entre elas fosse provavelmente de seis ou sete anos. “Isso tira algo de você,” ela disse, porque Sorrow não precisava de mentiras, “algo que você nunca consegue de volta.”

A primeira pessoa que Honor tinha esfaqueado não tinha morrido, mas a sensação de sua faca cortando a gordura e a carne, o cheiro forte de ferro no ar, era algo que ela jamais conseguiria esquecer. “Mas,” ela continuou. “Algumas pessoas precisam ser mortas.” Aquele homem tinha a intenção de machucá-la—ela viu isso em seu sorriso amarelado no instante em que o homem do serviço social foi embora.

Ele teve a coragem de ligar para a polícia depois, gritando para eles a prenderem. Exceto que o detetive fumante tinha visto o fato de que a “vítima” tinha sido esfaqueada às três da manhã no quarto de uma menina. Às vezes, o sistema funcionava.

Uma batida superficial na porta, em seguida passos firmes entrando na casa—o vampiro que ela nunca tinha visto sem seus óculos escuros, vestido em outro elegante

terno preto, dessa vez com uma camisa cinza escura.

“Aí está você, Sorrow.” Um comentário quase gentil, com o mais fino fio de zombaria. “Parece que vou ter que ficar de olho em você.”

Deslizando sua arma de volta em seu coldre de ombro, Honor assistiu enquanto ele tirava os óculos. Alongados e de um verde brilhante, seus olhos eram os de uma víbora. “Ok,” ela disse, sem lutar com o desejo de encarar, “isso, eu não estava esperando.” Eles tinham que ser reais, a razão para os óculos escuros, mas mesmo sabendo disso, seu cérebro teve dificuldade para processar a visão, de tão estranha.

Um sorriso lento, sua pele canela-escura segurando um calor em desacordo com os olhos de uma criatura cujo sangue corria gelado. No entanto, as palavras que ele dirigiu a Sorrow eram impiedosas. “Da próxima vez que você escapar de sua guarda, eu vou encontrar para você acomodações em uma cela boa e confortável em algum lugar. Ou talvez uma jaula funcionaria melhor.”

A boca da jovem mulher se apertou. Então ela jogou a caneca meio cheia de café na cabeça do vampiro. “Vá se morder, Venom.”

Esquivando-se do míssil com uma explosão de movimento repentino, o vampiro sibilou enquanto a caneca batia na parede e quebrava, o café borrifando para respingar em seu terno chique. Naquele instante, não havia nada humano nele—somente um predador à caça. Honor tinha sua arma apontada nele antes que ele se erguesse por ter agachado quando caiu depois de evitar o copo. “Basta,” ela disse, dirigindo a afirmação para ambos. “Sorrow, limpe a bagunça. Venom, saia.”

O vampiro, fios de cabelo negro caindo sobre um rosto que era surpreendentemente bonito em sua estranha *diferença*, sorriu. “Uma arma de brinquedo não vai fazer bem nenhum a você.” De repente, ele estava na frente dela, dedos fortes e longos fechando sobre sua caixa torácica, embora ela não tivesse tanto quando o viu piscar.

Isso era demais.

Ela puxou o gatilho.

O som foi enorme no espaço fechado, o grito de Sorrow um eco reverberando. Venom caiu, segurando em sua coxa. Enfiando a arma de volta no coldre, Honor pegou o café novamente, surpresa com a própria calma. “Sem toques. Nunca.”

O vampiro fez uma careta, colocou-se em uma posição sentada contra a parede, sua mão presa ao longo da coxa bombeando sangue a uma velocidade que teria prometido a morte para um mortal. “Você sabe quanto custa essa droga de terno?”

Do outro lado do balcão, Sorrow se inclinou contra a pia, cor selvagem em suas bochechas. “Eu quero aprender a fazer isso,” ela disse, olhando para Honor. “A me defender.”

Um riso desdenhoso do vampiro que já estava começando a sarar. “Ouvi dizer que você fez um ótimo trabalho se defendendo hoje, gatinha.” O rosnado de Sorrow encheu o ar. “Você devia ter rasgado as bolas dele antes de matá-lo, sabe,” Venom disse em um tom ponderado. “Teria doído como o inferno.”

Os lábios de Honor se contraíram. “Bom conselho.” Abaixando o café, ela assistiu enquanto Sorrow ia limpar a bagunça que havia feito, olhando para Venom quando ele pegou um pedaço quebrado para dar a ela.

“Não foi consciente,” a jovem mulher disse depois de um tempo. “Eu não sei como fiz aquilo—eu sou apenas uma garota estúpida sozinha.”

Nenhuma mulher jamais deve ser indefesa.

O pensamento veio lá do fundo, de dentro dela. “Eu vou te ensinar,” ela disse, e essa foi uma decisão que não precisou de nenhuma consideração.

Venom ficou em pé, embora continuasse a favorecer uma perna. “Você tem certeza que deseja investir o tempo? Sorrow aqui pode ter uma vida muito curta.”

Despejando os cacos que tinha recolhido no lixo, Sorrow deu a Venom um olhar que era estranho à sua própria maneira, uma linha fina de verde *brilhando* em torno do castanho escuro de suas íris. “Algum dia,” ela disse em uma voz tão serena quanto um lago de uma montanha alta. “Eu vou quebrar seu pescoço. Então vou arrancá-lo com uma serra para que eu possa demorar o quanto quiser.”

O sorriso de Venom venceu em suas bochechas. “Eu sabia que você tinha isso em você, gatinha.”

Dmitri tinha lidado com a situação de Hernandez e estava em seu escritório na hora em que Honor dirigiu a Ferrari pra garagem da Torre. Vendo-a entrar na sala, toda poder feminino e força intrigante, ele não podia imaginar a mulher paralisada de terror que conheceu. E ainda assim, aquele terror ainda vivia dentro dela—ele havia provado a feiura disso no ar quando acariciou seu polegar sobre a pele dela naquela manhã. “Sorrow?”

“Indo melhor do que eu esperava.” Um olhar incisivo. “Venom é muito inteligente.”

“Ele é um dos Sete por um motivo.” Espalhando uma série de impressões coloridas em sua mesa, ele gesticulou para ela se aproximar. “Acabei de receber um e-mail do homem que eu enviei para investigar a cabana de Tommy.” As imagens eram autoexplicativas.

O corpo de Honor roçou o dele quando ela veio para seu lado. Ele se perguntou se

ela ousaria permanecer tão perto se soubesse o quanto ele estava se controlando para não dobrar a cabeça e beijar a pele delicada de sua nuca. Ela teria gosto de sal e flores silvestres, entremeado com uma feminilidade terrena que cantava uma canção de sereia para o homem sob a superfície civilizada.

“Seu agressor,” ela disse, sua atenção na foto da cabeça de Tommy pregada como um troféu de caça em sua porta da frente. “Realmente queria calá-lo.”

“Literalmente.” Satisfazendo-se com o pensamento de que ele *iria* tê-la, ele tirou seu olhar da pele vulnerável tão perto, e bateu de leve na imagem. “Eles cortaram sua língua.”

O corpo dela se pressionou uma fração no dele quando ela se inclinou para pegar outra fotografia. “O local está um banho de sangue.”

Tecendo uma onda de pecado, rico como conhaque e tão inebriante quanto, em torno dela era tão natural quanto respirar. “Eu tenho uma equipe examinando isso.”

“Dmitri.” Censura rouca, mas não raiva. “Eu vou me preparar para ir...”

“Você está exausta.” Ele examinou os círculos negros debaixo dos olhos dela, a palidez, sentiu o gelo da ira implacável. “Se você se deparasse com um deles hoje, você acabaria como a escrava de sangue deles de novo.”

Camadas de cor forte em suas bochechas. “Você pode mandar em seu empregados, mas nem sequer tente comigo.”

Alguns homens gostavam de mulheres que sabiam se submeter; outros, de mulheres que lutavam contra isso. Dmitri não tinha preferência. Ter, seria se importar com uma mulher além de uma conexão sexual fugaz. No entanto, quando se tratava de Honor, ele queria despi-la em mais de uma maneira, desvendar o mistério de quem ela era pra ele. “Um simples telefonema,” ele murmurou, olhar persistente nas curvas completas de sua boca em provocação consciente, “e Sara vai te considerar inadequada para a tarefa.”

Aquela boca achatou. “Você acha que isso vai me parar?”

“Não. Mas o fato de que você não faz ideia da localização da cabana de Tommy, vai.” Seus lábios se curvaram quando ele pegou o cálculo nela. Um rosto tão expressivo, tinha Honor, um que nunca seria capaz de esconder nada de um homem que sabia como lê-la. “Não se preocupe em pedir a Vivek para consegui-lo, a menos que você queira que ele se torne um hóspede permanente da Torre.”

“Ameaças agora, Dmitri?” Essa era, de alguma forma, uma pergunta íntima, com seu nome pronunciado com um sotaque tão perfeito, que era uma carícia.

“Você sempre soube que eu não era um homem bom,” ele disse, querendo ouvir aquela voz na cama, no silêncio de uma noite quente encharcada de prazer. “Vá para casa. Durma. Seja uma boa garota” —ele se inclinou o suficiente para que suas respirações se

misturassem, perto o suficiente que beijá-la levaria apenas o declínio de sua cabeça — “e eu deixarei você ir no helicóptero amanhã de manhã.”

“Se o que você me contou sobre Isis não foi mentira,” Honor disse, sua voz vibrando com a força de suas emoções. “Então você sabe *exatamente* como me sinto agora. Você sabe.”

A resposta de Dmitri foi impiedosa. “Eu também sei que, se os bastardos escaparem de você porque você está muito fraca, o arrependimento vai te fazer sangrar mais do que qualquer ferida.”

Cruzando os braços, Honor andou até a janela. “Você teria dormido?” Isso não era sobre razão, sobre qualquer coisa tão sensata.

“Eu não dormi,” ele disse, andando para ficar atrás dela, perigoso, musculoso, imóvel. “Mas eu não era mortal.” Nenhuma emoção em sua voz.

Isis, ela pensou, tinha feito muito pior a Dmitri do que uma Transformação forçada e estupro. “Eu vim aqui pra te dizer,” ela disse, sentindo uma raiva profunda, inexorável, que nada tinha a ver com a briga deles, e tudo a ver com um anjo morto há muito tempo, “que eu desvendei a tatuagem no caminho de volta da casa de Sorrow.”

Virando-se, ela olhou para aquele rosto sensual que a tinha assombrado desde a primeira vez que ela o tinha visto e sabia que não havia maneira de protegê-lo disso. Por que ela sentia uma necessidade desesperada de tentar, até que fosse uma agonia rasgando dentro dela, ela não sabia. “A tatuagem diz ‘Para lembrar Isis. Um presente de graça. Para vingar Isis. Uma fúria de sangue.’ Alguém está aí para se vingar pela morte de um monstro.”

Honor não subiu para seu próprio apartamento quando chegou ao prédio. Suas emoções estavam um caleidoscópio de partes despedaçadas — raiva, dor, agravação, aquela desolação estranha, penetrante... E uma *necessidade* que parecia estar sempre crescendo. Percebendo que Ashwini podia ainda estar na cidade, ela bateu na porta da outra caçadora e se encontrou convidada a entrar para tomar um sorvete e ver um filme.

“Hepburn.” Ashwini disse, cavando o pote de sorvete de menta com pedaços de chocolate que ela ameaçou defender até a morte com a colher se Honor ao menos olhasse na direção dele. “Clássico.”

Frustração agitou dentro dela por ter sido obrigada a esperar para continuar a caçar, mas, apesar disso irritar, Dmitri estava certo. Seus ossos estavam cansados, sua mente confusa depois de dias de sono oprimido por pesadelos. Então ela procurou na geladeira de Ash pelo sorvete de manteiga e noz-pecã que era o favorito dela e, botas abandonadas

na porta, se esparramou na poltrona ridiculamente confortável que sua amiga tinha desde que Honor a tinha conhecido. “Nós já vimos esse antes.”

“Eu gosto desse.”

“Por que você está de pijama?” A outra caçadora estava vestida em uma camisa velha e cinza e um par de calças de lã desbotada com carneiros dançando nelas. “São duas da tarde.”

“Eu estou de férias hoje.”

Sem sons, exceto o de sorvete sendo comido seriamente, e da conversa na tela. Surpreenderia muitas pessoas como estar com Ashwini podia ser tranquilo. A maioria nunca tinha visto a outra mulher sem a espinhosa armadura emocional que Honor tinha reconhecido no instante em que elas se conheceram no bar da Sociedade em Ivory Coast, não entendia que ela era uma das pessoas mais acolhedoras que Honor um dia conheceria. Falhas, cicatrizes, nada disso a assustava.

Pegando mais menta e chocolate, Ash disse: “Você não vai acreditar no que Janvier fez dessa vez.”

“Não pode ser tão ruim, já que você não está me convidando para o funeral dele.” Ashwini e o vampiro de duzentos e tantos anos tinham uma relação complicada.

Alcançando a mesa do lado, Ashwini pegou e passou uma pequena caixa para Honor. A caixa revelou conter um impressionante pingente de safira de corte quadrado fixada em platina, o engaste um pouco irregular, uma fração fora do centro... Como se a pessoa que tinha encomendado soubesse que nada tão suave, tão perfeito seria apropriado para Ash.

Ponto pra você, Cajun. “Você vai usá-lo?”

“Isso só vai encorajá-lo.”

“Ah, então está tudo bem se eu pedir pra sair com ele?” ela brincou. “Ele é muito sexy, *cher*.”

“Engraçado.” Ash apunhalou a colher pra ela. “Conte-me sobre Dmitri.”

É claro que sua melhor amiga tinha descoberto. “Eu me sinto como uma mariposa atraída pela chama.” Contato machucaria, pode ser fatal, e ainda assim ela não conseguia parar. Obsessão ou compulsão, ela não sabia, mas ela sabia que, antes que isso acabasse, ou ela acabaria na cama de Dmitri... Ou um deles sangraria vermelho mais escuro.

16

Dmitri envolveu Elena em tentáculos de uísque e rosas florescendo à noite, rico e sedutor, quando a Caçadora da Sociedade entrou na biblioteca da casa que ela dividia com Raphael no Enclave Angélico, as pontas de ouro branco de suas asas arrastando-se ao longo do carpete.

Seu queixo firmou, olhos pálidos se estreitaram. “Fraco esforço, Dmitri.”

Tinha sido, sua atenção em outra mulher. “Eu estava sendo educado.” Elena era mais sensível às suas habilidades do que qualquer outro caçador que ele já tinha conhecido, provavelmente como resultado do horrível massacre que tinha terminado sua infância.

Dmitri teria abrigado e protegido a criança que ela tinha sido, mas ele não podia, não iria, ter misericórdia da adulta—porque ele não era o único vampiro que podia atrair com essência. Os outros membros do Grupo não hesitariam em usar a vulnerabilidade de Elena como a mais traiçoeira das armas contra ela. E Elena era o coração de Raphael.

“Eu ouvi sobre H... Sorrow.” Uma expressão solene, palavras silenciosas. “Como ela está?”

“Incerta.” O futuro da menina permanecia uma coisa frágil que podia ser destruído com um único ato brutal. “Ela agiu em legítima defesa hoje, mas parece incapaz de dominar ou canalizar a violência.”

A cabeça de Elena virou em direção à porta no instante que Dmitri sentiu a aproximação da presença de Raphael. Abrindo aquelas asas de meia-noite e amanhecer atrás de si, ela caminhou para tocar o peito de Raphael com suas mãos, alguma coisa silenciosa e poderosa passando entre o arcanjo e sua consorte.

Mantinha-se incompreensível para Dmitri como Elena, um anjo com um fraco coração mortal, tinham formado tal ligação com Raphael. Mas ele tinha feito um voto e ele defenderia aquele laço com seu último suspiro. “Sire,” ele disse quando os dois se afastaram, “eu gostaria de falar com você.” *É sobre Isis*. Ele não sabia o quanto o arcanjo tinha contado à sua consorte.

Eu imaginei. Olhos de um intenso, infinito azul encontraram os seus antes de mudarem para Elena. “Sua indulgência.”

Elena olhou entre os dois, olhar perceptivo. “Eu preciso ligar para Evelyn,” ela disse, mencionando sua irmã mais nova. “Eu farei isso do solar.”

“Espere.” Dmitri e Elena concordavam em pouco, mas ele nunca tinha questionado

sua lealdade para aqueles que estavam com ela. “Você pode querer falar com Beth também. Parece que Harrison foi forçado a procurar alojamento alternativo.” Andreas tinha mencionado isso durante seu encontro, depois que falou com Leon e Reg.

Agora a boca de Elena apertou-se. “Bom para Beth se ela o chutou.” Uma pausa. “Obrigada.”

Dmitri manteve seu silêncio até ela sair. “Ela não sabe.” Ele não achou aquilo minimamente surpreendente. Raphael estava também dentro de seu segundo milênio de existência. Um ser antigo que tinha muitas memórias.

“Ela irá antes dessa noite acabar. Eu não a terei vulnerável.” O arcanjo caminhou com ele para saírem até a vasta extensão de gramado verde que levava ao precipício e a constante corrente do Hudson tingido de vermelho ouro pelo sol poente. *Eu não falarei o que é seu para contar.*

Eu sei. Ele concordou com a decisão de Raphael de resumir a situação para Elena, porque, enquanto ele não podia aceitar a fraqueza que ela representava nas defesas de Raphael, ele entendia que, uma vez que um homem reivindicava uma mulher, era sua tarefa protegê-la. Dmitri tinha falhado nessa tarefa, fracassado com sua Ingrede, e essa era uma falha pela qual ele nunca se perdoaria. “Ela realmente salvou sua vida contra Lijuan?” ele perguntou, arrancando sua mente de crua agonia do passado e as memórias de uma mulher com olhos de oblíquo marrom que tinha confiado nele para mantê-la segura.

“Não soe tão descontente, Dmitri.”

“Eu simplesmente acho que é uma verdade impossível.” E ainda assim, era verdade, então ele a acrescentaria no que ele sabia sobre Elena. “Isis... Parece que nós deixamos uma peça solta” Ele disse ao arcanjo os detalhes completos do corpo desmembrado do vampiro morto, a tatuagem.

“Audaz e estúpido.” Asas de um branco com listras de ouro espalharam-se numa fração.

Dmitri deu um passo atrás, examinando as penas. “Suas asas, o ouro está se espalhando.” Suas primárias estavam quase que totalmente metálicas, a luz do sol brincando nos filamentos em faíscas brilhantes.

“Sim,” Raphael disse, fios de cabelo levantando de seu rosto com a brisa do início da noite. “Ficou aparente na noite depois que eu confrontei Lijuan. Elena acha que eu estou evoluindo de alguma forma. Nós veremos.”

A última vez que um arcanjo tinha evoluído, ela tinha levantado os mortos. Mas Raphael nunca tinha cometido as atrocidades que manchavam as mãos de Lijuan, e ele era o filho de dois arcanjos. Sua evolução não podia ser prevista.

“Eu compilei uma lista de todos aqueles que permaneceram leais a Isis até o fim,” Dmitri disse, mesmo enquanto ele considerava as vantagens táticas de esconder a verdade do porque as asas de Raphael tinham mudado de cor. “Jason está rastreando seus paradeiros.” Ninguém tinha sido visto entrando no país, mas isso não significava nada.

“Eu falarei com ele. Eu tenho mantido uma discreta observação de certas pessoas através dos séculos.” Um olhar a partir daqueles olhos azuis inumanos. “Assim como você, Dmitri.”

“Nenhum deles poderia ter feito isso.” Ele já tinha se certificado disso. “No entanto, jogos,” ele disse, “não importa o quão viciosos, são algo com que posso lidar com facilidade.” Mesmo se aqueles jogos tentassem despertar o fantasma de um anjo que não tinha merecido a morte rápida que eles lhe deram. “É a segunda situação que está se tornando mais crítica.”

Raphael ouviu em silêncio enquanto Dmitri estabeleceu os fatos da “caçada” mortal. “Esta Honra,” o arcanjo disse quando Dmitri terminou, seu tom gelado com raiva, “ela é competente?”

“Sim.” Mente brilhante, coração humano, olhos antigos.

“Elena é uma melhor rastreadora.”

Impossível disputar, já que Elena era uma caçadora nascida, um cão de caça no que dizia respeito a vampiros. “Essa habilidade não é necessária no momento.” E esta era a caçada de Honra, como Isis tinha sido de Dmitri. “Nós estamos desenterrando as cobras, não perseguindo-as.”

“Uma analogia apropriada.” Asas farfalhando quando ele dobrou-as apertadas em suas costas, Raphael virou para olhar diretamente nos olhos de Dmitri. “Muitos acreditam que tal depravação é exatamente o que você saborearia.”

Dmitri sabia isso, entendia o quão perto ele estava de cruzar linhas que não podiam ser descruzadas. “Parece que até mesmo eu ainda não sou tão degenerado.”

Você nunca prejudicaria uma mulher de tal forma, Dmitri. A voz do arcanjo em sua mente, a pureza disso quase dolorosa. Nós dois sabemos disso. Essa é a razão pela qual eu permito que você pressione Elena de formas pelas quais eu mataria outro.

Alguns diriam que você confia demais em mim, Sire.

E alguns diriam que você está sendo desperdiçado como um segundo quando poderia governar seu próprio território.

Parece que nenhum de nós preocupa-se muito com a opinião dos outros.

Juntos eles caminharam de volta para a biblioteca e pelo corredor que levava à porta de entrada.

“Venom precisará deixar a cidade em breve,” Raphael disse. “Galen é forte, mas eu quero que ele tenha outro dos Sete no Refúgio. Naasir deve permanecer em Amanat.”

Dmitri suspirou. “Aodhan está falando sério sobre vir para Nova York?”

“Sim.”

“Ele causará caos.” Com olhos de vidro quebrado e asas de diamante brilhante, Aodhan se destacava mesmo entre os imortais.

“Ele está apto a voar tão alto que os mortais vislumbrarão apenas uma sombra que fragmenta luzes.”

Dmitri assentiu. Aodhan tinha uma aversão ao toque, uma que Dmitri compreendia. Ele tinha estado na Medica quando o anjo tinha sido trazido duzentos anos atrás. Raphael tinha carregado o corpo emagrecido e incrustado de sujeira de Aodhan em seus braços, deitando-o com o máximo de cuidado para não esmagar suas asas que eram pouco mais do que fitas de tendões penduradas em ossos.

Tinha sido, Dmitri pensou, a última vez que alguém tinha segurado Aodhan de alguma maneira, modo ou forma. “Eu concluirei a transferência.” Ele coçou o queixo. “Eu preciso de alguém com Sorrow, e Aodhan não será adequado.”

“Janvier.”

“Sim.” O Cajun adulator não estava mais sob Contrato, mas ele tinha provado sua lealdade a Raphael e era uma lealdade que ia até o fundo. “Eu vou contatá-lo mais próximo à data de transferência.”

“Dmitri.”

“Sire.”

“Você está bem?”

Dmitri sabia o que o arcanjo estava perguntando. “Isis está morta e enterrada, este impostor nada mais é que uma irritação.” Os fantasmas que o perseguiam eram muito mais suaves... E cortavam tão profundamente que ele sangrava internamente sem cessar.

O sonho não era um pesadelo. Aquele fato surpreendeu Honor o suficiente que ela quase acordou, mas o prazer, oh, o prazer era muito para resistir.

Um corpo masculino forte sobre o seu próprio, uma mão áspera em sua garganta enquanto ele a beijava com uma preguiçosa paciência que ela sabia que poderia tornar-se exigente sem aviso. Mas hoje, hoje ele queria jogar. E ela era seu brinquedo disposto. “Abra,” ele murmurou e ela abriu

os lábios, o deixando deslizar sua língua dentro.

Era um ato perverso, decadente, um que ela tinha permitido logo no início de seu namoro, sua resistência a ele tão frágil a ponto de ser fumaça. Sua recompensa para tal pecado tinha sido um prazer que tinha roubado sua respiração, o gosto dele um vício. Agora, aquela bela boca explorava a sua com aberta possessão enquanto ele enfiava sua coxa entre as dela, empurrando-a até roçar contra a parte mais macia dela.

Ela gritou ao sentir os pelos crespos em sua perna, o duro flexionar de músculos. Nua como ela estava—ele a tinha feito tirar a roupa para ele, a fez ir devagar enquanto ele a devorava com os únicos olhos que já tinham visto ela assim—nenhuma parte dela estava a salvo do calor proprietário de seu toque. Movendo a mão da garganta dela para baixo, para o peito que tinha ficado ainda maior e mais cheio durante a primavera passada, ele apertou. Não muito forte para a carne sensível. Apenas forte o suficiente.

“Por favor,” ela sussurrou, sabendo que ele não teria piedade dela hoje à noite.

Uma risada rouca que vibrou através de seu corpo. “Nós acabamos de começar.” Puxando seu mamilo, o torcendo um pouco. Ela rebolou contra ele, a pele dele lisa e úmida onde pressionou contra ela. Alcançando-a embaixo, ele insinuou uma mão entre suas coxas e sua carne inchada. “É isso que você quer?” Um movimento sobre o cerne quente no ápice de suas coxas.

“Oh!” Foi um grito frustrado quando ele deslizou seus dedos através das dobras sensíveis antes de retirá-los. “Mais.”

Sorrindo para ela na pungente escuridão, ele trouxe aqueles dedos para seus lábios em vez disso, sugando profundamente. Seu ventre se apertou, porque ele usava aquela boca pecaminosa para sugar sua mais íntima carne tão profundamente quanto, quando estava no humor. Hoje à noite, no entanto, ele parecia contente em fixá-la em sua cama simples e provocá-la até deixá-la febril com mãos calejadas que conheciam todos seus segredos, cada fantasia—ele a tinha convencido a sussurrá-las em seu ouvido este último inverno, enquanto o mundo estava quieto ao redor deles. E então ele tinha dito suas próprias a ela.

Quando sua boca desceu sobre o cume duro de seu seio, ela quase chorou de alívio. Ele rolou seu mamilo em sua boca, mordeu uma fração para lembrá-la que ele estava no comando... Depois sugou tão duro que ela se esfregou contra sua coxa com frenética necessidade, nenhuma timidez mais com ele, não agora. Bem quando ela teria ido, achado aquele lugar secreto que ele havia mostrado a ela em um campo com um sol dourado, três verões atrás, ele retirou sua coxa.

Ela estremeceu. “Bruto.” Ele tinha sido tão cuidadoso com ela aquele dia, tão gentil, mesmo enquanto seduzia a melhor das meninas a deitar com ele na grama, sua mão acariciando sob seu vestido para tocá-la de forma que ninguém jamais a tocou.

Ela havia se chocado com o prazer cru que ele tinha estimulado nela com as mãos ásperas e marcadas de uma vida esculpida na terra, sua pele escura do sol. Ele tinha provado suas lágrimas, acariciado ela em meio ao tremor, e então ele tinha acariciado ela sobre o vestido e despido-a ao sol,

para os beijos de seus olhos... Sua boca. Sim, ele era um bruto.

Seu bruto.

Agora, ainda sorrindo, ele abaixou sua cabeça para seu negligenciado seio, puxando para cima uma coxa musculosa ao mesmo tempo, prensando sua delicada carne nas mais requintadas formas. Oh, sim. Agarrando a seda negra de seu cabelo, ela arqueou dentro de sua boca enquanto seu corpo tremia e quebrava em uma explosão de calor líquido.

“Aí,” ele murmurou contra sua boca quando ela pôde ver novamente, quando ela pôde ouvir novamente, embora seu peito continuasse a erguer-se, “Agora você irá se comportar, não irá?”

Acariciando uma mão para baixo em sua mandíbula com barba, ela puxou-o para baixo. “Beije-me, marido.”

“Marido.” Honor acordou com a palavra em seus lábios, as imagens do sonho tão vívidas quanto os pequenos espasmos em seu corpo. Ela gemeu ao perceber que teve um orgasmo, suas coxas apertadas ao redor de um travesseiro. Mas ao invés de empurrar longe, ela o esfregou contra ela, tentando segurar os vestígios de um sonho mais erótico do que qualquer experiência da vida real que ela tinha tido—um sonho que retornou um sentido sexual de prazer que ela tinha imaginado ter sido roubado para sempre.

“Aí, agora você irá se comportar, não irá?”

Seus mamilos eram quase pontos dolorosos, tremores ondulando entre as pernas. “Oh, Deus.”

A coisa estranha era, ela nunca tinha sido atraída por homens dominantes na cama, não teria esperado achar o sonho tão sexy—especialmente depois da agressão. Se ela fizesse sexo de novo, ela teria assumido que seria com algum homem que seria gentil e paciente com seus medos.

Uma face brutalmente bela, olhos escuros com uma ponta de ameaça.

Sim, Dmitri não era gentil em nenhum sentido da palavra, mas não havia dúvidas da energia sexual entre eles. Ele era, ela foi forçada a admitir, a provável inspiração de seu amante dos sonhos sem rosto. Suas mãos se fecharam nos lençóis pela memória sensorial do peso de seu amante sobre ela, tão pesado e áspero, a sensação de sua mão calejada moldando seu peito, a maldosa inteligência de sua boca, o cume rígido de uma considerável ereção pressionada contra ela.

Músculos baixos em seu corpo se apertaram, querendo aquele grosso calor empurrando dentro dela.

“Hora do banho frio,” ela murmurou, empurrando os lençóis para ver que ela estava nua.

Pânico disparou e ela foi alcançar sua arma embaixo de seu travesseiro—até ver as

roupas espalhadas no chão, como se ela tivesse jogado elas ao redor da noite. Rindo, ela disse, “Que sonho.” Um que ela não se importaria em repetir, se fosse ser honesta. Ser atormentada até o orgasmo por um homem em que seu eu dos sonhos claramente confiava... Sim, isso era muito melhor do que lembrar aquele buraco negro cheio apenas de dor.

O relógio mostrava que ela tinha realmente dormido por uma alarmante quantidade de tempo—era cinco e meia da manhã, e ela tinha caído na cama às seis do dia anterior. Banhando-se, ela vestiu-se, incluiu as armas, e estava prestes a ligar para Dmitri quando seu celular tocou.

Ela atendeu encontrando o substituto de Sara, Abel, na outra extremidade. “Há algum tipo de situação em Little Italy,” ele disse, “Você pode dar uma olhada?”

Cada parte dela ansiava chegar a Catskills, mas ela era uma caçadora e aquilo significava alguma coisa. “O sinal vai cair no elevador,” ela disse. “Ligo para você de volta quando alcançar o chão.”

Uma vez lá, ela dirigiu-se para a rua. “Então, detalhes?”

“Sim, não muitos,” Abel disse. “Os policiais estão lá. Ninguém sabe ao certo o que está acontecendo, mas se você achar que é nosso, ligue-me de volta e eu atribuirei alguém. Seu contrato com a Torre tem prioridade. Aqui está a rua.” Ele leu em voz alta.

“Certo,” ela disse, parando um táxi e entrando. “Eu ligarei para você depois que der uma olhada na cena.”

O motorista começou a dirigir. “Caçando?”

Ela assentiu e deu a ele o endereço. Era estranhamente confortável ser identificada como uma caçadora, porque, por meses depois do sequestro, ela não tinha sido. “O mais rápido quanto você puder.”

Os olhos do taxista se moveram no espelho retrovisor, para baixo, e de volta novamente. “Ei, você não é aquela caçadora que estava desaparecida?”

Suas entranhas retorceram-se. “Sim.”

Houve uma especulação sinistra em seus olhos no espelho desta vez. “Eu ouvi que você entrou no hospital coberta por mordidas de vampiros.”

A Sociedade tinha feito tudo em seu poder para apagar a fofoca depois de seu retorno, mas não houve nada que eles pudessem fazer sobre as pessoas fora da Sociedade envolvidas em sua recuperação. Adicione os inúmeros testes que ela tinha se submetido para descobrir se os bastardos que a tinham pegado tinham deixado alguma outra coisa além de hematomas, mordidas, um corpo à beira da fome, e mais do que uns poucos ossos fraturados bem como um número de lesões internas, e ela tinha sido vista em sua maior

vulnerabilidade por dezenas de pessoas.

A maioria daquelas pessoas tinha sido boa e gentil. Algumas tinham sido como esse taxista.

Os olhos brilhantes do taxista, seus lábios meio separados, ameaçavam enfiá-la dentro do buraco novamente, aquelas mãos feias, apalpantes, violando ela até não haver sobrado nada. Um mês atrás, ela teria se enrolado em si mesma e ficado calada. Um mês atrás, ela não tinha disparado balas em dois de seus atacantes. “Línguas de vampiros,” ela disse, deslizando seus dedos cuidadosamente sobre a lâmina que ela puxou da bainha de sua coxa, “Voltam a crescer quando você as corta. Humanos, infelizmente, não têm esta habilidade.”

Ele choramingou e abaixou sua cabeça. Suor estava escorrendo pelas têmporas dele quando eles chegaram em seu destino, e ele não podia nem mesmo falar as palavras para pedir o valor. Passando seu cartão de crédito, ela pagou e saiu.

Nunca mais ninguém a arrastaria para dentro da escuridão.

17

“Nicholas!”

Olhando pra cima ao som do seu nome, Honor viu um grande policial negro com uma distintiva uma barba grisalha por fazer que parecia ser um elemento permanente.

“Santiago,” ela disse, tendo trabalhado num caso com ele há alguns anos atrás, uma das raras vezes em que ela foi colocada numa situação em Manhattan. “O que você tem?”

“Isso.” Ele passou por baixo da barreira de fita da cena do crime para se agachar ao lado de um corpo deitado meio em cima, meio fora da calçada. Levantando a lona que cobria a vítima, ele acenou para ela dar uma olhada.

“Parece que ele foi atacado por um cão.” O pescoço do jovem homem estava rasgado, como se tivesse sido mastigado.

Santiago grunhiu. “Sim, exceto que os únicos lugares que estão mastigados são o pescoço e o interior da coxa.”

As artérias carótidas e femorais.

Inclinando-se pra perto, ela examinou visualmente ambas as feridas. A calça da vítima estava agrupada ao redor de seus tornozelos, mas ele ainda estava com a cueca, então o ataque tinha sido pelo sangue—embora seu atacante tivesse desperdiçado uma grande quantidade, pelo que ela viu ao redor do corpo. “Eu não sou patologista, mas me parece que a ferida está degradada demais para determinar se foi um vampiro.” As marcas das presas haviam sido destruídas na bagunça da carne.

“Um dos caçadores nascidos poderia cheirar a pele,” ela disse, “ver se eles conseguem o cheiro do vampiro. Ransom está na cidade, não tenho certeza quanto a Elena—eu vou ligar para a Sociedade, perguntar se um deles pode passar aqui.” Tudo nessa cena parecia fora do lugar. A opinião de outro caçador seria bem-vinda. “Os respingos de sangue deixam claro que ele foi morto aqui,” ela murmurou depois de fazer a solicitação. “Bastante público à noite.”

“Sim, mas essa rua é quase toda de negócios diurnos, sem restaurantes, um bar,” Santiago disse, as sobrancelhas grisalhas pesadas sobre os olhos marrons desbotados. “A equipe do bar havia limpado e foram embora daqui pelas três e meia, de acordo com o gerente que acabei de acordar. A lavanderia da rua abre às seis e meia. Dada a hora em que nosso informante anônimo achou o corpo, eu apostaria que foi entre quatro e cinco horas.”

“Antes de ficar claro.” Honor assentiu. “Caso contrário, provavelmente teria algumas pessoas que cortariam caminho para a entrada do metrô.”

“Sim, eu vou ter meus homens sondando a área amanhã de manhã, ver se podemos pegar algum do tráfego pedestre regular.” Ele olhou pra cima quando uma sombra varreu acima deles.

Um instante depois, um anjo pousou ao lado deles, suas asas do preto mais impressionante, passando a azul meia-noite e índigo, e depois pra um tom cintilante que lembrou a Honor do amanhecer, até que as primarias fossem de um cintilante branco-dourado. Alta, com músculos flexíveis sobre sua estrutura, Elena tinha o tipo de graça que vinha somente com o conhecimento de como mover o corpo contra adversários que eram geralmente mais fortes e mais rápidos.

Honor tinha visto as fotos, é claro, mas a realidade de uma companheira caçadora com asas era surreal. “Eu sei que estou encarando,” ela disse no silêncio que tinha caído. “Mas, Elena, você tem *asas*.”

Elena riu, seus olhos parecendo prateados a essa luz, seu cabelo úmido quase branco puxado pra trás em uma elegante trança francesa. “Eu ainda acordo surpresa alguns dias,” ela disse, seu rosto perdendo o brilho quando ela se virou para Santiago. “Vou verificar o cheiro.” Aquelas incríveis asas espalharam na rua suja quando ela ajoelhou-se no asfalto.

Elena não pareceu se preocupar com isso, afastando a lona para examinar o pescoço, depois a coxa ferida. “Não existe cheiro nele que possa ser vampiresco.” Sua voz era decisiva. “Eu esperaria algo forte, dado o tempo que o atacante teve que passar com a vítima.” Ela olhou para Honor, linhas de expressão marcando o dourado profundo de sua pele. “Esse é estranho. Humano com dentes afiados, talvez?”

Dentes afiados.

Essa era a sugestão que a mente de Honor precisava, batendo de volta para um pequeno artigo em um informativo da Sociedade que ela leu enquanto estava no hospital.

“Santiago, podemos movê-lo apenas o suficiente para que eu possa ver a parte de trás do ombro direito?”

“Sim, sem problemas.” Colocando as mãos enluvadas sob o corpo, ele o moveu para o lado. Elena rapidamente colocou as luvas também para que pudesse ajudar a segurar o corpo enquanto Honor deu a volta para puxar a blusa da vítima pra cima. Nem o policial nem a caçadora disseram uma palavra, mas Honor podia sentir a tensão em sua língua, de tão penetrante.

Decidindo fingir que não tinha notado o que era claramente uma rixa privada, ela conseguiu despir o ombro da vítima. “Droga, eu não achava que ia realmente encontrar isso.”

Duas cabeças viraram para examinar sua descoberta. Era uma tatuagem pequena —

a letra V em um anel com uma asa saindo de cada lado. Elena fez uma careta. “Eu nunca vi isso.”

“Essa edição do informativo da Sociedade saiu quando você estava fora enquanto suas asas cresciam.”

“Você realmente lê o informativo? Achei que pessoas como você eram lendas urbanas.”

“Meio que só vi com o canto dos olhos,” ela disse com um sorriso que pareceu natural. “Esse ‘movimento’” —ela bateu de leve na tatuagem— “aparentemente se originou em Londres. Parece que atravessou o Atlântico.”

Abaixando o corpo de volta, Santiago levantou-se, suas juntas rangendo como madeira velha. “Conte-me sobre isso.”

Honor se levantou também, ciente de Elena puxando suas asas apertadas nas suas costas enquanto ela seguia. “Minha informação está desatualizada, mas é um grupo exclusivo clandestino iniciado por adolescentes mais velhos e pessoas com seus vinte e poucos anos. Eles imitam o ‘estilo de vida vampírico’.” Balançando a cabeça, ela olhou para o volume debaixo da lona, triste com a perda de uma vida que mal começou. “Na maior parte é uma desculpa para fazer sexo.”

“A maioria das coisas não são, nessa idade?” Santiago murmurou.

Honor nunca tinha sido tão jovem, não podia imaginar tal inocência. “Sim, é razoavelmente inofensivo—exceto que alguns dos adeptos dão um passo à frente e bebem sangue um do outro.”

“Você está me gozando,” Santiago disse.

“Temo que não.”

“Vampiros podem beber de qualquer doador porque seus corpos processam quaisquer problemas no sangue,” Elena disse, a carranca escurecendo seus olhos para tornarem cinzas. “Essas crianças estão mexendo com sabe-se lá que doenças.”

“Se eles puderem ao menos digerir,” Honor disse, incapaz de ver a atração de uma vida governada por sangue.

Santiago puxou sua jaqueta de volta, mãos nos quadris. “Você está dizendo que devíamos procurar por vômito?”

Elena foi quem respondeu. “Isso depende do quanto ele ou ela realmente bebeu, mas sim.”

“Ótimo, isso vai fazer o dia de alguém de uniforme.”

“Alguma dessas crianças podem ter começado a pensar que *são* vampiros,” Honor adicionou enquanto Santiago chamava um jovem oficial, que enrolou o lábio na tarefa dada por ele, mas começou a circular pela cena.

“Eu daria uma olhada em quais eram os amigos desse garoto. Parece-me que ele estava brincando de doador para o vampiro de alguém e as coisas saíram do controle.”

“Pelo local das mordidas,” Elena disse. “Eu aposto no sexo estar na mistura.”

Santiago passou a mão pelo rosto, sua barba raspando na palma da mão. “O bom e velho sexo e violência.”

Honor estava prestes a concordar, quando seu telefone vibrou com uma mensagem recebida. “Com licença.” Ela andou uma pequena distância, mas ainda conseguia ouvir Santiago e Elena.

“Eu peguei a coleira,” o policial disse com uma espécie de voz rude.

Uma pausa antes de Elena responder. “Eu não esperava de você.”

“Sim, bem.” O farfalhar de tecido, o arranhão de um sapato no asfalto. “Eu acho que é questão de adaptação—alguns cães velhos podem ser capazes de aprender truques novos.”

A resposta de Elena foi silenciosa. “Obrigada.”

Uma longa pausa antes de Santiago dizer: “Esse caso é a última coisa que preciso,” em seu tom normal de voz. “Nós temos aquele assassino serial inter-jurisdição sugando os recursos.”

“O que está atacando jovens mulheres mestiças?”

“Sim. Nenhum corpo, mas minha intuição diz que estão mortas.”

Quando Honor se juntou a eles, a tensão foi embora, para ser substituída por uma cautelosa familiaridade—duas pessoas que tinham trabalhado juntas muitas vezes, tentando encontrar um novo equilíbrio. Olhando para um de cada vez, ela disse: “Eu tenho que ir para a Torre.”

A mensagem de Dmitri era simples. *Ouvi que você está acordada. Então eu também estou. Vamos lá.*

A cabana era localizada no meio da mata fechada, um lugar quase afetado construído de troncos, completos com uma cadeira de balanço na varanda. Aquela cadeira estava imóvel agora, a mata tão silenciosa que nem uma simples folha parecia se mover.

Era como se as próprias árvores soubessem do horror que tinha tomado lugar nesse cenário encantador saído de um cartão postal.

No outono, ela pensou, o chão seria coberto com folhas nos inumeráveis tons do outono, mas eles estavam no meio da primavera, as folhas no alto, verdes e brilhantes. Dourado brilhava acima, mas a pesada copa significava que a luz estava difusa no momento em que chegava ao chão, acrescentando ao cinza sombrio da atmosfera.

“Quando eu era criança,” ela disse para o vampiro que caminhava ao lado dela. “Eu costumava sonhar em ir de férias para um lugar como esse. Parecia o tipo de coisa que as famílias faziam.”

Dmitri olhou pra ela, as sombras do seu rosto mais fortes, mais definidas nessa luz. “Alguma vez você já tentou rastrear os seus pais?”

“Não.” Quando ela teve os recursos para montar uma busca, ela já sabia que nada de bom poderia vir disso, nenhum final feliz que tiraria a solidão de sua infância, apagar todas aquelas peças escolares e dias desportivos em que ela tinha visto pais de outras crianças aplaudirem e torcerem enquanto ela ficava perto e fingia que não doía.

A decisão de não procurar não tinha preenchido o espaço vazio dentro dela, mas tinha libertado-a para viver sua vida sem ser prejudicada por pensamentos de como poderia ter sido. “Você ainda se lembra dos seus pais?” ela perguntou quando eles chegaram à cabana.

Dmitri contornou as manchas de sangue nos degraus onde parecia que o corpo espancado de Tommy tinha sido arrastado, e olhou para a cadeira de balanço, manchada da mesma forma. “Seja quem for que executou Tommy,” ele murmurou, “o colocou ali, o interrogou, depois de deixar claro que desafio resultaria em dor.”

Era o que Dmitri teria feito com um babaca pomposo como Tommy—o vampiro podia ter sobrevivido por quatrocentos anos, mas só porque ele ficava fora do caminho dos predadores, jogando de cachorro grande dentro do seu círculo de amigos igualmente inúteis. “Faz você se perguntar o que fez dele um alvo.”

“Ele pode ter levado Evert sem permissão,” Honor disse, olhando para a porta na qual a cabeça de Tommy esteve presa, uma lâmina grossa enfiada em sua boca e saindo através da parte traseira de seu crânio. “Tenho a sensação que o jogo era pra ser somente com convite.”

“Então, desconsiderando o segundo convite, nós provavelmente salvamos a vida de Evert.” De alguma forma ele não achava que o vampiro seria grato pelos longos anos que ele viveria nos cuidados de Andreas. “Meus pais,” ele disse, abrindo a porta. “São tão claros na minha mente como se eu tivesse os visto ontem. Talvez seja um efeito da minha imortalidade, mas alguns rostos nunca vão se apagar.”

"Dmitri!" Risada, mãos empurrando em seu peito. "Comporte-se ou você vai acordar Misha e o bebê."

Profundos olhos verdes se conectaram com seus próprios, mesmo enquanto marrom cálido permanecia em sua memória, o impacto muito mais visceral do que devia ser. "Eu vejo tanta dor em você," Honor sussurrou. "Tanta perda."

Ele não era um homem acostumado a ser lido. "Não se engane sobre mim, Honor," ele disse, porque, enquanto ele tinha a intenção de tê-la, ele não o faria com falsas promessas. "A minha parte humana morreu há muito tempo. O que restou não é muito diferente de Tommy." Pisando acima do limiar, ele olhou os respingos de sangue que decoravam as paredes, os tapetes, o chão envernizado.

"Depois dele—ou dela—interrogá-lo," Honor disse atrás dele, pegando um PDA que parecia como se tivesse sido esmagado sob uma bota pesada. "O atacante trouxe Tommy aqui e brincou com ele."

Brincou.

Sim.

Se isso tivesse sido simplesmente uma execução, a cabana inteira não estaria respingada com vermelho congelando para preto—mais ao ponto, impressões de mão não iriam riscar o chão e as paredes. "Ele foi levado a acreditar que poderia escapar." O pânico do vampiro teria sido maior ainda quando ele foi arrancado de volta.

Dmitri esperou pra ver se ele sentia qualquer tipo de piedade. Não. "Aqui," ele disse, tirando um pequeno plástico do bolso quando Honor largou o PDA danificado. "Cópia do cartão de memória. Meu pessoal está explorando por arquivos."

Pegando-o, ela o colocou no bolso. "Eu vou dar uma olhada também. Minha mente tem uma maneira de ver padrões." Ela examinou o quarto. "A violência parece aleatória, mas está estruturada de forma a infligir terror máximo."

"Os vampiros que abusaram de você," ele disse, vislumbrando o que parecia ser uma unha enfiada na parede, "algum deles traiu esse tipo de comportamento?"

Botas girando na madeira do piso, Honor saiu e desceu as escadas para as árvores. Fechando a porta da cabana atrás dele, Dmitri seguiu em um ritmo mais lento, em direção ao suave som da água. Ele saiu na costa de pedregulhos de um pequeno riacho—Honor estava apenas alguns passos à sua esquerda.

Hoje, ela estava com uma camisa caqui ajustada com mangas até os cotovelos, com aquela calça jeans que deslizava por sua forma, botas bem usadas nos pés. Simples, forte e bonita. Mas até mesmo a mais forte das mulheres tinha pesadelos que não podiam ser conquistados em um dia ou até um ano.

Sem dizer nada, ele agachou-se sobre os pedregulhos, pegando um e rolando entre os dedos. A água era limpa, o ar fresco e tocado com o perfume de cem mil folhas, o espaço acima do riacho amplo o suficiente para que a luz fosse brilhante, o céu de um azul ardente. Um belo lugar no qual considerar a violência mais indizível. “Isis,” ele disse, acessando uma seção de sua memória que tinha ficado empoeirada com a idade. “era acostumada a ser adorada, considerada uma das mulheres mais lindas do mundo.”

Aquilo não era mentira—com a pele de creme fino, o cabelo dourado brilhante, e olhos de fascinante bronze, Isis tinha incorporado as ideias mortais da raça angelical. Homens e mulheres tinham corrido para vê-la quando ela parou em sua aldeia, no que ele não tinha percebido até mais tarde ser uma viagem bem planejada para vingar-se contra Raphael.

“Você conhece o meu crime, Dmitri?” A voz de Raphael, ecoando na câmara de pedra fria debaixo da fortaleza. “Ouviram-me dizer que eu preferiria uma cobra na minha cama a Isis.”

Vaidosa e cruelmente inteligente, Isis não ficou satisfeita com simplesmente capturar e torturar Raphael pelo que não tinha sido nada além de um comentário passageiro. Não, ela tinha intenção de corromper os amigos mortais de Raphael até que eles se juntassem a ela pra ferir o anjo; ela tinha escolhido Dmitri porque a amizade do arcanjo com sua família era de gerações.

Então ela viu Dmitri.

“No início, ela viu a minha recusa polida à sua oferta com bom humor. Ela pensou que eu estava jogando um jogo, querendo um namoro.” Ele deixou a pedra cair, mas permaneceu em sua posição agachada. “Divertiu e a encantou que eu fosse aparentemente tão orgulhoso. Presentes de carnes exóticas, especiarias preciosas, tais tapeçarias que nunca tinha sido visto na minha pequena aldeia, tudo chegou dia após dia.”

18

Honor tinha diminuído a distância entre eles enquanto ele falava, até que ela ficou bem ao seu lado, perto o suficiente para que seu ombro tocasse sua perna. “Eu os enviei de volta, mas ela não se ofendeu.” Isis tinha acreditado que ele queria mais, considerando a si mesmo mais valoroso. “Pedaços enormes de ouro puro, espadas incrustadas com joias, uma cascata de tesouros que fariam um dragão orgulhoso, começaram a ser descarregados na porta simples de onde eu cultivava a terra.”

“Dmitri, eu jamais imaginei tantas coisas bonitas.”

Ele olhou para cima, viu o medo cru naqueles olhos familiares do mais escuro marrom. “Ingrede, você é minha esposa, não Isis.” Raiva de que ela tinha duvidado dele fez seu tom áspero.

“Eu sei que você não quebrará nossos votos de casamento, marido.” Mãos trêmulas colocaram o cobertor ao redor do bebê. “Mas eu tenho medo do que este anjo fará para possuir você.”

Ele havia ignorado a preocupação de Ingrede, pois, afinal, ele era um agricultor, não alguém importante. “Eu achei que ela iria eventualmente cansar de minhas recusas e seguir em frente.” Ele tinha sido um tolo, inocente de um jeito que ele não podia compreender agora. “Mas, como Michaela,” ele disse, citando a arcanjo que a maioria das pessoas considerava a mais bela mulher no mundo hoje. “Isis estava acostumada a ter tudo e qualquer coisa que quisesse.”

Seus vampiros o tinham pego enquanto ele voltava para casa depois de uma ida ao mercado, um doce para Misha dobrado com segurança em seu bolso, uma bela fita para sua esposa no outro. Para o bebê, uma coisa tão pequena como ela era, ele tinha comprado um pedaço de madeira perfumada com o qual faria um chocalho. Ele tinha visto as criaturas de Isis vindo, tinha tido tempo de dar o doce para Misha, acariciado a bochecha de sua filha dormindo, e beijado sua bonita, forte esposa como um adeus.

Ele nunca esqueceria as palavras que ela tinha dito para ele aquele dia, o amor que ela tinha envolvido ao redor dele—embora ela soubesse que ele em breve estaria na cama de outra mulher, cometendo uma terrível traição dos votos que ele tinha feito para ela numa brilhante manhã de primavera uma troca de estação antes do aniversário de Misha.

“Você me perdoará, Ingrede? Pelo que eu devo fazer?”

“Você luta uma batalha.” Sua mão tocando seu rosto. “Você fez isso para nos proteger. Não há nada para perdoar.”

“Se eu tivesse dito sim no começo,” ele disse agora, engolindo a raiva e a angústia que nunca tinham morrido, “acho que Isis teria me usado, em seguida me descartado. Eu poderia ter ido para casa.” Para a única mulher que ele já tinha amado, para seu filho, sua

filha. “Mas porque eu tinha deixado claro que não a queria, ela jogou comigo como um gato faz com um rato.” Primeiro ela o tinha levado para sua cama, ferozmente satisfeita pelo conhecimento que ele não poderia dizer não.

“Tão bonitas as crianças que você teve, Dmitri. Tão jovens... tão facilmente destruídas.”

Mais tarde, depois que ela tinha se satisfeito, ele tinha sido arrastado para as frias entranhas cheias de mofo de seu grande castelo, onde ela o Transformou com cuidado metódico. Somente após a conversão estar completa, seu corpo mais forte, mais capaz de suportar os danos, ele tinha sido despido e acorrentado em uma posição de X, cada parte dele exposta. “Ela começou com um chicote com uma ponta de metal afiada.”

“Pare, Dmitri.” Um aperto de mão em seu cabelo. “Eu não posso suportar isso.”

Ele ouviu as lágrimas, foi surpreendido por elas. Honor tinha quase se despedaçado dentro daquele buraco do inferno em que ela tinha sido mantida por dois intermináveis meses, mas de acordo com seus registros psíquicos, ela nem uma vez havia chorado durante seus meses no hospital. *Nem uma vez.* Seus médicos tinham estado altamente aflitos, preocupados se ela estava internalizando suas emoções, iria implodir. Mas enquanto ela ajoelhava-se nas pedras em frente a ele e acariciava seu rosto de uma forma que ele não permitiu nenhuma mulher fazer por perto de mil anos, seus olhos estavam inundados em umidade.

Estendendo a mão, ele traçou o caminho de uma lágrima em sua bochecha, para baixo até sua mandíbula, onde pegou a gota e levou à sua boca. O gosto salgado era estranho, uma coisa não familiar. Dmitri não tinha chorado tampouco. Não depois do dia que ele quebrou o pescoço de seu filho. “Em minha época,” ele disse, “eles acreditavam em bruxas. Você é uma bruxa, Honor, para me fazer contar essas coisas?” Fazendo-o rasgar as feridas que tinham ficado cicatrizadas em segurança por tanto tempo que, na maior parte do tempo, ele conseguia esquecer que elas existiam.

Suas mãos, muito, mas muito gentis, continuaram segurando o rosto dele enquanto ela o puxou para baixo até suas testas tocarem-se. “Eu não sou uma bruxa, Dmitri. Se eu fosse, eu saberia como consertar você.”

Uma coisa tão estranha para se dizer quando era ela que tinha sido quebrada.

Talvez ele devesse ter se irritado com sua arrogância, mas suas emoções em relação a esta caçadora não eram nada tão simples. “Conte-me.” Uma ordem.

Soltando suas mãos, ela levantou e caminhou para ficar em pé na beira do córrego, a água beijando suas botas enquanto passava pela leve inclinação e para dentro da floresta. Ele levantou, também, tomando a posição ao lado dela. Demorou um longo momento até ela falar, mas o que ela disse o levou para uma época em que ele viveu somente para a espada.

Ele tinha aprendido a lutar ao lado de Raphael, um simples homem da terra transformado em alguém que conhecia apenas o toque escuro da morte. Nada mais poderia saciar a fúria dentro dele, nem por décadas, nem por séculos. A única misericórdia era que ele tinha sido Transformado em um tempo de sangrenta batalha entre imortais, sua espada nunca sentindo falta de alimentação—aquele tempo foi a muito ido, mas Dmitri nada tinha perdido de suas habilidades mortais.

“Havia um homem,” Honor começou, olhando sobre a água, mas nada vendo do verde da primavera explodindo com a luz dourada. “O responsável.” De olhos vendados, a única coisa que ela tinha sido capaz de sentir dele tinha sido a loção pós-barba de pinheiro... E a feiura de sua presença. “Ele zombou de mim com a possibilidade que eu poderia ser capaz de convencê-lo a deixar-me ir.”

Ao invés de calar-se, ela tomou a decisão de se manter falando, porque sua voz tinha sido a única arma que ela tinha. “Quando ele entrou no primeiro dia, ele me deu um tapa tão forte que meus ouvidos ressoaram.” Ela tinha ficado atordoada pelo golpe inesperado, o lado de dentro de sua bochecha sangrando em sua boca. “Eu não o vi pelo que poderia ter sido um dia inteiro.” Ela tinha passado o tempo nua e amarrada no chão, presa a um anel de metal fixado no concreto.

Furiosa em sua determinação, ela tinha passado o dia tentando libertar apenas uma de suas mãos, tinha até feito a escolha consciente de tentar quebrar seu pulso. Mas as restrições eram muito apertadas, muito bem construídas.

“Da próxima vez, ele desculpou-se, afrouxou as correntes depois que me pendurou pelos braços novamente; e ele trouxe-me algo para beber.” Ela engoliu com avidez focada, consciente de que precisava de cada vantagem se ela fosse sobreviver a isso. “Ele queria me condicionar ao ponto que eu começaria a ser grata a ele por me permitir viver.” Mas Honor tinha passado pelo obrigatório e rigoroso curso de guerra psicológica da Academia, estado preparada para eventualidade em que ela pudesse se encontrar uma refém.

Mesmo isso poderia não ter sido o bastante, dada a duração de seu cativeiro, mas ela tinha crescido em trinta lares adotivos diferente. Alguns tinham sido bons; a maioria, habitáveis; outros horrorosos. Mas a experiência tinha lhe ensinado uma coisa—sempre, sempre olhe abaixo da superfície para a verdadeira face da pessoa. “Eu não sei por quantos dias ele utilizou essa tática. Eu perdi meu senso de tempo muito rápido.”

Como sua prisão podia somente ser alcançada por uma escada interna, ela não tinha sido capaz de contar nem com uma explosão de luz quando a porta abria, para orientar a si mesma. “Eu tentei jogar um tempo, mas ele percebeu que eu o estava manipulando.” Ela forçou a si mesma a contar a Dmitri o resto. Era a primeira vez que ela tinha falado do cárcere para qualquer um, e que fosse Dmitri... Mas talvez fosse sempre ele.

“Ele alimentou-se de mim, de minha garganta. Sua mão... Ele me tocou.” Em uma

falsa imitação de carícia de amantes, a delicadeza de seu toque não fazendo disso menos que uma violação. “Depois, ele sussurrou que sabia que tinha sido meu primeiro.” Isso, também, era verdade. Ela sempre tinha tido uma repulsa contra deixar alguém alimentar-se dela. Não tinha sido uma mera aversão, mas uma profunda, nauseante repulsa do ato, inexplicável em sua intensidade. “Eu acho que é por essa razão que ele me escolheu.”

“Planejamento,” Dmitri disse, sua voz glacial, “e a paciência para levá-lo adiante. Coloque isso junto com seu conhecimento dos apetites de Valeria, Tommy, e os outros, e isso quer dizer que estamos procurando por um vampiro forte de pelo menos trezentos anos. Alguém mais jovem encontraria dificuldade para ganhar sua confiança.”

“Sim.” A maneira pragmática dele fez isso mais fácil, a fez sentir-se uma caçadora, não uma vítima. “Eu tive essa impressão de sua fala—era moderna na maior parte, mas ele ocasionalmente usava palavras ou frases antiquadas.”

“Como ele se vestia?”

As entranhas de Honor apertaram-se enquanto sua mente trazia de volta a sensação de seu atacante pressionando-se contra ela, o corpo excitado dele fazendo com que o pouco de comida que ela tinha comido ameaçasse voltar pela sua garganta. “Terno com dupla fileira de botões.” Ela podia ainda sentir os botões cortando sua pele.

“Isso parece eliminar vários dos antigos da equação”—nenhum sinal de emoção—
“mas eu não os ignorarei ainda.”

“Sim, ele é inteligente, poderia ter alterado seu estilo normal.” Vendo a cauda listrada de um falcão-do-tanoeiro voando em um vento termal acima deles, ela seguiu seu progresso sobre as árvores. “A casa onde eles me acharam, era no meio de um projeto habitacional abandonado a aproximadamente uma hora de Stamford.”

“Eu li o arquivo.”

Ela deslocou-se para encará-lo... E quase tropeçou para trás pela raiva desenfreada naqueles olhos escuros queimando como chama negra. “Dmitri.”

Ele não respondeu, seus cabelos elevando-se na brisa que açoitava através das árvores, expondo a linha brutal de um rosto com tal beleza sensual, que ela entendeu como um anjo teve a ânsia de possuí-lo. Mas então, aquele anjo tinha *machucado* ele—a ideia disso fez uma raiva incandescente se formar na alma de Honor, tão profunda como se tivesse sido uma parte dela desde o momento de seu nascimento.

“Eu preciso voltar pra Manhattan,” Dmitri disse afinal, virando a cabeça na direção da clareira onde o helicóptero esperava. Ele pareceu mais que remoto naquele momento, um homem que não seguia nenhuma regra além das suas próprias. Mas ele esperou por ela no limite da floresta, encurtando seu passo para igualar ao dela. Ela não cometeu o erro de pensar que isso significava que ela tinha qualquer tipo de afirmação sobre ele. Seja o

que for que os atraía um ao outro, era uma construção frágil, quase quebradiça.

Dmitri era qualquer coisa, menos isso; um homem que tinha sido formado em rios de sangue.

Ainda assim, uma vez ele havia vivido em um vilarejo, tirado seu sustento da terra. Uma vida simples, mas uma pela qual ele tinha recusado as ofertas de uma anja famosa por sua beleza. A maioria dos homens teria aceitado tal convite, ao menos pela novidade disso. Talvez ele tivesse sido orgulhoso demais para ser o brinquedo fugaz de um anjo... Ou talvez seu coração já pertencesse a alguém.

Um brilho sobre sua pele, um senso de *justiça* indiscutível.

No entanto, ela engoliu a pergunta na ponta de sua língua—sobre a mulher cuja memória tinha trazido uma íntima cadência para sua voz, na única vez que ele a tinha mencionado. Não só porque esse não era a hora ou o lugar certos para perguntar, mas porque qualquer que fosse a resposta, não poderia ser nada bom. Não quando Dmitri caminhava sozinho. “Alguma palavra sobre a tatuagem?” ela perguntou ao invés.

“Os três mestres tatuadores que nós consultamos foram da opinião de que, independente da complexidade da superfície, foi um trabalho amador.”

“Maldição.” Isso tornaria o executor bem mais difícil de identificar. “E aqueles que podem ser leais a Isis?”

“Seu nome parece morto, esquecido.” Virando para encará-la, ele parou na sombra das três árvores com ramificações quase delicadas penduradas com trêmulas folhas, a área ao redor deles relativamente limpa. “Quem quer que seja que procura ressuscitá-la, está mantendo suas intenções em segredo.”

“Devoção?” Seus olhos encontraram com os dele, e neles ela viu milhares de segredos, potentes e envoltos em veludo sombrio formado de violência e dor. “Se ele—ou ela—tem reverenciado Isis esse tempo todo, ele deve considerá-la sua deusa.” Preciosa demais para sujar com o escrutínio daqueles que podem olhar para ela com um olhar mais invejoso.

“Talvez.” Não quebrando a intimidade da conexão visual, Dmitri colocou sua mão no lado do rosto dela.

Não era mais estranho, nem mais dissonante, o calor de sua pele áspera contra ela própria. E embora seu batimento cardíaco acelerasse, o fez como o de qualquer mulher sob a carícia de um homem tão pecaminosamente atraente. A decisão instintiva, ela segurou seu rosto em suas mãos quando, uma erótica chuva de chocolate amargo e ouro líquido caindo sobre seus sentidos, ele angulou sua cabeça e curvou-se para pressionar seus lábios nos dela.

Um lampejo de escuridão, de nada... E ela estava do outro lado da clareira. Olhando

para baixo, para a lâmina em sua mão, em seguida para Dmitri, ela deu um grito. “O quanto eu cortei você?” Uma pergunta dura, torcida em meio a raiva e desespero e um sentimento angustiante de fracasso.

Ele levantou uma mão pintada com vermelho por um corte em diagonal cruzando a palma da mão. “Nada importante.”

O mesmo dano poderia muito bem ter custado a um homem humano o uso dos nervos na sua mão. Empurrando a faca dentro de suas botas depois de limpá-la nas folhas caídas, ela enfiou as mãos em seu cabelo solto, seu peito palpitando como se ela tivesse corrido uma milha. “Bem, isso responde a pergunta, não é?” A distância entre sonhos e realidade era um abismo enorme.

Uma gota espessa de sangue escorrendo de seus dedos, para bater no chão em silencioso carmesim, Dmitri levantou uma sobrancelha, “Isso me diz somente que eu preciso ser mais rápido.”

O riso dela foi irregular, amargo. “Você é rápido.” Um vampiro de sua idade e força poderia quebrar seu pescoço antes que ela alguma vez visse isso vindo. “Você está me deixando machucá-lo.”

“Não, Honor. Eu não deixo ninguém me machucar.” Seda preta cruzou sua pele. “Eu estava, no entanto, olhando para seus lábios, não a sua mão na faca. Na próxima vez, eu a despirei de suas armas primeiro.”

A arrogância pura da declaração cortou através da feiura farpada de suas emoções, incitando um lânguido calor em suas veias. “É? Bem, talvez na próxima vez, eu cortarei fora essa mão,” ela disse, embora a visão de seu sangue fizesse alguma coisa para ela, gerando um repúdio visceral.

“Desde que você entenda”—aproximando-se, seus dedos tocaram o lábio inferior dela, fumaça tangível como o toque de um amante acariciando ela em lugares que a fizeram suspirar—“que haverá uma próxima vez.”

Honor não soube o que ela teria dito para aquele anúncio, porque um forte vento varreu sobre eles naquele instante, para ser seguido por um anjo com asas de branco dourado pousando a mero um metro de distância. Seu coração pulou uma batida—a maioria dos mortais que conhecia o Arcanjo de Nova York terminava morto.

Foi quando os olhos de absoluto, implacável azul caíram sobre ela, beleza insuportável... E totalmente sem misericórdia. O momento pendeu suspenso no tempo, e ela sabia que estava sendo julgada. Sua morte, ela pensou, significaria tão pouco para ele como a de um inseto. *Querido Deus*. Como poderia Elena chamar esse ser inumano de seu

consorte, levá-lo para sua cama?

“Raphael.”

O arcanjo voltou sua atenção para Dmitri, suas penas deslizando uma contra a outra enquanto ele fechava as asas. “Houve um segundo incidente.”

Honor, inalando ar para aliviar uma dor no peito, levantou sua cabeça quando Dmitri disse, “Em outro local público?”

“Não. A vítima foi deixada em um depósito gerenciado por um vampiro que ainda tem dez anos para correr em seu Contrato.”

“Sem chances do corpo não ser imediatamente comunicado para a Torre,” Dmitri falou para o arcanjo com uma familiaridade que deixou clara que a relação deles não era nada tão simples quanto um senhor e soberano. “Você poderia ter me contatado sem voar até aqui.”

Raphael olhou para Honor. “Deixe-nos.”

Ninguém jamais tinha falado com ela nesse tom. “Eu poderia,” ela disse, sem saber onde ela encontrou coragem para desafiar este ser que fez cada fino cabelo em seu corpo arrepiar em alarme tão primitivo, que veio de uma parte de seu cérebro que estava sem sensibilidade ou razão, “ser capaz de ajudar.”

O Arcanjo de Nova York olhou para ela por um longo, arrepiante momento. “Talvez. Mas isso não é você que decide.”

Os lábios de Dmitri puxaram-se para cima uma fração de segundo por qualquer coisa que ele viu em seu rosto. “Vá, Honor. Eu vou me certificar de que você possa examinar o corpo.”

Foi humilhante perceber que ela tinha sido dispensada, uma criança excessivamente ambiciosa, mas ela era esperta o suficiente para saber que isso não era nada pessoal. Raphael poderia ter tomado uma caçadora como sua consorte, mas ele não era, e jamais seria, algo próximo a um mortal. Mexendo seus calcanhares, ela dirigiu-se para o córrego mais uma vez. Quanto a Dmitri—ela resolveria essa pendência mais tarde.

19

Os olhos de Raphael seguiam o avanço de Honor. “Tenha cuidado, Dmitri. Ela tem mais espírito do que todas as suas outras mulheres juntas.”

Dmitri observou aquele corpo forte e flexível desaparecer por entre as árvores, sua força ainda mais convincente por ter renascido das cinzas da brutalidade. “Acha que estou em perigo, Sire?”

“Não. Contudo, eu também não achava que estivesse em perigo.” Permitindo que suas asas se arrastassem pelo chão de folhas mortas, ele retornou para o motivo que o tinha trazido aqui. “Desta vez a mensagem estava desvelada.”

Dmitri já tinha adivinhado. “Diga-me.”

“O homem foi marcado com um glifo. O sol escondendo uma lua minguante.”

“Agora, amante. Você nunca irá me esquecer.”

Os músculos de seu peito apertaram. “Fomos incapazes de confirmar a identidade da vítima anterior,” ele disse, sufocando a memória. “Este é nosso?”

“Não.” *Dmitri.*

Eu aguento ver o corpo. A memória era maldosa, mas não feria. “As presas?”

“Quase translúcidas.”

“Um relatório veio do laboratório esta manhã,” ele disse, voltando-se para o riacho. “Houve um problema com a primeira amostra de sangue do vampiro.” *Honor deveria escutar isso.*

Raphael caiu em passo com ele enquanto se dirigiam em direção a ela. “Conte-me sobre sua caçadora.”

“Tenho um pressentimento de que você já sabe.”

Um leve sorriso. “Você se sente protetor em relação a ela.”

Dmitri pensou na última vez que se sentira protetor em relação a uma mulher. Tinha sido há uma eternidade. Há tanto tempo atrás que ele não havia distinguido esse sentimento até Raphael apontá-lo. “É o que parece.” Tal proteção não era uma emoção que ele acolhia, falando como o fazia de laços além da fisicalidade crua de sexo.

Afundar na banha quente e úmida de uma mulher, brincar com sua companheira de cama até que ela gemesse e implorasse, era uma diversão. Prazer e dor, sexo ou sangue,

nada disso tocou o núcleo calmo e escondido do seu coração, onde ele continuava a honrar seus votos para sua esposa.

“Eu posso cuidar disso, Dmitri.”

“Não.” Eles podiam até ter matado Isis juntos, mas o anjo tinha sido o pesadelo de Dmitri. “A mensagem foi endereçada a mim. Eu encontrarei o autor.”

A forma de Honor apareceu por entre as árvores ao fim de sua declaração. Ela estava de pé, com seu corpo ligeiramente inclinado, como se tivesse percebido a abordagem deles, sua expressão com uma fria consideração.

“O sangue do primeiro vampiro,” ele disse a ela, intrigado pela percepção de que ela estava calculando uma vingança destinada a ele, “não é o que deveria ser.”

“Sangue de vampiro é distinto.” Linhas traçando sua testa. “O que tinha de errado com o dele?”

Dmitri não podia contar a ela sobre a toxina que se formava o corpo dos anjos, que era usada para transformar humanos em vampiros. Era um segredo tão profundo, que Illium havia sido privado de suas penas por ter falado isto a uma mortal, uma mulher que há muito havia virado pó. Mas ele podia contar a Honor os resultados. “O processo de conversão estava incompleto.”

Mechas de mogno até então desconhecidas em seu cabelo capturaram a luz enquanto Honor inclinava a cabeça. “Uma tentativa amadora que deu errado?”

Ele iria agarrar este cabelo enquanto afundava nela. “Sim.” Envolvendo um anjo ignorante de que a toxina no seu sangue ainda não havia atingido o limite para uma transformação de sucesso.

“Eu posso conversar com os outros caçadores, ver se eles escutaram algo parecido.” Cruzando os braços, ela olhou para baixo, para o cascalho. “A coisa é, o corpo deixado na Times Square, a carnificina, não é o tipo de coisa que você faria em sua primeira vez. Deve haver evidência de treinos anteriores.”

“Você está falando de imortais,” Raphael ressaltou. “Seu treino pode ter se espalhado pelos séculos.”

“Especialmente,” Dmitri acrescentou. “Se ele foi um discípulo de Isis.” Um discípulo que Dmitri não deixaria viver. A vadia não voltaria à vida, nem mesmo como uma deusa lembrada.

“Sim, mas...” Honor discutiu, mostrando uma força tranquila que havia começado a fascinar Dmitri. “O fato de que ele não domina o processo de transformação diz que ele é novo neste aspecto das coisas, mesmo se não for novo na violência.”

“Sim.” Dmitri franziu a testa, lembrando algo que um dos membros dos Sete

havia dito a ele.

Sire, você é capaz de alcançar Jason?

Não, ele está fora de alcance.

Tirando seu celular, Dmitri fitou Honor, usando seu olhar para acariciar os lábios que ele queria corromper. “Tente não ser morta enquanto faço esta ligação.”

Os olhos dela refletiram fogo, mexendo em partes dele que ele acreditava estarem sepultadas naquele campo de flores silvestres que era seu memorial para sua Ingrede e seus filhos.

Honor viu uma sombra atravessar o rosto de Dmitri antes dele se afastar para fazer sua ligação, queria aproximar-se e tirar isso do seu rosto, a necessidade uma dor dentro dela. Entretanto, ela não só não tinha direito de fazer isso, mas ainda estava sendo examinada por um homem cujo rosto era tão sem defeito, que chegava a doer olhar para ele. “Eu vi Elena esta manhã,” ela disse, pensando em como ela poderia ter uma conversa com um arcanjo.

“Minha consorte tem uma maneira de achar problemas.” O cabelo de Raphael, negro como a noite, brilhava na luz da floresta. “Dmitri ajuda você a buscar vingança.”

“Acho que é mais o fato de que estes vampiros estão burlando as regras.” Enganar-se a respeito das motivações de Dmitri apenas faria a eventual queda mais difícil.

“Talvez.” Ele se juntou a ela na beira da água, suas asas a poucos centímetros de distância, os filamentos de ouro brilhando sob a luz do sol. “A Sociedade é importante para o equilíbrio do mundo. Seus caçadores não devem se tornar presas.”

“Se tivesse sido outro mortal,” ela encontrou-se perguntando, embora pudesse ter sido mais seguro manter seus pensamentos para si mesma, “um não associado com a Sociedade?”

“Mortais têm um papel a desempenhar no mundo, também.”

Ela não sabia como interpretar as palavras dele, este ser letal que poderia quebrar cada osso de um homem e exibi-lo como uma boneca macabra. Então, pelo canto do olho, ela viu Dmitri voltar. Sombrio e perigosamente inteligente, com um corpo que tinha sido lustrado até uma pureza brilhante no campo de batalha, e um compasso moral que era, indiscutivelmente, distorcido, ele não era menos desumano que aquele a quem chamava de Sire.

Talvez ele fosse ainda pior.

Onde Raphael era remoto, afastado da humanidade, a violência que era uma parte tão grande de Dmitri zumbia logo abaixo da superfície de sua pele sofisticada. Sangue e dor, pensou ela, era isto que o movia. Por que esta conclusão fazia seu coração se apertar em uma tristeza implacável era uma questão para a qual ela não tinha resposta.

O corpo jazia no chão de concreto do armazém, os braços e pernas do jovem dispostos de uma forma nada natural. Jeans cobria suas pernas, mas a parte de cima estava despida, para mostrar melhor a marca cauterizada em um peito que carregava marcas de desenvolvimento muscular ainda incompleto.

Dmitri tinha repudiado a mesma marca com sangrenta violência, usando uma faca que ele tinha pegado da casa de Isis. Era apenas apropriado, ele tinha pensado enquanto tirava sua camisa áspera e pressionava suas costas contra uma das vigas que tinham sobrevivido ao incêndio que havia tirado tudo dele.

A ponta da lâmina era tão afiada, que uma gota de sangue caiu assim que ele a colocou sobre sua pele.

Rangendo os dentes, ele começou a cortar, empurrando suficientemente fundo para retirar o tecido cicatricial. Ele era um vampiro agora. Sua pele iria cicatrizar sem deixar marcas.

Mas vampiros ainda sentiam dor.

Escuridão o atingiu quando estava a menos de um quarto do seu caminho ao redor da marca. Pegando a lâmina caída com mãos lisas de sangue assim que acordou, ele começou novamente. E de novo. E mais uma vez. Até que não havia mais nenhum traço de Isis no seu corpo e seu coração havia ficado tão fraco que era possível ouvir a morte sussurrando em doces e sombrias boas-vindas.

Uma sombra de asas, um vislumbre de queimação azul. "Dmitri. O que você fez?"

"Deixa-me." Foi a única coisa que teve força para dizer.

"Não." Um pulso posto à sua frente, uma mão firme trazendo sua cabeça para frente. "Beba."

Dmitri resistiu.

Amaldiçoando-o, Raphael usou a mesma lâmina para abrir uma veia, empurrando o sangue na boca de Dmitri sem aviso algum. Um único sabor e o predador recém-acordado tomou conta dele.

Ele se alimentou.

Ele não havia se curado naquele dia, nem nos dias que se seguiram. Ele tinha sido Transformado muito jovem, a mesma razão pela qual Raphael havia sido capaz de

dominá-lo. Mas ele se curou. Pelo menos por fora.

“Tão jovem,” Honor disse, agachada ao lado do cadáver, sua tristeza clara em sua voz.

Compelido pelo som, ele assistiu-a colocar sua mão enluvada na mandíbula do protovampiro, abrindo sua boca. “Nós já sabemos sobre as presas.”

“Não, eu estou procurando outra coisa.” Inclinando-se, ainda segurando a mandíbula da vítima aberta, ela puxou um tubo fino para fora de seu cinto. “Você seguraria a lanterna para que eu possa ver a boca dele?”

Ele se aproximou e agachou ao lado dela, seu foco mais sobre ela do que no homem sobre o concreto. As linhas de seu rosto eram elegantes, seus olhos não eram amargos ou duros, apesar do que ela tinha sofrido. Ela havia sobrevivido com sua alma intacta, ainda tinha a capacidade de sentir compaixão pela perda de uma vida.

Dmitri não poderia dizer o mesmo. Os restos esfarrapados de sua alma queimaram-se na pira funerária de seu filho. Tais chamas douradas ao redor de seu menino, como uma chama selvagem para uma criança tão pequena. Dmitri tinha pensado que isto lhe convinha, a parte final de seu coração partida, assim como convinha a seu Misha, o riso profundo e a fome de explorar.

“Dmitri.”

Olhando para cima, ele viu muito conhecimento naqueles misteriosos olhos verdes que o assistiam, muita ternura também. “Você não sabe manter a sua distancia, Honor?” Ele era um predador, poderia atacar seus pontos fracos, aproveitar de todas as vantagens.

Com um leve balançar de sua cabeça, cachos escaparam da trança que havia feito enquanto voavam. “Eu acho que é tarde demais para isso.” Quebrando o contato visual com essa afirmação tranquila, ela disse “Você vê?”

Dmitri seguiu seu olhar. “Ele não tem o dente do siso.” Enquanto tal falta não era um indicador absoluto de idade, quando combinado com sua aparência com cara de bebê era outro sinal que estes vampiros estavam sendo transformados fora de qualquer estrutura aceita—o Grupo havia decretado, há muito tempo, que nenhum mortal que não tenha vivido um quarto de século poderia ser transformado.

“Ele era vulnerável,” Disse Honor, chegando a escovar o cabelo da vítima para fora de seus olhos com um cuidado calmo. “Um alvo que pode ser controlado, uma vez que ele tenha sido fisgado pela ideia de imortalidade.”

Novamente Dmitri olhou para o rosto da vítima. Ele não era completamente sem coração—ele lamentava pelos jovens—mas esse jovem tinha idade suficiente para ter feito suas próprias decisões. Nessa idade, Dmitri trabalhava nos campos e cortejava uma mulher com luz do sol em seu sorriso e com olhos que lhe disse que ele era bonito sem ela

ter que dizer uma palavra.

“Deixe-o,” ele disse, levantando-se. “Não há nada que você possa fazer para descobrir sua identidade.”

Os próprios técnicos da torre poderiam tirar impressões digitais e processar o corpo.

Honor, no entanto, não se levantou. “Alguém olhou suas costas?”

“Pouco importa.” Mas ele se inclinou para puxar os ombros da vítima do chão para ela.

“Nada,” disse ela decepcionada. “Eu estava esperando por outra tatuagem. Poderia ter nos dado mais pistas.”

Em pé, Dmitri esperou que ela se juntasse a ele. Eles não voltaram a falar até que estivessem fora do reluzente armazém de metal, do sol da tarde provinha um calor suave em comparação com as sombras lá dentro. “Não tinha necessidade de qualquer outra marcação, Honor. A marca é mensagem o suficiente.”

Ouvindo o tom brutalmente frio de Dmitri, um chicote que falava de uma dor viciante que poderia atacar qualquer um na vizinhança, Honor, no entanto, disse:

“Você vai me contar sobre isso?” Porque *era* tarde demais para recuar, ser racional.

“Não.”

Uma única palavra em monotom, um lembrete de que a súbita intimidade gritante daqueles momentos pela música calma do rio tinha sido uma aberração. “Eu acho que é hora de você ir para casa.”

Ela deveria ter deixado para lá, mas sua resposta foi instintiva, brotando da mesma natureza, do mesmo núcleo escuro, como suas emoções em relação a ele.

“Você realmente acha que pode apenas me por de lado quando eu me tornar inconveniente?”

“Você está sob contrato com a Torre e esta foi uma ordem.” Com isso, ele virou-se e dirigiu-se para dentro.

Furiosa com a percepção de que tinha sido excluída pela segunda vez naquele dia, ela se virou com a intenção de enfrentá-lo... Quando se lembrou do cartão de memória em seu bolso. Ela não tinha dúvidas que a Torre tinha os melhores especialistas em computadores sob seu comando, mas a Sociedade tinha o melhor dos melhores, e, ao contrário do pessoal da Torre, nem a atenção de Vivek nem de Honor seriam divididas em outras partes das evidências.

Vivek estava de mau humor quando ela chegou. Ele tentou morder para rachar o cartão e, em seguida, não disse nada por quase vinte minutos. Então: “Eu rompi a criptografia. Os dados estão chegando na tela da sua esquerda. ”

Girando sua cadeira para ver, ela começou a percorrer as informações. A maior parte dela parecia ser relacionada a negócios, então Tommy havia, de fato, feito algum trabalho em meio a todos seus jogos depravados. Não muito, no entanto. Isso não era necessariamente algo para tomar nota. Um monte de vampiros mais antigos tinha tanta riqueza acumulada que eles passam a maior parte de seu tempo em excesso indulgente. A ideia fez a pele de Honor formigar.

Qual era a vantagem da quase imortalidade se você não vai fazer alguma coisa com ela?

“É educado,” Vivek murmurou, “agradecer a alguém depois dele fazer uma tarefa para você.”

Piscando, ela olhou para cima para vê-lo encarando o que parecia ser imagens de vigilância.

“O quê? Oh. Eu pensei que eu poderia cozinhar o jantar para você, quando tudo estivesse acabado.” Quando ela poderia colocar o pesadelo para descansar, dormir sabendo que seus tormentos nunca fariam mal a ela ou à qualquer outra pessoa novamente.

Vivek virou sua cadeira de rodas para encará-la. “Sentindo pena do aleijado, eu vejo.”

“Pare com isso, V.” Sem nenhum bom humor, ela devolveu o olhar raivoso. “Se estamos comparando o direito de entrar em autopiedade, eu acho que tenho que vencer.”

“Eu fui abandonado pela minha família.”

“Pelo menos você teve uma família por um tempo. Eu fui abandonada no instante em que saí do útero.”

“Eu não posso andar.”

“Fui torturada por dois meses e não consigo suportar que um homem me toque sexualmente, nem mesmo um homem que eu acho descontroladamente atraente.” Até que o gosto erótico e decadente dele estivesse em cada respiração sua. “Apesar do meu melhor julgamento.”

“É Dmitri, não é?” Um zumbido do som quando Vivek trouxe sua cadeira de rodas

mais perto.

Voltando sua atenção para os dados, ela deixou seu silêncio falar por si. “Primeiro Elena e então você.” Um suspiro. “Eu quero lhe mostrar uma coisa.”

Sem esperar por uma resposta, ele foi para outro computador e abriu um vídeo-clip na grande tela em frente aos teclados. “Assista.”

20

Ela assistiu, porque Vivek, de mau humor ou não, nunca desperdiçaria seu tempo, não quando ele sabia o quão importante isso era pra ela. O clipe acabou por ser um relatório de tráfego de um dos canais de televisão. E depois, de repente, a borbulhante repórter loira estava gritando para sua câmera para focalizar nisso.

Quando ele deu zoom, a primeira coisa que Honor viu foi o brilhante cabelo quase branco da mulher correndo pela rua, suas pernas longas, sua graça extraordinária. Num instante depois, o motivo de sua urgência veio em foco: uma forma masculina sensualmente bonita a caçando, tão rápido e cruel quanto uma pantera, sua camisa respingada com o viscoso vermelho de sangue.

Honor tinha estado fora do país na hora da infame perseguição por Manhattan, e enquanto ela tinha lido sobre isso, nunca tinha visto a cena real. Quando ela assistiu, Elena puxou uma arma, virou como se para atirar em Dmitri—exatamente quando uma motocicleta preta parou cantando pneus na esquina, apenas a um par de metros de distância.

Saltando, a caçadora segurou firme no motorista quando a motocicleta se afastou do perigo. Dmitri, por sua vez, seu peito mal se movendo, apesar da intensidade da perseguição, foi pra calçada... E soprou um beijo para Elena.

“Esse,” Vivek disse com preocupação solene. “É o homem por quem você sente tesão. Ellie disse que ela cortou sua garganta e ele gostou disso.”

Arrepios chocaram por sua pele, um suor frio saindo ao longo de sua coluna. “Às vezes,” ela disse, pensando na violência que tinha testemunhado em Dmitri, a crueldade casual, “lógica não funciona.”

Vivek entreabriu os lábios, então pareceu pensar melhor no que estava prestes a dizer. “Apenas tenha cuidado. E se algum dia você precisar desaparecer, tudo que tem que fazer é pedir.” Ele se dirigiu a um dos computadores antes que ela pudesse responder. “Eu estou copiando os dados aqui também. Eu vou executar algoritmos de busca através de todo o arquivo usando palavras-chaves enquanto você pesquisa no e-mail.”

Foi vinte minutos depois que Honor viu. Uma série de e-mails escondidos entre todos os outros de trabalho, o cabeçalho do assunto com nome de um projeto inócuo. O único motivo por ela ter até mesmo olhado isso era porque aparecia no início de seu período no cativeiro.

A primeira mensagem dizia: *Você conseguiu um convite?*

A resposta era simples: *Eu te ligo.*

Dois dias depois: *Eu não me senti tão vivo assim por mais de um século.*

A resposta: *Eu tinha esquecido o que era caçar a minha presa.*

Exceto que os covardes não tinham feito nenhuma caça. Eles simplesmente tomaram vantagem de uma mulher presa servida para seu horrível prazer. Com o pulso batendo em suas têmporas, ela verificou o endereço de e-mail do amigo de Tommy. Não a surpreendeu no mínimo quando provou identificar o escritor. “Eles nunca ao menos consideraram que alguém viria olhar isso.” Afinal, Honor não estava destinada a sair daquele buraco. Nunca.

“Leon e seus amigos não são tão sofisticados quanto meus convidados.” Um beijo prolongado que fez seu estômago vazio se revoltar. “Vai ser interessante ver o que resta depois que se fartarem. Mas primeiro...”

Jatos de água gelada bateram nela, criando hematomas por cima de hematomas. O cheiro pungente de lixívia no quarto, o spray mudando para concreto por longos minutos. Sua boca sendo aberta à força.

“Agora, vamos te limpar. Eu não iria querer que seu corpo me traísse quando o encontrarem no lixo.”

Levou apenas um par de minutos para Vivek combinar um endereço e biografia física com o e-mail que ela tinha encontrado. “Jewel Wan,” ele disse, trazendo uma imagem de uma mulher de etnia chinesa, os séculos de vampirismo tinham desgastado todos os traços de humanidade para deixá-la em uma impressionante escultura esculpida em gelo, seus olhos diamantes negros brilhantes que combinavam com os que ela usava no pescoço.

“Ela é uma peça da sociedade,” Vivek continuou. “Gasta uma quantidade significativa de tempo com os seres humanos.”

Cabelo brilhante e reto acariciando sua pele enquanto pequenas mãos acariciavam suas costelas. “Tanto músculo, mesmo agora,” Um tipo doce de voz, intrinsecamente feminina. “Garotos são tão ásperos, não são?” Toocando-a com uma delicadeza que procurava acalmá-la. “Vou me certificar de que não vai doer.”

Mas tinha doído.

Honor não sabia que era possível lutar contra o prazer da mordida de um vampiro antes de seu sequestro, mas ela aprendeu a fazer isso naquela câmara de tortura depois das três primeiras vezes que o arquiteto de sua captura a enviou em um orgasmo que a fez vomitar depois, o estupro não menos doloroso por ter sido feito através de seu sangue.

Jewel Wan não tinha estado satisfeita com seu desafio.

Risada, macia e viciosa. “Eu vou apreciar te quebrar. Quando eu terminar, você vai me chamar de amante e implorar pelo meu toque.”

Uma coisa muito fria deslizando por suas veias, engolindo seu peito. “Dê-me o endereço dela.”

Vivek virou a cadeira. “Ela tem quatrocentos e cinquenta anos, Honor.” Sem esconder o alarme em sua voz. “Não é poderosa pra essa idade, mas mais do que poderosa suficiente para quebrar os seus ossos, independente de seu tamanho.”

Pressão cortante contra seu lado, unhas empurrando até perfurar a carne. Dedos se enrolando em torno de sua costela. “Agora” —um sussurro malicioso— “quem é sua dona?”

Suas costas sentiram uma pontada onde Jewel Wan a tinha fraturado. O buraco em seu lado tinha se curado, a cicatriz tão minúscula que nem sequer a notava normalmente, mas hoje ela pulsava numa protuberância rígida. “Eu mesma vou procurar.” Não seria difícil, considerando o status social da vampira.

“Não, espere aqui.” Vivek trouxe o endereço. “Por favor, não seja estúpida.”

Sua mente estava gritando para ela parar, para pensar, mas esmagando isso estava a memória sensorial dessas mãos de unhas afiadas, aquele cabelo de seda líquida. Tocando-a. Torturando-a. A bile subiu em sua garganta, mas ela a forçou pra baixo, memorizou o endereço, e saiu. Vivek a chamou, mas ela não estava ouvindo, o rugido dentro dela como um violento trovão.

Jewel Wan morava em uma mansão no Vale de Hudson, o que significava que Honor precisaria de um carro. No entanto, quando ela subiu para requisitar um, foi informada que um congelamento havia sido colocado em sua habilidade para acessar os recursos da Sociedade.

Vivek.

Sem se preocupar em argumentar, ela saiu para o tráfego pesado, mais fluindo antes da hora do rush. Levou apenas alguns segundos para chamar um táxi, direcioná-lo para o local mais próximo de aluguel de automóveis. Ela passou seu cartão de crédito, preencheu a papelada com as mãos impacientes, e quinze minutos depois, estava em seu caminho para fora da cidade, em um pequeno SUV manobrável.

Seja racional, Honor. Você vai lá e ela vai te matar.

O pensamento mal foi concluído quando outra parte de sua mente disse: *Não antes de eu fazer alguns furos nela.*

E quanto aos outros? A pequena parte ainda coerente dela perguntou. Aqueles que você não vai encontrar, pois estará morta?

“Eu vou encontrar *ela*, porra!” As vozes ficaram silenciosas, esmagadas pela neblina vermelha de uma raiva tão violenta, que Honor não sabia até aquele momento que ela podia odiar com tanta profundidade de fúria.

Duas horas e cem chamadas ignoradas depois, ela olhou estreitamente para a noite acinzentada da estrada vazia e viu um helicóptero parado em seu caminho. “Não. Não!”

Freando numa parada, ela abriu a porta e saiu para interceptar o homem caminhando em sua direção. Vestido de preto, ele parecia um pedaço escuro da noite caindo, mas seu peito pareceu muito real quando ela bateu as mãos contra ele. “Tire aquela coisa do meu caminho!”

Os olhos de Dmitri estavam cheios de uma raiva tremeluzente e quieta quando encontraram os dela. “Eu achava que você tinha um cérebro, Honor.”

“Sim, bem, parece que não tenho.” Vendo sua expressão inflexível, ela caminhou de volta para o carro. Existiam outras maneiras de chegar à casa de vitrine de Jewel Wan.

Exceto que Dmitri bateu a porta do carro antes que ela pudesse alcançá-la. “Jewel permite que cães treinados vagueiem livre por sua propriedade e tem uma guarda permanente de quatro homens que carregam armas substanciais.”

“Tire a mão da porta.” Deslizando a arma pra fora, ela empurrou o cano no coração dele forte o suficiente para machucar. “A essa distância,” ela disse, tirando a trava de segurança. “Eu vou causar dano suficiente para mantê-lo ocupado por horas.”

“Por que ela?” Uma questão silenciosa que a cortou como com uma faca, destruindo o gelo que a carregou tão longe. “Você lidou com Valeria com calma sobrenatural. Jewel a leva à loucura.”

Seus músculos contraíram. Afastando a arma antes que ela atirasse nele por acidente, ela colocou a trava e se virou para olhar a estrada que pela qual ela havia dirigido há apenas alguns minutos. Quando ele veio para ficar em suas costas, ela soube que ele estava bloqueando o piloto de vê-la. Aquele pequeno ato, a despedaçou.

“Ela não me machucou,” Um sussurro áspero. “Não até o fim.”

“E ainda assim, seu ódio por ela é tão profundo que cega.” Ele tocou as mãos nos braços nus dela, e ela ficou surpresa quando não se afastou, quando ela permitiu que ele alinhasse seu peito nas costas dela, o calor masculino dele ecoando através de seus ossos.

Isso não ajudou a limpar a vergonha e humilhação que fazia seu estômago em nós, mas derreteu os fragmentos finais de gelo, deixando-a intensamente exposta, vulnerável. “Exceto pelo líder e seus jogos no começo, os outros,” ela disse, tremendo de um frio que não tinha nada a ver com a temperatura. “Não importa o que mais eles fizessem, só tentaram forçar prazer em mim com sua mordida.”

Dmitri esfregou as mãos por seus braços, sua respiração quente na têmpora dela.

“Todo o resto,” ela continuou, afundando-se em seu calor, “foi sobre poder, sobre controle.” Quando isso falhava em esmagá-la, eles se divertiam fazendo-a gritar ao invés. “Mas Jewel, ela me injetou alguma coisa... E depois ela me tocou.” Tão delicadamente, tão gentil, tão horrível.

Era quase impossível puxar ar para seus pulmões agora, sua respiração irregular, seu sangue bombeando em rajadas irregulares. Mas ela disse as palavras, porque a vergonha era uma coisa muito grande para manter dentro de si por mais tempo. “Ela me fez gozar. De novo e de novo.” Seu corpo traído tinha quebrado algo dentro dela, levado o último resquício de orgulho desafiador.

As mãos de Dmitri se apertaram nos braços dela. “Não é somente homens,” Ele disse, sua voz rígida com controle, “que podem ser excitados contra a sua vontade.”

Estremecendo, ela virou em seu abraço, pressionando o rosto contra seu peito. Exceto pelos abraços rápidos de Ash, essa era a primeira vez que ela permitia que alguém a abraçasse desde o sequestro, a primeira vez que ela tinha sido capaz de suportar isso. Talvez fosse porque sua humilhação era tão forte que não havia lugar para o medo... E talvez fosse porque ele entendia de um jeito que ninguém mais entenderia.

“Eu odeio ela, Dmitri.” Era uma coisa dura e irregular em seu interior, esse ódio. “Mais do que qualquer outro.”

Dmitri acariciou a mão pelo cabelo dela, inclinando a cabeça para sussurrar uma promessa sombria em seu ouvido. “Eu posso fazer nela o que ela fez em você.” Cetim preto ao redor de seus sentidos. “Não seria nada quebra-la até que ela estivesse uivando, uma concha rastejando.”

Sua resposta foi imediata—e violenta. “*Não*. Não *toque* na cadela.” Depois, talvez porque ela estava meio louca, ela acrescentou. “Você a toca e eu juro que vou atirar em ambas suas mãos no pulso.” Ele era dela, e ela não se importava se isso era a obsessão falando, não se importava que ela tivesse dito a si mesma pra não afirmar. Dmitri era *dela*.

Uma vibração contra seu peito. A risada de Dmitri.

Ele dirigiu pelo resto do caminho, embora o helicóptero fosse mais rápido—eles decidiram que o tempo extra permitiria que ela se acalmasse. Aquilo provou ser impossível, mas ela conseguiu controlar suas emoções ao ponto de não estar mais cega para a estupidez do seu comportamento imprudente no confronto seguinte.

Foi quando eles estavam descendo o ultimo trecho da estrada—um desprovido de

iluminação—que seu telefone tocou de novo. Dessa vez ela atendeu. “Vivek.”

“Honor, você está bem?”

“Você pergunta depois de mandar Dmitri atrás de mim?”

Uma risada tensa. “Não é minha culpa que você tenha amigos em lugares assustadores.”

“Estou bem.” Ele salvou a vida dela, e ela não ia ser burra quanto a isso. “Obrigada.”

Ele tentou esconder o alívio, mas ela ouviu, todavia. “Sim, bem, agora você me deve dois jantares.” Um sinal sonoro. “Espere.” Depois, “Jewel Wan está em movimento. Eu entrei no sistema de sua empresa de segurança, tive acesso às câmeras da propriedade. Parece que ela está fazendo as malas e dando o fora de lá.”

“Guardas?”

“Dois no carro da frente, dois com ela, pelo que consigo ver. As imagens não são claras, então pode ter mais.”

Desligando, ela repassou a informação para Dmitri. “Essa é a única estrada para fora da propriedade de Wan?”

Sua resposta foi um sorriso frio.

Seguindo seu olhar, ela viu faróis de carro piscando na escuridão antes de desaparecer quando o veículo que se aproximava fazia uma curva. Um segundo flash veio logo atrás do primeiro. Ela não disse nada quando Dmitri estacionou o carro alugado de uma forma que bloqueava a estrada, saiu em silêncio enquanto ele fez o mesmo.

Eles faziam parte da escuridão espessa das árvores ao lado da estrada quando o primeiro carro parou, um revólver aparecendo para fora da janela. Dmitri disse: “Eu não faria isso.” Em um tom calmo que cortou o ar da noite.

A arma hesitou, mas não se afastou, embora fosse claro que o vampiro não sabia para onde apontar.

“Eu avisei.” Com isso, Dmitri desapareceu, uma sombra no escuro.

Enquanto ela o cobria, ele quebrou a janela do carro para alcançar e retirar o motorista vampiro, jogando-o no chão com tanta força que seu crânio rachou. O parceiro do homem começou a atirar. Infelizmente, ele estava apontando pra onde Dmitri não estava mais. Foi quando ela estava chutando a arma do motorista inconsciente que ela ouviu o estalo distinto de um pescoço sendo quebrado.

Tudo tinha acontecido tão rápido que o segundo carro mal havia começado a dar

ré em pânico e cantando pneus depois que ambos os vampiros da frente foram desabilitados. Pegando a metralhadora que ela havia deixado de lado, ela mirou no carro cintilante, estourando os pneus, depois o para-brisa.

Vidro quebrou, fumaça subiu, e o veículo bateu em árvores que sacudiram pela força do impacto, mas não caíram.

Dmitri já estava em cima do veículo, arrancando o teto com uma proeza de força que tornou evidente que ele não era humano. Os guardas dentro, seus corpos salpicados com ferimentos a bala, não fizeram nenhuma tentativa de defender sua carga. Arrastando uma Jewel Wan gritante pra fora do banco de trás pelos cabelos, Dmitri a largou na área da estrada destacada pelos faróis do carro danificado.

21

“Qualquer um,” ele disse em uma voz baixa depois de mandar Jewel calar a boca, “que quiser sair disso vivo, saia e espere na propriedade. Se vocês gostariam de me fazer muito feliz, tentem correr.”

Os guardas saíram e—em seu favor—foram checar os outros dois. Eles deixaram aquele que teve o pescoço quebrado por Dmitri, o que significava que ele era muito jovem para sobreviver a isso, mas puxaram o motorista pra tirá-lo dali. Tudo no mais absoluto silêncio. Jewel Wan, nesse meio tempo, colocou o cabelo pra trás e levantou-se, com dificuldade, seus joelhos sangrando abaixo da barra da saia justa de seda, suas palmas arranhadas de onde ela aparou sua queda.

Nada disso conseguiu diminuir sua elegância altiva. “Aí está você,” ela murmurou para Honor. “Um petisco tão bom.”

Honor queria atirar tanto nela que seu corpo inteiro estremeceu, mas ela não o fez. “Não vou matá-la e facilitar as coisas,” ela disse, se forçando a andar pra frente e sentar no capô do carro que não tinha mais teto, os faróis brilhando abaixo dela. “Dmitri?” Quando ele se moveu para colocar suas mãos no capô, seu corpo se inclinou em direção a ela, ela disse: “Nem um pedacinho da sua alma.”

Próximo como estava dele, a bochecha tocando levemente a dele que não era tão suave assim, ela o viu sorrir... Viu, também o terror que apagou a elegância maltrapilha de Jewel Wan. Mas a vampira era uma mulher de negócios. “Eu posso lhe dar informações.”

“Você diz isso como se fosse um negócio que valesse a pena.” Dmitri se inclinou contra o carro, seus ombros com constituição muscular fluída, o cheiro perversamente pecaminoso dele penetrando em cada respiração dela. “Nós dois sabemos que você me contará qualquer coisa que eu precise saber antes disso acabar.”

Jewel mostrou suas presas. “Eu sou uma vampira de 450 anos. Você pretende sacrificar tanta experiência pelo quê, o divertimento de uma pequena mortal? Eu a tive, e ela não é tão...”

Ele a golpeou com as costas da mão tão rápido e forte que ela se chocou contra uma árvore, caindo no chão com sangue saindo do nariz e um corte profundo no lábio. “Agora, me conte tudo. E talvez eu não peça pra Andreas lhe dar uma atenção especial.”

Um apelo doloroso da mulher que parecia inofensiva, frágil. Exceto que Honor sabia que isso era uma mentira. Jewel sempre seria um monstro. Simplesmente um com uma embalagem que tinha a habilidade de parecer inofensiva. Oferecer qualquer misericórdia a ela seria sentenciar outras vítimas ao horror que Honor mal tinha

conseguido sobreviver. “Dmitri,” ela disse, porque mesmo ele sendo a criatura letal, perigosa que ele era, ele ainda lhe pertencia e ela lutaria por ele, “o que eu te disse?”

“Desculpe.” Ele sorriu e foi chocante o quão bonito ele parecia, mesmo cercado pelo cheiro ácido de medo e sangue. “Deixei-me levar pelo calor do momento.” Voltando sua atenção a Jewel, ele disse: “Por que você não está falando?” em um tom de voz que parecia apenas levemente interessada—da mesma maneira que um leão estaria interessado na presa que ele tinha planejado dilacerar quando estivesse faminto.

“Eu recebi um convite,” a vampira disse de uma vez, babando sangue. “Está em meu escritório, em casa. Na mesa.” Ela limpou o sangue que estava caindo do nariz, manchando a pele de porcelana com um vermelho escuro. “Tommy era um deles. Ele insinuou alguma coisa em uma festa e eu o segui. O idiota nunca tomou precauções.”

O motivo pelo qual, Honor pensou, o convite de Tommy tinha sido recolhido permanentemente. “Você não está nos dando nada além do que já temos.”

Os olhos da vampira se voltaram abruptamente para Honor: “Cale a boca, mortal.”

Andando de volta para encostar-se ao capô, ele olhou pra Honor. “Posso tocá-la só um pouquinho?” Seu sorriso quando olhou pra Jewel foi de puro sexo—se você gostasse de sexo com *muita* dor... Se você gostasse de gritar até que a sua garganta estivesse em carne viva. “Sua pele, Jewel, tão suave,” ele murmurou, e enquanto não havia nada muito ameaçador em relação às palavras dele, se ele estivesse falando com Honor daquela maneira, ela teria enchido ele de balas e saindo correndo desesperadamente.

E então ele tirou a faca.

Jewel se chocou contra a árvore, começando a gaguejar. “Evert tinha que saber. Ele e Tommy fazem tudo juntos, mas eles não eram parte do centro. Aquele que organizou isso, se certificou de que sua identidade fosse mantida em sigilo, mas há um rumor em certos círculos de que ele trabalhou uma vez na Torre. De qual outra maneira ele poderia saber sobre os apetites de tantos?”

“Certos círculos,” Honor disse, colocando sua mão no ombro de Dmitri, um lembrete silencioso de que Jewel não valia nem um pedacinho de sua alma. “Quem?”

Um único sorriso de Dmitri e a vampira entregou três nomes.

Com mais quinze minutos de interrogatório, estava claro que ela não sabia de mais nada. Enquanto Dmitri não tinha encostado mais nenhum dedo nela, ela estava tão petrificada, seus dentes batendo, seus olhos olhando de um lado para o outro.

Por um instante, Honor sentiu pena: “Chega, Dmitri.”

Se movendo com uma velocidade sobrenatural, ele atingiu o pescoço de Jewel antes da vampira ter a chance de tomar fôlego para gritar. “Ela não está morta,” ele disse depois

que tinha acabado. “Com esse nível de força, ela vai se levantar de novo, ao menos até que eu corte o pescoço dela. Venom pode levá-la até Andreas no helicóptero.”

Chocada pela rapidez da punição, ela disse, “Achei que me faria sentir melhor, a ideia dela ser torturada, mas não faz.”

“Não pode haver misericórdia aqui.” As palavras de um homem que viu séculos passarem, rios de sangue encharcarem a terra. “No instante em que souberem por aí que estamos fazendo execuções limpas, os Transformados perderão o medo que garante que eles não ousem fazer coisas como essas frequentemente.” Ele mandou uma mensagem para Venom enquanto falava. “Para os velhos, morte não é uma ameaça. Mas dor... Todos temem a dor.”

Ela entendeu o que ele estava dizendo, certamente não tinha nenhuma lealdade com Jewel, e ainda assim... “Parece tão...”

“Desumano?” Um sorriso ameaçador. “Não somos mortais, Honor. Nunca seremos.”

Ela imaginou se ele estava lhe dando um aviso. Se fosse, era desnecessário. “Eu sempre o vi, Dmitri.” Não importava se ela acreditava que havia mais nele, essa veia de escuridão era também uma parte primordial de sua natureza, não poderia ser ignorada ou eliminada.

O Barulho de um helicóptero soou no mesmo instante, e logo Venom estava pousando a máquina. O vampiro assoviou quando viu a carnificina, mas não disse nada, pegando o corpo de Jewel Wan e arrumando-o com todo o carinho demonstrado a um saco de batatas. “Vocês querem uma carona?”

“Não, vamos dirigir.”

Venom lançou um olhar avaliativo em Honor, mas não disse nada enquanto ele foi ao helicóptero e decolou.

Deixando os carros abandonados onde estavam, ela e Dmitri voltaram ao carro alugado. Algumas ligações depois, e Dmitri tinha organizado uma equipe de limpeza para os guardas e os carros.

“O que vai acontecer a eles?” ela perguntou.

“Nada com os dois que não levantaram armas contra mim, contanto que provem que não tinham conhecimento das ações de Jewel. O outro sofrerá uma punição.” Os olhos dele encontraram os dela por um segundo. “Ao me desobedecer, ele desobedeceu Raphael. Isso não pode ser permitido.”

No instante em que fosse permitido, Honor sabia, muitos dos Transformados quebrariam seus laços, se renderiam à luxúria, começariam a caçar presas vivas. “Os três

nomes que ela deu, você os conhece?”

“Sim. Eles fazem parte do mesmo círculo social de Jewel e dos outros.”

“Ela é vagabunda o suficiente para ter dito um nome que não pertencesse, por pura malícia.”

“Nós descobriremos, mais cedo ou mais tarde—eu mandei instruções para eles serem vigiados. Eles serão trazidos para a Torre para interrogatório amanhã de manhã.”

Respirando fundo, ela disse: “Eu só quero acabar com isso.” Queria continuar com a vida que ela decidiu viver.

“Você vai.”

Sentando no banco do passageiro com Dmitri emaranhando-a em pele, chocolate e pecado, lascivo e irresistível, Honor viu as milhas passarem, o movimento suavizar, levando-a ao sono... Aos sonhos.

“Você é a minha mulher.”

“E você é um homem ciumento.” Passando as mãos pelos cabelos enquanto soltava a respiração. “Se qualquer pessoa tem motivo para ser ciumenta, esse alguém sou eu.”

“Você sabe que eu nunca tocaria em outra mulher.”

“E você acha que eu tocaria em outro homem?”

Silêncio, sua face endurecida com sombras. “Outros homens lhe desejam.”

Balançando a cabeça, ela foi colocar sua mão no maxilar dele. “Eu não tenho grande beleza.”

Os dedos dele fecharam em seu pulso, colocando sua outra mão na cintura dela. “Você não vê, mas eu sou um homem. Eu vejo.”

Algumas vezes, ela se perguntava o que estava fazendo com ele, essa linda criatura que todas as mulheres do vilarejo observaram com olhos ávidos. Era como se soubessem como ele se movia dentro de uma mulher, como poderia brincar com seu corpo até que ela fizesse tudo o que ele desejasse. Exceto que elas não sabiam. Pois ele havia esperado por ela, embora seu corpo devesse ter exigido satisfação, ofertas sem dúvida vindo de mulheres que não honravam seus maridos.

“Você é meu coração,” ela disse, tomando sua mão e colocando sobre o órgão pulsante. “Não importa se outro homem me fizer milhares de promessas, é a você que eu pertenço.”

“Sempre?”

“Sempre.”

“Honor.”

Ignorando a voz masculina que tentava puxá-la para o mundo desperto, ela lutou desesperadamente para manter o sonho—porque a mulher que ela era naquele lugar nebuloso, ela era amada, amada tão profundamente que era um pouco assustador

“Honor.” Uma carícia de orquídeas e ouro, decadente, lasciva, instigante.

Ela pulou no assento para descobrir que eles estavam entrando no estacionamento do prédio dela. “Eu dormi.” Em um carro. Com um homem. Com um vampiro.

“Você estava sorrindo.”

“Apenas um sonho.” Um tão real que ela quase podia sentir a barba por fazer do amante do seu sonho na palma de sua mão. *“Você sonha?”*

Estendendo a mão depois de estacionar o utilitário, ele passou um dedo na bochecha dela, onde ela podia sentir que estava amassado depois do cochilo. “No sono, eu me lembro de memórias, eras há muito passadas.”

Ela pegou a mão dele que estava em sua bochecha, com uma sensação desorientada de déjà vu. “Boas memórias?” ela perguntou, o sentimento esvanecendo tão rapidamente quanto surgiu.

Cílios espessos baixando e levantando novamente. “Há vezes em que até mesmo as boas memórias não são bem-vindas.” Palavras remotas, mas ele não cessou o contato físico.

Luzes acenderam na garagem atrás deles um instante depois, destruindo a intimidade do momento... E ainda assim, nenhum deles se moveu. “Suba.” Não era um convite que ela teria considerado fazer algumas semanas atrás. Mas ela havia sido uma mulher diferente, então.

Dmitri passou o polegar no queixo dela antes de baixar sua mão, mas ela não precisava de palavras para perceber a excitação sombria em sua expressão, seus lábios mais suaves de repente, eroticamente tentadores. Com o coração saindo pela boca, ela saiu do carro e o levou aos elevadores, consciente dele tecendo finas vinhas de cheiro exótico ao redor dela. Não suscetível o suficiente para ser coagida por isso, ela se permitiu luxuriar-se nesse momento.

Ele recebeu uma ligação um pouco antes de entrar no apartamento. Ela não pôde entender nada ouvindo apenas o lado dele da conversa, mas ele contou os detalhes depois que desligou. “Venom confirmou uma busca em dois nomes que Jewel nos deu e está rastreando o terceiro.” Colocando o celular na mesinha de café, ele disse: “Será melhor ficar de olho neles de agora em diante.”

Satisfatório como teria sido apressar as coisas, vigilância contínua fazia sentido. “Eu liguei pra Sara depois que descobrimos sobre a segunda caça. Toda a Sociedade foi avisada.” Honor tinha mandado uma mensagem pra Ashwini pessoalmente e ficou

aliviada quando ficou sabendo que a sua melhor amiga estava trabalhando em um caso com Demarco. Dois caçadores seriam muito, muito mais difíceis de pegar.

Dmitri concordou. “Eu vou garantir que Venom mantenha a diretora da Sociedade atualizada.” Se espalhando no sofá, ele chamou-a com o dedo. “Venha aqui.”

Tirando seus sapatos e meias, ela se espreguiçou lentamente—tanto para relaxar os músculos quanto para apreciar os olhos de Dmitri sobre ela, pesados e escuros e abertos em sua admiração. Depois de espreguiçar, ela retribuiu o favor. Havia muito o que admirar. Jeans pretos, um cinto com uma fivela rajada, uma camiseta preta simples—o tom escuro alçou a sensualidade bruta de sua aparência a um foco ainda mais claro.

Nenhuma mulher, ela pensou, o chutaria pra fora de casa, muito menos da cama.

Atravessando o tapete, ela ficou entre suas pernas. “Eu vou surtar,” ela disse, e sim, machucava seu orgulho dizer isso—mas a única outra opção era se esconder, e Honor estava farta de ser o coelho de que Dmitri a havia chamado.

Ele apontou para o coldre do ombro e as bainhas de facas.

“Tire.”

Ela teve uma arma consigo em cada momento acordado ou dormindo desde o ataque—sob o travesseiro, escondida do lado do criado mudo, nas costas da cabeceira da cama. A ideia de deliberadamente se despir de suas armas com um vampiro tão poderoso quanto Dmitri? Fazia seu coração quase pular através do peito, sua boca tão seca quanto poeira, sua garganta se encher de areia.

“Você quer deixar uma faca?” Era um murmúrio baixo.

Honor pensou seriamente na oferta enquanto retirava sua arma e coldre, recuando para deixá-los em cima da mesinha de centro. A bainha da coxa e a lanterna em suas costas, junto com uma lâmina de navalha em seu cinto, foram os próximos. Ela colocou tudo, cinto incluso, ao lado da arma. Dmitri lhe deu um olhar intrigado quando ela tirou uma faca longa de uma bainha escondida ao longo de sua coluna, a lâmina tão fina quanto uma unha do dedinho. A única lâmina que faltava estava na bainha escondida em seu braço.

Tocando a lâmina, ela olhou para o homem perigoso, sensual em seu sofá. Pensou em cortá-lo outra vez... E foi acometida de um senso de rejeição tão profundo, que a teria abalado se ela não tivesse sido pega de surpresa por tantas outras sensações quando tinha a ver com Dmitri. “Sem armas,” ela disse enquanto colocava sua última faca sobre a mesa. “Dê-me as suas.” Vampiro ou não, Honor sabia que ela era esperta o suficiente para usar as armas dele contra ele mesmo.

Dmitri começou a entregá-las. Foi a vez dela de observar. Depois que ambos terminaram, a pilha de facas e armas na mesa dava a impressão que eles tinham limpado

um arsenal. “Eu acho que temos um problema, Dmitri.”

“Eu não terminei ainda.” Ele desafiou o cinto, ele começou a tirá-lo.

Seus olhos caíram. Talvez fosse por que ela tinha sido vendada quando Tommy e os outros a torturaram, mas ela não tinha problemas em observar o um belo corpo masculino. E o de Dmitri... Oh, sim. “Igual à minha?” Ela perguntou, acariciando-o com os olhos, a camiseta dele bem justa, delineando seu abdômen definido.

“Dê uma olhada.”

Tirando o cinto, ela viu o fio dentro do couro. Poderia ser puxado com um simples puxão e ser usado eficientemente como um garrote. “Esperto.”

“Illium me deu isso há alguns anos atrás.”

“Eu diria que ele não tem cara disso”—ela passou os polegares sobre o couro suavizado pelo uso constante—“mas já conheci muitos caçadores que parecem inofensivos.”

“Solte o cinto, Honor.” Um sorriso sexy. “Ao menos que você esteja planejando usá-lo.”

Com o estômago contraindo, ela soltou o cinto e recuou das pernas abertas dele. “Eu tenho a impressão que você é daqueles que curtem cintos e cordas.”

Quando ela levantou a camiseta dele, ele ficou em sua posição esparramada, um paxá esperando ser servido. Sua pele do abdome era do mesmo tom bronzeado que seu rosto. “Sua pele inteira é dessa mesma cor?”

“Só tem um jeito de descobrir.”

22

Olhando pra cima, ela viu pálpebras caídas, lábios curvados apenas o suficiente para dizer a ela que ele estava se divertindo... E uma sensualidade tão letal quanto as armas sobre a mesa atrás dela. Não um homem que seria gentil com uma mulher na cama. “Tire a camiseta.”

Ele fez isso com movimentos econômicos—para revelar ombros musculosos, abdômen que ela quis lamber, e uma linha fina de pelos que levava para baixo de seu jeans. “Ordens já?” ele murmurou, largando a camiseta no tapete. “Acho que talvez você gostaria de manejar um chicote.”

“Talvez eu gostaria.”

Um sorriso perverso.

Recuando, ela empurrou as pernas dele juntas e se moveu pra cima pra se sentar em seu colo de frente para ele. Ele a deixou fazer como queria, e ela sabia o motivo. Se Dmitri a quisesse de costas no chão, ela estaria lá antes que ela o visse se mover. Mas isso não era sobre força ou dor. Era algo completamente diferente. O quê, ela não sabia, mas sabia que era importante.

Ele se sentia essencialmente masculino debaixo dela, sua musculosa coxa dura, o calor de seu corpo acariciando-a com uma intimidade lânguida tão lenta e pouco exigente que ela não a combateu—embora ela soubesse que nada era tão simples com Dmitri. Ele era um homem que tiraria proveito de cada vulnerabilidade.

Tocando-o com o mais leve toque dos dedos, ela começou a explorar essa criatura sexual sombria que deveria ter conduzido o medo em seu coração—e que ainda a assustava às vezes com sua desumanidade brutal—e, ainda assim, a fazia se sentir segura de um jeito que ela não conseguia explicar. Irracional como era, ela confiava em Dmitri.

Quando ela correu o dedo indicador ao longo da faixa superior de seus músculos abdominais, ele se retraiu. Apenas um pouco, mas ela percebeu. Então ela fez isso novamente—e viu uma leve sugestão de sorriso tão perigoso quanto sensual.

“Tanta paciência,” ela disse, inclinando-se pra frente com os antebraços apoiados contra o seu peito. “Eu acho que a imortalidade dá tempo ao homem para aprender várias coisas.”

Seu olhar permanecia na boca dela. “Beije-me.”

Ela modelou seus lábios com a ponta do dedo, demorando-se na leve plenitude do inferior. Ela havia visto aquela boca com raiva, curvada em diversões e na zombaria. Por

tudo isso, ela queria prová-la. Havia apenas uma coisa. “Eles se alimentaram da minha boca.”

Aqueles olhos escuros de chocolate viraram subitamente negros mortais, mas tudo o que ele disse foi: “Ineficiente.”

“Sim.” Tinha sido mais sobre cortá-la com suas presas, machucá-la.

Dmitri se deslocou ligeiramente, músculos ondulando em um lembrete de sua força, mas novamente ele deixou o próximo movimento pra ela. Ela não cometeu o erro de pensar nisso como um ato de caridade da sua parte. Não, Dmitri era um predador—e ela estava sendo perseguida. Devagar, com calma e determinação.

“Fique parado,” ela disse, inclinando-se até que a respiração deles se misturasse. O rosto dele não traiu nada, tanto que ela poderia pensar que ele não tinha sido afetado se ela não fosse capaz de sentir a tensão naquele corpo feito para a condenação de uma mulher.

O primeiro toque de seus lábios contra o calor firme dele foi um mero sussurro. O coração dela batia, e não era de pânico. Então ela chupou lentamente seu lábio superior antes de liberá-lo para correr sua língua ao longo do inferior, entregando-se a esse homem que era seu afrodisíaco pessoal.

O peito dele subia e descia sob suas mãos, sua respiração já não mais estável. O coração feminino dela se agitou em satisfação. Ela não precisava ser capaz de ver o passado pra saber que Dmitri tinha experimentado cada ato sensual que havia, deleitado em cada pecado decadente... E ainda, ele reagiu a ela. A resposta, ela sabia, era genuína—Dmitri não era o tipo de homem que se preocupava em fingir.

Pulso batendo em cada centímetro de sua pele, ela abriu a boca sobre a dele, tomando profundamente o gosto dele quando ela deslizou as mãos para embalar seu rosto.

Ela sempre fazia isso, Dmitri pensou, lembrando-se da maneira como ela acariciava os dedos longos e capazes sobre sua bochecha, seu queixo, durante aquele beijo abortado na floresta—e mais cedo, do lado do riacho. A única outra mulher que ele tinha permitido a frágil intimidade.

“Por que você me beija assim, Ingrede? Como se eu fosse quebrar?”

Risada, rouca e familiar. “Eu não estou te beijando, marido. Eu estou te amando.”

As mãos de Honor pressionaram uma fração mais apertada quando ela lambeu sua língua pela junção de seus lábios e dentro de sua boca. Dmitri podia sentir seus músculos

se tensionando em um aperto doloroso—ser passivo em uma situação sexual não era uma tarefa fácil para um homem que sempre foi o agressor. Mas tentar isso com Honor seria perdê-la... Então ele permaneceu imóvel, paciente como um lobo caçando. Ela seria sua em breve, e então ele jogaria.

Foi quando a língua dela roçou em uma de suas presas.

Seu pênis já rígido cresceu quase dolorosamente... E Honor congelou.

“Eu quero,” ele murmurou em um tom calculado para enredá-la em fantasias tão sombrias quanto os aromas que ele alisava por seu corpo, “fazer tais coisas com sua boca, coisas que te fariam corar.”

“Eu não coro.” Um suave sussurro, os músculos relaxando.

“Ah é?” Ele explicou um de seus planos em requintados detalhes eróticos, satisfazendo a si mesmo tanto quanto ela.

Calor na pele dela, mas não era corar. “Eu quero fazer isso.” Estremecendo, ela lambeu muito deliberadamente sua outra presa. O corpo dela ficou tenso novamente, mas seus músculos não estavam tão rígidos, e quando ela quebrou o beijo para respirar, a emoção que brilhava em seus olhos não tinha conexão com o medo.

“Você,” ela disse naquele tom intimista entre amantes, “tem um gosto do tipo viciante.”

Ele curvou uma das mãos sobre o quadril dela. “Isso pode balancear o fato de que você não é tão suscetível ao aroma da atração quanto deveria.”

Uma risada rouca que se enroscou com uma de suas mais antigas memórias. “Isso não seria uma luta justa.” Fazendo um som baixo profundo de prazer com a carícia que ele tecia sobre sua pele, ela o surpreendeu com um segundo beijo, esse não tão hesitante. Seus seios pressionaram firmes e completos contra o peito dele, seus mamilos pontos duros que ele queria agarrar entre os dentes enquanto acariciava sua carne macia.

No momento em que ela quebrou o beijo com um chupão em seu lábio inferior, a respiração dela estava irregular. A dele também não estava particularmente estável—mas aquilo ele tinha esperado, dado o desejo violento que ele teve por ela desde o instante em que ela entrou em seu escritório. Se ele tivesse um pouco menos de controle, e se ela tivesse estado um pouco menos aterrorizada, ele teria arrancado sua calça jeans e a prendido à porta de seu escritório antes mesmo que ele soubesse seu nome, seu pênis enterrado dentro dela, suas presas afundando em seu pescoço.

Em breve.

Ele jogou a cabeça para trás contra o sofá quando ela abaixou a cabeça para beijar o caminho até sua garganta, deleitando-se com o peso exuberante dela em suas coxas, a

suavidade molhada de sua boca em uma parte de seu corpo que era extremamente sensível, e ainda, uma que ele nunca tinha permitido que suas amantes acariciassem. Ele não confiava nos dentes de ninguém perto de sua artéria. Depois, ela moveu a língua sobre a pequena depressão na base de seu pescoço.

A mão dele espremeu o quadril dela.

Um único movimento brusco depois e ela estava do outro lado da sala, tendo conseguido pegar uma das facas na mesa de café no processo.

Enfureceu-o ver tanto medo nela, essa mulher forte e sensual que o tocou com um conhecimento que desmentia o fato de que eles eram novos amantes, mas ele manteve seu tom moderado, cheio de uma sensualidade preguiçosa. “Obviamente nós vamos precisar colocar as armas mais longe da próxima vez.”

O brilho de pesadelo levou vários segundos para sumir do verde assombrado dos olhos de Honor. Olhando para a lâmina na mão, ela deu um pequeno grito e a atirou na parede acima da cabeça dele.

“Desistindo tão cedo?” Ele entortou um dedo mais uma vez.

Um olhar que continha milhares de terrores sem nome, mas ela avançou de volta para retomar sua posição anterior montada nele, o peso dela exuberantemente feminino, seu corpo construído para o prazer de um homem... De Dmitri. Quando ela foi como se para beijá-lo, ele balançou a cabeça. Levantando um dedo, ele traçou a linha de sua mandíbula tensa, os tendões rígidos de seu pescoço.

“Mulheres,” ele murmurou, “podem querer me machucar de vez em quando, mas ninguém nunca disse que me beijar era um castigo.” Embora ele se pudesse transformar em um—imortalidade tinha lhe dado muito tempo para aperfeiçoar a habilidade de ser um bastardo.

“Malditos sejam.” Honor desmoronou contra seu peito com essa afirmação sóbria que continha uma tremenda fúria. “Enfurece-me que Valeria e os outros me transformaram nessa criatura fraca e patética.” Sua respiração soprou no pescoço dele quando a mão dela apertou seu ombro, unhas cavando em sua pele.

A sensação de seus seios cheios pressionando contra ele agitou mais seus sombrios instintos sexuais, mas a imortalidade também tinha dado a ele a capacidade de adiar a gratificação para encontrar prazer em cada passo da mais íntima das danças entre homem e mulher. E a confiança de Honor era uma coisa extraordinária, para ser saboreada.

Passando a mão sobre o cabelo dela, ele entrelaçou os suaves cachos ao redor de seu dedo. “Ainda assim,” ele disse, esfregando os fios entre os dedos, “você está no colo de um vampiro que é o pesadelo deles.”

O corpo inteiro dela ficou estranhamente imóvel. “Parte de mim acha que você deve

ter me influenciado de alguma forma,” ela disse. “Porque não faz sentido lógico que eu confie em você tanto quanto confio.”

Dmitri desenrolou um cacho, torcendo ao redor de seu dedo de novo. “Quando eu desenvolvi a atração pelo aroma primeiramente,” ele disse. “Eu achei isso divertido para seduzir as nascidas-caçadoras.” Seu cinismo tinha crescido nas bordas irregulares de sua raiva. “Eu começaria com o aroma, depois diminuir até que não estivesse mais lá. Quando realmente as levava pra cama, elas apenas pensavam que estava—isso as dava permissão para ceder ao sexo com um vampiro, fingir que eu as fiz fazer isso.”

Honor levou alguns segundos para responder. “Isso é o que o nascido-caçador teme, que vão cair na atração do aroma.”

“Ninguém nunca reclamou.”

Honor ouviu arrogância fria nessas palavras, e ainda assim, o fato de que ele tinha compartilhado a verdade com ela, dizia que ele entendia que, com tons de cinza ou não, ele tinha roubado a escolha dos nascidos-caçadores, ao menos no começo. “Por que você parou?”

Ele continuou brincando com o cabelo dela daquele jeito preguiçoso que a fez querer abraçá-lo e fechar os olhos. “Era muito fácil.” Um dar de ombros. “Eu descobri que a conquista não significava nada—especialmente quando certas nascidas-caçadoras começaram a me procurar.”

“Como uma droga.” Ela podia provar o erotismo escuro dele em sua língua, seu corpo preparado com o cetim, champanhe e pele de suas carícias, podia muito bem entender a compulsão que tinha levado as caçadoras a voltarem pra ele por várias vezes.

“A atração,” ele disse. “Não é viciante.”

Não, ela pensou, Dmitri era.

Dmitri sonhou naquela noite com uma mulher com a luz do sol em seu sorriso e amor em cada respiração.

“Dmitri,” Uma voz tímida, suas mãos alisando sua saia. “Você não devia estar aqui.”

Ele queria tocá-la, beijá-la, adorá-la. Mas ela não era sua. Não ainda. “Eu trouxe estes pra você.”

Seus olhos, aqueles olhos castanhos erguidos nos cantos, se encheram de alegria ao ver as flores silvestres que ele tinha escalado toda uma montanha para coletar, sentindo-se como uma das cabras que percorriam a mesma extensão. Ainda assim, se ela pedisse para ele sair e reunir mais das

flores selvagens, ele faria isso sem dúvida. Por causa daquele sorriso, que era a razão de seu batimento cardíaco.

Pegando o buquê, ela meio que riu seu encanto. “Obrigada.” Uma inspiração forte, um olhar de determinação absoluta.

Correndo pra frente, ela o beijou nos lábios, apenas alcançando-o porquê ele já estava se curvando na direção dela.

Atordoado, ele não teve tempo de levantar as mãos, mantê-la com ele.

Ela se foi no instante seguinte, a saia chicoteando pelas pernas dele em uma explosão de cores, o cheiro dela uma mistura do sol e das flores silvestres que ela adorava. Ele sonhava todas as noites em ter o direito de pressionar o nariz contra a pele delicada da curva de seu pescoço, respirar aquele aroma enquanto se afogava no gosto selvagem feminino dela.

Como era nos sonhos, as cores mudaram sem aviso até que ele já não estivesse de pé em um celeiro duro, mas dentro das paredes da pequena cabana que ele construiu com as próprias mãos, uma linda mulher morena de pé, tímida e incerta, na frente dele, de costas para sua frente. Ele a tocou entre as coxas até que ela estivesse escorregadia e rosa com boas-vindas, a beijou lá apesar de seus gritos chocados, lambeu o almíscar requintado de seu prazer... Mas nunca a reivindicou como ele desejava fazer. Tal coisa teria a desonrado.

“Ingrede.” Fechando as mãos sobre os braços dela, ele puxou-a contra seu peito. “Você está com medo?”

Sua resposta foi um sussurro, seu corpo trêmulo até que ele queria apenas acariciá-la, lentamente e simplesmente. “Sim.”

Beijando a curva suave de seu pescoço no lugar exato que ele sabia que a deixava com os joelhos fracos, ele se encontrou empurrando seu corpo excitado contra o dela, seu controle em farrapos. Agarrando-o de volta, embora fosse um aperto precário, ele esfregou os lábios sobre sua pele. “Eu nunca te machucaria.” Ele arrancaria o próprio coração antes de colocar uma contusão nela.

Fazendo aquele som gemido na garganta que ele amava, ela inclinou a cabeça para dar-lhe um acesso mais fácil. “Você sabe tantas coisas.” Palavras roucas. “Eu sei apenas o que você me ensinou.”

Ele estremeceu quando ela se empurrou contra ele. Controle perdido, ele mordeu o pulso dela enquanto alcançava ao redor para agarrar seus seios com um azevime que nunca antes ousou, com medo de ela se afastar. Mas agora... Agora ela era sua esposa, e apesar de sua pele queimar com cor, ela não se afastou. “Você é tão linda.” Ele a moldou através do tecido de sua roupa, entregando-se de uma forma que ele sonhou por anos, muitas vezes acordando com o pênis duro entre suas pernas.

“E eu sei,” ele disse, lambendo sua pele porque o sabor dela era um prazer abrasador,

“apenas o que aprendemos juntos.” Tocar outra mulher—ele nunca tinha ao menos considerado isso, não importa os convites que tinha recebido. “Qualquer outra coisa é simplesmente imaginação de minha parte.”

Ingrede deu uma risada surpresa, seus seios quentes e pesados sob suas carícias íntimas. “Sua imaginação é uma coisa perigosa para uma mulher.”

“Para você,” ele corrigiu. “Eu quero ver você, esposa.” Soltando seus seios só porque tinha a intenção de se fartar com eles quando a desnudasse, ele começou a desatar seu vestido, consciente da respiração dela ficando cada vez mais rápida, seu pulso uma batida forte.

Mas ela não levantou as mãos para detê-lo, essa pequena mulher com curvas maduras que tinha sido sua fantasia desde o dia em que ele olhou pra cima ajudando seu pai nos campos para perceber que ele não era mais uma criança e nem ela. Quando ele empurrou seu vestido pelos braços dela, ela puxou o resto do caminho com um toque tímido, o material agrupando em seus quadris.

23

Um simples toque, um pequeno puxão e ela estava nua na frente dele, suas costas ainda pressionadas no peito dele. Estremecendo com uma fome possessiva, ele passou suas mãos pelas coxas dela, passando pela leve curva em seu abdômen e voltando aos seus seios novamente, sua pele cremosa contra as mãos calejadas.

Cheios e firmes e com mamilos escuros que havia provado quando ele seduziu-a a permitir que puxasse sua blusa para baixo, em um dia enevoado de verão, eles fizeram sua mente reluzir com ideias que ele estava certo que o ancião da vila chamaria de “extremamente inaceitáveis.” Ele não ligava. No que dizia respeito a explorar o que era bom entre ele e Ingrede, ele nunca ligou.

“Eu sonho,” ele sussurrou no seu ouvido, “em deslizar-me entre seus seios.” Usando seu antebraço para levantá-los, ele chupou seu dedo para deixá-lo molhado, então enfiou entre os peitos dela para ilustrar o que ele queria dizer.

O corpo de sua esposa tremeu em reação, sua mão agarrando o braço dele. “Minha mãe me avisou que você não seria o tipo de marido manejável.” Ela ficou nas pontas dos pés para beijá-lo, daquela maneira que ela sabia que o levava a uma gloriosa loucura.

Sugando a língua dele, ela estremeceu enquanto ele passava sua mão pelo seu corpo até chegar aos cachos entre suas coxas macias, mas recusou a abrir suas pernas. Tendo jogado este jogo íntimo com ela antes, ele se afastou sem cuidado, esfregando seus dedos na pequena protuberância que ele queria chupar. Ela tinha empurrado a cabeça dele da última vez, incapaz de aguentar o prazer... Mas ela não seria capaz disso com suas mãos amarradas.

“Abra suas pernas.” Ele ordenou quando ela quebrou o beijo para respirar.

Balançando sua cabeça, ela apertou suas coxas ainda mais, rubor passando por suas bochechas.

Sua própria pulsação rugia dentro de suas veias. Abaixando sua cabeça, ele colocou um dos mamilos dela na boca e sem aviso começou a chupar, com força e vigor. Ela soltou um gemido, suas mãos foram para o cabelo dele, abrindo suas pernas instintivamente para manter o equilíbrio. “Eu clamo vitória,” ele disse, liberando o mamilo dela.

A resposta dela tinha uma perversidade que ninguém nunca havia ouvido. “Você irá me fazer sofrer?”

“Ah, irei.”

Ela estava quente e molhada ao seu toque—pareceria o paraíso quando ele afundasse nela. Mas isto também a machucaria. Os dedos dele estiveram dentro dela quando ambos estavam sozinhos e excitados em um campo dourado no dia do festival e mais tarde em um escuro canto do

celeiro de seu pai, sabia quão apertada ela era.

Seu pênis pulsou com a ideia do prazer que lhe aguardava, mas ele não poderia ter isso enredado com a dor dela. “Deite-se na cama.” Pegando-a antes que ela pudesse responder, ele a colocou em sua cama simples, então—tirando a própria roupa—acomodou sua cabeça entre as coxas dela, puxando as pernas sobre os ombros.

Os dedos dela apertaram os lençóis, mas ela não o impediu quando ele separou suas dobras suaves para beijá-la com uma lenta ferocidade, que ele não se atreveu a desencadear antes que eles fossem marido e mulher. Ela gritou, torceu, chorou, mas era prazer que coloris suas respostas, prazer que a teve puxando o cabelo dele com suas mãos frenéticas.

Em vez de parar, ele descobriu aquela pequena saliência de carne que ele havia descoberto na primeira vez que havia deslizado a mão sob suas saias, e então ele chupou. As mãos dela dilaceraram o seu cabelo, mas ele continuou o tormento até que o dedo que ele tinha inserido dentro dela estava encharcado com o calor líquido de sua necessidade. “Agora,” ele murmurou, elevando-se acima dela, seu pau um comprimento rígido: “Eu irei fazê-la minha.” Ajustando-se à seda molhada de sua abertura, ele fechou a mão sobre a curva de seu quadril.

Entrar nela foi o prazer mais tormentoso que ele já havia sentido. Quando ela choramingou de dor, ele tentou parar, mas ele era jovem, seu controle desfiado, e por um instante, ele ficou com medo de que fosse tomá-la enquanto ela não queria ser tomada. Isso congelou o sangue em suas veias. Bloqueando cada um de seus músculos, ele tentou encontrar sua mente.

Os dedos dela sobre o peito dele, a mão dela em seu ombro, puxando-o para baixo para encontrar sua boca. “Não pare Dmitri. Não pare.”

Foi a única coisa de que ele precisava. Empurrando até chegar ao final e se afundou nela, as unhas dela cavando em seus braços, e ele a beijou. E continuou a beijá-la quando ele começou a se mover dentro da quente, molhada bainha que o mantinha em um aperto possessivo. Ela não encontrou o prazer novamente antes que o seu próprio prazer trovejasse sobre ele, arqueando sua espinha em um raio que o tinha derramando dentro dela, mas ele não podia amaldiçoar a si mesmo por isso. Não quando o seu sangue estava queimado com a cicatriz líquida de prazer. Não quando ele despertou para encontrar uma mulher com um largo sorriso deitada debaixo dele, pegando seu rosto com adoráveis mãos.

“Eu estou agora,” ela sussurrou, “completamente corrompida, marido.”

Os olhos de Dmitri se abriram para ver a parede de seu escritório na Torre. Ele raramente dormia—parecia um desperdício de tempo, já que ele precisava muito pouco para sobreviver. Mas depois de voltar do apartamento de Honor, ele se sentou em sua mesa, a sua mente na caçadora que ameaçava fazê-lo sentir as coisas que há muito tinham

virado poeira em sua alma. Minutos depois, ele estava dormindo e sonhando com a única mulher que teve seu coração.

Embora ele tivesse a tomado como um homem toma uma mulher na noite de núpcias, Ingrede sempre foi dele, as fazendas de suas famílias lado a lado. Eles caíram na lama juntos quando crianças, fartaram-se em frutos de verão em dias lentos e dourados pelo sol, e um ensinava ao outro as coisas que sabia.

Quando ela sorriu para ele naquele dia sobre as flores silvestres, a emoção que tinha estourado dentro dele tinha sido incandescente. E tinha permanecido fiel com o passar dos anos, à medida que cresciam. Olhando para trás, ele não poderia imaginar que ele já tinha sido aquele menino inocente que tinha acordado antes do amanhecer para escalar uma montanha, exceto que seu amor por Ingrede ainda era muito profundo, muito verdadeiro.

Uma risada rouca de mulher.

Não era de Ingrede.

Saindo de sua mesa, ele caminhou para a janela de vidro que dava para fora no silêncio de uma Manhattan presa entre o dia e a noite, os edifícios de aço suaves sombras de cinza ao invés de brilhantes baluartes. Era, talvez, a única vez que a cidade estava quieta, apenas duas horas entre o fim da vida noturna e o início da corrida do dia.

Ele viveu aqui há centenas de anos, viu a cidade crescer do nada a uma cujo ritmo cardíaco falava a milhões em toda parte. Ele considerou ir embora, às vezes, tinha feito isto durante sua estadia na corte de Neha, jovem e ainda cheio de uma raiva que não tinha nenhuma saída. E depois, claro, Favashi havia aparecido. A doce e graciosa Favashi, que tinha sido uma rainha em formação, a sua casa cheia de música, arte e calor — a armadilha perfeita para um homem que havia procurado consolo por séculos e encontrara nenhum.

Por que você nunca me perguntou mais sobre Favashi? Ele perguntou ao anjo que ele podia enxergar vindo em direção à Torre, sua envergadura distinta, os filamentos de ouro brilhantes, mesmo à luz fraca.

A resposta de Raphael foi brutalmente honesta. *Não parecia um assunto que você queria discutir.*

Você poderia pelo menos ter me chamado de idiota, ele disse assim que Raphael pousou na varanda exterior, *colocado alguma razão em mim.*

“Não houve,” Raphael disse, entrando na sala enquanto ele dobrou suas asas em suas costas, “necessidade. Favashi era uma boa escolha de companheira para alguém com sua força.”

Favashi nunca quis um companheiro. “Se eu quisesse ser transformado na ameaça pessoal dela.”

“Você é a minha, afinal.” Uma ligeira curva em seus lábios.

“Isso é apenas um bônus.” Enquanto falava, ele percebeu que algo mais mudou em Raphael do que simplesmente as suas asas. O arcanjo tinha sido seu amigo durante séculos, mas ele se tornou um ser remoto, mais distante nos últimos 200 anos.

Dmitri realmente não tinha dado atenção para essa transformação porque ele estava no mesmo caminho. Mas agora o azul dos olhos de Raphael estava cheio de humor e falou a Dmitri como haviam feito uma vez em um campo longe da civilização, dois homens muito diferentes que tinham encontrado um terreno comum. “Ela veio aqui enquanto você estava fora,” ele disse, se perguntando o que isso queria dizer sobre ele que ele não apenas notou a diferença em Raphael, mas respondeu a ela.

“Como ela não está ferida ou morta, eu acredito que você se controlou.”

“Sem dificuldade.” A verdade é que, enquanto o seu orgulho tinha sido ferido pela maneira com que Favashi brincou com ele, sua raiva em direção a ela sempre tinha sido uma coisa fria. Se Honor fizesse algo semelhante, ele percebeu, contasse-lhe mentiras de amor com seu rosto tão doce, não haveria frio, apenas a mais mortal fúria de sangue.

Um farfalhar de asas. “Se nós estamos fazendo perguntas,” Raphael disse, “então eu tenho a minha própria. Por que você nunca me culpou pelo interesse de Isis em você?”

“Porque,” disse Dmitri, “a loucura de Isis era dela própria. E se havia alguma penitência a ser paga, você a pagou naquela sala embaixo da fortaleza.” Acorrentado à parede oposta à Dmitri, Raphael tinha sido forçado a assistir a violenta conversão de Dmitri, testemunhar outras atrocidades de Isis, ouvir o grito lamurioso de Dmitri enquanto Isis sussurrava o que tinha feito com Ingrede e Caterina.

E ele tinha estado lá no final, um guarda silencioso, quando Dmitri havia segurado o minúsculo corpo de seu filho em seus braços e chorado até que ele não sobrassem lágrimas dentro dele, seu interior o de um homem vazio. “Eu pensei que tinha morrido naquela sala,” disse ele, as mãos ficando em punho enquanto lembrava-se de como eram frágeis os ossos de Misha, quão pouco esforço foi necessário para quebrá-los.

O arcanjo não disse nada por um longo tempo. Quando ele finalmente falou, não era nada esperado. “Eu pensei que você tinha, também.”

Dmitri encontrou aqueles olhos azuis impiedosos. “Por que manter um homem morto andando, então?”

“Talvez eu soubesse o que você um dia se tornaria.” A resposta fria de um arcanjo. *Ou talvez foi porque você não foi o único que fez um voto naquele lugar de horror.*

Dmitri passou a mão pelo cabelo. “Você deveria rir de mim, Raphael. Eu fui contra você se envolver com uma caçadora, e agora me encontro muito na mesma posição.” Honor estava se tornando importante demais, uma compulsão que não era apenas sexual,

não era apenas física.

“Não é difícil,” disse Raphael. “Ter uma caçadora ao seu lado.”

Mas ela não era simplesmente uma caçadora. Ela era a mulher que despertou lembranças de uma vida que ele perdeu uma eternidade atrás. O riso de Ingrede... Havia muito, muito tempo desde que ele tinha ouvido, mas quando Honor ria, ele sentia como se quase podia alcançar e tocar sua esposa. Uma estranha loucura, e uma que ele não tinha nenhuma vontade de lutar—seu coração doía com uma necessidade que tinha sobrevivido à imortalidade, sobrevivido a toda sua depravação, sobrevivido à sua própria vontade.

“Você já testou o sangue dela?” A pergunta de Raphael foi pragmática. “A amostra deve ser simples de adquirir, já que a sociedade mantém unidades de sangue armazenado para todos os seus caçadores.”

Ignorando a dor em seu peito, Dmitri olhou para o arcanjo. “Tão certo?”

Raphael não respondeu, porque nenhuma resposta era necessária. Eles não estariam tendo esta conversa se Honor não fosse importante. “Eu não gostaria,” disse ele em vez disso, “que você perdesse outra mortal.”

“Às vezes, não há escolhas.” Ele pensou em Illium, que continuava a ser atraído pelos mortais, apesar de ter perdido a mulher humana que ele amava, vendo-a casar com outro homem. O anjo de asas azuis tinha vigiado a família dela, até que ela morreu, e então ele tinha observado seus filhos e os filhos de seus filhos... Até que se espalharam por todo o mundo, e a pequena aldeia de montanha onde o seu amor tinha nascido deixou de existir.

Sempre há escolhas.

“Não, Raphael,” Dmitri disse em resposta ao tom gelado em sua mente. “Eu estive ao seu lado por séculos, mas se você tocá-la, isso lhe custará a minha lealdade.” *E eu farei o meu melhor para te matar.*

Uma pista de alguma emoção inominável nas profundezas desumanas dos olhos que tinham visto um milênio e mais passar. “Então, ela não é apenas importante. Ela é sua.”

Seguindo para mais perto do vidro, ele olhou para uma cidade começando a brilhar como prata na luz da madrugada. “Eu não sei o que ela é.” *Mas ela é compatível.* Ele obteve seu sangue, tinha o teste feito dias atrás, impulsionado pela necessidade desconhecida. A toxina que transformava mortal em imortal não a levaria à insanidade; não iria deixá-la uma casca quebrada da mulher fascinante e atraente que ela era hoje.

Você sabe que tem apenas que pedir. Não haverá Contrato para a sua escolhida.

Eu sei. Ele e Raphael tinham lutado ao longo dos séculos, tinham brigado, mas eles

eram amarrados por laços tão profundos que as ligações tinham aguentado até mesmo quando eles se tornaram cada vez mais velhos, cada vez mais desumanos. *O problema é que eu acho que a última coisa que Honor iria querer é se tornar um vampiro.*

Outro silêncio entre dois homens, que se conheciam o suficiente para não temê-lo. Dmitri foi quem o quebrou. “O que Naasir disse?” O vampiro, um dos Sete, estava atualmente postado na cidade recém-ressuscitada de Amanat, uma vez uma das joias da coroa da Arcanjo Caliane, agora sua casa.

“Que a minha mãe o trata como um animal de estimação amado.” O tom de Raphael continha uma diversão sombria misturada com algo mais perigoso. “Parece provável que ela percebeu o que ele é.”

“Não é nenhum segredo.” Apesar das origens e das habilidades de Naasir não serem amplamente conhecidas além de um pequeno e apertado círculo. “Pelo menos ela aceitou-o.” Dando-lhes um fluxo constante de informações de Amanat sem Raphael ter de estar lá. “E o anjo que Jason deixou em seu lugar?”

“Caliane ignora Isabel, que é um bom resultado.” As asas do arcanjo brilharam nos primeiros raios do sol. “Você sempre foi a minha lâmina, Dmitri. Diga-me—eu deveria matá-la?”

Dmitri encontrou o azul desumano daqueles olhos, séculos de amizade e de dor entre eles.

“Talvez,” disse ele, sua mente em uma mulher com uma gargalhada rouca e um sorriso que assombrava sua memória, “existam segundas chances.”

Honor sentou-se à mesa de jantar, o caderno que a Dra. Reuben tinha lhe dado agora fechado, a aurora brilhando no horizonte. Alguns edifícios ainda brilhavam com luz de escritórios, mas o dia estava chegando, o sol, um brilho quente no leste. A Torre estava delineada contra isto, parecendo de alguma forma mais suave neste frágil e estranho crepúsculo.

Dmitri, pensou ela, nunca parecerá suave.

Seu corpo continuava a arder de seu beijo lento, de seu toque. Nem mesmo o fato de que eles tinham ido pouco além após seu flashback poderia silenciar o impacto disto. Sua sensualidade era potente, tão crua como sofisticada, tão sombria como paciente.

Embalando-a. Seduzindo-a.

Honor sabia muito bem que ele estava administrando seus encontros, acostumando-a ao seu toque, seu beijo, sua força. Ela não tinha nada contra explorar sua

sensualidade com um homem que sabia mais sobre prazer do que ela poderia imaginar; ela confiava nele na cama. Claro, ela pensou com um sorriso, assim que se levantou para preparar o café da manhã, ela não tinha intenção de permitir-lhe continuar a liderar a dança, quando se tornassem amantes em verdade.

Ela terminou seu cereal e estava caminhando para reabastecer seu chá quando alguém bateu na parede de vidro que ficava em frente a seu apartamento. Girando nos calcanhares, sua mão foi para a arma enfiada na parte traseira de sua jeans... E viu asas de azul beijado de prata delineadas brilhantemente pelo sol nascente. Illium sacudiu o polegar por cima do ombro, em direção à Torre.

Balançando a cabeça, ela o viu cair, então varrer a cidade em um show deslumbrante de cor ainda mais surpreendente contra o amanhecer. Quando as suas asas se juntaram às de meia-noite e amanhecer, ela respirou atordoada, ainda completamente fascinada pela transformação de Elena. Ao invés de se manter pairando ao lado de Elena, Illium executou um mergulho acentuado vertical que deixou o coração de Honor em sua garganta, antes de voltar a subir, depois voar de volta com a mesma velocidade para girar ao redor e ao lado de Elena, uma brincadeira nos seus movimentos que diziam que os dois eram amigos.

Isso foi um sinal de alerta que ela teria para compartilhar com Ashwini, pensou com um sorriso enquanto ia mudar sua blusa para algo menos esfarrapado, tendo tomado banho quando acordou. Mas quando ela pisou no quarto, ela encontrou-se descartando a camiseta em favor de uma blusa de manga curta, e cavada que se pintou ao seu corpo e era um vermelho brilhante. Não iria impedir seus movimentos, nem sequer mostraria muito decote, mas era a coisa mais sexy que ela tinha usado desde o ataque. Era bom. Colocando um pouco de maquiagem, incluindo um batom vermelho sobre sua boca, ela puxou o cabelo para trás em um rabo de cavalo apertado e colocou suas armas.

Estava muito quente para cobrir o coldre de ombro com uma jaqueta, a temperatura aumentando durante a noite, de modo que ela deu de ombros e deixou por isso mesmo.

Havia uma Ferrari vermelha em modo conversível parada no meio-fio quando ela saiu de seu prédio. “Eu não tinha percebido que valia o serviço de transporte,” disse ela para o vampiro no banco do motorista.

24

Vestindo uma camisa branca, aberta no colarinho, e calças sociais pretas, ele parecia como um executivo bem-pago em seu caminho para uma reunião no café da manhã, seus olhos sombreados pelos óculos de sol espelhados que ela queria arrancar para que ela pudesse ler seu olhar.

“Eu não consegui o que queria de você ainda.”

Isso poderia ter sido uma piada. Poderia também ter sido a verdade absoluta.

“Você já comeu?” ele perguntou, puxando para dentro do tráfego.

“Sim.” Falando do café... “De quem você se alimentou?”

“Cuidado, Honor.” Um tom nas palavras que a atingiu do jeito errado. “Eu poderia começar a pensar que você é do tipo ciumenta, possessiva.”

Ela nunca tinha sido, mas então, ele era o único homem que tinha se tornado uma obsessão. Nas primeiras horas da manhã, ela tinha sonhado não com seu amante sem rosto, mas com Dmitri, com suas experientes mãos e toque pecaminosos. “Sim,” ela disse, sabendo que estava pedindo por algo que ele poderia ser incapaz de dar. “Eu acho que eu sou.”

Desviando para deixar de lado um carro popular que estava tentando entrar no trânsito maníaco, ele levou seu tempo para responder.

“Havia uma loira particularmente deliciosa em oferta na noite passada. Ela me ligou depois que eu deixei seu apartamento.”

A mão de Honor apertou a moldura da porta, seu braço apoiado ao longo da borda. Ela sabia que ele estava provocando-a de propósito—ele estava de mau humor, isso estava muito claro—e ainda assim, ela não podia lutar contra a possessividade primordial de sua resposta. “Eu pensei,” ela disse com uma calma fabricada, “que você tinha aprendido sua lição sobre loiras com Carmen.”

Ele virou, os levando em direção ao Túnel Lincoln ao invés da Torre. “Ah, mas o sabor quente e doce do sangue pode mascarar as qualidades menos atraentes.” Não demonstrando impaciência com o tráfego parado antes do túnel, ele tirou seus óculos de sol para colocá-los no compartimento abaixo no painel. “Honor.”

Raiva queimando em suas veias, ela virou a cabeça para se encontrar inspirando profundamente pela sexualidade intoxicante dele. O sol do amanhecer, o trânsito, nenhum deles fez nada para silenciar a intensidade daqueles olhos negros, os duros planos daquela

bela face.

“Eu,” ele disse em um tom que era pura seda áspera, “sou possessivo também, coelhinha. Letalmente.”

Sua raiva transformou-se em algo muito mais visceral. “Isso não me assusta,” ela disse, apoiando sua mão na coxa dele, a força dura do músculo retesando sob sua palma. “Mas eu vi como os vampiros de sua idade operam.”

“E como é isso?” Um baixo ronronar de uma pergunta que poderia muito bem ter sido estilete cortando sobre sua pele.

“Mal-humorado, não?” Nenhuma resposta enquanto ele guiava o carro para frente. “Eu sei,” ela continuou, “que os costumes sexuais são muito mais... relaxados.” Ela uma vez entrou em uma orgia em andamento durante uma caçada. Membros enroscados em abandono sexual, pescoço arqueados para uma mordida, e suspiros sussurrados dentro do ar perfumado com o almíscar do sexo, tinha sido erótico como o inferno, mas ela não tinha tido a menor inclinação para juntar-se—mesmo quando abordada por um par de gêmeos loiros escandinavos musculosos, algo saído de uma fantasia perversa.

“Isso não é para mim,” ela disse, porque enquanto tais fantasias eram divertidas, na realidade ela estava *muito* solidamente no campo da fidelidade. “Isso, entre nós, cruzou um limite.” Um limite que dava a ela o direito de exigir o que estava prestes a exigir. “Eu nunca aceitarei que você possa ter outras amantes—nem para sangue, nem para sexo. E se você espera isso, então nós paramos isso aqui e agora.”

Afastar-se de Dmitri destruiria algo vital dentro dela, mas pior seria observar a cabeça escura curvar-se sobre o pescoço de alguma outra mulher. “Não importa por quanto tempo ficarmos juntos”—e ela não era ingênua o bastante para achar que poderia segurar um homem como Dmitri para sempre—“precisa ser exclusivo.”

Quando ela ia retirar a mão da sua coxa, ele a cobriu com a sua própria por um segundo, segurando-a nele. “Loiras, ao que parece, perderam seus atrativos,” ele disse, aumentando a velocidade com um grunhido facilitado.

“Não é bom o suficiente.”

“Não haverá mais ninguém enquanto durar, Honor.” Uma promessa sem ambiguidade... Seguida por um aviso. “Para qualquer um de nós.”

Seu peito doeu e só então ela percebeu que estava segurando a respiração. Percebendo isso, ela disse, “Eu sei que é injusto, quando eu posso não ser capaz de permitir que você se alimente de mim.” Um vampiro tinha uma vez dito a ela que o sangue da veia era tão diferente do sangue armazenado quanto o mais decadente bolo de chocolate era de uma bolacha de arroz.

Entretanto, Dmitri encolheu os ombros que ela queria ver nus novamente. “Sangue

é bastante fácil de encontrar.” Transpondo o túnel, ele os levou para o subúrbio. “É o sexo que eu posso morrer sem.”

Ela cravou suas unhas em sua coxa, sufocando seu riso. Quando os lábios dele curvaram-se em um lento sorriso que a fez ter pensamentos perigosos, ela decidiu jogar com ele seu próprio jogo. Movendo sua mão, ela dançou seus dedos sobre o zíper de suas calças pretas. Ele xingou, mas conseguiu não se desviar.

Fez alguma coisa com ela que ele endureceu imediatamente sob seu toque, a deixou ainda mais ousada. “Tente não dirigir ao lado de um reboque ou uma picape,” Ela disse, fechando sua mão sobre ele e apenas apertando o suficiente para sua mandíbula tornar-se granito, “Ou eles verão tudo.”

“Foda-se isso.” Ele socou algo no painel e o teto do carro se desdobrou sobre eles com um zumbido eletrônico, fechando em menos de um minuto. Uma segunda pressão e as janelas subiram e ficaram opacas.

Bom Deus. “Quanto vale esse carro?”

Colocando sua própria mão na dela, ele a incitou a acelerar o ritmo. “Você não pode tê-lo. Não por uma punheta. Talvez se você usar sua boca.”

Os dedos dos pés dela enrolaram-se, desejo líquido crescente e quente em seu abdômen. “Você não pode gozar,” ela advertiu, bombeando-o com sua mão. “Ou você vai ter de dirigir todo o caminho de volta para se trocar.”

Cerrando os dedos no volante, ele silvou uma respiração. “Eu não esquecerei isso, Honor.” Era uma ameaça.

Uma que fez seus mamilos se apertarem, esfregando contra a renda do sutiã sexy que ela colocou embaixo da blusa. No entanto, ela nem sequer considerou parar—ela queria fazê-lo, ter uma experiência que a mulher quebrada que ela tinha sido no começo desta caçada nunca teria contemplado. “Lá,” ela disse, “é a entrada de algum tipo de parque.” Grama verde, umas poucas mesas de piquenique.

Puxando o volante, Dmitri entrou no pequeno estacionamento. Nesta hora do dia, era muito tarde para os caminhantes de cachorros e corredores e muito cedo para qualquer outra pessoa. Soltando seu cinto de segurança sem tirar a mão do colo dele, ela destravou o dele e inclinou-se para morder sua orelha. Quando ele estremeceu, ela soube que tinha encontrado outro ponto erógeno em seu corpo. “Não suponho que o para-brisa torne-se opaco?”

Sem uma palavra, ele alcançou para tocar algo no painel. O para-brisa virou uma fumaça negra um segundo depois. “Isso é legal?” Lambendo sua orelha, ela introduziu a mão livre através do colarinho de sua camisa aberta para brincar com seus dedos sobre o oco na base de sua garganta, sentiu os músculos dele travarem.

“Os crimes estão acumulando.” Sombrias e perigosas palavras.

Elas fizeram suas coxas apertarem, imagens das mais eróticas das punições passando por sua cabeça. Dmitri não seria um amante fácil—como o homem sem rosto que ela tinha visto em seus sonhos, ele exigiria e controlaria e possuiria. “Você,” ela murmurou, usando ambas as mãos para soltar seu cinto, “é o homem mais sexy que eu já conheci.” Ele a fazia ter pensamentos ruins simplesmente respirando.

Desabotoando o botão das calças dele depois de ter conseguido soltar o cinto, ela abriu o zíper. E deslizou sua mão pra dentro para fechar em torno da quente, rígida carne coberta com aveludada pele macia. Ele atirou sua cabeça para trás contra o encosto do banco, uma mão ainda sobre o volante, e outra curvada ao redor do corpo dela para agarrar a bainha de sua blusa. A linha tensa de sua garganta era uma irresistível tentação. Continuando a acariciá-lo com movimentos firmes que fez os tendões em seu pescoço tornarem-se brancos contra o calor sedutor de sua pele, ela beijou seu caminho para cima até um desses tendões... E então ela o mordeu.

A mão dele espalmou em suas costas em um único, súbito, movimento antes de apertar sua blusa novamente. Um instante depois, eles estavam beijando-se. Não era um leve roçar dessa vez, nem toque exploratório. Era todo língua e dentes e perversões molhadas enquanto ele a beijava como um homem que tinha sexo bruto, suado, sujo em sua mente e não preocupava-se se ela soubesse isso.

Respirando ofegantemente quando eles se separaram, ela o apertou, acariciando duro e rápido. Uma vez. Duas vezes. Os olhos dele brilharam. “Se eu não a conhecesse melhor,” ele disse, “eu diria que você estava tendo aulas na melhor maneira de agradar-me.”

“Eu deveria parar com isso agora mesmo por esse comentário, mas você está no meu sangue, Dmitri.” Não dando ao medoa chance de aumentar, ela abaixou a cabeça e o tomou todo dentro de sua boca.

“Porra!” A mão dele cerrou em punhos em sua blusa, mas ele não fez nenhum movimento para empurrar ou dirigir sua cabeça, como se soubesse o quão fina era a linha em que ela estava caminhando.

Dmitri tinha saboreado cada prazer sexual que havia para provar. Ele tinha deslizado para dentro de imperatrizes e rainhas, rolado para fora de camas com mais de um corpo nelas, sido satisfeito pela mais experiente das cortesãs e a mais devassa das imortais. Por um instante curto e agudo, a depravação tinha o feito esquecer.

Então tornou-se um jogo ver quão longe ele poderia ir, quanto excesso ele poderia

desfrutar sem destruir a si mesmo. No entanto, nos últimos cem anos, mesmo o erótico havia falhado em satisfazê-lo—ele tinha jogado o jogo, mas com cálculo frio, pouco calor. E ainda assim, neste momento, ele não poderia imaginar que já tinha sido consumido por tal tédio. Ele mal conseguia se segurar para não fechar a mão em punho no cabelo de Honor, ensiná-la exatamente como ele gostava.

Manter suas mãos onde elas estavam era um exercício da pior autocontenção. Ele não se atrevia a olhar para baixo, ver aquela exuberante boca trabalhando nele com luxuriante confiança. Então Honor gemeu no fundo de sua garganta e seu corpo arqueou-se, sua espinha se curvando enquanto prazer arqueava de seu pênis para derramar através dele em uma cascata brutal.

Ela não tirou sua boca dele quando ele quebrou, lambendo sua semente com uma abertura sensual que o fez se perguntar quem ela seria quando estivesse totalmente inteira, sem fraturas em sua psique. Não mais fraturas, ele pensou, arfando enquanto ela acariciava sua boca fora dele com um sugar prolongado no final, mas apenas rachaduras.

Apoiando-se com as mãos sobre as coxas dele, ela o encarou. Suas bochechas estavam ruborizadas, seus olhos um profundo, apaixonado verde, seus lábios macios e vermelhos. Soltando sua blusa para se rearrumar, ele observou ela observá-lo. O instante que ele terminou fechou seu cinto, ela contorceu-se sobre o painel entre os assentos para enrolar-se em seu colo, sua cabeça em um ombro, sua mão traçando desenhos através do tecido fino de sua camisa.

Ele curvou uma mão ao redor dela, colocando a mão livre em sua coxa. “A última vez que eu dei amassos em um carro, não haviam carros.” Tinha sido em uma carroça carregada com legumes. De alguma forma ele tinha convencido sua nova esposa escandalizada a ir para a parte de trás, onde ele a tinha desfrutado profunda e satisfatoriamente.

Mas sua memória favorita era de Ingrede aparecendo na carroça por si mesma em um dia de verão, um convite em seu olhos castanhos que ela nunca iria verbalizar. Não ainda. Mais tarde, quando eles tinham estado juntos vários anos, quando Misha estava caminhando, então sua esposa tinha algumas vezes sussurrado o mais pecaminoso dos acolhimentos em seu ouvido.

Enquanto outra mulher agora mordiscava o lóbulo de sua orelha e dizia, “Eu quero sua boca em mim, Dmitri,” em um baixo, rouco tom que era tão bom quanto o toque. “Eu sonhei com isso, acordei com os lençóis enrolados ao redor de minhas pernas e minha mão entre minhas coxas.”

Acariciando sua própria mão mais para cima em sua coxa, ele a insinuou entre suas pernas. Ela tremeu, mas não lutou. Em vez disso, ela fez aquilo que ela fazia—deslizando um braço ao redor de seus ombros, ela usou o outro para traçar sua mandíbula enquanto puxava sua cabeça em direção a ela.

Ele fez do beijo uma lenta, lânguida sedução enquanto pressionava com a palma da sua mão, empurrando a costura de seus jeans contra seu clitóris. Apenas isso. Sem outra intrusão. Uma simples, inexorável pressão, que fez sua respiração mudar, seu corpo tentando montar contra seu toque. “Quer que eu esfregue, Honor?” ele perguntou, diminuindo a pressão. “Seja uma boa garota e diga as palavras.”

Ela mordeu seu lábio inferior. Forte. Boca curvando, ele começou a esfregar—pequenos, minúsculos movimentos para cima e para baixo que a fizeram se contorcer, a quente essência dela crescendo para dominar o ar dentro do carro. Sensível como ele era a essência, ele sentiria pistas dela pelos dias que viriam. Ele estava bastante certo que seu pênis ficaria rígido todas as vezes.

“Dmitri.” Sua mão apertando a nuca dele, ela ficou imóvel.

Ele quase podia ver as ondas de prazer rolando sobre seu corpo, fazendo uma nota para observá-la quando ela deitasse nua em sua cama em um dia próximo. Quando ela relaxou contra seu braço, ele apoiou aquele braço contra a porta, a deixando esparramar-se pelos dois assentos, uma longa perna dobrada e apoiada no assento do passageiro, a outra no chão. As curvas de seus seios levantando e abaixando em um ritmo irregular que era a mais potente das seduções.

Vendo que seus olhos estavam turvados até quase ficarem escuros pelo prazer, ele esparramou suas mãos sobre seu abdômen. Nenhum recuo, nenhum indício de medo. Então ele deslizou aquela mão para empalmar seu seio, mantendo contato com os olhos o tempo todo para que ela soubesse que era ele, mais ninguém. Uma respiração irregular, sua mão apertando-se em seu lado. “Gosta de incitar, não gosta?”

“Se eu não fizer isso,” ele ronronou, inclinando-se para beijá-la enquanto ele acariciava e moldava seu seio com uma mão proprietária. “Como eu conseguiria levá-la a um ponto onde você me deixaria amarrá-la e usar um chicote?”

25

Suas unhas se cravaram na nuca dele. “Um chicote?”

“Um chicote de veludo,” ele murmurou, deixando uma trilha de beijos subindo o maxilar dela, mas não descendo até a garganta. Ela não estava pronta pra isso ainda. “Eu vou golpear tão suavemente em sua pele, que vai causar somente a mais prazerosamente extraordinária dor.”

Olhos verdes profundos, preenchidos com uma sensação de *tempo*, de conhecimento que nenhum mortal deveria possuir. “Você sempre foi desse jeito, não?”

Fascinado pelo enigma dela, ele segurou aquele olhar melancólico mesmo enquanto ele a apertava e a acariciava, fazendo com que ela se acostumasse com o seu toque, seu corpo. “De que jeito?”

“Pronto para misturar um pouquinho de dor com seu prazer.” Ela fez um som gutural, saindo do fundo da garganta enquanto ele acariciava o mamilo dela com seu polegar. “Não tem nada a ver com o seu vampirismo.” Suas palavras despertaram outra memória, arrastando-o de volta a um passado que já não parecia mais contente em permanecer enterrado.

“Dmitri...” Um tremor nervoso na voz da mulher nua exposta como uma oferenda diante dele, os seios amplos e altos, seus quadris largos, seu corpo cheio de curvas e tentação e suas mãos amarradas nos postes da cama que ele esculpira sabendo que ele compartilharia com ela.

“Shh.” Deitando completamente vestido ao lado dela, ele a acariciou gentilmente, suas mãos em seus seios, seus dedos puxando seu mamilo com sensual conhecimento conquistado através do namoro e do casamento deles. “Eu nunca a machucaria.”

“Eu sei.” A confiança absoluta da afirmação dela faria com que ele fosse dela se ela já não possuísse a sua alma. “Eu só... Ninguém fala sobre essas coisas.”

Movendo sua mão entre as coxas dela para descobri-la úmida para ele, ele a tocou com golpes prazerosos, sentiu seus quadris se erguerem e baixarem para ele. “Você está me dizendo,” ele disse, “que você discute nossas brincadeiras no quarto com as outras esposas?”

O rubor preencheu as bochechas dela, mas ela continuou a se mover contra a mão dele, tão generosa com sua sensualidade, quanto era com seu coração. “Claro que não. Tenho certeza que ninguém acreditaria em mim em relação a você.”

Ele riu e beijou-a, essa mulher que estava disposta a aceitar sua necessidade de jogos que poderiam muito bem fazer com que outra mulher desmaiasse por pura histeria. Claro, ele não queria fazer isso com mais ninguém. Somente com Ingrede.

Entrelaçando sua língua na dela, ele tirou sua mão de entre as coxas dela e desferiu um tapa suave e brincalhão naquela mesma carne delicada. Ela gemeu... Levantando seus quadris pedindo mais. Ele deu a ela. Deu tudo. Porque enquanto ela era aquela com as mãos amarradas, ele era o escravo. O escravo dela.

“Sim,” ele disse, respondendo a pergunta de Honor enquanto colocava sua mão na coxa dela. “O vampirismo simplesmente permitiu que eu refinasse isso, me satisfizesse infinitamente.” À medida que as estações mudavam, que a ruína da cabana desaparecia nas areias do tempo, as brincadeiras sexuais ganharam um toque de crueldade.

As companheiras de cama dele iam pra casa com marcas de chicote mais frequentemente que nunca e sempre voltavam implorando por mais. Às vezes ele as torturava na cama porque lhe dava prazer. Algumas vezes ele fez porque o divertia. Mas nunca o fez porque lhe dava o mesmo prazer que ele tinha quando amarrava sua esposa na cama simples deles em uma casinha em um campo esquecido onde as flores silvestres agora floresciam.

“Qual era o nome dela?” Honor se sentou, uma emoção bruta queimando sua garganta na desolação terrível que ela vislumbrou. “A mulher que colocou esse olhar em seus olhos?”

“Ingrede.” Nada na voz dele, e aquela era uma resposta por si só. “Nós temos que ir.”

Ela voltou ao próprio assento, ajeitando-se para refazer o rabo-de-cavalo. “Ingrede,” ela disse, não tendo como deixar o assunto pra lá, “ela era sua mulher, não era?”

Ele encarou o para-brisa agora transparente, mas o que quer que tivesse visto, não tinha nada a ver com a grama verde além. “Era.” Então, quando ela achou que ele não falaria mais nada, ele disse: “Minha mulher... E mortal.”

Os assuntos de Dmitri com Sorrow duraram apenas alguns minutos, e Honor achou que ele estava conferindo se estava tudo bem com a jovem, mais do que qualquer coisa. “Eu não esqueci,” ela disse para Sorrow, quando Dmitri foi falar com Venom. “Sobre as lições de autodefesa.”

“Eu posso esperar.” A expressão de Sorrow era feroz, seus olhos vivos com um anel de verde brilhante. “Eu espero que encontre cada um dos desgraçados que a machucaram e os faça gritar.”

De volta ao carro, ela virou para o vampiro ao seu lado—o vampiro que teve uma esposa uma vez. Uma esposa que ele amou com tanta devoção que ele protegeu a recordação dela com uma força perversa, mesmo agora. Sua expressão se fechou logo após

o momento em que falou da mortalidade de Ingrede. Estava claro que ele se arrependera de contar tudo aquilo a ela.

Sua lealdade... a abalava.

Honor nunca havia sido amada assim, nem acreditava que era possível. “Venom achou alguma coisa?” ela disse, ciente que ele não lhe falaria mais nada sobre Ingrede. Não agora.

“O primeiro dos vampiros que Jewel nomeou,” ele disse, seu tom de voz mais uma vez o tom da mais sofisticada das criaturas, “tem um amante de longa data e nunca mostrou nenhum interesse em mulheres.” Um balançar de cabeça que fez com que o cabelo negro dele resplandecesse sob a luz do sol. “Não tenho certeza como isso passou por mim, mas tirando isso, o vampiro é muito burguês, como Valéria colocou, para ter sido convidado.”

“Tradução: ele está feliz com seu amante e não precisa abusar de alguém para espantar o tédio.”

Dmitri concordou com a cabeça. “O segundo indivíduo não fez nada digno de nota enquanto estava sob vigilância, mas pelo que eu sei de seus hábitos, ele poderia estar envolvido. Mande Illium interrogá-lo.”

“Illium parece muito bonito para ser perigoso.” A beleza máscula de Dmitri, por outro lado era mais obscura, mais ousada.

“Ninguém espera que ele tire uma faca e fatie os testículos deles,” ele disse com um divertimento letal em seu tom enquanto os levava ao longo da Ponte George Washington. “Ele faz isso com tanta graciosidade, também.”

Honor não ficou chocada, porque enquanto o que ela disse era verdade, ela aprendeu há um bom tempo que aparências podem enganar. “Você cultivou sua reputação de propósito?”

Ele riu e era como um pedaço de pele passando pelos seus seios, seu corpo parecia ter se tornado mais sensível ao cheiro de prazer. “Eu estava muito ocupado encharcando campos de batalha com sangue e fodendo mulheres para cultivar qualquer coisa.”

Honor nem considerou deixar pra lá, por que, a partir dessa manhã, eles pertenciam um ao outro, mesmo que aquele pertencer fosse uma coisa passageira. “Você está com tanta *raiva*.” Afiada e cegamente cortante, aquela raiva era uma coisa fria, fria. “Diga-me por quê.”

Um longo silêncio. “Minhas memórias são minhas penitências, Honor. Não tem sentido algum dividi-las.”

“Eu nunca serei um ornamento, ou uma parceira de cama contente em ficar nessa

posição.” Ela não podia ser, não quando a profundidade de sua influência não tinha nada de racional, nada de sensível.

“E eu,” ele disse, alcançando para agarrar a coxa dela, “Nunca serei...”

“Manobrável.” Ela o interrompeu em uma explosão repentina de humor. “Eu acho que não posso dizer que eu não sabia disso quando concordei.”

Dmitri deu a ela o olhar mais estranho enquanto eles pararam por causa do sinal vermelho. “Por que escolheu essa palavra?”

“Pareceu se encaixar.” Percebendo que não tinha nenhuma maneira de ele revelar nenhuma vulnerabilidade até que ele confiasse nela em um nível que demoraria um tempo pra desenvolver, ela decidiu retornar ao tópico anterior da discussão. “E o terceiro vampiro?”

Tirando olhar dela depois de outro olhar inquisidor, ele desacelerou a Ferrari sobre a ponte. “É quem vamos ver—ela está em Stamford,” ele disse, explicando porque eles estavam entrando em Manhattan. “Parece que ela está trancafiada em casa há pelo menos cinco dias. Tem se alimentado de viciados de sangue que vem à sua porta.”

“Eu não conheço esse termo.” Embora ela tenha ouvido “puta de vampiro” usado para descrever aquelas que eram viciadas em beijos de vampiros.

“Viciados de sangue vêm em pares.” Dmitri explicou. “O único jeito que eles têm para ficar excitados o suficiente para fazer sexo é se um vampiro se alimentar de um ou dos dois de uma vez. Então, é como se fosse sexo a três—somente uma parte dos Transformados acha isso remotamente atraente.”

Honor concordou. “A maioria dos humanos não chega perto da beleza dada pelo vampirismo.”

“O problema é que o vampiro é relegado a ser apenas um condutor, não o centro.”

Nenhum vampiro ia gostar disso. “A mulher que vamos ver...”

“Jiana. Ela não é conhecida por ser do meio dos viciados, mas não há dúvidas que ela está participando ultimamente,” ele disse, se dirigindo para o Bronx uma vez que saíram da ponte. “Olhe no porta-luvas.”

Se inclinando pra frente, ela abriu o compartimento para encontrar um envelope. Dentro, tinha um grande número de fotografias preto e branco. “Quando elas foram tiradas?”

“Hoje cedo.”

A primeira era de um casal, loiro e bem apessoado, saído diretamente de uma chamada do “Casal 100% Americano”—a única coisa que estava faltando era o cachorro.

De mãos dadas, eles subiam os degraus de uma casa antiga graciosa, glicínias caindo das bancadas e o mundo envolto em negro.

A próxima foto era dos dois saindo da casa. Ambos estavam corados, os lábios inchados, o cabelo bagunçado—a camisa do homem estava abotoada errada enquanto a echarpe floral fino da mulher tinha sumido. “Isso é uma coisa que a mulher faz pelo seu marido e vice-versa?”

“Eles tem a própria subcultura,” Dmitri lhe disse. “Casam dentro dela. Faz tudo ser mais suave.”

Guardando as fotos, ela tentou assimilar a ideia enquanto Dmitri os tirava do Bronx entrando em Westchester e seguindo para Connecticut. Enquanto eles passavam de Greenwich para Stamford, que ela se lembrou de uma coisa que ela queria mencionar sobre outra subcultura estranha. “Eu recebi um email do detetive Santiago,” ela disse, percebendo que não sentia nenhum horror, apesar do fato que ela tinha sido mantida cativa e brutalizada a apenas uma hora de distância dessa cidade—a área era tão diferente que era como se estivesse em outro planeta. “Eles já prenderam alguém pelo assassinato de ontem de manhã.”

“O namorado da vítima e outro membro do clube,” Dmitri disse. “Eu me certifiquei de ficar de olho na situação.”

Honor sabia que a subcultura estaria em breve recebendo uma visita do tipo assustador de vampiro. “O clássico sexo e ciúme, de acordo com Santiago. Todos os três estavam envolvidos em um relacionamento sexual uns com os outros.”

“É uma boa dose de estupidez.” Com essa afirmação sem dó, ele virou e passou através de uma série de portões abertos que ficavam na frente de uma estrada de acesso ladeada por sicômoros antigos. A Ferrari estava quase na porta quando a mesma abriu para vomitar outro casal. Honor estremeceu.

Pegando, Dmitri riu. “Apetite não diminui com a idade, Honor. Você deveria saber disso.”

“É fácil aceitar com vampiros,” ela murmurou, assistindo o casal mais velho entrar no carro antigo deles. “Eu sempre acho que os jovens estão tendo uma adolescência estendida.” Saindo depois que o casal saiu, ela inspirou o ar fresco da primavera. “É um lugar bonito.” Mais árvores no fundo da casa, enquanto eles a estrada continha uma fonte delicada. Gramados e jardins bem cuidados se estendiam dos dois lados até a distância, canteiros de flores coloridas se movendo com o vento que sussurrava e as levantava para a direita levemente.

“Michaela também,” Dmitri disse, dando a volta no carro para acompanhá-la até a fonte, “tem uma das casas mais graciosas.”

Honor só tinha visto a arcanjo na mídia, mas não tinha como negar que Michaela era tão bonita quanto perversa. “E Favashi?” ela perguntou, e somente porque ela estava olhando diretamente para Dmitri que pôde perceber o trincar de seus dentes.

“Aquela parece gentil e suave, e, enquanto isso, está esmagando seus inimigos sob seus sapatos.” Um resumo brutal.

Não muito tempo atrás, ela descobriu que Dmitri teve uma mulher que amou uma vez. Agora ela percebeu que ele também pode ter tido uma amante arcanjo. “Término ruim?” O ciúme fez com que suas palavras fossem como lâminas afiadas.

Um levantar de sobrancelhas. “Perspicaz, coelhinho.”

Sim, ele sabia como provocá-la. Mas, estranhamente, ela sabia como provocá-lo também. “Eu acho que ser largado por uma arcanja deve machucar o ego de um homem.”

“Eu não sabia que coelhos tinham garras.”

A porta da casa abriu antes que ela pudesse responder ao comentário divertido. Olhando pra cima, ela viu uma vampira magra e alta com os ossos de uma supermodelo, lábios suaves como de uma sereia, e uma pele morena que resplandecia a luz do sol—tudo isso mostrado à perfeição em um robe de cetim bronze. “Nenhuma dessas mulheres possuem roupas?” ela resmungou.

“Nós a interrompemos durante a refeição,” Dmitri disse, enquanto subiam os degraus.

Jiana empalideceu com a abordagem deles, mas ela não estava encarando Dmitri... E o conhecimento nos olhos dela era condenatório. “Eu não sabia.” Um sussurro, sua mão agarrando o corrimão. “Quando eu aceitei o convite, eu não sabia. E quando eu a vi lá, eu não a machuquei. Por favor, você tem que se lembrar.”

Honor colocou a mão no braço de Dmitri, evitando seu movimento. “Esse cheiro.” Rico e doce e denotando riqueza. “Sim, eu me lembro.”

“Desculpe-me. Aqui, você quer um pouco de água?”

Bebendo somente porque seu captor, aquele que controlava os outros, não tinha se importado de dar água pra ela naquele dia, ela tomou o máximo que pôde. “Obrigada.”

“Não é nada.” Soluços abafados. “Eu não posso ajudar você. Por favor, não me peça isso.”

Honor ouviu o tremor de pânico na voz dela, sabendo que não encontraria libertação daquelas mãos. “De quem você tem medo?”

“De quem você tem medo?” ela perguntou outra vez, encontrando os olhos tão escuros quanto ônix.

Jiana pareceu entrar em colapso. Abraçando os braços em volta de seu corpo tremendo, ela subiu os degraus de volta em um convite silencioso. No interior, a casa era tão elegante quanto harmoniosa, a decoração relativamente moderna—o claro dominava, as paredes pintadas de um creme exuberante.

Um retrato perfeito de Jiana estava pendurado em uma parede. Era um nu, muito bem feito em seu erotismo lânguido e emoldurado com uma simplicidade que chamava a atenção para a arte, e não o ambiente. A decoração fluiu perfeitamente do corredor para a sala em que Jiana levou, manchas brilhantes de cor fornecida pela mobília.

Caindo em um desses sofás com tons de joalheria, Jiana abraçou os joelhos. “Eu não durmo desde o dia em que a deixei lá.”

Honor experimentou a mesma mistura estranha de raiva e pena que ela sentia naquele porão. “Era eu que estava amarrada, mas você era a mais fraca.” Mesmo agora, parecia impossível. Na época, isso a fez rir com diversão quase histérica.

Dmitri encostou-se à poltrona em que Honor se sentou, um tigre preso por nenhuma coleira a não ser a sua própria. Ele não disse nada, mas pela expressão no rosto de Jiana, a vampira sabia exatamente o que ela enfrentava.

“Sempre tão fraca quando se trata dele,” ela sussurrou, com lágrimas escorrendo pela sublime perfeição de suas feições. Seu desespero a fez parecer ainda mais vulneravelmente feminina.

Os cabelos da nuca de Honor se arrepiaram. Ela estava sendo habilmente manipulada? Ou a atratividade de Jiana não era nada além de uma distração para a dor que parecia rasgá-la ao meio?

“Mesmo quando eu vi o que tinha feito,” continuou a mulher. “Eu não poderia traí-lo.”

“Quem?” Honor perguntou. “Você não pode manter seu segredo por mais tempo, Jiana. Ele está planejando fazê-lo de novo.”

Um soluço emergiu da estrutura fina da vampira. “Eu sei.” Enxugando as lágrimas, foi até a gaveta para retirar o envelope com a textura familiar. “Ele me mandou isso.”

Honor sabia o que ia encontrar, mas ela pegou e abriu o cartão fechado de qualquer maneira.

Talvez este seja mais do seu agrado. Eu não disse aos outros, mas é para ser um par, um homem e uma mulher. Você irá gostar disso, não é, mãe?

26

A voz de Honor saiu um sussurro. “Mãe?” Vampiros eram férteis até cerca de duzentos anos de idade, e os filhos que geravam até esse ponto eram mortais. Mas Jiana tinha pelo menos quatrocentos anos.

Foi Dmitri que resolveu a questão de como uma criança de Jiana poderia ter sobrevivido para perpetrar tais atrocidades. “Jiana era uma vampira jovem, ainda sob Contrato, quando teve Amos. O filho dela foi Transformado por seus próprios méritos. Ele é extremamente inteligente, era feito para a Torre.”

Seu sangue gelou, enquanto sua suspeita anterior de que Jiana era uma talentosa atriz morria rapidamente. O amor de uma mãe não era nada racional. “Por favor, me diga que ele não está lá.”

Dmitri tocou em seu cabelo, a carícia inesperadamente doce. “Não.”

“Ele sempre foi tão...” Ela engoliu o termo que queria usar no vazio oco dos olhos de Jiana.

“Amos foi... Mudado de maneiras que não deveria quando ele foi Transformado.”

Jiana deu uma risada rachada. “Ele enlouqueceu, Dmitri. Como alguns fazem, aqueles sobre os quais nunca falamos.” Empurrando o cabelo preto grosso com listras finas de marrom e ruivo, o movimento agitado, ela fixou o olhar em Honor, seu próprio contendo uma raiva súbita, violenta. “Você sabia, caçadora? A pequena minoria dos Transformados ficam loucos durante a transformação.”

Como todo caçador, Honor tinha ouvido os rumores, mas esta foi a primeira vez que tinha sido confirmado. “Se isso é verdade, eu teria assumido que os anjos eliminariam o problema.” A raça angelical não detém o poder porque eles jogam limpo.

A raiva de Jiana desapareceu tão rápido quanto havia despertado, uma dor aguda esculpindo sulcos profundos em torno daqueles lábios exuberantes. “A loucura de Amos não era uma coisa visível. Era uma mancha, calma e rasteira. Ele tinha cem anos de idade, quando começou a mostrar os primeiros sinais, duzentos até que eu não pude mais negá-los.” Ela enxugou o rosto pela segunda vez, aparentemente sem saber que seu robe estava escancarado no topo para expor as curvas internas de seus seios, altos e firmes. “No momento em que ele chegou a trezentos, eu sabia que nada poderia ser feito. Dediquei-me a conter seus excessos para que eles não conduzissem à execução.”

Para a surpresa de Honor, Dmitri caminhou para agachar em frente a Jiana, pegando as mãos finas e ossudas da mulher. “Ele é seu filho. Você o protegeu. Mas ele sabe que o que está fazendo é errado, e está optando por continuar a fazê-lo.”

Um verdadeiro psicopata, Honor pensou, lembrando como Amos murmurou para ela depois de ter a socado no estômago.

“Você não deveria ter me deixado com raiva.” A mão dele afagava suas costas em um cuidado zombeteiro. “Eu não trouxe você aqui para te machucar.” Seus lábios ao longo de sua mandíbula, sobre sua garganta. “Então, seja um animal de estimação obediente e faça o que é dito a você.”

Ela tinha mordido a orelha dele em vez disso, com força suficiente para quase arrancar um pedaço. Ele a socou tão violentamente por isso que ela desmaiou... E acordou para encontrar-se sangrando.

“É a loucura.” A voz trêmula de Jiana cortou a memória horrível, seu tom de súplica. *“Isso é o que o move.”*

Honor não tinha tanta certeza. Amos tinha lhe parecido friamente inteligente, um homem que—como Dmitri disse—tinha escolhido deleitar-se em seus impulsos sádicos ao invés de tentar combatê-los. Não só isso, mas ele conscientemente nutria a doença em outros.

“Ele foi abordado quando as suas tendências ficaram claras”—a voz de Dmitri foi mais doce do que Honor havia ouvido alguma vez—“lhe dado tanto um aviso como uma oferta de ajuda. Ele escolheu partir.”

O lábio inferior de Jiana tremeu, e então ela estava caindo nos braços de Dmitri, seu choro tão primordial que seu corpo inteiro sacudiu como se seus ossos fossem cair aos pedaços. O próprio coração de Honor doía, os olhos ardendo em simpatia materna.

Ela era uma mãe, ela entendia o que era precisar fazer tudo em seu poder para proteger seu filho.

Honor piscou, sacudindo fisicamente aquela voz estranhamente familiar de sua cabeça. Familiar, mas não ela própria—ela nunca tinha tido um filho, nunca alimentou uma vida dentro de seu ventre. Ainda assim, sua resposta emocional à dor de Jiana era tão profunda que ela não podia deixar de ser rasgada por ela, mesmo sabendo que a profundidade de sua compreensão era uma coisa impossível.

Os ombros largos Dmitri eram firmes como pedra em sua visão enquanto ele segurava Jiana, e ela sabia. Ela *sabia*. Dmitri tinha tido um filho. Não, isso era errado. Ele teve *filhos*. Agitada pela quase correção mental furiosa, ela esfregou a têmpora, mas o pensamento ficou preso, parecia tão *certo* que ela não conseguia pensar de outro modo.

“Onde ele está, Jiana?” Dmitri perguntou depois dos soluços de Jiana se acalmarem em um silêncio doloroso.

A linda vampira balançou a cabeça, seu cabelo deslizando sobre seu rosto enquanto ela se afastava. *“Eu não o vejo há três semanas. Ele já fez isso antes, ir embora. Mas ele sempre me contava para dizer-me o seu paradeiro. Desta vez não, é apenas o silêncio.”*

Seus olhos foram para o envelope. “Exceto por isso. Veio há cinco dias.”

Terrível como isto era, Honor conseguia entender os instintos maternos de Jiana ultrapassando todo o resto—até mesmo quando confrontados com a realidade maléfica do mal de seu filho. No entanto, havia uma coisa que não fez sentido para ela. “Por que você está em reclusão?” Tanto que a vampiro tinha que se alimentar do sangue de viciados. “Por aquele cartão, parece que ele quer agradecer, não te machucar.”

“Sim.” Um sorriso apertado. “Eu odeio isso, me prostituir para sobreviver.”

Mais uma vez, a resposta dela não fazia sentido—certamente Jiana tinha contatos suficientes para que conseguisse arranjar algo mais apetitoso. *Oh.* “Você está se punindo.”

Jiana deu um sorriso trêmulo. “Eu pedi para ele parar—eles descobriram você logo depois, eu acreditava que ele tinha desempenhado alguma parte nisso. Então o cartão veio...” Ela puxou as bordas de seu roupão sobre seus seios, suas palavras desaparecendo enquanto os olhos se tornavam distantes. “Eu acho que você sempre tem esperança. Contra toda a razão.”

O cabelo de Dmitri brilhou sedoso e palpável à luz do sol enquanto eles estavam nos degraus da frente da graciosa casa de Jiana. “Jewel Wan,” ela disse a ele, “Poderia ter lhe dado o nome de Jiana, mas você sabia que não poderia ser ela.” Ele tinha tratado a outra vampira com cortesia desde o segundo que chegaram.

Quando ele não disse nada, ela colocou a mão no braço dele. “Há quanto tempo você suspeita de Amos?”

Os olhos escuros alfinetaram-na ao lugar, nada lhe disse. “Que bem teria feito a você saber o que eu tenho em mente?”

“Pare de me proteger! Eu não preciso mais disso!”

A expressão de Dmitri mudou, tornando-se de uma pedra a uma flecha penetrante. “Alguma vez eu já protegi você?”

“O quê?”

Eu sei que você sempre vai cuidar de mim.

Ela levou suas mãos as suas têmporas. “Essa voz.” Tão profunda dentro dela.

“Honor?” A mão de Dmitri na parte inferior das costas, sua respiração levantou os fios ondulados do cabelo de suas têmporas quando ele se aproximou. “Diga-me o que está errado.”

“Não, não é nada,” disse ela, porque dar qualquer outra resposta seria reconhecer a alucinação auditiva. “Só o... Eco de um sonho.” Se infiltrando em sua vida acordada. “Você deveria ter me dito.”

“Eu tenho quase mil anos de idade.” Sua mão se moveu em lentos movimentos circulares nas suas costas, mas suas palavras eram tão calculadamente severas como seu toque era suave. “Você é tão jovem, é cômico. Você não tem nem a força nem o direito de questionar minhas decisões.”

Com essas palavras, ele negou o compromisso que tinham feito um para o outro. Talvez ele não visse como tal, mas ela não poderia estar com um homem que esperava manter esse abismo de distância entre eles. “Você sabe como encontrar Amos?” Ela perguntou, deixando de lado a dor que sentia, apesar de ser uma coisa crua e calma. Desistir não era uma opção. No entanto, ela precisava de tempo para se reagrupar, para sentar e descobrir se Dmitri *algum dia* ficaria pronto para ter o tipo de relacionamento que ela precisava.

A ideia de que a resposta poderia ser não... Provocou uma escuridão esmagadora em sua alma.

“Eu já verifiquei seus lugares normais e esconderijos.” Seu olhar permanecia em seu rosto, como se ele tivesse lido seus pensamentos, mas felizmente isso era uma habilidade que ele não possuía. “Ele vai acabar aparecendo. Enquanto isso, os meus homens vão continuar a vigiar esta casa—ele sempre teve um apego não muito saudável à sua mãe.”

“Sim.” Nenhum filho normal iria pensar em convidar sua mãe para participar de um jogo sexual e tentar agradá-la com a sua escolha de vítimas. “O que você vai fazer com ela?”

“Isso é com você. Você é a vítima.”

“Não, Dmitri, eu sou uma sobrevivente.”

“Sim.” Sem hesitação. “Mas a recompensa ainda é sua.”

“Essa mulher vai punir a si mesma para o resto de sua vida por muito tempo. Deixe-a.”

“Eu vou falar com ela.” Ele virou-se para caminhar em direção à entrada. “Você vem?”

“Não, eu acho que vou ficar aqui.” Mas ela não o fez. Descendo para a rua assim que ele desapareceu adentro, ela sentou-se na borda da fonte. A água caiu em uma cascata de calmante som atrás dela, a brisa acariciou seu rosto enquanto ela tentava entender a profundidade irracional de sua angústia. Ela sempre soube que Dmitri nunca iria ser humano, em qualquer sentido.

Ele não é meu Dmitri.

Mais uma vez a voz, tão profunda dentro dela. Como se viesse de sua própria alma. Desta vez, em vez de combatê-la, ela ouviu.

Sempre tão forte, tão protetor. Mas nunca prejudicial. Não para mim. Nunca.

Quem quer que seja este fruto de sua imaginação, Honor pensou, ela realmente estava vivendo em um mundo de fantasias. Dmitri não era o cavaleiro de armadura brilhante de ninguém e se isto a raspasse a uma crueza sangrenta de admitir isso, então, ela só tinha a si mesma para culpar. Porque Dmitri nunca havia mentido para ela, nunca pretendeu ser algo que ele não era.

“Não se engane sobre mim, Honor. A parte humana de mim morreu há muito tempo.”

“Aonde estamos indo?” ela perguntou quando a Ferrari se afastou de propriedade de Jiana.

“Enclave Angélico—Jiana possui uma casa lá.” Suas palavras eram frias, práticas, e ela se perguntou se ele sequer entendia como havia danificado a coisa frágil entre eles. “Ela está vazia, mas eu tenho homens observando-a há um tempo. No entanto, eu acho que é a hora de eu dar uma olhada lá dentro. ”

Outra coisa que ele não tinha contado a ela. Outra ilustração do fato de que, enquanto ele apreciava as habilidades dela em determinadas áreas, quando se tratava de tratá-la como uma igual... Mas, então, a ideia *era* cômica, não era? Ela viveu meros 29 anos para os séculos dele, era mortal para seu vampiro poderoso.

No entanto, nenhuma lógica parecia importar, e ela não estava mais perto de compreender ou de encurralar a violenta profundidade de suas emoções enquanto Dmitri dirigia para bem dentro do Enclave Angélico, um condomínio exclusivo ao longo dos penhascos que abraçou o Hudson. Na maioria dos casos, as casas foram colocadas tão longe da estrada que era como se estivessem dirigindo por terra desabitada, as árvores de cada lado da estrada, grandes o suficiente quase apagarem o céu.

Quando Dmitri parou, eles estavam na frente de portões vigiados por um vampiro que Honor não reconheceu. Saindo do carro, e indo até as portas de metal ornamentadas, ela empurrou-as para abrir enquanto Dmitri falava com o guarda. Lá dentro, ela viu que a estrada de acesso era relativamente curta—embora os portões desaparecem de vista quando, ao andar em frente sozinha, ela virou uma esquina. Era além de tentador continuar, ver o que poderia muito bem ser o covil do monstro que tinha a torturado, mas isso não era como com Jewel Wan. Ela ainda podia pensar, e entendeu que entrar sem reforços seria idiotice.

“Honor.”

Ela se virou para ver Dmitri caminhando em sua direção—e de repente a barragem rompeu. “Tenho todo o direito,” disse ela, referindo-se à compulsão estranha entre eles pela primeira vez.

Nem mesmo um piscar.

Teimoso, sempre tão teimoso. Tão convicto de que está certo.

Com isto, ela concordava com a voz dentro de sua mente.

O vento sussurrou lento e fácil através das árvores, através do cabelo de Dmitri enquanto ela ficou esperando por uma resposta de um vampiro acostumado a não se explicar a ninguém. Seus dedos relaxaram, e ela se viu fechando a distância entre eles para acariciar sua mão através da seda espessa e escura. Foi um ato íntimo, para o qual ela não pediu permissão, embora ele fosse um homem que ninguém iria tocar sem convite.

Ele não a impediu, levantando seu próprio dedo para traçar a linha de sua mandíbula. “Você está me pedindo para agir como humano,” disse ele depois de um momento longo e silencioso intocado pelo tempo. “Eu não sou humano, não tenho sido por um longo período de tempo.”

“E você,” disse ela, os dedos permanecendo na sua nuca, “está tentando me fazer acreditar que não tem capacidade para verdadeira emoção quando sei que é diferente.” O coração de Dmitri não estava morto, sua alma não irrevogavelmente manchada, disso ela estava certa.

Deslizando sua mão livre para baixo a sua parte inferior das costas, ele puxou-a mais perto. “Quem é você, Honor St. Nicholas?” Era uma pergunta estranha, mas uma para a qual Dmitri precisava de uma resposta. Porque essa mortal, seu aroma era o de flores silvestres de uma montanha perdida no tempo.

Poças assombradas de verde esmeralda encontraram seus olhos enquanto ela balançou a cabeça. “Eu não sei.”

Sua resposta fez sentido para ele, embora fosse uma impossibilidade. “Venha. Vamos explorar a casa.”

“Eu pensei que você já teria feito isso.”

“Eu fiz meus homens fazerem uma busca, mas pode ser a hora de um exame mais profundo com tudo o que sabemos.”

Caminhando ao lado dele, Honor era tanto delicada quanto exuberantemente feminina. Mas ela também tinha uma profunda força nas veias que tinha verdadeiramente despertado... E isto intoxicava. Ele queria chegar mais perto, tocá-la novamente, a necessidade incessante muito além da simples luxúria. No entanto, isso teria que esperar,

pois o desejo de entrar na casa, executar Amos ao chão, era um pulso contra sua pele.

Destrancando a porta da frente, ele abriu-a. No início, não havia nada, apenas o leve cheiro de mofo de uma casa que tinha sido fechada por um tempo. Então ele sentiu o odor mais pútrido que existia, o de carne podre.

Honor foi para o lado dele, a arma dela suavemente na mão. “Há algo morto lá dentro.”

“Tempo suficiente para se decompor.” O que significava que ou Amos, de alguma forma conseguiu voltar, passando pelos guardas, e deixou uma mensagem nojenta para eles, ou alguma outra coisa estava acontecendo. “Mas não muito tempo para que os outros que vieram aqui tivessem motivos para desconfiar.”

“Dmitri.”

Seguindo a direção do braço levantado de Honor, ele a viu apontando para uma televisão de tela plana em uma parede. O indicador de energia estava desligado. E quando Honor ligou um interruptor de luz, nada aconteceu. “A eletricidade acabou. Fusível queimado, talvez.”

“É uma antiga casa,” disse Dmitri, seguindo o cheiro fétido. “Essas coisas acontecem.”

O cheiro não os levou até um porão como ele tinha meio que esperado, mas para uma grande sala na parte de trás da casa. Não havia tranca, nada para diferenciar a porta de qualquer outro ao longo do corredor.

“Deus.” Honor colocou uma mão sobre a boca e o nariz quando ele abriu a porta. O odor era vil ali, tão concentrado que parecia semelhante a uma sopa.

A sala em si estava vazia, com exceção de uma prateleira de madeira, que continha uma série de livros e revistas, e uma única poltrona que parecia como se tivesse sido banido para lá, pois era muito feia para a área de estar. Ao lado dela estava depositada uma mesa pequena com um copo de cristal e uma garrafa cheia de um líquido vermelho escuro. O tapete no chão estava esfarrapado.

Era o tipo de refúgio confortável e esfarrapado, que um homem pode criar para obter um pouco de paz e tranquilidade. . . Exceto que, se você olhasse com cuidado, ficava claro que a poltrona estava virada em direção a uma determinada seção da parede. Normalmente, não teria nada para diferenciá-la do resto da sala, a razão pelo qual seus homens tinham deixado isto passar, mas agora, água escoava por debaixo dessa seção para encharcar o tapete.

“Geladeira,” sussurrou Honor. “Há uma geladeira lá atrás.”

27

“Eu farei isso,” ele disse, porque embora ela tivesse exigido que ele não a protegesse, sua necessidade de fazê-lo era uma reação instintiva profunda.

Um intenso olhar dentro daqueles olhos que perfuravam ele. “Tudo bem.” Ela posicionou seu corpo de forma que desse a ela um linha de visão da porta, mas que permitia manter um olho nele também. Um leve balançar de sua cabeça quando seus olhos encontraram-se novamente e ele soube que nada que ele dissesse a despacharia daquele quarto. Ele era mais do que suficientemente forte para forçá-la a complacência, mas força era a única coisa que ele não podia usar com essa mulher.

Teria sido fácil explicar sua relutância como parte do cálculo frio necessário para leva-la para cama, mas a mentira não teria uma utilidade—não quando ela o via de maneiras que nenhuma outra mulher jamais tinha. Ingrede, doce, amável, forte Ingrede, não teria entendido a escuridão que vivia dentro dele agora. Honor o fazia. Parecia uma traição à memória de sua esposa pensar uma coisa dessas, mas isso não o fazia menos verdadeiro. “Você tem certeza?”

Sem hesitação. “Sim.”

Deslocando seu olhar para a parede, ele correu seus dedos ao longo dela até ele encontrar uma pequena reentrância. Um único empurrão e uma parte da parede abriu expondo uma grande unidade de refrigeração quadrada, a poça de água abaixo dela uma silenciosa evidência da perda de energia. Tentando não cheirar o odor que falava de podridão decadente, ele levantou a tampa para apoiá-la contra a parede.

Então ele olhou para baixo.

Para os corpos.

O freezer era grande o bastante para que Amos não tivesse cortado os membros ou separado o torso das metades de baixo das vítimas. Ele simplesmente inclinou os corpos dentro em uma posição fetal e esmagou-os juntos como tantas peças de carne. “Detetive Santiago está atualmente trabalhando na série de sequestros de mulheres altas e magras de raça mista na área metropolitana de Nova York, não está? Especificamente, mulheres que tenham um pai negro, e um branco.”

Honor atravessou a pequena distância entre eles para olhar dentro do freezer, sua expressão facial tocada com horror. “Sim. Todo mundo está trabalhando na teoria de que é um predador humano—nenhum traço de alimentação ou qualquer sangue nas cenas. As mulheres apenas desaparecem.”

Dmitri correu seu olhar sobre o corpo mais próximo do topo. Apesar da putrefação,

sua estrutura óssea subjacente estava clara, carne não decomposta o bastante para que ele pudesse estar certo da cor de sua pele. “Tanto ódio,” ele disse, recalculando tudo que pensou saber sobre Jiana e Amos. “Pelo único ser que sempre o protegeu.”

“Você tem certeza?”

Dmitri tinha feito perguntas cuidadosas quando o laço anormalmente próximo entre mãe e filho tornou-se óbvio e tinha ficado convencido de que o vínculo foi formado como um resultado da loucura de Amos, Jiana fez tudo que ela podia para ajudar e proteger seu filho. Agora ele se perguntava se tinha perdido a verdade muito mais sinistra. “Não mais certo do que eu estava uma vez.” Ele fechou a tampa.

“Nós chamaremos Santiago, envolveremos os policiais.” Todos assumiriam que Amos ficou insano com a idade. Esta faceta de uma vida longa era uma clara verdade, uma que não parava nenhum dos que queriam ser Transformados. Mesmo duzentos anos passados como um vampiro saudável e eterno era muito mais tempo do que a média da expectativa da vida humana. “Quanto mais pessoas nós colocamos o vigiando, mais chances temos de pegá-lo.”

Honor assentiu, respirando curta e superficialmente até que eles voltaram para o corredor com a porta fechada. “Por que ele me pegou? Eu não me encaixo no perfil.”

Raiva fria pulsou através do sangue de Dmitri com a lembrança do que Amos tinha feito a Honor, mas ele deu à pergunta uma séria consideração. “Ele odeia sua mãe, parece, mas ele também deseja agradá-la.” Um lampejo de memória, Jiana no coquetel que ela tinha dado quatro verões atrás.

“Dmitri, eu estou tão contente que você pode vir.” Um sorriso gracioso, um beijo em sua bochecha. “Você conhece Rebecca?” Desta vez, o sorriso em seus lábios continha uma sensualidade elegante.

“Encantado,” ele disse, inclinando sua cabeça em direção à bela morena curvilínea com pele de marrom dourado claro que se pendurava nas palavras de Jiana.

“Você,” ele disse para Honor, “não é o tipo dele, mas é o de Jiana.”

“Isso é doentio... E colocado junto com todo o resto, levanta certas questões.” Ela olhou para a porta fechada da sala que falava da sexualidade retorcida de Amos. “Vamos sair, chamar Santiago.”

Dmitri a deixou levá-los para fora através da porta de trás. A luz do sol estava brilhante, o calor dele uma lâmina cortante. Enquanto ele observava, Honor caminhou até a grama e usou seu celular para chamar o policial que tinham uma sina de terminar em casos relacionados a imortais. Enquanto ela fazia isso, ele fez umas poucas chamadas do seu celular, incluindo uma para um vampiro sênior sob seu comando. “Tenha certeza de que Jiana não sairá da casa,” ele ordenou. “Eu preciso ter uma conversa com ela.”

Desligando, ele esperou Honor caminhar de volta até ele.

Ela parou a um pé de distância. Ele fechou aquela distância para toma-la em seus braços, com cuidado para não aprisioná-la, mas ela não congelou pelo contato. Em vez disso, ela caiu dentro do abraço, seus próprios braços apertados ao redor dele. Eles ficaram lá em silêncio por longos minutos banhados ao sol, a pulsação de Honor uma batida constante e surda contra seus sentidos vampirescos.

A última vez que Dmitri tinha estado assim, simplesmente segurando uma mulher porque parecia certo, ele tinha sido um mortal. “Minha esposa,” ele disse, falando palavras que ele não tinha falado a nenhum outro, “amava a luz do sol. Ela saía para os campos comigo, e enquanto eu trabalhava neles, ela estaria”—*balançado nosso menininho*— “trabalhando em remendos. Eu estava sempre rasgando minhas camisas.”

O riso suave de Honor, sua voz gentil enquanto ele disse. “Uma esposa maravilhosa.”

“Ela foi,” ele continuou, sabendo que, embora o homem que Ingrede tinha amado tinha sido tão diferente dele como a noite do dia, ele nunca pararia o luto pela perda de seu sorriso, “mas ela também costumava levar-me à loucura, às vezes. Eu diria a ela que eu consertaria alguma coisa na cabana quando chegasse casa, e, na hora em que eu voltava dos campos, ela o teria feito e teria os hematomas para provar.” Seu coração tinha quase parado o dia que ele encontrou-a no telhado. “E ela não sabia cozinhar.”

Honor olhou para cima, olhos brilhando. “Você alguma vez disse isso a ela?”

“Você deve ter uma baixa estimativa de minha inteligência.” Ele inclinou-se até que suas testas tocaram-se. “Ela fingia amar cozinhar e eu fingia adorar sua comida, e ambos vivíamos para os festivais da aldeia, quando podíamos comprar das barracas.”

A risada de Honor era um som profundo, rouco, entrelaçando em seu próprio sangue. E por um momento, ele estava... Feliz, de uma maneira que ele não tinha sido feliz desde o dia que a cabana tornou-se cinzas, levando seu coração com ela. “Você é uma bruxa,” ele disse, mergulhando a cabeça para reclamar seus lábios em um beijo que prendeu ambos na doçura da luz do sol—e uma boa dose de sexo cru. “Em minha cama, Honor. É aí onde eu quero você.”

Lábios molhados de sua carícia, ela acariciou seu rosto. “Eu acho”—um murmúrio suave—“que é onde eu quero estar.”

Estava completamente escuro no momento que eles chegaram à Torre. Venom estava esperando por eles. “Isto chegou pelo correio hoje.” Ele entregou um envelope.

Ele revelou conter um bilhete escrito no mesmo código das tatuagens que tinham originalmente trazido Honor à Torre.

“Eu estarei saindo para ficar na vigilância noturna de Sorrow dentro de mais quinze minutos,” Venom disse enquanto Honor examinava o bilhete. “Você quer que eu encontre outra pessoa, para que eu possa ir até o Enclave Angélico, manter um olho nos policiais?”

“Não. Illium está no local.”

Honor, já trabalhando o código em sua mente, desligou-se do resto da conversa. Não levaria muito tempo para traduzir isso, ela pensou, não com o trabalho que ela tinha feito nas tatuagens.

Uma hora depois, ela olhou de onde estava sentada no sofá do escritório de Dmitri e passou a ele a tradução.

Você tomou o que eu amava. Agora eu tomarei o que você valoriza.

Honor esfregou as mãos sobre seu rosto enquanto Dmitri lia a mensagem em silêncio. “Ele tem que saber o que Isis fez a você. E ainda...”

“O amor, parece,” ele murmurou, “é verdadeiramente cego.” Deixando de lado o pedaço de papel, ele pegou seu telefone. “Jason,” ele disse quando foi respondido do outro lado. “Descreva-me Kallistos.” Uma pausa. “Sim, sem dúvida.”

Honor esperou até ele desligar para dizer, “Kallistos era um amante de Isis?”

“Sim, embora ele tivesse um nome diferente. Um jovem, apenas décadas em seu Contrato. Ele estava sangrando das atenções dela quando nós o encontramos.” Deixá-lo viver tinha sido uma decisão fácil. “Nós acreditamos que ele era outra vítima.” Mas Kallistos pareceu ter amado sua amante independentemente de sua crueldade.

“Um anjo jovem,” ele disse, escolhendo suas palavras com cuidado de modo a não colocar Honor em risco de ter sua memória limpa, como tinha acontecido com a amante mortal de Illium, “desapareceu da corte de Neha. Ninguém tem certeza absoluta de quando ele desapareceu.” Especialmente tendo em conta esse próximo fato. “Pergunte-me o nome do vampiro sênior que estava encarregado dele.”

“Kallistos,” Honor disse, soltando uma respiração. “É como ele está fazendo aqueles protovampiros.” Uma pergunta em seus olhos. “Eu sei que você não vai me contar o processo, já que mesmo os Candidatos são colocados para dormir durante o estágio inicial, mas todos sabem que são os anjos que transformam os vampiros. Eu sempre pensei que eram os mais velhos.”

Enquanto os anjos nada faziam para negar aquela visão, era em fato os mais jovens adultos que desenvolviam a toxina mais rapidamente em seus corpos. Quanto mais velho o anjo, maior seu nível de tolerância—embora mesmo os arcanjos não fossem imunes,

como Uram tinha provado. “Jason acabou de me contar que o anjo foi visto pela última vez por alguém além de Kallistos há um ano,” ele disse, não respondendo a pergunta implícita. “Se assumirmos que ele foi sequestrado logo depois, e levando sua idade em conta, ele teria sido capaz de Transformar com sucesso um vampiro.”

“Kallistos tentou Transformar mais,” Honor disse, caminhando para o vidro plano da janela, a chuva que tinha começado a cair fortemente quarenta minutos atrás tornando a cidade e uma miragem encoberta de névoa, “e diluiu o efeito.” Franzindo a testa, ela cruzou o carpete.

“Muito provável.” Não somente isso, Kallistos não tinha seguido os procedimentos corretos, a razão para a mutação nas células sanguíneas dos homens mortos. “Deve ser muito mais fácil fazê-lo aparecer agora que nós temos um nome e um rosto.”

Tendo vindo para ficar ao lado dele, Honor encostou as costas contra sua escrivaninha, assentindo. No entanto, sua expressão estava perturbada. “Eu não consigo parar de pensar sobre Jiana. Ela parecia tão adorável, maternal.”

“Não há nada até agora que diga que ela não era—a loucura de Amos pode ser a sua própria.” Mas Dmitri tinha profundas dúvidas sobre isso, por que, pelo que ele tinha visto ao longo dos anos, esta profundidade de ódio mesclada com amor distorcido tinha suas raízes em algo que deveria nunca ter sido, uma feiura que plantava um núcleo torcido nas profundezas de sua alma.

Olhos verdes meia-noite encontraram os dele, assombrando e prometendo a ele um sonho impossível. “Você não acredita nisso.”

Fechando a distância entre eles, ele acariciou seus dedos sobre sua mandíbula, a suavidade de sua pele uma irresistível tentação. “Você acha que consegue me ler?”

“Eu acho”—sua mão fechando sobre o pulso dele—“que conheço você muito melhor do que eu deveria.”

Sim. Muitas vezes, ele viu conhecimento em seus olhos que não deveria ter estado lá, sentido uma familiaridade em seus beijos, sua risada, que o fazia doer, e ele se perguntava se ele não estava se rendendo a uma sutil insanidade dele mesmo. E ainda assim ele não poderia afastar-se, recuar. “Não há nada mais a fazer esta noite.” O telefonema para Jason tinha iniciado a busca por Kallistos, e quanto ao filho de Jiana, Dmitri já tinha colocado a região inteira em alerta.

E, às vezes, um homem tinha que aproveitar o momento, independentemente das consequências. Permitir que passasse poderia significar que nunca voltaria novamente.

“Dmitri, venha dançar comigo.”

“Meus pés doem dos campos, Ingrede. Depois que eu retornar do mercado?”

Um sorriso que iluminou o quarto, embora o medo espreitasse como um intruso em silêncio dentro de seus olhos. “Depois que você retornar.”

Exceto que os homens de Isis tinham o levado quando ele retornou. Sua última memória de sua esposa era dela segurando suas crianças e tentando não mostrar o terror que tinha transformado seus quentes olhos castanhos num ébano impossível.

Ele nunca poderia voltar, nunca dançaria com sua esposa enquanto Misha sorria e o bebê chutava suas pernas no ar, mas ele podia beijar essa mulher que tinha de alguma forma se tornado uma parte dele, seu olhar contendo mistérios que ele era impelido a descobrir. “Está na hora, Honor.”

Ele viu a pele puxada apertada sobre as maçãs do rosto dela, sabia que ela não estava certa que ela não entraria em pânico, o cortaria em autodefesa violenta, mas sua resposta foi um simples, poderoso, “Sim.”

Honor observou o ambiente em silêncio enquanto Dmitri a conduziu acima pelo nível pintado em brilhante, perigoso preto para o andar no topo da Torre. Provando ser acarpetado em branco com fios cintilantes de ouro, a pintura das paredes aquele mesmo ouro-branco salpicado, o trabalho artístico uma mistura de velho e novo—uma brilhante tapeçaria de um lugar de montanhas e céu, no qual se empoleiravam moradias cujas portas se abriam para o ar, uma espada brilhante afiada como uma navalha, um pôster emoldurado do ridículo programa de televisão *Caçadores de Rapina*, completo com protagonista musculoso e sua “vampira temperamental”.

“Illium comprou isso para Elena,” Dmitri disse, seguindo seu olhar. “Deve ser interessante ver a reação dela.”

Os lábios de Honor tremeram. “Eles são bons amigos.”

Uma sombra percorreu a expressão de Dmitri, mas tudo que ele disse foi, “Sim,” antes de adicionar, “A suíte de Raphael ocupa metade do andar. O resto da área está dividido em aposentos para os Sete, embora o meu ocupe o dobro do espaço dos outros já que eu passe a maioria do tempo na cidade.”

Ela hesitou. “Você não tem outra casa?”

“Nunca pareceu necessário.”

Honor ouviu mil coisas não ditas naquela declaração, compreendeu que a ideia de casa continha uma dor para ele que nunca procuraria recriar.

“Não se preocupe,” ele disse antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, “a metragem de cada apartamento é maior do que da maioria das casas, e as paredes são à

prova de som para assegurar total privacidade.”

Honor não tinha nada contra a instalação e estava quase certa de que o apartamento dele era um amplo espaço dez vezes o tamanho do seu. Mas... “Não, Dmitri. Não aqui.”

“Por quê?” Uma pergunta feita com uma fria sofisticação que poderia ter intimidado ela uma vez, mas agora a fez se perguntar o que Dmitri não queria que ela visse, para erguer aqueles escudos suaves.

“Não está certo.” Honor permaneceu firme, a voz dentro dela sussurrando que esse momento era crítico para como Dmitri a veria. “Recuso-me a ser apenas outra mulher que você leva para sua cama.”

Dmitri esfregou o polegar sobre os nós dos dedos dela, nenhum indício de qualquer emoção em seu rosto. “Você acha que é a cama que faz a diferença?”

Havia, ela pensou, tamanha crueldade nele naquele momento. Ele podia machucá-la gravemente e afastar-se como se isso nada importasse. “Talvez não para você,” ela sussurrou, sabendo que a hora de terminar as coisas, de proteger a si mesma, tinha passado há muito tempo, “mas para mim, sim.”

Um silêncio. Tão tenso, tão perigoso, quanto o garrote embutido no cinto de Dmitri.

28

Foi o som do elevador abrindo para o corredor que pareceu decidir Dmitri. “Sim, as interrupções são muito mais propensas aqui.”

Uma razão prática, mas que ela estava disposta a aceitar no momento.

Saindo da Torre, eles se dirigiram até seu prédio, para o apartamento que ela estava devagar e cuidadosamente transformando em uma casa. Caçadores fazem isso. O apartamento de Ashwini era um lugar exuberante, cheio de cor—almofadas de seda com fios de ouro, esculturas conseguidas aqui e ali, cartões postais de barracas com temperos pesados em mercados distantes. O de Honor era menos exuberante, mas ela tinha tirado suas recordações pessoais das caixas—itens que Ash havia deixado do jeito que sempre foram—começando a arrumá-las.

Agora, uma enorme cascata de fotos emolduradas estava em uma das paredes da sua sala de visitas. Uma avó risonha cochilando durante uma caçada no México, uma tempestade na montanha capturada no Colorado, um único alce contra a neve no Alasca—enquanto a câmera maltratada, mas amada, estava na mesa de jantar, pronta para ser verificada após todo seu tempo de armazenamento. Seu quarto também, ela tinha começado a deixar do seu jeito. Os lençóis eram de fino algodão azul, as paredes de cor creme clara pendurado com mais fotografias de sua coleção pessoal.

“Flores selvagens,” disse Dmitri, parando na porta. “Elas não estavam aqui na última vez.”

Surpresa pelo fato de que ele tinha focado nas fotografias enquanto a tensão sexual entre eles era febril, ela disse, “Eu acabei de pendurá-las. Eu estava seguindo um vampiro na Rússia há alguns anos atrás, quando encontrei este campo.” A memória a assombrou por meses, até que ela colocou as fotos onde poderia vê-las antes de fechar os olhos, e mais uma vez, quando os abria pela manhã.

Dmitri caminhou para ficar na frente do conjunto de quadros pretos, seu dedo tocando uma foto em especial; com uma flor azul brilhante balançando no canto. “Houve uma ruína aqui uma vez.”

Com calafrios na espinha, ela atravessou o tapete para se juntar a ele. “Eu tive a estranha sensação de que algo tinha acontecido lá, mesmo que não houvesse nenhuma evidência disso.” Ela também teve o sentimento insistente de que ela estava perturbando algo precioso, se atravessasse a fronteira de pequenas flores azuis que separava uma pequena parte do campo desenfreado de cor do resto.

“Como foi que você descobriu, Honor?” Os olhos de Dmitri eram duras pedras

pretas, seu tom, o mesmo que tinha usado em Valeria, em Jewel Wan.

Eles deixaram as armas de lado quando entraram, não querendo uma interrupção violenta, mas agora o instinto de Honor a fez calcular o quão rápido ela poderia chegar à faca escondida na lateral do suporte da cama.

“Eu estava,” disse ela, obrigando-se a não agir de acordo com seu instinto, “dirigindo por uma área bastante isolada quando me perdi.” A verdade era que ela havia dirigido para fora do caminho e em um deserto desconhecido de propósito, incapaz de não seguir o puxão doloroso que a atraiu para frente.

“Eu devo ter dirigido por horas, e foi aí que eu parei.” Ela encolheu os ombros, tentando diminuir uma experiência que a tinha perfurado com tal tristeza dolorida, ela chorou por horas depois que finalmente voltou para a civilização. “Eu nunca tinha visto um lugar tão bonito.” Tão estranho, tão comovente.

Dmitri continuou a olhá-la, tanto calculo letal em seus olhos que levou todo o seu controle permanecer no lugar, não correr para a cama e para a lâmina, tão perto. “O que você vê nas fotos?” ela perguntou em vez disso, sentindo como se estivesse em um precipício, toda a sua vida equilibrada sobre este momento. “Dmitri?”

Rosto despojado de toda a sofisticação, até que sobrou apenas traços de predador, ele se aproximou e colocou o cabelo dela atrás das orelhas. “Se este é um jogo, você não vai gostar do preço que você vai ter que pagar.”

Os pelos na parte de trás do seu pescoço se arrepiaram. Desta vez, ela se afastou... Mas não para ir até a arma. Ela não podia. Ela tinha que confiar nele, porque se não pudesse... Se ela não pudesse, então o seu mundo simplesmente iria quebrar em mil fragmentos. “As ameaças não são sexy.” *Não faça isso. Por favor.* “Pegue seu humor negro e saia.”

Ele a perseguiu, entretanto, prendendo-a contra o canto, o corpo que ela tinha desejado acariciar de repente uma parede sufocante. Tomou cada milímetro de sua vontade manter-se sem bater, chutar e arranhar. Mas quando ele abaixou a cabeça e muito deliberadamente colocou a boca sobre seu pulso, ela não podia aguentar mais.

Ela apunhalou seus dedos no lado exposto do pescoço dele.

Ou teria, se ele não tivesse algemado seu pulso com um aperto forte de aço. *Não, não, não!* A restrição atirou-a de volta para o buraco onde ela tinha passado muitas semanas, o buraco, ela percebeu agora, de onde nunca tinha escapado. Mas, misturada através de seu terror, havia uma sensação esmagadora de traição.

Não é o meu Dmitri. Isto não é ele.

E então não havia mais pensamento.

Dmitri nunca tinha ficado tão irritado como ele estava naquele instante, montando uma raiva viciosa onde ele ansiava apenas por machucar a mulher em seus braços. Ele não sabia que tipo de jogo Honor estava brincando, mas ele obteria a resposta, mesmo que tivesse que quebrá-la em um milhão de pedaços minúsculos. Aquele campo, o que ele representava, não era para ser tocado, *por ninguém*.

Apertando seu pulso quanto ela congelou contra ele, ele foi tocá-la com suas presas em um ato que ele sabia que era cruel, mas, novamente, ela estava brincando com ele desde o início. Não havia chance nenhuma de que ela foi parar, *por acidente*, no campo onde sua mulher e bebê tinham morrido, onde ele levou seu filho mais tarde, para que Misha não estivesse sozinho, onde ele manteve vigília por uma rodada inteira das estações.

"Meu querido, Dmitri." Grandes olhos castanhos cheios de preocupação. "Não deixe que ela mude você. Não a deixe torná-lo cruel."

As palavras de Ingrede haviam sido incapazes de deter a mudança, não depois que ela foi embora. Nada faria reverter isso. Então ele iria fazer uso.

Um estouro de movimento da caçadora que tinha pensado em fazer dele um tolo.

Ele não teve problemas fixando-a contra a parede. Mas Honor não parava de lutar, torcendo e contorcendo seu corpo com uma força que iria quebrar algo em breve, se ela não parasse.

Quando ele amarrou os braços dela acima da sua cabeça com um aperto em seus pulsos, e pressionou a parte baixa do corpo contra a parede com o seu próprio, ela mordeu-o no pescoço. Forte o suficiente para tirar sangue. Empurrando para longe, ele apertou a mão que ele tinha em torno de seus pulsos. "Preliminares já, Honor?"

Sem resposta, só o furioso torcer e puxar e lutar mesmo que ela não tivesse esperança de escapar dele. Ela não fez nenhum som, sua respiração rigidamente controlada.

Foi quando ele olhou para aqueles olhos de verde misterioso.

Não havia ninguém lá.

Nenhuma personalidade, nenhum indício da mulher que riu e lhe deu prazer com tal confiança sexual nesta manhã, apenas o instinto animal para sobreviver. E ele sabia que ela iria se matar tentando se libertar.

"Dmitri, estou com medo."

“Eu nunca irei te machucar. Confie em mim.”

Tremendo sob o sussurro da memória, uma memória que não pertencia a Honor e ainda assim falou por ela, ele largou suas mãos, tirando seu corpo de cima do dela. Ela veio para ele como uma tempestade desenfreada, batendo o cotovelo em seu rosto, a mão cerrada em sua laringe, seu pé contra seu joelho.

Desabando sobre a cama de costas, ele bloqueou alguns de seus ataques mais brutais, mas fez nada para detê-la. Sua raiva choveu sobre ele, sangrando o nariz, a boca, colocando hematomas em seu corpo que se curavam quase tão rapidamente quanto eram feitos.

“Bastardo.” Foi a primeira coisa que ela disse desde quando ele tinha prendido ela no canto. “Seu maldito bastardo.” Um golpe selvagem em sua mandíbula que fez seus dentes estalarem juntos.

Bloqueando seu próximo golpe, ele olhou em seus olhos... E viu Honor olhando para ele novamente. O verde brilhante foi lavado em um brilho molhado, e seu golpe seguinte quando veio faltava o poder dos outros. Ela bateu os punhos no peito dele e outra e outra vez. “Eu te odeio! Eu odeio você! Eu odeio você!” Foi uma ladainha furiosa que se transformou em soluços tão duros que falavam de uma angústia inimaginável, seu corpo amassando sobre o dele. “Eu odeio você.” Um sussurro.

Naquele, ele odiou a si mesmo.

Deitado imóvel até que ela parou de se mover, os soluços duros se transformando em lágrimas silenciosas de partir o coração contra seu peito, ele ousou colocar a mão em seu cabelo, acariciando-os, agora, emaranhados cachos. Ele não sabia o que dizer a ela, como explicar a raiva que ela tinha incitado dentro dele.

Mas havia uma coisa que ele poderia dizer, algo que ele não tinha dito a uma mulher há mais de mil anos. “Sinto muito, Honor. Perdoe-me.”

Sentada empoleirada em cima da pia do grande banheiro fora de seu quarto, Honor assistiu em silêncio enquanto Dmitri passava o desinfetante sobre os nós dos seus dedos ralados e machucados. Ela engoliu um silvo, os olhos demorando sobre o corte no lábio, os hematomas no seu rosto. Parte dela, horrorizada com a própria violência, queria encaixar este rosto masculino pecador em suas mãos, beijar cada hematoma suave e delicadamente em um pedido de desculpas. Mas o resto dela estava enrolado em uma pequena bola lá no fundo, vigilante, cautelosa.

A luz brilhava no negro de seu cabelo enquanto ele cuidava dela, e ela lembrou-se de como era essa pesada seda contra as palmas de suas mãos. Lembrou-se, também, da

força de seu aperto quando ele prendeu os braços dela por cima de sua cabeça.

“Eu machuquei você.” Ele deslizou as mãos sob os pulsos dela, a tonalidade de sua pele mais escura em contraste com a palidez da dela—agora marcada por faixas de vermelho fosco.

Seu senso de justiça a fez quebrar o seu silêncio. “Eu fiz pior.” Ela o golpeou com força o suficiente para que os hematomas levassem pelo menos uma hora para curar, apesar de seu vampirismo. Mais, o corte no lábio não era um corte raso. Sua camisa, rasgada na costura do ombro, traíra marcas vermelhas tênues que estavam quase curadas, mas no todo—“Eu acabei terminando melhor do que você.”

Escuros, olhos escuros encontraram os seus próprios. “A dor física não é o cerne da questão, não é?”

Seu estômago fluiu ácido, queimando a garganta apertada. “Tudo,” ela disse em uma voz áspera por causa da força de seus soluços anteriores, “tudo o que fizemos até este ponto... Eu acho que se foi.” Perdida sob o choque e o terror que a tinha reduzido a um animal que arranhava, mordida, batia. Uma criatura presa que mais uma vez foi feita de vítima indefesa.

Dmitri havia feito escárnio de sua força duramente conquistada, esmagou sua fé em seu próprio julgamento, mas acima de tudo, ele tinha tomado o orgulho que ela tinha reconstruído pedaço por pedaço, e ela não tinha certeza se poderia perdoá-lo por isso.

Sem dizer uma palavra, ele jogou fora o algodão depois de cuidar de todos os arranhões e tomou cuidado para não esbarrar quando ela saiu do banheiro. Preenchida profundamente por dentro em um sentimento de perda que a fez se sentir oca, como se toda a sua existência tivesse sido apagada, ela tropeçou na sala de estar e foi em direção à janela que dava para uma cidade amarrada pela chuva.

As luzes eram fracas, vagas através da água, até que ela sentiu como se estivesse sozinha no mundo, presa em uma gaiola de vidro. Foi uma sensação com a qual ela estava intimamente familiarizada. Os amigos que ela tinha feito, as relações que tinha forjado, tinham feito a solidão suportável, mas sempre esteve lá, dentro dela, esta estranha “falta..” Foi Dmitri que tinha enchido o buraco, e Dmitri que o tinha deixado ainda maior.

Um sussurro do mais sombrio dos aromas e ela sabia que ele entrou na sala de estar em pés silenciosos. Mas ele não veio para ela, e um minuto depois o ouviu na área da cozinha. Olhando através do espaço aberto da parede dividido apenas pela curva suave do balcão, ela o viu montar um prato e trazê-lo para a mesa depois de ter retirado sua câmera fotográfica.

Caminhando ao redor da mesa em direção a ela, ele manteve uma distância entre ambos. Isto fez com que o gelo em seu peito ficasse impossivelmente mais frio... E então ela percebeu que era seu coração que foi congelado. “Coma, Honor,” disse ele. “Você não

come há horas.” Havia algo em sua voz que ela não sabia ler, um elemento que ela nunca tinha ouvido antes vindo dele.

Angulando seu corpo para que pudesse olhá-lo em cheio no rosto, ela viu apenas as paredes de um quase-imortal que viveu mais tempo do que ela poderia imaginar. “Você deveria ir.” Ela não podia suportar, ter ele aqui com este abismo intransponível entre eles. Era, sem dúvida, idiota se sentir perdida com o final de uma relação que nunca tinha realmente começado, mas era como se ele tivesse atingido dentro dela e esmagado sua alma, e então pisado nela com sua bota.

Uma sombra negra nos olhos de um castanho tão profunda que eles eram quase pretos, e com tal idade neles. “Você me manda embora.”

Quer me mandar embora?

Ela piscou para o eco estranho, focada no homem que estava tão perto e tão distante. “Eu preciso.” Para sobreviver, para raspar os restos esfarrapados de seu orgulho, seu eu, juntá-los novamente.

Dmitri não disse nada por longos minutos enquanto a chuva caía contra o vidro em uma melodia que ela sempre achava calmante. Hoje o tom parecia chocante, a batida muito irregular contra seus nervos sensíveis. Quando Dmitri levantou a mão, depois a deixou cair, ela sentiu a perda como uma facada ao coração, e entendeu que ele poderia machucá-la pior do que já tinha. Mas depois ele fez a única coisa ela nunca, nunca tinha esperado.

Segurando seu olhar, ele fechou a distância final entre eles e caiu de joelhos, aquele rosto machucado bonito olhando para ela.

Quando ele colocou os braços ao redor da cintura dela e apertou o lado do rosto em seu abdômen, as lágrimas começaram a fluir novamente, lentas e silenciosas, sobre as bochechas dela. Dmitri não abaixava a cabeça para ninguém, ele não se rendia ou submetia. Mas ele estava de joelhos diante dela, vulnerável a um chute, uma facada no pescoço, a rejeição mais violenta. “Oh, Dmitri.” Tremendo, ela passou os dedos pelo cabelo dele, este homem que havia sido tão terrivelmente marcado que a desconfiança era uma resposta instintiva.

Ela sabia que as flores silvestres tinham o afetado no quarto, mas ela ainda não tinha ideia do porquê.

No entanto, agora não era o momento de perguntar. Agora era a hora de decidir.

“Perdoe-me.”

Será que ela tinha isto nela? A força para perdoá-lo pelo horror que ele tinha trazido de volta à vida justo quando ela começou a acreditar que tinha abatido seus abusadores afinal, pela dor que ele tinha causado em seu coração, mas, acima de tudo, pela humilhação de ser reduzida a um animal violento?

As mãos de Honor se fecharam em punhos no cabelo dele.

A chuva continuava a cair lá fora, mas por dentro só havia silêncio—e uma clareza aguda que lhe disse que a decisão que ela faria neste instante, sobre este homem, ressoaria ao longo de sua vida. Se ela pulasse do precipício em que atualmente estava, ela poderia cair duro, talvez quebrar para sempre... Ou ela podia encontrar seu caminho de casa.

Casa.

A ideia não era nada além de uma fantasia construída de sua intensa solidão inexorável, muitos diriam. Mas eles não entendiam a força incompreensível do que ela sentia por esse homem que se ajoelhou diante dela, dando-lhe algo que ele nunca deu a outro. *Por toda sua vida* ela tinha procurado por ele, mesmo quando não sabia seu nome. Ele não era quem ela imaginava que fosse, era muito mais mortal, uma criatura endurecida.

Ainda é meu. Ainda meu Dmitri. Ferido, mudado... Mas não perdido. Eu não vou acreditar que ele esteja perdido.

Honor não lutou contra a voz que não era sua, e ainda assim, vinha de sua alma. Era uma loucura familiar agora.

A mão de Dmitri se espalhou na parte inferior das costas dela. “Não acabe com isso.”

“Você iria embora?” perguntou ela, desapertando a mão, acariciando seus dedos por esta seda negra novamente, enquanto enxugava as lágrimas com a mão livre.

Uma longa, longa pausa. “Sim.” Uma única palavra dura. “Se você quer sua liberdade, eu a darei a você.”

Assim... A escolha era dela e somente dela.

29

No final, a decisão não foi tão difícil depois de tudo, porque, quando se tratava de Dmitri, ela não tinha nenhum senso de autopreservação. E aquilo, também, era uma loucura, tão inexorável quanto a necessidade que ela tinha de tocá-lo, segurá-lo... Amá-lo. “Fique,” ela disse, e sentiu o tremor no poderoso corpo do homem que tinha oferecido sua liberdade.

Isso a quebrou um pouco.

Deslizando de joelhos, ela colocou seus braços firmes em volta do pescoço dele e enterrou seu rosto contra o calor de sua pele aquecida. Seus próprios braços vieram ao redor dela no instante seguinte. Medo, esse insidioso intruso, aquela sombra silenciosa, ela esperou por ele... Mas não veio, como se a crua brutalidade da luta deles tivesse o purificado para fora de seu sistema, deixando-a machucada e surrada, mas inteira.

“Nunca mais,” Dmitri sussurrou em seu cabelo, sua voz nua, seus escudos despidos a zero. “Eu juro por você.”

Colocando sua mão em seu pescoço na nuca, ela o acariciou com toques afetuosos, e era um ato de gentileza para ambos. Para este severo, perigoso homem que era seu, e para a esfarrapada, solitária garota dentro dela. “Diga-me o porquê.” Ela precisava entender, ver dentro das sombras de seu coração.

Uma de suas mãos em punho em seus cabelos. “É um memorial,” ele disse, sua voz tão áspera, que era difícil entender. “Ninguém além de Raphael sabia de sua existência.”

Seu coração batia, uma onda enorme de *conhecimento* empurrando sua mente, mas ela deslizou para fora do seu alcance para desaparecer como névoa quando ela tentou alcançá-la, segurá-la. Deixando ir por um momento, ela pensou nas flores silvestres, tantas cores, tantas formas. Todas elas balançando suas cabeças em boas-vindas enquanto ela parava seu veículo muito longe na distância para evitar esmagá-las. Ela caminhou, devagar mas com certeza, através do rio de cores, atraída pelas ruínas invisíveis. Como se seu corpo fosse um compasso e a ruína, o norte verdadeiro.

A melancolia do lugar tinha pesado seus membros para baixo, mas ela estava certa que ouviu o eco de um riso, também... De alegria de uma criança. “É um lugar com memória,” ela sussurrou. “Não havia somente tristeza, Dmitri. Você devia lembrar.” As palavras não eram suas próprias, e ainda assim elas eram. “Você *deve*.”

“Eu me lembro de tudo.” Um sorriso feito de metal irregular e vidro quebrado. “Às vezes, eu queria não lembrar. Mas estas memórias, elas estão gravadas em pedra, para nunca ser esquecidas.”

Honor pensou no que devia ser carregar tanta tristeza através das eras, lamentar por quase mil anos, e sentiu uma dor tão vasta que não tinha fim. “Ela não teria desejado isso para você,” ela disse, tão certa que ela não tinha parado para questionar. “Você sabe disso.”

Honor estava certa, Dmitri pensou. Ingrede ficaria horrorizada ao ver quem, o quê, ele tinha se tornado, como se ele tinha deixado a perda dela e da criança retorce-lo. Mas ele também sabia outra coisa. “Algumas coisas, nenhum homem pode resistir. Algumas perdas nenhum marido” — nenhum pai — “pode jamais esquecer.”

“Dmitri...”

“Eu não sei o que posso dar a você, Honor,” ele disse porque ela merecia honestidade, “Mas sei que não sinto nada como isso desde o momento em que ela morreu.”

Honor afagou seu rosto. “Está tudo bem.” O mais gentil dos beijos.

Ele não sabia como ela tinha se tornado quem oferecia conforto quando ele tinha causado o dano, mas sua alma, fria por um longo tempo, se deleitou no calor dela.

“Eu alimentei Elena uma vez,” ele disse a ela um longo tempo depois, enquanto os lábios dela se fechavam sobre a garfada de arroz que ele tinha levantado para sua boca, enquanto ela permitia que ele cuidasse dela de uma forma que ele não tinha antes.

Curiosidade transformando o verde profundo em seu olhar para pedras preciosas brilhantes. “Havia facas envolvidas?”

“Não, mas ela estava amarrada na ocasião.” Parecia uma eternidade atrás que ele tinha provocado Elena enquanto ela permanecia contida para sua própria segurança. “Ela tinha atirado em Raphael.” Os outros dos Sete estavam prontos para derramar sangue, Dmitri ligado por um voto para mantê-la segura.

Honor se inclinou para frente, abaixando as sobrancelhas. “Eu ouvi rumores... Ela realmente fez isso?”

Ele então contou a ela a estória, e conseguiu enfiar a comida dentro dela ao mesmo tempo, se perguntando se ela tinha percebido as frutas e o mel que ele tinha adicionado à mesa.

“Eu tenho mãos, marido.”

Deslizando um pedaço de fruta sobre aqueles belos lábios enquanto ela sentava em seu colo, um braço ao redor de seu pescoço. “Você poderia usar estas mãos para agradecer-me por ter cuidado

tão bem de você."

Pequenos dentes brancos morderam a fruta, pescoço delgado engolindo o suco da polpa. "Dmitri?"

"Sim?" Ele passou a fruta pela garganta dela, lambendo o suco.

Ela estremeceu. "Eu espero poder sentar em seu colo quando eu ficar velha desdentada e você um homem enrugado."

Largando a taça de vinho, Honor levantou para sentar em seu colo e a memória e a realidade colidiram em um caleidoscópio que fez sua cabeça girar. Seus lábios tocando os dele somente intensificaram a fratura do tempo, o sabor dela quente e doce e dolorosamente familiar mesmo que não fosse. Acariciando sua mão na sua nuca, ele se forçou a segurá-la com gentileza consciente enquanto ela abria sua boca sobre a dele e explorava com lenta, pecaminosa, decadência.

A ternura do momento o destruiu, cantando para partes dele que ele tinha pensado estar mortas há décadas. O cheiro dela, flores silvestres desabrochando, a sensação dela embaixo de suas mãos, a forma que ela sorria, tudo se encaixava nele como uma chave dentro de um fechadura. Ingrede tinha sido tão diferente na superfície—uma mulher que amava a casa e o lar, que não saberia como usar uma lâmina exceto na cozinha, mas ela tinha tido o coração de um leão, sua esposa.

Honor também.

"Sim," ele disse para ela quando ela quebrou o beijo em um suave som de sucção.

Honor angulou sua cabeça em uma silenciosa questão.

Fixando seus olhos naqueles do tom de florestas carregadas de neblina, ele muito deliberadamente correu suas mãos para baixo para fechar sobre seu seio. "Agora, Honor."

O coração dela batendo contra sua mão, sua voz rouca como a tempestade que tinha acabado de passar... E com a paixão que corava seus lábios cheios até que ele quisesse usar seus dentes nela. "As janelas," ela sussurrou.

Nessa altura, não havia chances de serem esquecidas... Exceto, é claro, pelos imortais com asas. "Feche as cortinas." Um tranquilo comando saiu.

Os lábios de Honor ergueram-se nos cantos. "Com você desejar."

Sabendo que ele estava sendo provocado e bastante satisfeito com o estado das coisas, ele observou ela erguer-se e caminhar para fechar as cortinas, os envolvendo em uma intimidade suave criada pelo silencioso escudo de chuva além dos vidros. "O que você precisa?" ele perguntou quando ela voltou para encará-lo.

Era a primeira vez em séculos apos séculos que ele tinha colocado as necessidades

de uma amante sobre as suas próprias. Oh, ele nunca tinha deixado uma companheira de cama insatisfeita, mesmo se o prazer que ele estava inclinado a dar tivesse sido uma coisa como uma navalha afiada quase brutal em sua intensidade, mas se importar... Não, ele não se importado com uma amante desde o dia em que ele deixou sua esposa com a promessa de retornar.

Se Honor pedisse a ele para morder a si mesmo, ele encontraria uma forma de fazê-lo. Mas o que ela disse foi, “Eu não quebrarei,” e foi uma solene declaração.

Ele pensou em como ela tinha enlouquecido em seus braços, sua mente presa em um pesadelo. Fraturas existiam dentro dela, e, esta noite, bastardo que tinha sido, ele tinha contribuído muito para acentuá-las. Mas elas curariam—porque Honor tinha saído batendo. Erguendo suas mãos para a mandíbula, ele esfregou o frágil machucado. “Você quase me quebrou.”

Um sorriso, lento e devastador em sua beleza. “Você mereceu.”

Ele deixou seus próprios lábios curvarem-se. “Eu sei.” Varrendo seus olhos para cima e para baixo por seu corpo, ele disse, “Eu ainda pretendo conseguir ter meu tempo perverso com você,” em uma tentativa deliberada de medir o quão longe ela permitiria que ele fosse.

“Nenhuma coisa bizarra até mais tarde.”

Surpreso que ela até mesmo entretivesse o pensamento depois do que ele tinha feito, ele ergueu seu olhar para ela—e viu um entendimento que o aturdiu. Ela sabia que tinha poder sobre ele, esta mortal que era tão mais fraca e ainda assim o tinha deixado de joelhos. Honor não era como ele, não tinha se transformado em cínica por uma experiência que teria torcido muitos apenas na direção da amargura e ódio, nunca usaria esse poder de uma forma maliciosa. Mas o conhecimento lhe permitiu jogar este jogo com ele.

Ótimo.

Empurrando para trás sua cadeira apenas uma fração, ele curvou um dedo.

Ela tirou as botas antes de cruzar o tapete para ficar em cima dele. Suas mãos ergueram-se para os botões de sua camisa. “Eu amo a cor de sua pele,” ela murmurou, inclinando-se para pressionar um beijo na pele nua de seu peito.

Foi a mais doce de todas as carícias, e fez ele tramar seus dedos em seu cabelo e insistir em um outro. Rindo, ela salpicou seu peito com beijos, a camisa escancarada em sua cintura agora. “Tanta pele linda, macia. O tom muda ao longo de seu corpo?”

Ele puxou a parte inferior da blusa dela, esperando até que ela levantasse seus braços para tirá-la sobre sua cabeça. “Eu disse a você. Você terá que”—apertando seu abdômen contra o impacto dela—“esperar para ver.” Foi sua vez de inclinar-se para frente, pressionando seus lábios para beijar sua pele de mel dourado, suas mãos possessivas nos

quadris dela.

“Eu tenho cicatrizes.”

Os responsáveis por criarem aquelas cicatrizes pagariam pelas próximas décadas, porque Dmitri não tinha misericórdia ou perdão nele. Não por aquele crime. “Eu vejo somente você.” Outro beijo prolongado antes que ele recuasse. “E você é meu próprio vício pessoal.”

Envoltos em renda negra, seus seios eram exuberantes curvas que enchiam sua boca com água, suas presas doendo para afundar-se na carne doce. Ele não faria isso, não até que ela fizesse o convite, mas isso não fazia diferença para seu pênis. Ele estava rígido como pedra, sangue pulsando quente e grosso. E isso foi antes que ele se permitiu pensar na apertada, molhada bainha de seu núcleo.

“Eu quero estar dentro de você.” Ele chupou a curva de seu seio, lambendo a marca vermelha. “Tão profundamente que você se sentirá marcada.”

As unhas de Honor cravaram-se em sua nuca, sua voz um rouco sussurro. “Você me faz querer coisas que nenhuma boa garota iria querer.”

Suas palavras relaxaram os resíduos finais do nó retorcido dentro dele. “Eu nunca irei parar você.” Erguendo sua cabeça, ele a reivindicou, acariciando suas mãos ao longo da curva de sua cintura sobre seu torso para fechar as mãos sobre ambos os seios ao mesmo tempo. Os generosos montes estavam provocadoramente cobertos pela fina renda de seu sutiã, um pequeno laço vermelho no centro. “Eu pensei que uma caçadora seria mais prática.” Ele correu os dedos através dos mamilos empedrados e tentadores.

“Reclamando?”

Apertando sua carne tensa, ele tomou seus lábios em um beijo de boca aberta em resposta.

A cabeça dela caiu para trás quando ele liberou sua boca, a posição expondo a inclinação de seu pescoço. Seu sangue cantarolou, seu olhar travado na pulsação de sua garganta. Dentes cerrados, ele se distraiu focando em seus seios. Eles eram deliciosos, um pouco grandes demais para a vida ativa de caçadora, e perfeitos para as mãos de Dmitri.

Deslizando suas mãos logo abaixo das requintadas curvas, ele estava inclinando a cabeça para entregar-se a eles quando Honor puxou seu cabelo. “Beije minha garganta.” Um sussurro tão suave quanto o próprio ar.

Suas mãos contraíram-se no seu abdômen. “Isso pode não ser a melhor das ideias.” Ele estava morrendo de fome por ela, seu corpo inteiro em uma única pulsação.

“Você é velho o suficiente para se controlar.” Um sensual desafio. “Eu sou sensível aqui.” Erguendo sua cabeça, ela correu seus dedos para baixo no arco de sua garganta.

Seu pênis repuxou, sua mente cheia de mil imagens imorais do que ele queria que aqueles dedos fortes fizessem para ele.

“Eu odeio que eu tenha perdido esse prazer por causa do que eles fizeram,” ela disse. “Eu o quero de volta.”

Ao invés de obedecer a ordem, ele encheu as mãos com seus seios mais uma vez, seus mamilos duros pontos contra a palma, exultando com a escalada de seu batimento cardíaco, a brusca cadência de sua respiração. “Sensível aqui também, não é, Honor?” Espremendo-os para seu deleite, ele abaixou sua cabeça para agarrar um de seus mamilos com seus dentes, sabendo que a renda rasparia contra a carne, uma dor requintada.

Um caloroso feminino som de frustração. “Esse seu chicote” —palavras ofegantes— “alguma vez você o sentiu em seu próprio corpo?”

Liberando um mamilo com um movimento de sua língua, umedecendo a renda e aumentando o atrito, ele olhou para cima. “Não.” Ele estava sempre no controle. Era assim que ele era. Mas... “Talvez nós possamos negociar.”

Olhos apertados. “Eu sei que você está ganhando algo de mim, mas não consigo descobrir o quê.”

Foi quando ele moveu-se para frente para pressionar um quente, molhado beijo no lado de seu pescoço, no alto perto de sua mandíbula. Ela congelou em seus braços, mas ele manteve sua boca onde estava—enquanto acariciava a linha de seu corpo do seio para o quadril, do quadril para o seio, uma e outra vez de novo com uma mão, a outra espalhada na parte inferior de suas costas. “Sinta a umidade,” ele sussurrou, então soprou contra a sua pele úmida.

Quando ela estremeceu, ele a lambeu. “Escolha, Honor. Diga-me o que você gosta.” Estava tomando toda a sua experiência para manter a si mesmo dentro do controle com essa mulher que o destruiu. “Diga-me,” ele disse de novo, bloqueando seus instintos de tomar, de possuir. “Você tem o controle.”

Dedos deslizando sobre a nuca e dentro de seu cabelo, ela disse, “Beijos longos, molhados.”

Não foi nenhuma dificuldade satisfazê-la. Ele podia banquetear-se com cada centímetro dela e começar tudo de novo em segundos. Seu corpo manteve-se imóvel por um longo tempo, mas os dedos em sua nuca, eles cavaram um pouco, seu pulso acelerando até que o dele cantasse com a erótica batida dele. E em seguida ela disse, “Mais duro, Dmitri.”

Ele gostava de seu nome nos lábios dela quando ela estava meio nua sobre ele, seu corpo tão exuberante e aberto. Ele gostaria ainda mais quando estivesse guiando seu pênis dentro dela. Soprando sobre a pele que ele tinha acabado de beijar, ele bebeu seu tremor

de resposta antes de dar a ela o que ela pediu—longos, duros beijos que a deixaram com escuras manchas vermelhas em seu pescoço—ao mesmo tempo em que ele usava uma de suas mãos para apertar e moldar o calor intenso de seus seios. Ele tinha toda a intenção de marcá-los, também.

Quando ele finalmente levantou sua cabeça de sua garganta, os olhos dela estavam vagos com prazer, seu corpo relaxado. Não era um “conserto,” mas a experiência daria a ela uma arma contra os pesadelos—ele estava mais do que disposto a sugar seu doce corpo a qualquer momento que ela precisasse de um curso de atualização. “Eu quero,” ele murmurou, “colocar minha boca aqui.” Ele balançou-se contra ela, pressionando o V aquecido entre suas coxas. “Isto vai ser um problema?”

Olhos arregalados, lânguidos com uma luxúria generosa, decadente. “Não. Eles... Ninguém pareceu interessado nisto. Mas nenhuma mordida na parte interna das coxas. Eu... Dói.”

Raiva rugiu através dele, tão selvagem e brutal que ele teve que abaixar a cabeça por um segundo no caso de ela ver isso. Mas então Honor rolou seus quadris sobre ele, deslizando seus dedos sobre o tecido de seu colarinho para acariciar suas costas, e ele estava no momento de novo, com uma bela, sexy mulher que tinha sido abusada e que era agora sua para dar prazer. “A calcinha combina?” ele perguntou, traçando a borda de seu sutiã.

“Sim.” Seu peito subia e descia em um ritmo regular. “Elas são vermelhas com um laço preto.”

“Bruxa.”

Ela sorriu, confirmando sua suposição de que ela estava brincando com ele de novo. Ninguém tinha feito isso por uma eternidade. “Tire sua camisa, Dmitri.” Um beijo mordiscado na sensível curva do lóbulo de sua orelha. “Ou a rasgarei em pedaços.”

Sibilando com a carícia, ele tirou rapidamente a camisa, atirando-a no outro lado e empurrando suas mãos entre seus corpos para se livrar de seu cinto ao mesmo tempo. Seu pênis era uma vara de aço em suas calças, pressionado em urgente demanda contra o tecido—ele desabotoou o botão de cima para aliviar, mas resistiu à vontade de liberar sua carne inchada. Se ele o fizesse, isso ia acabar muito rápido.

Ele queria saborear.

Tinha passado tanto tempo.

O pensamento sussurrando fora de alcance antes que ele verdadeiramente o ouvisse, ele traçou a alça do sutiã de Honor até o bojo, o abaixando para desnudar o inchado bico de seu mamilo. Deixando a renda enfiado logo abaixo dele, ele repetiu o processo com o outro seio. Em seguida ele se inclinou e bebeu a visão dela exibida para ele

como um banquete erótico.

30

A respiração dela, já irregular, tornou-se rápida e superficial, suas mãos caindo para as coxas. Então ela fez algo inesperado. Empurrando com seus antebraços, ela inclinou para cima seus seios para ele servir-se do banquete. Ele gemeu, abaixando a cabeça para sugar fortemente um mamilo enrolado dentro de sua boca enquanto ele rolava o outro entre as pontas dos dedos.

Deleitando-se no gosto dela, ele alternou entre um delicioso seio e outro, até ela puxá-lo pelo seu cabelo. “O quê?” Ele ouviu a arrogância, decidiu que ela era forte o bastante para lidar.

“Eu não consigo respirar.” Rosto corado, batimentos cardíacos irregulares, cabelo desarrumado, e mamilos quentes e úmidos de suas carícias, ela era uma fantasia sexual vindo à vida.

“Você não está planejando me apressar, está, Honor?” Ele agitou seu polegar sobre um mamilo antes de alcançar atrás para desenganchar o sutiã e retirá-lo, revelando toda a beleza de seus seios. O mel dourado de sua pele era mais cremoso aqui, mais delicado, até ele saber que suas presas deixariam dois perfeitos machucados em sua pele—ele poderia curar uma mordida completamente, mas como já tinha provado, ele não era exatamente um sofisticado civilizado quando se tratava de Honor. Ele queria que ela ostentasse a marca íntima.

Mas ela ainda não estava pronta. No entanto, havia outras formas de marcar uma mulher. “Encoste-se com os cotovelos sobre a mesa.” Outro comando.

Um que ela obedeceu.

A posição não somente a deixou à sua mercê, empurrou seus seios para cima para seu prazer. “Eu quero me alimentar de você,” ele disse, e viu o imediato horror em seus olhos, “mas eu não irei. Não até que você me faça um convite verbal inconfundível, até empurrar o que você teme fora de sua mente.” Ele segurou o profundo verde de seu olhar até que o terror foi lavado afastado pelo alívio... E uma sensualidade latente que disse a ele que esta era uma mulher que se igualaria a ele na cama carícia por carícia, beijo por beijo.

“Honor?”

“Sim.”

“Eu irei fazer coisas com você agora que uma boa garota *definitivamente* não deveria deixar um homem fazer a ela.”

Suas palavras fizeram o corpo de Honor tonar-se líquido.

Em seguida, Dmitri colocou aquela pecaminosa, perigosa boca em seus seios, sugando duro o bastante para deixar um machucado de amor, depois mergulhou a cabeça para sugar seu mamilo, puxando com força que fez seu ventre se apertar. Se suas carícias mais cedo tinham sido dolorosamente suaves, isso era sexo puro, cru. Nada em seu toque disse que ele a considerava quebrada, a considerava uma mercadoria danificada, e isso lhe deu uma liberdade que ela não teria acreditado possível.

Empurrando-se para cima para o reconhecimento doloroso daquela boca, ela foi recompensada com sua língua girando ao redor de seu mamilo, fazendo coisas com ela que ela não tinha conhecimento de que eram possíveis. Apertando suas coxas ao redor daquele poderoso corpo, ela observou ele levantar a cabeça. Lamber os lábios. E mudar para seu seio negligenciado.

Um beijo de dentes.

Não até que você me faça um inconfundível convite verbal...

Entoando aquela promessa em sua mente, ela abandonou o aumento do medo para se afogar em uma onda de prazer. “Não pare,” ela disse quando ele levantou a cabeça.

Ele inclinou-se para frente para pressionar um beijo logo abaixo do oco de sua garganta em resposta, olhos do pecado e escuridão mantendo um olhar de satisfação que ele não fez nenhuma tentativa para esconder. “Você pode alcançar o mel?”

Torcendo um pouco, ela agarrou o frasco apertável de mel que ele tinha colocado com as frutas e entregou para ele, sabendo muito bem que estava lhe dando uma arma para atormentá-la ainda mais.

Ele abriu a tampa e, continuando a manter o íntimo olhar de contato, inclinou-se pra frente para lambar um mamilo—apenas uma vez, apenas o suficiente para atormentar, fazê-la respirar fundo—antes de virar o pote e espremer o líquido pegajoso não em seu corpo, como ela tinha esperado, mas na sua mão. Ele fechou a tampa depois de terminar, e deu o frasco a ela.

Ela conseguiu colocá-lo em algum lugar na mesa sem nunca tirar os olhos dele.

Mergulhando um único dedo dentro do espesso líquido dourado, ele levou-o para os lábios dela para traá-los com a doçura do mel. Ela chupou o dedo para dentro de sua boca, rodou sua língua ao redor dele como ela tinha feito com seu pau no carro. Aqueles olhos sexys diziam a ela exatamente o que ele queria fazer com ela, mas o calor era uma lenta brasa queimando, o estopim de Dmitri aparentemente muito longo.

Sorte dela.

“Continue fazendo isso,” ele murmurou em uma voz que era a mais opulenta pele sobre ela, “e eu terei você ajoelhada entre minhas pernas chupando algo muito mais duro.”

Ela agarrou seus dedos entre os dentes, uma sensual punição para as palavras que poderiam muito bem vir de algum bárbaro não civilizado. “Piso seria duro sob os joelhos,” ela disse depois de liberar ele, sentindo-se ardente, gloriosamente feminina. “Na próxima vez que eu chupar você, eu quero estar ajoelhada em um bom sofá confortável.”

“Eu vivo para conceder seus desejos.” Dedos brilhando de sua boca, ele os mergulhou de volta no mel e pintou ambos os seus mamilos com um toque preciso, quase delicado, antes de começar um intrincado padrão nas inclinações de seus seios. “Não se mova.”

Era pura tortura sentar-se imóvel enquanto ele a acariciava com movimentos longos, lentos, pegajosos de seus dedos, seu corpo grande e duro e excitado debaixo dela, sua ereção tão perto que ela tinha fantasias de rasgar as calças e montar nele, sua carne grossa empurrando para dentro dela em rígida demanda.

Os olhos de Dmitri brilharam quando encontraram os dela e ela perguntou-se o que ele viu. Mas tudo que ele disse foi, “Seja uma boa garota, Honor, ou eu terei de puni-la.”

Uma mão grande, áspera dando palmadas com um calor erótico entre suas coxas, os dedos tornando-se escorregadios com sua necessidade enquanto ela se retorcia contra os lençóis que a prendiam na cama... E não permitiam a ela espaço para se defender.

Ela estremeceu com a fantasia formada completa em sua mente. “Talvez eu” —ela engoliu enquanto ele pintava uma linha abaixo do umbigo, desenhando uma curva um centímetro acima da cintura de seu jeans— “adoraria sua versão de punição.”

“Humm.” Ele correu seus dedos de volta para cima. “Então não seria uma punição, seria?” Uma ameaça sensual de uma perigosa criatura que sabia como brincar com todas as facetas do corpo de uma mulher. “Agora, venha aqui.” Curvando sua mão ao redor do corpo dela, ele pressionou sua palma nas costas dela.

Ela engasgou quando o mel encontrou sua pele.

“Eu estou toda pegajosa.”

Não tendo nenhuma objeção em se colar contra o corpo dele, ela esmagou seus seios no peito dele. “Nós vamos fazer uma bagunça terrível.” Ela não pôde evitar tomar sua boca, aquela bela, sexy boca que estava tornando-se sua indulgência mais pecaminosa.

Ele a deixou tomá-lo, a deixou sugar sua língua e montar o corpo contra seu pau, mas o material de seu jeans era grosso e ela não podia senti-lo como queria. Quando as mãos dele apertaram suas coxas, foi uma exigência silenciosa. Quebrando o beijo, ela separou seus corpos colados por mel com um robusto gemido e levantou-se para abrir o seu cinto, atirando-o para o lado.

Então, enquanto Dmitri observava, ela desabotoou o botão do cóis de seu jeans e abriu o zíper para revelar a frente de sua calcinha vermelha. Apressando-a com as mãos

nos quadris dela, Dmitri levantou a mão para traçar o pequeno laço negro, a intimidade do toque a fazendo querer implorar a ele para mover aquela mão mais para baixo, esfregar mais duro. Exceto... “E se eu...”

Ele beijou seu umbigo, logo acima da calcinha, o beijo quente e úmido.

Os dedos dos pés dela enrolaram, e a única razão dela permanecer de pé era por causa das mãos dele a segurando.

“Então,” ele disse, respondendo a questão que não tinha a deixado completar, “nós tentamos de novo. Nós tentamos a noite toda porque eu tenho toda a intenção de tomar o que é meu.”

Ela correu os dedos através da pesada seda preta de seu cabelo. “Muito possessivo?”

O sorriso que ele deu a ela foi letal em seu impacto. Ela sabia desde o começo que era perigosamente vulnerável a ele, mas foi naquele momento que ela percebeu que não poderia negar nada a ele. Era uma fraqueza terrível, mais uma que estava fundida tão profundamente dentro de sua psique, que ela sabia que não havia como combatê-la, ou ignorá-la.

Meu Dmitri.

Recuando, ela deslizou para fora de seu jeans e atirou-o de lado. Mas quando ela ia sentar sobre ele novamente, ele balançou a cabeça, empurrou-a em direção à mesa. Um rubor subiu por seu corpo quando ela se sentou no pinho macio, seus joelhos timidamente fechados. Mudando sua cadeira para mais perto, ele deslizou as mãos pelas coxas até a parte de trás de seus joelhos, suas panturrilhas, e era um prazer atormentador. Ela permitiu que aquelas sábias mãos deslizassem para acariciá-la, para separar seus joelhos e abrir suas coxas enquanto ele a dirigia a colocar seus pés na cadeira em cada lado de seu corpo.

Ela sentiu-se exposta, nua, embora ainda usasse sua calcinha. “Dmitri.” Pegando mel de seu corpo, ela moldou os lábios dele com as pontas dos dedos. Sua mandíbula estava rígida embaixo da mão dela enquanto ela segurava seu rosto e o beijava, lenta e doce e um pouco perversa, mordendo aquele lábio inferior ligeiramente mais cheio.

Ele moveu as mãos sobre suas coxas, apertando-as. E então ele mordeu de volta.

Isso enviou uma onda de prazer através dela. Olhos arregalados, ela olhou para ele, esta deslumbrante criatura mais perigosa do que qualquer vampiro que ela jamais tinha conhecido. Ela pensou que qualquer indício de mordida a faria surtar. Engolindo em seco, ela olhou para baixo, para suas mãos. “Minha coxa,” ela sussurrou. “Faça isso.”

Sem dizer uma palavra, ele limpou o mel de seu peito e correu uma linha pela carne sensível do interior da coxa dela. Isso a fez tremer, mas o tremor não era causado pelo

medo. Não ainda. No entanto, no instante que ele inclinou a cabeça para sua carne, ela congelou. Sem parar, ele fechou seus dentes sobre ela. A mordida era mais uma provocação do que qualquer coisa, sem nem mesmo uma sugestão de presas. Tremendo, ela disse. “Faça de novo.”

Ele deu a ela outro beijo provocante. Outro.

Até que o corpo dela não podia mais segurar a tensão e ela estremeceu, derretendo em seu toque, sua sedução. Longas, lentas lambidas, pequenas mordidas, duras chupadas, ele deu a ela tudo. Mas ele não afundou suas presas dentro de sua carne, não tirou seu sangue. “Quando eu me alimentar de você,” ele murmurou, “não será uma coisa apressada. Eu planejo saborear cada segundo quente disso.” Ele a puxou para frente, levantando a mão para brincar com as finas fitas pretas nos lados de suas calcinhas, seus lábios um pouco inchados dos beijos dela, seus ossos bem definidos contra aquela quente, bela pele. “Deite-se.”

Tremendo pela sombria sedução dele, ela respirou fundo e inclinou-se para deitar na mesa, sorrindo quando suas costas encontraram o calor da madeira. “Grudenta.”

Levantando suas pernas até que seus joelhos estivessem colocados sobre os ombros dele, ele correu um dedo pelo centro de sua calcinha. “Hum, sim.”

O cérebro dela não podia processar completamente sua declaração, seus nervos em curto circuito por aquele único toque. De novo, ela esperou pelo medo. De novo, ele não veio. Foi quando ela fez a conexão. Isso, com Dmitri, era sobre prazer.

“Perdoe-me.”

Nunca mais ele iria libertar a lâmina afiada da crueldade sobre ela. Ela sabia disso nas profundezas de sua alma, tinha ouvido isso na cadência da voz dele, sentido isso naquele momento quando ele ajoelhou-se diante dela, esse homem de poder e orgulho, o momento que havia sido a linha divisória entre o passado e o futuro.

Portanto isso era sobre prazer.

O ataque tinha sido sobre dor.

“Você está pronta, Honor?”

Sim. Mas ela não teve a chance para responder, porque foi quando ele colocou sua boca sobre o tecido úmido de sua calcinha. “*Dmitri.*”

Metade de Dmitri queria arrancar fora o último resquício de roupa insignificante de Honor e precipitar-se contra ela em um único golpe profundo, reivindicando-a naquela

mais elementar das maneiras. A outra metade dele queria usar cada pedaço da habilidade sensual que ele tinha ganhado ao longo dos séculos para fazê-la sua escrava.

Sua calcinha estava presa na rechonchuda, ruborizada curva de sua carne íntima quando ele recuou, deslizou sua mão sobre aqueles lacinhos bobos que o deixavam insano, e puxou. Ela levantou seu corpo e ele estava descendo aquele resto de nada por suas coxas um instante mais tarde. Ele ficou em pé para retirá-la completamente, e, quando ele olhou para ela, ela sabia que ele tinha chegado ao limite de sua paciência. Inclinando-se, ele lambeu o mel sobre seus seios.

“Então agora eu sou seu prato,” ela disse com um sorriso que chutou ele bem no coração. “Eu sabia que você tinha um motivo oculto.”

Rindo—e quando ele tinha feito aquilo no passado com uma amante?—ele beijou seu caminho por seu corpo, para os cachos úmidos entre suas coxas. E descobriu que tinha um pouco mais de paciência, depois de tudo. O bastante para se sentar novamente, separá-la, e beijá-la, quente e lentamente e com primoroso cuidado, lambendo com sua língua o duro núcleo no ápice de suas coxas.

As costas dela arquearam, as pontas dos dedos arranhando a madeira. “Dmitri.” A respiração escapou dela em um grito abafado que o fez meter o polegar contra a entrada escorregadia de seu corpo e empurrá-lo para dentro uma mera fração enquanto cobria a boca dela com a sua mais uma vez. Foi o bastante. Ela se despedaçou para ele, uma doce explosão de especiarias femininas contra seus sentidos.

Pondo-se de pé mesmo quando tremores finais cintilavam sobre o corpo dela, ele retirou o resto de sua roupa e sentou de volta antes de puxá-la para a borda da mesa. “Sobre mim, Honor.”

“Eu não posso me mover.” Era uma reclamação sem fôlego.

Ele beijou seu osso do quadril, a sentiu tremer. Puxou um pouco mais. Ela fluiu para dentro de seus braços, toda líquida e prazerosa e sem ossos, suas pernas espalhadas em cada lado de seu corpo. Preguiçosa, ela o beijou antes de estender a mão para apertar sua túrgida excitação com fortes, sábios dedos.

Sibilando um suspiro, ele puxou suas mãos. “Depois.” Ele puxou-a para frente, levantando-a usando sua considerável força... E deslizou ela para baixo oh-tão-lentamente sobre seu pau. Escaldante calor e requintado aperto.

A mente dele apagou por um instante.

“Oh.” Um gemido longo, ofegante. “Você é...” Mãos enfiadas dentro de seu cabelo, empalmando a parte de trás de sua cabeça enquanto ela se estabelecia mais firmemente dentro dele, rebolando seus quadris e usando minúsculos músculos internos para espremer seu pau.

Dmitri xingou uma série de palavrões silenciosos, suas mãos apertadas nos quadris dela. Quando ela continuou a fazer os pequenos movimentos sensuais prestes a rasgar seu controle em pedaços, ele abaixou a cabeça e chupou um tenso mamilo em sua boca. Ela gritou e perdeu seu ritmo, deixando-o recuperar um pedaço de sua sanidade. Lambendo ela mais uma vez, ele insinuou sua mão entre seus corpos para levemente circular seu clitóris enquanto começava a mover-se dentro dela nos golpes mais superficiais.

“Você me matará.” Com isso, Honor encontrou sua boca.

Perdida na selvagem paixão de seus beijos, ele se levantou, levando ela com ele, e a pousou na borda da mesa, seus corpos ainda unidos. As pernas dela estavam em volta dele, a boca dela fundida com a sua, uma mão em concha em sua mandíbula, a outra em seu cabelo. Ele sentiu-se cercado por ela, adorado por ela. Um pensamento surpreendente... mas bem-vindo.

Beijando seu caminho através de sua bochecha e para sua mandíbula quando ela quebrou o beijo, ele moveu sua mão para os quadris dela, dobrando-a exatamente como ele gostava. Então ele começou a mover-se. Seus olhares se encontraram. Ficando travados.

Os olhos dela estavam brilhando como florestas da meia-noite, seu grito uma única palavra. O nome dele. Ele caiu com ela, tanto prazer passando através dele que parecia como se ele tivesse quebrado em um milhão de pedaços iridescentes.

31

Uma ducha muito sexy mais tarde—Senhor, mas Dmitri era criativo—Honor aninhou-se próxima a ele, entretida com a ideia de aconchego com um vampiro tão letal que assustava os outros de sua espécie. “Você é um homem muito esperto.”

Ele correu os dedos de uma mão pelo lado de seu rosto. “Eu sei.”

Honor sorriu, pois o que mais poderia fazer uma mulher quando o homem na cama com ela a tinha levado a tantos orgasmos que ela ainda estava vendo estrelas? “Aquele posição—me deixar ficar por cima, enquanto entregava a você todo o poder. Eu estou jogando muito além da minha liga sexual, não estou?”

“Não se preocupe.” Ele entrelaçou os dedos em seu cabelo. “Eu sou um excelente treinador.”

Sim, ela apostava que era. Beijando seu caminho pelo corpo dele, ela aconchegou seu rosto em seu pescoço e puxou o cheiro quente dele. E se sentiu como se estivesse voltando para casa.

O acordar foi tão rude quanto o sono tinha sido prazeroso.

“Amos foi visto,” Dmitri disse a ela depois de atender seu celular logo antes de um amanhecer cinza enevoadado.

O vampiro não estava na propriedade de Jiana Stamford quando eles chegaram, mas ele tinha deixado pedaços para trás—vários de seus órgãos estavam amontoados em uma brilhante pilha na grama, cobertos com gotas do fino, chuvisco que formava gotas no cabelo deles, umedecendo suas roupas. Pesadas pontas de aço incrustadas com sangue traíam que ele foi preso à terra, zinias roxas e crisântemos ensolarados esmagados e cobertos com sangue coagulado preto em bolsões onde a chuva não podia alcançar.

“O que quer que eu pudesse ter sonhado em fazer com ele,” Honor murmurou para Dmitri enquanto eles estavam na pequena elevação com vista para a casa de Jiana, a umidade carregada pelo vento da manhã levantando seus cabelos fora de seus rostos, “isso é pior.”

“Ele tinha que estar machucado de outra forma, ou teria escapado daqueles pinos de aço antes que ele fosse estripado, seus intestinos removidos,” Dmitri disse, olhos na carne e cordas sangrentas que pareciam obscenidades ao redor das flores que lutavam

para alcançar a luz solar que não havia ali.

“Ou talvez,” Honor disse, olhando a mulher encharcada de sangue que sentava se balançando não muito longe da carnificina, riachos de vermelho gotejando dos braços e pernas para a terra, “ele não queria escapar... Não até perceber que ela não estava planejando parar.” E ainda assim ele foi incapaz de acabar com a vida de sua atacante, esta mulher que ele ao mesmo tempo amava e odiava.

O olhar de Dmitri seguiu o dela, mas havia uma fria consideração nele que não parecia caber nas circunstâncias. Jiana tinha, afinal, tentado executar de seu filho na mais brutal forma. A única razão para Amos não estar morto era porque ele aparentemente conseguiu arrancar um dos pinos e bater em Jiana tão forte no rosto que ela acabou inconsciente com um maxilar quebrado, um corte profundo estragando aquela pele café com leite. Ele estava muito longe quando ela alertou os guardas.

“Pagamento por seus crimes,” a vampira tinha sussurrado quando Honor e Dmitri chegaram à cena.

Honor não teria acreditado na mudança de coração violenta da mulher, se não fosse pelo fato de que, muito além dos danos causados para Amos durante sua fuga, o rosto de Jiana estava seriamente ferido, a elegante seda e renda de sua camisola praticamente rasgada dela, suas costelas quebradas.

“Ele me olhou,” Jiana tinha adicionado, olhos opacos, “de um modo que nenhum homem devia olhar para sua mãe.”

Aquilo, Honor pensou, era o que a tinha empurrado além do limite—parecia haver algumas coisas que mesmo a mais devotada das mães não podia aceitar. No entanto, estava claro que Dmitri tinha uma visão diferente do assunto. Esperando até que ele voltou sua atenção de volta para ela, ela disse, “O que você vê?”

“Não é o que eu vejo. É o que eu cheiro.”

Ao invés de lhe pedir para explicar mais, ela considerou todos os fatos, arriscando um palpite. “Algum tipo de sedativo ou tranquilizante no sangue dele.” Havia mais do que o suficiente desse último espalhado ao redor, embora diluído pela chuva, para determinar isso.

Um pequeno aceno. “Isso não foi um ato praticado com raiva impensada. Foi calmo, frio, *calculado*.” Seus olhos pousaram em Jiana. “Considere o fato de que apesar de sua ‘cooperação’ mais cedo, ela não fez menção do bueiro que permite acesso secreto a esta propriedade.”

“O instinto protetor de mãe superando sua mente racional,” ela disse, bancando o advogado do diabo. “Quanto às drogas, podem se que ela esteja mentindo e ele não apenas não disse ou fez algo que ela não poderia aceitar, mas realmente conseguiu agredi-

la.”

“Traumatizada, ela colocou algo em sua bebida, esperou até que ele ficasse desorientado, fraco, e então ela fez isso.” Amos poderia ter facilmente cambaleado para essa parte da propriedade, mesmo drogado e menos do que lúcido. Era a menos de cem metros da casa, e com o guarda na porta da frente nocauteado, enquanto os outros estavam situados ao redor do perímetro, ninguém poderia refutar essa versão dos eventos.

“Plausível.” Os olhos de Dmitri permaneciam na pilha de órgãos que ainda estavam rosados com a saúde, evidência do vampirismo que significava que Amos iria se recuperar contanto que tivesse um fornecimento constante de sangue fresco e um lugar para se esconder.

“Exceto,” Dmitri continuou, interrompendo seus pensamentos sobre como um homem voltava de ser estripado por sua própria mãe, “que, seja o que for que aconteceu aqui, não foi simplesmente sobre execução, foi?”

Ela olhou para a cena de novo, conscientemente colocando de lado sua impressão de Jiana como uma amável mãe empurrada para a beira do abismo, e focou somente nos fatos. Um dos quais era que isso tinha tomado tempo. Muito tempo. Porque os órgãos... Eles tinham sido removidos com pura precisão, colocados em uma pilha arrumada.

Coração congelando com a realização, ela estava prestes a virar-se para Dmitri quando vislumbrou um pedaço de tecido rasgado e sangrento atirado um par de metros de distância. “Ele estava amordaçado.” E a partir da qualidade quase negra do sangue capturado nas dobras em que a chuva não tinha penetrado, ele tinha mordido através de sua língua, provavelmente rasgando seus lábios. O chão onde ele tinha sido preso estava tão encharcado daquele mesmo sangue que parecia mais úmido do que a área ao redor, orvalho rosa pálido brilhando em alguns crisântemos pendurados pelos caules quebrados.

A conclusão não era nada fácil, mas tinha que ser dita. “Ela gostou disso.”

“Há todos os indícios.” Virando-se, Dmitri caminhou até Jiana, uma elegante sombra nos jeans escuros, botas, e camiseta preta que ele tinha vestido durante uma rápida parada na Torre.

Honor se forçou a seguir, apesar de atormentá-la o pensamento de uma mãe ter prazer no assassinato de seu filho, não importa o mal feito por aquele filho. Isso era algo que ela simplesmente tinha problemas em compreender, o instinto materno dentro dela uma força impressionante... Embora ela não tivesse filhos.

Balançando a cabeça para limpá-la, ela parou ao lado de Dmitri enquanto ele olhava para a aparentemente atormentada forma de Jiana. “Você foi muito esperta, Jiana,” ele disse em um ronronar de voz que envolveu como gelo ao redor da garganta de Honor.

Jiana continuou balançando-se para trás e para frente, sua camisola rasgada

agarrada ao seu corpo esbelto, os hematomas no rosto tinham se tornado um verde doentio amarelado nas bordas enquanto ela curava-se. Ela agarrou uma lâmina de serrilha na mão, a coisa toda incrustada com sangue seco que resistiu a chuva.

Em um rápido movimento de chicote que Honor não viu vindo, Dmitri deslizou para fora uma faca de caça afiada de sua bota e foi como se para cortar a cabeça de Jiana. A vampira levantou-se em uma pose defensiva num piscar de olhos, sua própria faca cortando em direção a Dmitri. Ele jogou-a para o chão com uma velocidade inumana e agarrou o pulso de Jiana, segurando-a em seu lugar enquanto ele colocava o gume de sua lâmina mortal em seu pescoço. “Agora,” ele disse, “você falará.”

O olhar deslizou de Jiana para Honor. “Ajude-me.” Tanto tormento em seus olhos, uma profunda escuridão negra... E atrás disso, uma crueldade à espreita que Honor teria perdido se Dmitri não empurrasse a lâmina uma fração mais fundo, surpreendendo Jiana a deixar cair sua máscara de dor emocional por um único segundo.

“Você o criou,” Honor disse, doente. “Qualquer que seja a doença dele, você se aproveitou disso para enlouquecê-lo ainda mais.”

O rosto de Jiana se transformou, a frágil beleza dela transformando-se em algo desdenhoso e sarcástico. “Ele é meu filho.” Nenhum remorso. “Meu para fazer o que eu quiser.”

Naquele instante, Honor entendeu a profundidade da malevolência e inteligência de Jiana. Ela tinha tido a precaução de jogar com eles desde o início, sua “penitência” com os viciados de sangue uma cortina de fumaça criada apenas no caso de alguém vir procurar. Mesmo se isso não tivesse acontecido até meses ou anos no futuro, Jiana teria sempre sido capaz de apontar de volta para seu aparente sofrimento para fornecer credibilidade a seus protestos de ser culpada de algo exceto amar seu filho demais—uma criança que ela tinha claramente sempre estado pronta a sacrificar.

E ainda assim, Honor estava certa que o amor que Jiana tinha professado por Amos não era de todo uma mentira. Algo tinha desequilibrado a balança—talvez o fato de Amos não ter apenas escapado da coleira e começado a agir por si mesmo, e não como uma criatura de Jiana, mas também começar a atrair o tipo errado de atenção. “Ele se tornou um fardo,” ela murmurou, “poderia ter traído você se fosse pego.” Cercada pela carnificina que Jiana tinha feito—tinha *adorado* fazer—Honor estava convencida que as mãos da vampira estavam marcadas com mais maldade do que qualquer outro além de Amos imaginava. “Ele aprendeu tudo o que sabia com você.”

Um lampejo de raiva naqueles olhos escuros como ônix que transformou as dúvidas de Honor em verdade antes de Jiana dizer, “Eu teria perdoado ele ter pegado você—era uma diversão intrigante, depois de tudo.” Palavras projetadas para apunhalar e cortar. “Mas o estúpido garoto planejava capturar mais dois caçadores depois que eu *avisei* para ele ficar quieto e fora de vista.”

Então Jiana tinha o torturado, em seguida tentado executá-lo. Se ela tivesse conseguido, a morte de Amos teria sido muito mais cruel do que qualquer coisa que Honor poderia ter planejado... Pois ele teria morrido olhando para a face cruel da única mulher que deveria amá-lo sem corrupção ou condições.

Uma mulher cuja boca agora se curvava num desagradável sorriso. “Eu gostei tanto de ser *boazinha* para você no buraco. Eu tinha planos de voltar, ganhar sua confiança. Sua angústia teria sido ainda mais doce quando eu me virasse contra você.”

“Basta,” Dmitri disse, cortando Jiana quando ela teria continuado. “Onde está Amos?”

“Se eu soubesse, você acha que eu teria alertado os guardas?” Sem dar qualquer aviso, Jiana se lançou a lâmina contra a sua garganta, mas Dmitri foi mais rápido, dançando a arma para fora de seu caminho.

“Não haverá morte fácil para você,” ele disse, agarrando a vampira pela garganta e erguendo-a de seus pés. “Você chegará antes a Raphael.”

Jiana começou a chutar e gritar. “Nós caímos sob sua esfera de ação, Dmitri! Você deve infligir a punição!”

“Primeiro nós devemos saber de tudo que você fez.” Com estas palavras, ele balançou sua mão.

A cabeça de Jiana pendeu, seu corpo ficando mole, e Honor percebeu que ele tinha quebrado seu pescoço como tinha feito a Jewel Wan. “Será mais fácil transportá-la desse modo,” ele disse quando a viu olhando.

A violência do mundo dele a atordoou, mas ela não era inocente. Ela soube no instante que decidiu traçar este caminho que não seria um passeio tranquilo. Isso não queria dizer que ela tinha que aceitar tudo como era. “Ela teria ido de qualquer forma.”

Dmitri passou o corpo mole de Jiana para outro vampiro, com ordens para ela ser levada para a Torre sob vigilância constante. “Eu estava ficando doente com sua voz.”

“Dmitri.”

Um olhar escuro, finas gotículas de água como joias coletadas em cílios pretos como a noite. “Tentando me suavizar?”

“Esta linha que você anda,” ela disse, sabendo que ele estava irritando-a de propósito, “é muito fina. Estou tentando parar você de cruzá-la. Tudo que você faz, cada decisão que você toma, tem um efeito cumulativo.”

Ele caminhou até a borda da elevação, uma silhueta escura contra o cinza frio da manhã, seus olhos na graciosa casa abaixo. “Quase mil anos, Honor.”

“Você é um quase imortal.” Movendo-se para se juntar a ele, ela tocou seus dedos nos dele. “Você tem outros mil anos para afastar-se dessa linha.”

A expressão de Dmitri era ilegível quando ele olhou para ela, seus pensamentos ocultos. “Você pode rastrear Amos?”

Ciente de que não poderia esperar convencê-lo a tomar outro caminho quando seu relacionamento era recém-formado, ela manteve sua paz no momento. “O sangue aqui sobreviveu, mas eu acho que a chuva terá feito uma bagunça de quaisquer outros vestígios menores. No entanto, Amos estava sangrando muito, então há uma chance se ele não conseguiu chegar a um veículo.”

“Deve ser seguro, mas leve alguém com você.” Ele ergueu a mão e ela sentiu uma onda de ar sobre sua cabeça enquanto asas de fuligem negra passavam por ela para pousar um pouco mais abaixo na elevação. “Jason lhe fará companhia. Eu tenho algumas coisas para fazer.”

Ela capturou o limite em seu tom. “Dmitri.”

“Eu vou pessoalmente destruir a propriedade de Jiana no Enclave, e eu enviarei pessoal da Torre para assegurar que Amos não tenha nenhum esconderijo desconhecido. Se há algum arquivo nomeando aqueles que aceitaram seu convite, eu o encontrarei.”

Respirando profundamente, ela olhou para as flores. “Eu acho que nós rastreamos todos eles.” Não havia nenhum cheiro ou corpo desconhecido em sua memória, nem vozes que não se encaixavam. “Obrigada.”

Um roçar em seu cabelo, e então ele foi, deixando-a com sua tarefa.

Ela usou cada gota de sua habilidade, até mesmo pedindo a Elena para aparecer e confirmar, mas seus instintos se provaram corretos—Amos tinha sangrado por todo o bueiro, mas seu rastro terminava aí.

“Carro,” Elena concordou quando Honor mostrou a ela as trilhas, suas palavras nítidas independentemente dos escuros círculos embaixo de seus olhos. “Nenhuma pista de qualquer essência adicional. Você quer que eu diga à Torre para colocar um alerta em veículos pertencentes a ele?”

“Ele é muito esperto para ter usado algo que possa ser rastreada até ele.” A astúcia de Amos era uma coisa viciosa.

Uma única gota de água rolou do ouro branco de uma pena primária quando a outra caçadora espalhou suas asas uma fração. “Nunca se sabe com imortais—arrogância pode algumas vezes cegá-los para a realidade.”

“Sim.” Honor olhou os círculos escuros de novo, as linhas de tensão. “Noite difícil?”

A outra mulher soltou um suspiro, fios de seu cabelo escapando de sua trança para sussurrar em volta de seu rosto. “Fiquei acordada até as cinco da manhã falando com uma de minhas irmãs. Ela está passando por algumas coisas.” Um balançar de sua cabeça. “Amor pode te chutar nos intestinos às vezes.”

Honor pensou em Dmitri, em quão vulnerável ela era a ele. E não podia discordar. “Mas quando é o certo...”

“Sim.” Os olhos de Elena encontraram os dela, a prata brilhando apesar da falta de luz solar. “Não estou em posição de atirar pedras sobre se envolver com homens perigosos, então eu apenas direi—viver no mundo de imortais pode ser brutal. Se você precisar de qualquer coisa, incluindo suporte para amarrar Dmitri para que você possa atormentá-lo com um garfo, me chame.”

Os lábios de Honor contraíram-se, um inesperado alívio. “Você ainda não o perdoou por aquilo.”

“Eu pretendo carregar o rancor pela eternidade.” Aqueles pálidos, marcantes olhos retornaram ao bueiro, à trilha de sangue, todo o humor desaparecendo. “Eu não sou uma mãe, mas para fazer o que você diz que Jiana fez...”

“Sim.”

Elena saiu logo depois, suas asas um toque de brilho contra o aço do céu, mas Honor não retornou para a cidade. Ao invés disso, ela caminhou para juntar-se a Jason onde ele estava à sombra de uma magnólia, suas folhas um verde-cera espesso. “Eu gostaria de olhar pela casa.” Era uma comichão na parte de trás de seu pescoço, uma sensação que ela tinha perdido alguma coisa... Ou talvez visto algo que ela não tinha entendido no momento.

A casa estava tão elegante quanto da última vez que ela tinha entrado nela—exceto pela evidência da luta violenta.

Buracos na parede, gravuras de palmas sangrentas, mobília quebrada, e pinturas inclinadas tortas onde não tinham sido arrancadas e atiradas ao chão. “Se Amos estava sedado,” ela disse, “como ele fez tudo isso, conseguiu vencer Jiana?”

Jason, sua presença tão silenciosa que ela ficou quase surpresa ao ouvir um farfalhar de suas asas, falou pela primeira vez. “Um sedativo leve ou de ação lenta teria deixado ele com alguma consciência do que estava acontecendo—suficiente para ele tentar lutar contra isso.”

“Jiana teria sabido,” ela murmurou, “como calcular qualquer dose para o tamanho e

força de seu filho. Então tudo que ela teria que fazer era deixá-lo com raiva.” Ela podia ver o assombroso padrão entrelaçado claramente agora. Ele havia colidido com a parede lá, entortado o espelho ornamental, caído por cima da mesa de madeira com suas delicadas pernas, então se libertado aos chutes e feito algo que pulverizou sangue sobre a parede.

“Um golpe na boca de Jiana,” ela disse, apontando para o esguicho.

“Nós saberemos com certeza em breve,” ele disse, suas asas um sussurro de escuridão quando ele caminhou para dentro da sala do hall principal. “Raphael tomará a memória de sua mente.”

Honor estremeceu pela ideia de tal violação. “Como você aguenta?” ela perguntou, ciente de que era uma questão íntima, mas obrigou-se a perguntar. “Saber que ele pode fazer o mesmo com você?”

“Confiança.” Ele deu a ela um olhar ilegível por sobre o ombro, seus olhos tão escuros quanto suas asas. “O tipo de confiança que permite que você leve Dmitri para sua cama mesmo sabendo o que ele é capaz de fazer às mulheres que o irritam.”

Assustada pela resposta, e pelo fato de que ele tinha colhido aquele pedaço de informação apesar de parecer que ele tinha acabado de retornar para a cidade, ela olhou com mais cuidado para aquela face marcada pelo redemoinho de linhas de uma tatuagem que deveria ter feito ele se destacar não importando suas imediações. E ainda... Sombras, pensou ela, prendiam-se a Jason.

“Seja o que for que você é para Dmitri, Honor,” ele disse naquela voz tão profunda e calma quanto o coração da noite, “não é como Carmen ou as outras.” Exuberantes cílios desceram sobre olhos negros, então ergueram-se.

Fascinada por este anjo que ela sabia instintivamente que raramente falava com quem ele não conhecia, ela tocou sua mão em uma estatueta estilhaçada e esperou, sabendo que ele tinha mais para dizer.

“Ele não descartará você como um aborrecimento ou deixará você afastar-se.” Espalhando suas asas para bloquear o resto da sala de sua visão, ele segurou seu olhar. “É tarde demais. Você entende isso?”

32

Com seu olhar Honor traçou as linhas da tatuagem incrível que cobria o lado esquerdo de seu rosto, a tinta ébano contra a pele marrom quente. Cabelo puxado para fora de seu rosto em uma trança, ele era ao mesmo tempo sexy e distante. “Você está tentando me avisar ou protegê-lo?”

“Não tem que ser um ou o outro.”

“Eu não preciso ser alertada sobre Dmitri, Jason,” ela disse, se perguntando se este anjo negro baixava a guarda com alguém. “Eu o vejo como ele é. Quanto ao outro... Não é necessário.” A verdade era, Dmitri era dono de seu coração.

Os olhos de Jason pareciam, como suas asas, não refletir nada embora ele olhasse em seus olhos. “Muitos teriam se enrolado e morrido depois do que você experimentou.”

Uma observação íntima, mas, então, ele havia respondido a pergunta dela. “Eu quase fiz isso,” disse ela, se perguntando por que sua resposta seria importante para um anjo, mas ela sabia em seu interior que era, para Jason. “Mas ao que parece, rancor é um maldito bom motivador—eu não queria que os bastardos vencessem.”

A expressão de Jason não se moveu dla, e ela teve a sensação poderosa que ele queria seguir o tema, mas as palavras seguintes foram pragmáticas. “As coisas são como o esperado nesta casa.”

“Sim—não, espere.” Virando-se, ela voltou para uma pintura que ela tinha endireitado. Era o nu de Jiana na cama, seus olhos sonolentos olhando para o artista como uma mulher olha para um amante. “Foi isso o que eu vi,” ela sussurrou, traçando o A no canto do lado direito, náuseas ondulando dentro dela com as implicações. “Amos pintou esta.”

“Talvez.”

Balançando a cabeça, ela olhou para cima. “Você está certo. Não é conclusivo. Vamos continuar procurando.”

O anjo de asas negras era uma presença silenciosa ao seu lado enquanto ela explorava corredores cobertos por um rico tapete de cor creme, grosso e exuberante, onde não estava esmagado por móveis quebrados e derrubados ou emaranhado de sangue. Quando mais entrava na casa, menos agressiva ficava a carnificina, até que finalmente eles estavam no fim do segundo andar, onde nada havia sido perturbado.

Foi lá que eles descobriram evidências que Honor teria ficado mais feliz se nunca tivesse encontrado. Os lençóis finos na grande cama grande estavam desarrumados, uma

garrafa de óleo de massagem sensual na mesa de cabeceira. No chão estava não só um robe de cetim e rendas bronze que Honor reconheceu imediatamente, mas o paletó de um homem e sapatos de couro brilhantes. “Amos não estava usando sapatos.” Suas pegadas sangrentas tinham deixado isso claro.

Uma das asas de Jason roçou em suas costas quando ele a abriu atrás dela, um peso quente, surpreendente.

“Algumas coisas simplesmente não deveriam existir.”

“Sim.” Amos, pensou ela, nunca tinha tido uma chance. Então, novamente, muitos no mundo haviam superado os crimes terríveis feitos contra eles sem a necessidade de torturar outras pessoas. Ainda assim, ela não podia deixar de imaginar o homem que foi seu pesadelo como uma criança assustada, indefesa. “Você tem alguma ideia de quando isso pode ter começado?”

“Amos e Jiana estavam sempre perto, a um grau que foi notado.” Uma pausa. “Nós fizemos uma investigação secreta, não foi encontrado nada de errado.”

“Eles foram espertos.” Honor pensou nas lágrimas de Jiana, de como ela era tão convincente em seu desespero. “Ela foi esperta.” Afastando-se da acusação silenciosa dos lençóis emaranhados, ela disse: “Se isso tivesse vindo à luz, isso teria levado a uma punição severa?” Se assim fosse, poderia muito bem vir a ser o motivo mais forte da tentativa de homicídio que Jiana cometeu contra seu filho.

“Sim—uma interminável. Mesmo entre os imortais mais dissolutos,” acrescentou Jason, o seu tom tinha um calor escuro que ela percebeu ser raiva, “algumas coisas são profundamente tabus. Submeter uma criança a tal depravação está além da nossa compreensão.”

“Tão doce e suave.” Um tom de indiferença em sua gentileza. “Eu ouvi que tal sangue é uma iguaria.”

Respiração quente em seu rosto. “Não! Por favor!” ela gritou, seu corpo preso, indefeso.

Risos. Seguido de um som grosso e molhado, e então os gritos de seu bebê rasgaram o ar.

Honor se empurrou de volta para o presente com um grito de horror preso em sua garganta. Empurrando e passando pela asa de Jason, a sensação de suas penas seda líquida, correu pelos corredores até que ela tropeçou para fora no inesperado sol, a chuva tendo passado com rapidez sussurrada. A luz dourada do início da manhã dourada derramava sobre ela, um contraponto luminoso para a tristeza terrível do lado de dentro.

Aquele pensamento feio dentro da casa, aquela fatia de palavras e sons, não parecia um sonho, mas uma memória. Sua memória, apesar de ela nunca ter estado em uma situação tão horrível. Seu coração doía com tanta dor que ela não podia suportar, os gritos assustados da bebezinha rasgando sua alma em pedaços.

“Honor.”

Demandou um esforço consciente fechar o abismo rasgado de uma memória que tinha ecoado dentro de sua mente e voltar para falar com Jason. “Não há nada para encontrar aqui.” Em vez da alegria que ela esperava sentir neste instante, quando a busca por seus agressores estava chegando ao fim, havia um vazio dentro dela, um sentimento de perda que apagou essas coisas mesquinhas como vingança. “Eu estou indo para a Sociedade.”

Jason abriu suas asas, o tom de meia-noite tão absoluto que absorveu a luz solar. “Há um carro esperando por você no portão.”

“Dmitri,” ela murmurou, sabendo que ele tinha que ter arranjado isso.

Jason deu-lhe um olhar penetrante. “Ele é um vampiro dos tempos antigos. É instinto para ele tratar sua mulher com tanto cuidado.” Ele se foi em uma lufada de vento momentos depois, voando severo e rápido acima da camada de nuvens, até que ela já não podia vê-lo, nem mesmo um vislumbre de preto.

Mas ele a deixou com uma peça crucial de conhecimento quando se tratava de lidar com Dmitri em um relacionamento.

Sua mulher.

Ela não tinha dúvida de que tinha sido uma escolha de palavras deliberada da parte de Jason, outra dica de como o cérebro de Dmitri funcionava. Enquanto caminhava até o portão, ela considerou a questão com cuidado—porque Dmitri era a parte mais importante de sua vida e ela não iria mentir para si mesma sobre isso.

Ela poderia rejeitar o carro que ele tinha mandado e chamar um táxi, deixando claro que não estava a ponto de permitir que ele a tratasse como uma borboleta em um frasco. Ou ela poderia aceitar o passeio e o fato de que seu amante era um vampiro de mil anos de idade, tire ou ponha alguns anos, que veio de uma época em que seu ato não teria levantado sobranceiras.

Para ser totalmente honesta, era bom se sentir desejada, se sentir cuidada depois de uma vida tomando conta de si mesma. Enquanto ela não podia definir a relação entre ela e Dmitri, ela sabia que ele iria protegê-la com uma ferocidade brutal até que terminasse.

Alcançando o carro, ela deslizou para dentro. Não apenas ter um motorista em Nova York era algo que devia ser ignorado, mas concordar com isso não faria nenhum mal a ela, ao mesmo tempo em que permitia que Dmitri fizesse o que precisava fazer: cuidar dela.

Um sorriso floresceu em seu rosto, um tipo de felicidade boba infundindo no seu sangue. Ela não a combateu, mesmo enquanto pensava que sua capitulação quanto ao carro lhe daria uma excelente ferramenta de negociação quando uma grande batalha se

aproximasse.

Estratégia, essa era a chave para lidar com um homem tão inteligente e tão áspero como Dmitri.

Meu Dmitri.

Dmitri olhou para Raphael enquanto eles ficaram parados no penhasco atrás da casa dele, sobre as águas relativamente calmas do Hudson e em frente a uma Manhattan, que se tornava uma miragem brilhando ao sol da manhã. “Eu estava errado?” ele perguntou, sabendo que Raphael já havia falado com Jiana.

Ele queria estar errado, a necessidade vindo da parte dele que acreditava que uma mãe deve sempre cuidar de seu filho, a parte que sabia que Ingrede havia passado seus últimos suspiros tentando salvar Misha e Caterina.

“Sua esposa lutou para proteger sua filha, Dmitri. Uma coisinha tão minúscula, como uma bonequinha de pano.”

A voz de Raphael cancelou a memória do sussurro cruel de Isis, o eco ferido de seus gritos quebrados. “Não, você não estava errado. A informação de Jason também foi confirmada.”

“E Jiana?”

“Eu irei cuidar dela.” Frio absoluto naquelas palavras, um lembrete de que o Arcanjo de Nova York não tinha misericórdia para aqueles que cometiam tais crimes—e que, apesar de sua companheira ter despertado uma veia de humanidade nele, ele permanecia um ser de poder terrível.

“Jiana estava certa—essa devia ser a minha tarefa.” Era uma punição que ele não teria escrúpulo nenhum em entregar pessoalmente. Porque Amos era o que Jiana tinha feito ser. E Amos tinha ferido tanto Honor que Dmitri não podia pensar nisso sem uma névoa de sangue em sua visão. *Honor nunca saberia*, ele disse a Raphael. *Se eu quebrar Jiana.*

O arcanjo tomou seu tempo para responder. *Tem certeza de que não quer que sua caçadora te conheça?*

Ninguém, nem mesmo Raphael, tinha realmente conhecido Dmitri desde a morte de Ingrede—ele pôs seu coração de lado no dia que quebrou o pescoço de seu filho; ele tinha acreditado estar morto. O fato de que não estava... Ele não tinha certeza de como ele se sentia sobre isso. Só uma coisa era certa—ele nunca desistiria de Honor.

“Se algo me acontecer, quanto tempo você vai esperar antes de se casar de novo?” Uma

pergunta risonha enquanto sua esposa se apoiava em seu peito nu. “Tente e seja decente e espere pelo menos uma estação.”

Ele sabia que ela estava brincando com ele, mas ele não podia rir, não sobre isso. Enfiando a mão no cabelo que ele já tinha enroscado quando amava ela, ele a puxou para um beijo que deixou sua boca roxa, os olhos dela arregalados.

“Dmitri.” Dedos tocando seus lábios, sua voz um sussurro.

“Nunca,” respondeu ele. “Eu nunca mais irei me casar.”

A mão dela em sua pele, rosto macio raspando sobre a barba de manhã. “Você não deve dizer uma coisa dessas.”

Fechando os dedos sobre o pulso dela, ele trouxe a palma da mão para a boca, pressionando um beijo suave no calor dela. “Você está pensando em me deixar, Ingrede?” Ela era a dona dele, de corpo e alma, ela era a sua razão de ser.

“Nunca.” Um roçar, nariz com nariz, que era uma coisa tão boba dela fazer, que o fazia sorrir toda vez. “Mas eu não desejo que você seja solitário se tivermos que estar separados. Eu não poderia suportar você tão triste.” Antes que ele pudesse falar, ela acrescentou: “Mas você não pode se casar com Tatiana. Eu não gosto do jeito que ela olha para você.”

Ele riu, a beijou novamente. “Mulher má.” Mas quando o riso desapareceu, ele falou a verdade indelével. “Eu não irei tomar nenhuma outra mulher em meu coração.” Ele pressionou um dedo sobre os lábios quando aflição coloriu os olhos dela. “Eu irei esperar você me encontrar de novo. Portanto, não leve muito tempo.”

Agora, ele estava perto de quebrar sua promessa. “Estou traindo ela?”

“Eu acho,” disse Raphael, suas asas de ouro reluzente ao sol, “que sua Ingrede era uma mulher de coração generoso.”

Sim, ele pensou, ela era. Ingrede nunca tinha sido abertamente possessiva, exceto quando se tratava de Tatiana, que tinha realmente olhado para Dmitri com um convite em seus olhos que não deveria ser dirigido a nenhum homem casado. A memória o fez sorrir. “Ela era também uma coisa ciumenta.”

Raphael riu. “Ela me deu o olhar mais feroz quando pensou que eu estava tentando seduzi-lo.”

E então, Dmitri lembrou, quando percebeu que o anjo era nada mais que um amigo, ela convidou Raphael para jantar. Tão gentil tinha sido Ingrede, mas ela tinha falado sem medo com um imortal quando todos eles estavam em um campo recém-semeado, e aquele imortal tinha ido a sua mesa humilde. “Eu acho que nós jamais rimos de novo como fizemos em volta daquela mesa.”

“É uma lembrança querida,” disse Raphael. “Uma que eu nunca esqueci, que nunca

desapareceu.”

Ajudava, pensou ele, saber que alguém se lembrava dela. Lembrava de seus filhos. Misha e Caterina tinham tido vidas tão fugazes, mas essas vidas tinham queimado a alma de Dmitri. E agora, outro nome estava começando a deixar sua marca lá, o de uma caçadora que despertava lembranças de um tempo ido, mesmo enquanto começava a fazer sombra sobre o sorriso de sua esposa em sua mente. *Perdoe-me, Ingrede.*

“Kallistos,” Raphael disse, após longos minutos de silêncio, com os olhos sobre os anjos voando através do rio para pousar no telhado da Torre.

Dmitri forçou sua mente para longe das duas únicas mulheres—uma tão doce e familiar, a outra uma caçadora, mas com aquelas mesmas mãos suaves—que tinham se estabelecido em seu coração em seus quase mil anos de existência. “Eu alertei a cada um dos nossos na região.” Ele sabia que o vampiro estava perto—as provocações tinham sido muito pessoais. Pelo menos na Times Square, Kallistos tinha que estar perto para testemunhar a reação de Dmitri. “Mas ele é velho, e ele é inteligente.” No entanto, o amante de Isis não o preocupava tanto quanto o anjo que havia sido tomado. “Será que o garoto vai sobreviver ao uso constante que Kallistos faz dele?”

A expressão de Raphael era sombria, seus ossos linhas afiadas contra sua pele. “Ele é jovem, ainda é vulnerável. Não há como saber o quanto de danos Kallistos causou.” *Você tem olhos em sua caçadora?*

Claro. Se Kallistos realmente era louco o suficiente para tentar a vingança que ele tinha ameaçado, ela seria sua meta—porque Honor era mortal, muito mais fácil de ferir e matar. Como Ingrede tinha sido mortal.

“Não desta vez,” disse ele, as palavras de um voto.

33

Sorrow recebeu Honor com um brilhante sorriso quando ela fez uma visita à casa da jovem mulher um par de horas depois de retornar da propriedade de Jiana, e ela ficou encantada quando Honor disse a ela que era hora de sua primeira lição de autodefesa. “Eu irei tirar meus jeans.”

Tendo parado em seu apartamento para mudar para longas calças pretas de exercício combinadas com uma simples regata de um profundo verde, Honor começou o aquecimento em um gramado privado atrás da casa enquanto a outra mulher corria para dentro.

O vampiro que a observava de seu relaxado lugar na retaguarda usava óculos escuros e um terno preto com uma camisa branca, seu cabelo penteado para trás em linhas perfeitas. Se ela não o conhecesse bem, teria pensado que ele saiu de algum salão da Quinta Avenida e não saberia a diferença entre uma ponta da lâmina e a outra. Exceto que ela conhecia bem. Ela tinha visto a forma que Venom se movia—aquele tipo de graça que um homem só tinha se ele dançava. E ela não estava falando sobre o salão de baile.

“Quer um parceiro?” ele perguntou, tirando-se das sombras para revelar aqueles surpreendentes olhos, tão diferentes. “Eu prometo que serei gentil.”

Honor estava quase certa de que ficaria bem agora com um contato estranho masculino, especialmente em uma situação de combate, mas ela balançou sua cabeça. “Sorrow deve sair logo.”

Venom inclinou-se para frente com os cotovelos sobre seus joelhos, o sol acariciando a pele marrom que tinha calor o bastante nela para ser extremamente acariciável. Não tão acariciável quanto o homem letalmente sexy que Honor tinha tido em sua cama não muito tempo atrás, mas ela apostava que Venom não tinha problemas em conseguir encontros, mesmo com aqueles olhos.

Agora, seus lábios curvaram-se apenas uma fração. “Eu sempre pensei que Dmitri escolheria alguém um pouco mais... Sofisticada.”

Zombando dela, ela pensou, o olhar masculino de víbora estava zombando dela para divertir a si mesmo. “Você me lembra de um irmão adotivo de oito anos de idade que eu tive uma vez,” ela disse, continuando sua rotina de alongamento. “Ele costumava jogar bolas de lama em mim depois que eu tinha tomado banho porque pensava que isso era hilário.” Não havia maldade em Jared e ela tinha mantido contato com ele por um tempo até que a idade e o tempo tinham desaparecido com a relação. “Ele não achou engraçado depois de eu derrubar uma nas costas dele.”

A expressão de Venom tornou-se descontente. “Eu estou longe de ser uma criança.”

Estranho—ela era décadas, séculos mais jovem, e naquele momento, ela queria cruzar a distância entre eles, despentear seu cabelo, e beijá-lo na bochecha em divertida afeição. Antes que ela pudesse livrar-se daquele inexplicável sentimento, Sorrow desceu os degraus, vestida em calças similares às de Honor e uma camiseta azul-marinho com o nome de um famoso bar irlandês.

“Você vai puxar seu pênis fora para provar isso agora?” a garota perguntou com uma doçura falsa, tendo obviamente ouvido a declaração de Venom.

As misteriosas pupilas do vampiro contraíram-se em rígidos pontinhos. “Seja cuidadosa para suas garras não destruírem você, gatinha.”

Sibilando para ele, Sorrow caminhou para unir-se a Honor no gramado. “Dmitri deve realmente me odiar,” ela murmurou. “Todos os homens em seu comando e ele me envia o Veneno.”

“Gatinha?”

Sorrow mostrou seus dentes para expor minúsculas presas aproximadamente com metade do tamanho normal. “Ele as chama de pequenos dentes de gatinho.”

Venom, Honor pensou, vislumbrando a raiva nos olhos mutáveis de Sorrow, ainda não tinha ideia de com o quê ele estava jogando... Ou ele tinha uma ideia muito boa. “Nós começaremos com os movimentos básicos,” ela disse, fazendo uma nota mental para pedir para Dmitri confirmar se ela estava certa sobre o fato que Venom foi empurrado para a menina de propósito para avaliar seu nível de controle.

Sorrow inclinou-se mais perto, abaixando sua voz. “Ele tem que assistir?”

“Se você disser para sair, ele vai ter ainda mais prazer em ficar.” Como era, Venom estava respondendo uma chamada em seu celular, seu corpo em uma posição lânguida que ela não tinha dúvidas que poderia mudar num piscar de olhos. Num daqueles dias, Honor treinaria com um vampiro—após enfrentar primeiro Dmitri em uma sessão.

Suas coxas apertaram-se pela ideia de defrontar-se com seu sexy, perigoso amante naquela arena, seus corpos suados e tensos. “Apenas o ignore,” ela disse, arrancando sua mente de volta para o presente.

Sorrow tomou uma profunda respiração. “Ok,” ela disse ao expirar. “Mostre-me.”

Haviam se passado vinte minutos em uma sessão relativamente pouco exigente quando a jovem mulher cambaleou e desmaiou.

Venom estava ao lado dela com tal velocidade que a respiração de Honor ficou presa em sua garganta. Empurrando a mulher semiconsciente a uma posição meio sentada, ele recuou o punho esquerdo de sua camisa, tendo tirado seu paletó antes, e

disse, “Alimente-se,” em uma voz que era um chicote.

Sorrow tentou empurrá-lo para longe, mas ela estava assustadoramente fraca ao olhar preocupado de Honor. “Foda-se.” Sua voz arrastou-se ao amaldiçoar.

“Entre na fila, gatinha.” Ele empurrou seu pulso para a boca dela. “Alimente-se ou eu vou segurar você e pingar meu sangue dentro de sua garganta. Depois disso eu vou levá-la para a Torre para que você possa ser colocada sob supervisão vinte quatro horas como uma criança mimada deve estar.”

Sorrow mordeu seu pulso. Forte, julgando pelo lampejo vicioso em seus olhos cercados de brilhante verde—embora Venom não mostrasse nenhuma reação. Percebendo que a jovem mulher tinha permitido que sua reserva de energia caísse a ponto de colocar a si mesma em perigo, Honor não disse nada até que Sorrow empurrasse o braço de Venom novamente. Desta vez ele permitiu que ela quebrasse o beijo de sangue.

Enxugando a sua boca com as costas de sua mão, Sorrow disse, “Eu suponho que você vai me entregar.”

Venom usou um lenço para limpar as marcas em seu pulso antes de refazer o seu punho. “Você quer que isso seja nosso segredo?” A questão era uma lâmina afiada, seus olhos escondidos atrás dos óculos de sol espelhados um instante mais tarde. “Pena que você não tenha nada que venha a me interessar, quando se trata de trocas.”

Honor teria ignorado a provocação, tendo captado os jogos de Venom. Mas Sorrow deu um grito agudo e pulou no vampiro. Sorrindo, ele a tirou de cima e ficou de pé com uma fluidez que era tão reptiliana quanto seus olhos. “Cuidado,” ele disse, limpando a camisa quando a jovem mulher ficou de pé, “Ou você pode ferir meus sentimentos.”

Sorrow ficou muito, muito quieta. Então ela se *moveu*.

Tomando uma respiração, Honor correu para pegar sua arma de sua bolsa de academia, mas ela não sabia em qual dos dois mirar quando a tinha em sua mão—ou ao menos se ela atingiria o alvo pretendido. Era como assistir dois gatos ferozes na mais mortal das danças. Eles moviam-se tão rápido que os olhos não conseguiam acompanhá-los, seus ataques e contra-ataques fluíam de um para o outro com uma graça que era de tirar o fôlego.

Mas enquanto Sorrow lutava com o instinto nascido da raiva primária, Venom era um frio, calmo predador que estava jogando com sua presa.

Os olhos de Honor estreitaram-se, mas ela não levantou a arma.

Jogo ou não, o vampiro não estava machucando Sorrow. Não era apenas isso, ele estava permitindo a ela expressar a terrível fúria dentro dela, uma raiva que tinha suas raízes em algo muito mais sádico do que as farpas de Venom. A jovem mulher chutou, tentou agarrar e socar, até mesmo pulou no ar um par de vezes, mas ela não fez impacto

no vampiro, que simplesmente *não estava lá*, seu tempo de reação não era humano de qualquer maneira, condição ou forma.

Era belo. Deu uma maneira aterrorizante. “Você pode mover-se tão rápido?” ela perguntou ao homem que tinha vindo ficar ao lado dela com uma graça escura tão velha quanto o poder de Venom era jovem.

Dmitri deslizou suas mãos para dentro dos bolsos de suas calças de terno acinzentadas, sua camisa branca aberta no colarinho para expor a pele que ela queria lambar e sugar e morder. “Venom tem uma forma particular de mover-se,” ele murmurou em uma voz que era puro sexo, embora ele mantivesse sua atenção na luta. “Vem do mesmo lugar que seus olhos.”

Era difícil respirar com ele tão próximo, e num humor que a envolvia em mel quente e champanhe e promessas de pecado mergulhadas em chocolate. “Pare de espalhar feromônios de sexo ao redor.”

Um leve sorriso que prometia todo tipo de ações decadentes. “Eu acho que nós devíamos treinar, Honor. O vencedor pode fazer o que ele ou ela quiser com o perdedor.”

Aham. “Você é um quase imortal,” ela disse, capaz de ver que Sorrow estava se acalmando, “e você é o segundo no comando de Raphael.”

“Eu mantereí uma velocidade humana.” O beijo de tempero exótico contra sua pele. “Dou a você sua escolha de lâmina enquanto uso somente as minhas mãos.”

Sabendo que ela era uma otária, mas incapaz de tirar a imagem da dança com Dmitri de sua cabeça, ela assentiu. “Desafio aceito.” Foi quando ele viu Sorrow cambalear.

Venom pulou de volta no mesmo instante, e de repente eles não eram mais duas criaturas selvagens em movimento, mas um vampiro inacreditavelmente sexy, com seu cabelo bagunçado, seus óculos de sol desaparecidos, e sua camisa rasgada, e uma pequena mulher asiática coberta de suor, seu peito arfando enquanto ela apoiava as palmas das mãos em seus joelhos.

Avançando, Honor não mostrou a Sorrow nenhuma misericórdia. “Ele chutou sua bunda.”

A cabeça de Sorrow ergueu-se, longos fios sedosos de cabelo tendo escapado de seu rabo de cavalo para ficar em seu rosto. “Eu...”

“Fique quieta.” Ela sacudiu uma mão para Venom. “Vá embora.”

Se ele teria obedecido caso Dmitri não estivesse presente era uma questão discutível, porque ele inclinou sua cabeça e saiu sem uma palavra.

“Se você fosse uma estudante da Academia,” Honor disse, percebendo que essa jovem precisava de um tipo de orientação que nenhum homem poderia providenciar—não

sem bater duro contra o orgulho quebrado de Sorrow, “você estaria jogada no chão agora porque o instrutor teria colocado você lá.”

Honor sabia sobre orgulho, sobre se agarrar aos pedaços esfarrapados dele quando você não tinha mais nada a perder. Mas ela também sabia sobre sobreviver. “Então você teria que correr ou rastejar vinte voltas antes de se arrastar para a cama, e correr mais vinte depois de acordar.”

“Ele...”

“Estava provocando você, zombando de você.” Ela levantou uma sobrancelha. “E você perdeu o controle. Essa perda de controle irá matar você um dia.” Sorrow era perigosa, mas sem disciplina, essa força poderia transformar-se em um ponto fraco letal. “Antes de fazermos qualquer outro tipo de treinamento, nós vamos trabalhar sua disciplina.”

Sorrow apertou sua mandíbula, mas conseguiu conter seu temperamento dessa vez.

Boa garota. “Você já meditou?” A habilidade de dissociar sua mente dos horrores infringidos ao seu corpo era uma das razões de Honor ter saído sã do ataque.

Sorrow deu um aceno de cabeça tenso. “Minha avó ensinou. Eu não tentei desde...”

“Eu acho que você deveria.” Honor colocou sua mão sobre o ombro da garota. “Eu quero que você vá para dentro, toma um longo banho quente, faça qualquer coisa que seja relaxante para você, faça você feliz.”

Aqueles olhos castanhos sendo tomados pelo verde vívido eram tristes, todo o desafio sugado até que ela era repentinamente jovem. “Nada mais faz.”

“Faça o seu melhor.” Pesadelos não podiam ser vencidos em uma noite, e o de Sorrow a havia modificado em um nível fundamental. “Então sente e tente meditar. Na próxima vez que eu estiver aqui, nós falaremos sobre as coisas—por quê, Sorrow? Você não pode manter isso tudo isso engarrafado aí dentro. Eu sei.” O caderno que ela nunca havia pretendido usar tinha se tornado tão importante, uma liberação catártica⁹ que afastava o veneno. “Nós encontraremos algo que ajudará você a lidar com isso.”

Sorrow engoliu. “Você acha que eu posso?”

“Sim.” Sorrow precisava de alguém que tivesse fé nela. “Oh, *sim*, querida.”

“Elena queria vir me ver,” a outra mulher deixou escapar sem aviso prévio. “Eu sei que ela me salvou... Mas ela tem asas.” Um arrepio que sacudiu seu corpo inteiro. “Eu não consigo.”

⁹É a cura pela fala, onde o paciente associa algo que ocorreu na sua infância com os sintomas que sente e promove a sua cura.

“Tenho certeza de que ela entende.” Apertando seus ombros, Honor tinha outro pensamento. “Quanto tempo você está passando sozinha?”

“Eu nunca estou sozinha.”

“Sorrow.”

“Não é tão ruim. Minha família...” Seu lábio tremeu e ela o mordeu duro o bastante para deixar luas crescentes vermelhas na carne delicada. “Eles não sabem sobre Uram—a estória é que eu fui atacada por um humano louco e infectada com um vírus perigoso. Eu pensei que eles me rejeitariam quando as mudanças comessem a aparecer, mas eles têm sido maravilhosos. Mamãe estaria aqui todos os dias, se eu deixasse.”

“Então deixe-a,” Honor disse, tocando sua mão na bochecha da garota. “Família constrói uma base, uma que ajudará você a ficar em pé, lutar.” Honor nunca tinha tido aquela base, então ela entendia seu valor em um nível que Sorrow não poderia compreender.

Assentindo, a garota a alcançou em um abraço impulsivo. Honor devolveu o abraço, feliz por estar no ponto onde essas súbitas ações não causavam a ela lampejos de memória do buraco onde Amos a tinha prendido. Enquanto acariciava sua mão sobre as costas da garota, seus olhos encontraram os de Dmitri e algo não dito, mas entendido passou entre eles—Sorrow não era mais simplesmente sua para vigiar, mas deles.

Foi quando Dmitri e Honor estavam se afastando de Sorrow que ele recebeu um telefonema.

“Dmitri.” A voz rouca do vampiro trouxe uma antiga memória à vida.

“Por favor.” Uma mão levantada, as costas do garoto ensanguentadas por um vicioso chicote.

“Está tudo bem,” Dmitri disse, incapaz de sentir compaixão, seu coração uma pedra, mas ciente de que aquele menino era outra vítima, nenhuma ameaça. “Nós não machucaremos você.”

“Ela está morta?”

“Sim, a vadia está morta.”

“Kallistos.” Ele parou.

Uma risada enferrujada, dolorosa. “Muito bom.”

Silêncio por vários segundos.

Dmitri esperou, sabendo que Kallistos ficaria impaciente — de acordo com a pessoa de Jason na corte de Neha, esse vampiro, com a face e corpo que tinham fascinado homens e mulheres igualmente através dos séculos, nunca tinha dominado seu temperamento.

“Eu seguro as rédeas hoje, Dmitri.” A voz de Kallistos nunca seria suave, sua garganta machucada em um momento crítico durante sua Transformação, mas agora ela perdeu o verniz da sofisticação. “Você fará que eu digo ou este anjo muito bonito morrerá um lenta e dolorosa morte.”

“Diga-me o que você quer.”

“Eu estou enviando instruções. Dirija. Se eu vir qualquer indício de asas, eu estriparei o anjo.”

Instruções chegaram na caixa de entrada de Dmitri quando o telefonema terminou. “Esta é somente uma parte do percurso,” ele disse, depois dando a Honor um resumo da conversa.

“Ele não quer a chance de um anjo voando à frente de você.”

Dmitri considerou suas opções, deu um telefonema para Illium. “Alerte Raphael assim que ele voltar para a cidade.” O arcanjo estava em seu caminho de volta de uma reunião. “Você é muito reconhecível, Jason foi embora, e eu não confio em qualquer outra pessoa não para estragar isso.”

Illium xingou. “Eu voarei, encontrarei Raphael no meio do caminho.”

Desligando, Dmitri virou-se para Honor. “Você está armada?”

“Sempre.”

Aumentando a velocidade, ele correu para fora de Nova Jersey e em direção a Filadélfia. Mais instruções vieram enquanto ele dirigia, e foi sete horas mais tarde, o céu começando a escurecer com os primeiros raios fracos da hora entre o pôr-do-sol e a noite de verdade, que ele se encontrou voltando para Manhattan. Com a boca dura, ele atendeu o telefonema assim que tocou.

“Se divertiu drigindo?” A risada de Kallistos, e era um som de metal rangindo.

Dmitri manteve-se em silêncio, imaginando que Kallistos acreditaria que ele estava sob uma raiva que não permitiria pensamento racional. Não o fazia. O ódio de Dmitri por Isis não o cegava — não agora, não depois que ele tinha se banhado no sangue dela.

“Eu deixei um presente para você.” Kallistos estava quase rindo. “Em uma de suas propriedades em Nova York.” O outro vampiro desligou.

Contando a Honor o que Kallistos tinha dito, ele fez um retorno ilegal e saiu em direção a Englewood Cliffs. *Sire*, ele disse, capaz de falar com Raphael já que o arcanjo

estava diretamente acima. *Se você e Illium checarem com esses três*—ele repassou os endereços—*eu tomarei conta do quarto*. Ele enviou o endereço final também.

“Nós estamos pegando a propriedade mais próxima,” ele disse para Honor. “Raphael e Illium alcançarão as outras localizações bem mais rápido.” Kallistos, ele pensou, tinha há muito sumido.

“Quais são as chances de que este possa ser o lugar?”

Ele considerou as cercas altas, a pista na parte de trás que poderia ser usada para esgueirar-se dentro da propriedade. “É relativamente privada, e decadente o bastante para atender o senso teatral de Kallistos, pelo que temos visto até agora.” Aumentando a velocidade, ele moveu-se rapidamente através de motoristas perplexos.

Se tivesse sido um anjo mais velho em risco, Dmitri não teria sentido o alarme primordial que ele sentia agora, mas aquele que tinha sido levado era jovem, sua imortalidade ainda não fixada em pedra. É claro, a maioria dos mortais ou vampiros ainda seria incapaz de causar a ele um ferimento fatal, mas Kallistos era mais velho do que Dmitri; ele tinha ambos a força e o conhecimento para assassinar um anjo tão vulnerável.

34

“Chegamos.” O cabelo escuro chicoteou para fora da testa de Dmitri enquanto ele os dirigia para uma rua que parecia abandonada, antes de virar no meio de um par de portões abertos que levava a um complexo de apartamentos deteriorados.

“Imagino que o valor esteja no terreno?”

“Milhões.” Parando o carro atrás da barreira protetora de uma pilha de escombros, Dmitri saiu e abriu o porta-malas para recuperar uma impressionante espada, grande demais para ser carregada escondida. Não, esta arma era de poder e intimidação.

Era, se ela não estava enganada, uma cimitarra. No entanto, ela não conseguiu olhar muito bem para a espada antes de ele caminhar de volta, a arma ao seu lado, seus olhos planos com intenção letal. “Fique atrás de mim, Honor. É mais provável que Kallistos se foi, mas não podemos ter certeza disso.”

“Eu vou te cobrir,” disse ela, não discutindo com a ordem porque ela sabia sobre confrontar seus próprios monstros, e Kallistos era de Dmitri.

“Não, fique literalmente atrás de mim. Um tiro não me fará nenhum dano significativo, mas poderia matá-la.”

A ideia de Dmitri sangrando por ela fez a mão de Honor apertar brutalmente no cabo de sua arma, mas, novamente, ela manteve seu silêncio, sabendo que o tempo era essencial. “Vamos.”

Ele era uma sombra elegante em frente a ela, uma que assegurava que ela nunca estaria exposta a qualquer pessoa que pudesse estar assistindo-os do edifício. Honor não respirou até que eles atravessaram o campo aberto para alcançar a porta. Ele passou primeiro, enquanto ela mantinha os olhos para frente quando entrou de costas atrás ele, arma apontada para fora.

A única coisa que os encontrou lá dentro foi o silêncio... E um anjo quebrado. O menino—e, sim, ele era um menino ainda, com o rosto pálido mantendo a suavidade que desvanecia da infância—estava despejado em sua frente no saguão empoeirado, suas asas marrom-pálido com estrias de sangue e sujeira deitadas moles e amassadas em cada lado dele.

Errado, havia algo de errado com essas asas.

Quebradas.

Era, ela percebeu, sentindo-se doente do estômago, a única maneira de transportar

um anjo inconsciente, se você não quisesse usar um enorme caminhão e chamar a atenção indesejada.

“Honor.”

“Eu estou te cobrindo.”

Agachando-se, Dmitri tocou seus dedos no rosto do anjo.

“Ele está quente.” Colocando a cimitarra no chão, ele usou o máximo de cuidado para girar o corpo, tomando cuidado para não danificar ainda mais asas do menino. “Sem batimento cardíaco.” Mas isso não significava que toda a esperança estava perdida. *Raphael, o quão perto você está?* ele perguntou, tendo sentido a mente do arcanjo tocar a sua quando ele se virou em meio aos portões.

Minutos de distância. Mostre-me.

Dmitri abriu sua mente o suficiente para que Raphael fosse capaz de ver através de seus olhos, avaliar o dano. *Dê a ele sua respiração, Dmitri. Ele não sobreviverá, caso contrário.*

Confiando em Honor para manter a guarda, Dmitri começou a respirar pelo anjo jovem, sentindo aquele peito, pesado com os músculos necessários para voar, subindo e descendo sob seu toque. Não se passaram mais do que cinco minutos até que Raphael entrasse no edifício. O arcanjo não hesitou em ajoelhar no chão sujo, suas asas arrastando na poeira e detritos acumulados, para levar o menino em seus braços—substituindo os lábios de Dmitri com os seus próprios.

Uma respiração de arcanjo tinha um poder incrível.

Enquanto Dmitri observava, um tênue brilho azul banhou o lugar onde os lábios de Raphael encontravam os do jovem anjo.

Levantando-se, ele pegou a cimitarra e se virou para olhar para Honor, uma caçadora de olhar duro com uma arma em suas mãos que ela não hesitaria em usar para proteger o vulnerável—e ainda assim, tinha coração para sentir pena pelo que seu agressor havia sofrido quando criança. Dmitri não tinha tal suavidade dentro dele, mas ele aceitou que isso era parte integrante de Honor, esta mulher complexa com conhecimento antigo naqueles olhos de um verde meia-noite.

Acenando para ela para manter sua posição, ele começou a verificar a área para ver se poderia coletar algo que poderia falar sobre o paradeiro de Kallistos. Nada além de marcas de chinelo no pó de onde o outro vampiro tinha arrastado para dentro o jovem corpo do anjo. Kallistos saiu da mesma forma que ele entrou, sem fazer nenhum esforço para esconder suas impressões. *Ele vai viver?* ele perguntou, vendo Raphael quebrar o beijo que dá vida.

Olhos de um azul sobrenatural ligaram com os seus. *Sim. E ele ficará inteiro de novo.*

Mas ele precisará de cuidados de um tipo que o mundo mortal não pode fornecer.

Dmitri assentiu. *Eu vou organizar o transporte para o Refúgio.*

Não, Dmitri. Devo levá-lo eu mesmo. O arcanjo levantou, o corpo mole do anjo em seus braços. *Nós ficaremos fora por três dias, até que ele tenha a chance de recuperar um pouco de força.*

Elena?

Ela é o meu coração. Ela vem comigo.

Dmitri não esperava outra resposta. *Eu cuidarei de sua cidade, Sire.*

Quando Raphael estava partindo, Honor deu um passo à frente. “Espere.”

Andando para o outro lado do arcanjo, como se ela não tivesse acabado de parar o ser mais poderoso do país, ela levantou a mão do anjo jovem. Ela estava em punho. “Ele está escondendo alguma coisa na sua palma da mão.”

Raphael olhou para Dmitri. “Force para abri-la.”

Dmitri conseguiu não quebrar nenhum osso, mas teve que machucar o menino para abrir seus dedos. Para revelar os restos esmagados, mas ainda reconhecíveis, de duas folhas de bordo-açucareiro. “Nada que as diferenciem de outras folhas semelhantes quaisquer,” disse ele, pegando os restos da vegetação.

Envolvendo a mão do anjo, Honor se aproximou. “Ele escreveu algo na palma da mão.”

“Eris,” disse Raphael, sua visão nítida. “A palavra é ‘Eris’.”

Dmitri franziu a testa. “O Consorte de Neha? Ninguém o vê há séculos.” Enquanto ele falava, seus olhos caíram mais uma vez nas folhas da árvore de bordo-açucareiro. “Neha,” disse ele, um velho pedaço de conhecimento solto em sua mente, “não tem propriedades neste território, mas Eris gostava daqui antes de entrar em reclusão.” Se a reclusão havia sido por escolha, isso já era discutível, pois Dmitri tinha ouvido rumores de que o consorte de Neha a havia traído com outra mulher, sendo punido pelos últimos 300 anos.

Não era impossível que a posição de Kallistos na corte de Neha lhe tivesse permitido o acesso a Eris, e, seja lá o que ele tinha se tornado, o amante de Isis tinha se provado inteligente. Talvez até mais do que Eris—que sempre tinha sido o enfeite brilhante de consorte para Neha, uma amada ave emplumada que a arcanjo enchia de joias e sedas. “Kallistos deve estar usando propriedade de Eris como sua base.”

“Vá,” disse Raphael, reunindo o corpo do anjo ferido mais perto dele. “Pegue todos os homens que precisar.”

“Senhor.” Eu não vou deixar a cidade vulnerável. Ainda há uma chance que a mão de Neha esteja por trás disso. A arcanjo odiava a todos que ajudaram a executar sua filha, Anoushka—Raphael estava entre eles. Isso pode ser uma armadilha para nos dispersar.

Eu sou mais do que capaz de defender minha cidade, Dmitri.

E ela é mais do que capaz de envenenar o próprio ar se isso servir para o seu propósito. Eu vou sozinho. Eu sou forte o suficiente para lidar com Kallistos, mesmo se ele tiver mais de seus protovampiros com ele.

Os olhos azuis de Raphael eram implacáveis. *Você levará Illium.*

Eu não estou cego pelo passado. Suas decisões eram racionais, frias até.

Ainda assim, A expressão de Raphael mudou uma simples fração. Eu não perderia o meu segundo.

Dmitri curvou a cabeça em um leve aceno. “Honor,” disse ele após o arcanjo sair com sua carga viva, “eu vou levar o helicóptero para Vermont...”

Andando para ficar cara-a-cara com ele, ela empurrou seu peito. “Se você está mesmo pensando em me deixar para trás, pense de novo.”

Ele deveria ter se mantido firme, teria feito isso se tivesse sido qualquer outra mulher. Mas Honor... Ela tinha seus ganchos presos tão profundamente nele que fez com que a parte *velha* e impiedosa dele ficasse imóvel, examinasse a situação—e sua súbita vulnerabilidade—com foco congelante. Para destruir esta coisa estranha e maravilhosa entre eles, tudo o que ele teria que fazer era dizer algumas palavras bem escolhidas de crueldade extrema.

Honor era inteligente, mas ela também tinha ternura no coração. Ela não sabia a que profundidade ele poderia ir, as feridas que ele poderia infligir. Ele podia fazê-la sangrar, sem nunca levantar a mão. “Eu não sou um homem bom, Honor,” disse ele, tocando os dedos na mandíbula dela.

Em vez de recuar, ela pegou o toque. “Você é o meu homem.”

Você é o meu homem.

O eco das palavras de Ingrede enroscou-se com as de Honor, mas então, sua esposa havia tido ternura no coração também. Ele havia protegido esse coração com toda a sua força... E ele sabia que, apesar da fraqueza profunda que ela criava nele, ele iria fazer isso mais uma vez com Honor. Era uma coisa estranha, sentir tanta ternura novamente, saber que ele era capaz disso. “Venha. É hora de enfrentar o monstro em sua toca.”

Venom era o que mais frequentemente pilotava o helicóptero para uso dos Sete, mas Dmitri sabia como fazê-lo—ele tinha sido curioso quando as máquinas foram inventadas. Embora ele encontrasse mais prazer em lidar com carros, ele manteve a habilidade útil. Agora, depois de ter levado apenas o tempo suficiente para se trocar e recolher armas, ele levantou a máquina negra do heliporto situado não no topo da Torre, mas vários andares abaixo, em uma sacada situada *dentro* do edifício.

“Illium?” A voz de Honor veio cristalina, ambos deles com microfone, orelhas protegidas contra o ruído das hélices.

“Ele já está a caminho.” O anjo de asas azuis era um dos mais rápidos voadores entre os da sua espécie e iria ultrapassá-los até Vermont. “Eu tenho estado em contato com os Transformados que vivem em torno da região geral da propriedade de Eris.”

“Liguei para um casal de amigos caçadores nas proximidades, também.” O cheiro dela torceu em torno dele nos confins da cabine do piloto, cordas finas que ele sabia que nunca iriam quebrar. “Nenhum deles tinha ouvido nada.”

“Nem o meu povo—mas Kallistos não é jovem.” Ele não teria feito qualquer coisa para chamar atenção para si mesmo perto de seu covil. “Estou certo de que vamos encontrá-lo lá.”

“De uma forma ou de outra,” Honor disse, estendendo a mão para escovar os dedos sobre o queixo dele em uma carícia inesperada, “esta noite vai acabar com isso.”

“Como você compreende?” Que o destruía perceber que este pequeno pedaço de Isis sobreviveu quando cinzas de sua família tinham sido espalhadas pelo vento há muito tempo, civilizações inteiras haviam se erguido e caído nesse meio tempo.

Já não tocando-o, ela disse, “Eu conheço você, Dmitri.” Uma mão cerrada sobre seu coração, sua voz macia, potente com emoção crua. “Bem aqui, tão profundamente que parece como se você fosse uma parte de mim desde o instante em que eu tomei a minha primeira respiração.”

Estendendo a mão, ele trouxe o punho dela aos seus lábios, um beijo nas juntas. Ela roubou-lhe palavras, de sofisticação, até que ele era mais uma vez o homem que tinha sido com sua esposa—mais forte, mais mortal, mas com a capacidade de sentir emoções bonitas e aterrorizantes. Ele derramaria sangue pela mortal ao seu lado, abriria suas veias se ela pedisse, dilaceraria demônios e inimigos até que o mundo estremecesse com o som de seu nome.

Mas ele não iria suportar sua partida. Porque um homem não sobrevive a tal perda duas vezes.

Depois de ter pousado longe o suficiente da casa para que sua chegada pudesse ter passado despercebida, Dmitri olhou enquanto eles começaram a subir nas madeiras pesadas que levavam à propriedade de Eris, na tentativa de achar Illium. Nem mesmo uma pista contra o céu de noite sem estrelas, mas quando Dmitri disse, *Illium*, a resposta foi imediata.

Eu vejo você. Eu patrulhei a casa — está silenciosa, mas não há nenhuma maneira de saber se Kallistos está lá dentro.

Mesmo que ele não esteja agora, ele vai voltar para seu lar, mais cedo ou mais tarde.

Quebrando o contato mental, ele transmitiu as palavras de Illium para Honor. Ela assentiu com a cabeça, a arma que ela tinha escolhido como sua arma principal posta a seu lado. Ele preferiu a espada. A cimitarra que ele carregava era uma velha favorita, e ela era muitas vezes colocada em exibição na casa de Raphael no Refúgio — mas a última vez que tinha estado no reduto angelical, Dmitri havia sentido o impulso de retirá-la, trazê-la para Nova York.

“As runas em sua lâmina,” Honor perguntou quando eles continuaram a andar pelo meio dos bosques quietos, o farfalhar das folhas, o único som. “O que eles significam?”

“Você deveria saber,” disse ele com um sorriso provocador. “Foi uma bruxa que as colocou na lâmina para mim, afinal das contas.”

Um olhar de olhos verdes tão afiado quanto a lâmina brilhante de sua cimitarra. “Cuidado, ou eu poderia decidir transformá-lo em um sapo.”

Para o inferno com isso.

Segurando a parte de trás do pescoço dela, ele a trouxe para ele para o beijo que ele estava querendo reivindicar há horas. Um emaranhado longo e escuro de línguas, ele acariciou-a até que ela estremeceu, seus lábios corados e inchados. “Depois que tudo isso acabar,” disse ela, tocando os dedos à boca sua boca úmida com o beijo, “eu acho que quero passar um mês trancada em um quarto com você.”

Seus lábios se curvaram. “Isso pode ser arranjado.” Os jogos de quarto que ele queria jogar com Honor eram além de decadentes, além de pecaminosos. “A casa deve estar próxima.”

“Ali,” sussurrou Honor praticamente dois minutos depois.

Escondida no meio do que parecia ser milhares de árvores de bordo-açucareiro tremendo no sussurro do vento da noite, a casa ficava privada e isolada do mundo exterior. Embora eles tivessem saído de trás dela, Honor não tinha dúvida de que o que ela estava vendo se repetia com rigor por toda a arquitetura. Apesar do ambiente sereno, não era nenhum conto de fadas, nenhum retiro elegante. Ela lembrava Honor de nada mais do que uma besta desmedida, um monumento ao excesso gótico.

Duas gárgulas rosnando guardavam os degraus de trás, seus dentes arreganhados e as garras desembainhadas. Pelo que ela podia ver no escuro, aquilo era simplesmente o início—ela estava bastante certa que mais gárgulas estavam pelo telhado, incluindo uma criatura gigante com silhueta de morcego contra o breu do céu.

A hera que cobria a maior parte do edifício adicionava à impressão de ameaça em decomposição, assim como as folhas acumuladas no solo. Como se décadas de detritos da floresta haviam sido coletadas em cima de outros, até que o chão estivesse perdido para sempre. Atravessando as folhas—moles nesta época do ano, escondendo, em vez de anunciando sua passagem—Honor segurava a arma na mão enquanto a espada de Dmitri cortava uma ferida escura durante a noite, seu passo tão confiante e tranquilo como um gato de caça.

Ela tocou em seu braço quando eles chegaram ao início de degraus que levavam para uma varanda estreita, apontou. “Olhe.”

Nenhuma hera ou musgo cobria a parte central dos degraus de pedra. Como se tivessem sido usados recentemente e frequentemente. Quando ela se abaixou e cautelosamente acendeu a lanterna, protegendo o feixe com a palma da mão, ela foi capaz de perceber um caminho desvanecido no meio da matéria orgânica que cobria o que pode ter sido uma vez um gramado bem cuidado. Um aceno único para Dmitri, antes de ela apagar a lanterna, e se dirigiram lenta e silenciosamente subindo os degraus para a porta de trás da monstruosa casa.

Dmitri inclinou a cabeça.

Era estranho—de um tipo maravilhoso—quão perfeitamente ela o entendia. Inclinando-se, ela caminhou para mais próximo da janela. Ela não conseguia ver nada além, mas continuou, verificando janela após janela.

A única coisa que estava além era uma escuridão infernal. Como a casa era enorme, isso não significava nada, mas ela virou-se e ergueu-se o suficiente para sacudir a cabeça para Dmitri antes de se mover por ele para verificar o outro lado, enquanto ele mantinha guarda, um predador silencioso, perigoso, quase indistinguível na noite. Foi na terceira janela que ela viu.

35

Voltando para Dmitri, ela sussurrou os resultados em seu ouvido, seu cheiro familiar, bem-vindo. “A luz apareceu um segundo atrás. Cintilando, como se fosse de uma vela.” O brilho dela tinha se difundido de forma que nenhuma lâmpada elétrica poderia imitar. “Bem dentro da casa.”

Dmitri levantou a mão... Em direção a uma das gárgulas no telhado.

Asas se estenderam e Illium voou em silêncio para a sua frente, pronto para bloquear qualquer tentativa de fuga.

“Poderia ser uma distração,” disse ela, o coração batendo pela descarga de adrenalina causada pela visão inesperada. “Kallistos pode estar esperando atrás da porta.”

Dmitri balançou a cabeça. “Eu não sinto cheiro de nada que indique isso, e meus sentidos são aguçados.” Estendendo a mão, ele torceu a maçaneta com cuidado. Quando a porta abriu debaixo da sua mão, ele disse, “Uma armadilha então.” Seus lábios fizeram um leve sorriso. “Não se machuque, Honor, ou você vai acordar com presas.”

Ela congelou. “Eu não fui testada.” Todos os Candidatos incluídos na lista eram testados para *alguma coisa* durante o processo de aceitação. Teorias sobre o quê variavam, mas os testes eram obrigatórios.

“Sangue,” Dmitri murmurou, “não é difícil de obter, especialmente quando se trata de caçadores ativos.”

“Já ouviu falar de privacidade?” ela murmurou enquanto ele empurrou a porta e deslizou para dentro.

Ela seguiu-o—em direção à escuridão sem alívio, a luz que ela tinha vislumbrado escondida pelo arranjo de paredes. Cortando-a com um passo certo, Dmitri fez o seu caminho para o corredor. Ela o acompanhou, levantando-se na ponta dos pés, quando ele baixou os lábios para sua orelha. “Fique longe da vista. Não há motivo para ele acreditar que eu trouxe você.” Quando ela concordou com a cabeça, ele acrescentou, “E privacidade é um conceito moderno.”

Decidindo que iria gritar com ele mais tarde, ela usou cada gota de sua habilidade para esconder sua presença enquanto eles se moviam pelo corredor, enquanto Dmitri fazia o oposto, caminhando com pesados passos feitos com suas botas até que a luz veio à tona. Ela originava-se de uma sala que percorria o espaço do hall até a frente da casa, e era refletida pelo espelho ornamental oposto.

Esse espelho, esculpido com uvas e criaturas míticas revestidas em ouro, mostrava a

ela nada além de uma chama de vela quando Dmitri passou pela soleira da porta em direção à escuridão mais além, enquanto ela apertava as costas contra a parede, pronta para entrar quando necessário.

“Dmitri.” Uma voz grossa, rouca mas profunda.

“Sua garganta nunca se recuperou.”

“Eu não deveria tê-la desagradado como eu fiz.” Um som que poderia ter sido um suspiro.

“Sua senhora não era conhecida por sua paciência—ou o cuidado com que ela lidava com seus brinquedos.”

A civilidade da conversa fez os cabelos da nuca de Honor se arrepiarem. Ela sabia muito bem que estava ouvindo dois predadores circundando um ao outro. Apenas um deles iria sobreviver à noite.

Kallistos não perdeu nenhuma da sua beleza nos anos que se passaram. Ele, de fato, cresceu ainda mais em uma delicada estrutura óssea que deixavam expostos os olhos cor de cobre brilhante, e os lábios tão macios e bem esculpidos, que mais do que um anjo havia sido seduzido por sua perfeição. Seu corpo, também, era uma coisa de beleza. Magro, mas com um incrível tônus muscular —o ar mal se mexia quando ele se movia, seu andar como o de um bailarino.

“Uma criatura requintada,” Isis o tinha chamado no dia em que levou Dmitri para sua cama — e forçou Kallistos a assistir.

“Eu tenho sido um mau anfitrião.” Kallistos acenou com a mão em direção a uma bandeja disposta, sobre ela um jarro ornamentado de cristal cheio de líquido vermelho da cor de sangue que brilhava à luz das velas. “Somos dois homens sofisticados, não somos?”

Dmitri olhou o rubor sobre as maçãs do rosto de Kallistos, o brilho nos olhos de cobre, e perguntou, “Quanto tempo faz desde que você dormiu?”

O outro homem encostou-se na parede ao lado de uma enorme lareira. Deslizando as mãos nos bolsos da calça do terno marrom profundo que parecia quase preto à luz das velas, ele inclinou o rosto para sua melhor imagem. Era, Dmitri sabia, um ato automático, mas não um ato inconsciente—porque, assim como Dmitri tinha aprendido a usar o cheiro atrativo como uma arma ofensiva, Kallistos tinha aprendido a usar seu rosto e corpo.

Agora, ele separou os lábios perfeitos em uma pequena fração. “Há uma grande cama no andar superior... Pronta para ser usada.” Convite sensual em cada palavra, a confiança de um homem que tinha sido capaz de dobrar ambos, homens e mulheres, à sua

vantagem por séculos.

Mesmo Isis, Dmitri pensou, tinha mimado ele quando não o estava torturando. Não era de admirar que os jovens humanos que o vampiro tinha atraído para seu covil tinham ido tão docemente para a morte, entregando seus corpos para ele fazer o que quisesse. “Você falhou em sua tentativa de Transformar vampiros.”

“Eu pensei em construir um exército.” Um sorriso concebido para fazer o seu público sorrir com ele, vê-lo como um adorno bonito, sem nenhuma ameaça. “Uma premissa boba, logo percebi, mas por que não usar os escravos que eu já tinha? Foi divertido deixar presentes à sua porta.”

Empurrando a parede com um olhar cheio de alegria, ele circulou ao redor do sofá, até que ficou a apenas alguns metros de distância, o seu andar elegante. “Então eu percebi—não preciso ter um exército para destruí-lo.” Ele estendeu as mãos. “Tudo o que eu tinha a fazer era ter alguém que você amava e fazer você assistir enquanto eu a massacrava.”

Memórias, dolorosas e brutais, ameaçaram a rugir para a superfície, mas Dmitri teve quase mil anos para aprender a pensar além da dor. “Você estava deitado em uma poça de seu próprio sangue quando o encontramos.” Era um lembrete calmo, uma última chance. “Ela tinha batido em você até rasgar a pele de suas costas, e então, montou em seu pênis enquanto você gritava.”

Uma raiva irregular marcou as linhas perfeitas do rosto de Kallistos. “Você não entendia ela, sendo o camponês que você era.”

“E você era nada para ela, além de um brinquedo bonito,” disse Dmitri com honestidade cruel, “algo que ela teria, talvez, lamentado se quebrasse, mas apenas durante o tempo que levaria até encontrar um brinquedo novo.”

O cobre queimou, mas Kallistos não atacou, não reagiu. “Ela quebrou seu brinquedinho, não foi?” Um sorriso cruel. “Disseram que sua esposa gritou como um porco enquanto a estupravam.”

Raiva queimou sua corrente sanguínea, mas ele nunca daria a Kallistos a satisfação de ver o que pensar sobre aquilo fazia para ele, pensar nos momentos finais da gentil, amorosa Ingrede sobre a terra. “Você ainda a ama, Kallistos?”

Um silêncio sombrio, seguido por um simples, “Sim.”

“Então não há mais nada a dizer.” Ele golpeou com a cimitarra, com o objetivo de decapitar.

Mas Kallistos não estava mais lá, tendo se movido com graça felina para proteger-se atrás de um sofá. “Cuidado,” o vampiro disse, puxando uma espada reluzente de seu esconderijo atrás do móvel pesado, “ou você nunca vai saber onde ela está.”

Dmitri respirou fundo, sentiu o cheiro de Honor, perto da porta. “Você não tem nada.”

Um sorriso zombeteiro. “Não foi difícil pegá-la. Tudo o que eu tive que fazer foi dar um telefonema ameaçando seus irmãos mais novos.” Uma satisfação presunçosa que era tão arrepiante quanto era impossível. “Ela escapou de seus guardas e deslizou direto em meus braços, aquela pequenina coisa deliciosa.”

Honor não tem irmãos mais novos. Mas Sorrow, sim.

Gelo endureceu seu sangue. “Renda-se a mim agora,” disse ele, pegando rastros de um cheiro inesperado que lhe dizia que ainda haviam protovampiros vivos de Kallistos sob seu comando, “e eu vou tornar a sua morte fácil.” Honor estava lá sozinha, mas no instante que Dmitri fosse até ela, ele daria a Kallistos outro alvo.

Kallistos riu novamente, um som áspero, quebrado, doloroso. “Diverte-me saber que você vai viver o resto da sua vida sabendo que ela morreu uma lenta e dolorosa morte — depois de me servir até eu me cansar dela. É uma pena que você não chegou uma hora mais cedo.” Um sorriso que tinha como objetivo extrair o sangue do coração. “Ela gritou seu nome no final.”

Dmitri foi atrás Kallistos sem aviso, empurrando a fúria crua de suas emoções para o fundo de sua mente. Isso viria mais tarde. Após Kallistos estar morto.

Evitando o ataque letal, o outro vampiro girou e quase voou sobre o sofá para pousar sobre seus pés no outro lado. “Neha,” disse Kallistos enquanto Dmitri se virava para ficar de frente para ele, “é muitas coisas. Uma delas é uma lutadora mestra em espada.”

“Suas habilidades não ajudaram sua filha,” Dmitri insultou, consciente dos sons no corredor, corpos começaram a fluir para dentro do quarto atrás dele, bloqueando a saída.

“Anoushka era arrogante.” Kallistos veio para ele em um borrão que cortou uma linha em toda camiseta de Dmitri, ensopando o material preto com o vermelho escuro de seu sangue. “Eu, porém, não me preocupo em me exhibir. Só em lhe causar dor.”

Dmitri atacou novamente, deslizou para o lado errado em um tapete espesso. Kallistos aproveitou a oportunidade para cortar um corte profundo nas costas, a lâmina cortando dolorosamente fora a fora sua coluna vertebral. “Como é a sensação de ser o mais fraco, Dmitri?” Uma pergunta sibilante. “Ela implorou a você para poupar a vida dela, implorou a você!”

Dez dos jovens, fracos protovampiros com armas. Sem mais sons no corredor.

“Ela era uma vadia que merecia morrer.” Com essas palavras frias, ele começou a se mover de verdade. Mas ao invés de se dirigir em direção de Kallistos, ele girou em direção aos cantos da sala, cortando os protovampiros que pensavam em atirar nele. Mas ele era

rápido demais, sua lâmina um fogo doce através do ar, jorrando sangue sobre as paredes enquanto Kallistos gritou e pulou atrás dele.

Então, o ex-amante de Isis tinha algum tipo de amor perturbado por suas criações, no final das contas.

Usando seus pés para se empurrar de uma parede salpicada de vermelho, ele pulou sobre Kallistos e caiu em um agachamento abaixo do caminho de balas. Mas uma pegou no braço, no entanto. Ignorando a dor, ele cortou com a cimitarra de novo, amputando as pernas daquele que o atingiu nos joelhos. O vampiro era muito jovem, muito mal Transformado para sobreviver, seus gritos agudos, sem fim.

Os sobreviventes já estavam disparando... Mas seus tiros de repente foram disparados loucamente, seus corações explodidos por trás por uma caçadora com profundos olhos verdes queimando com um centro de fogo.

Levantando a cabeça para ver Kallistos correndo em direção a Honor, lábios curvados em um rosnado, ele mudou de posição para bloquear o outro vampiro. O som estridente de aço ecoou por todo o quarto, vibrou por seu braço ferido, mas Dmitri já tinha lutado com partes do corpo faltando. Isso não era nada.

Chutando os joelhos de Kallistos, ele roçou-lhe com a lâmina enquanto Kallistos se retorcia para fora do caminho e corria, não para a porta, mas para as antiquadas janelas de vidro espesso que davam para os jardins. Não parando seu impulso, o outro vampiro atravessou o vidro em direção ao quintal em uma cascata estilhaçante de barulho e sangue.

“Honor!”

“Eu estou bem. Vá!”

Saltando através do mesmo buraco no vidro, ele rolou até ficar de pé para encontrar-se diante de um Kallistos cujo rosto tinha um sorriso encharcado de sangue. “Inteligente, Dmitri. Manipulando-me até que eu tivesse baixado a guarda... Ou talvez eu estava manipulando você.” Levantando dois dedos à boca, ele assobiou.

Latidos encheram o ar e de repente cães de caça negros como a noite estavam saindo da floresta em direção à frente da casa, seus caninos nítidos e seu objetivo óbvio. Fluindo ao redor de Kallistos, eles foram até Dmitri — mas não todos eles. Parte do grupo se dirigiu para a casa, provavelmente atraídos pelo sangue derramado... Ou pelo cheiro de Honor. Porque Kallistos estava rindo, um olhar em seus olhos que dizia que ele fez sua jogada final.

Vendo um flash de azul em sua visão periférica, Dmitri gritou: “Dentro!” Ele cortou os cães, ao mesmo tempo, o corte partindo seus musculosos corpos ao meio, mas eles continuavam a sair da floresta. Se ele caísse no chão, eles iriam rasgá-lo em pedaços,

provavelmente sucedendo na sua decapitação, que era a única coisa que poderia acabar com sua vida quase imortal.

“Uma pena que eu não vou conseguir matar pessoalmente sua vadia,” Kallistos cuspiu. “Mas eu vou aproveitar o pensamento de seu corpo espancado, no entanto.”

Dmitri continuou a cortar os cães, a pilha de corpos cada vez maior em torno dele. *Não se atreva a morrer, Honor.*

Ele sabia que Illium faria tudo em seu poder para protegê-la, mas o destruía ser mais uma vez incapaz de proteger a mulher que ele amava. Foi quando ele ouviu tiros rápidos de dentro da casa e lembrou que, enquanto Honor podia tocá-lo com a mesma gentileza que Ingrede uma vez tinha, ela era uma caçadora, treinada e com prática, vítima de ninguém.

Ele mostrou os dentes em um sorriso selvagem.

Minha Honor.

Cortando com a cimitarra na mão enquanto puxava sua própria arma com a outra, ele matou tantos cães que os outros se tornaram cautelosos.

Não o suficiente para se afastar, mas o suficiente para hesitar.

Usando essa hesitação, ele levantou a arma e atirou em Kallistos no rosto.

O vampiro gritou e caiu de joelhos, não tendo, obviamente, esperado um ataque da arma moderna. Dmitri cortou seu caminho através dos cães para colocar a arma na têmpora de Kallistos. O vampiro estava quebrado em um nível fundamental, nunca se recuperaria.

Isis tinha feito isso com ele.

Então Dmitri lhe daria misericórdia.

Mas Kallistos atacou com as mãos antes que Dmitri pudesse puxar o gatilho, tirando a arma de sua mão e desequilibrando-o o suficiente para que ele caísse no chão com o rosto mutilado de Kallistos acima dele. Soltando a cimitarra porque não era útil tão perto, ele lutou com as próprias mãos enquanto Kallistos o golpeava e rasgava com mãos que não eram humanas.

Sentindo as unhas cortarem sua carne, ele percebeu que o homem esteve escondendo algum tipo de arma com pontas curtas, mas afiadas e serrilhadas e usadas sobre os nós dos dedos. Agora funcionava como um triturador, rasgando o peito de Dmitri e o lado de seu pescoço. Ele bloqueou Kallistos quando o vampiro cego teria apertado a mão ao redor do pescoço de Dmitri e, puxando uma faca curta de seu cinto, cortou a garganta de Kallistos.

Sangue derramou quente e úmido em seu rosto, mas Kallistos era mais velho que Dmitri por cerca de duas décadas. Ele não desistiu. Em vez disso, apertando a mão livre sobre a garganta gortada, ele atacou com a que ele tinha tornado letal. “Eu vou acabar com você.” Saliva borbulhou ao redor de sua boca, uma espuma fina vermelha. “Como você acabou com ela.”

Dmitri conseguiu agarrar o pulso de Kallistos, impedindo seu golpe. Foi quando ele sentiu os dentes de um dos cães sobre seu pé, além de onde Kallistos montava seu corpo.

36

Chutando e acertando um corpo denso, sólido, ele soltou o aperto no braço de Kallistos, deixando seu rosto e pescoço desprotegido enquanto colocava toda a sua força em enfiar a faca que ele ainda tinha no local logo abaixo do coração de Kallistos. Atingindo-o, ele puxou para cima, cortando o coração do outro vampiro no meio.

Agonia queimou nele quando aquelas pontas de metal áspero foram enfiadas no seu rosto, atravessando-o, mas o impacto do golpe desapareceu no final quando Kallistos estremeceu, sangue saindo de seu peito e sua garganta ao mesmo tempo. Torcendo a faca mais fundo, até que o coração do vampiro não fosse nada além de polpa, Dmitri empurrou o corpo para longe dele, rosnando para os cães ao mesmo tempo.

Eles recuaram... Mas os seus olhos estavam sobre o Kallistos caído, que se contraía enquanto tentava se curar. Dmitri sabia que, se fosse deixado em repouso, ele se levantaria novamente. Vampiros de seu poder e força não eram fáceis de matar. No entanto, se Dmitri fosse embora, os cães rasgariam Kallistos como se fosse um pedaço de carne para comer.

“Este aqui é o meu animal de estimação especial.” Um sorriso enquanto Isis acariciou suas unhas longas e brilhantes sobre o corpo esguio de um menino que mal havia se tornado um homem. Aquele menino, amarrado à cama, se arqueou em seu toque . Então gritou quando ela cravou as unhas em suas bolas e arrancou-as.

Não, Dmitri pensou. Ele não podia deixar Kallistos sofrer—mesmo depois dos horrores do vampiro havia cometido.

Sorrow.

Suas entranhas apertaram, angústia e raiva queimando em sua garganta, e ele quase foi embora, deixando o outro vampiro à fome dos cães babando.

Um lampejo de memória, de Kallistos no começo da detenção de Dmitri.

Um bálsamo sobre suas costas.

“Ela pode ser exigente, eu sei, mas ela é uma boa Senhora.”

O jovem vampiro tentou tornar sua vida mais fácil, até mesmo evitando que Isis desse um golpe que teria danificado o olho de Dmitri num estado que significava que poderia não ser curado.

“Ajude-me.”

Kallistos havia dito isso a Dmitri uma vez, depois que Isis o havia ferido tanto, que

ele não tinha sido capaz de se levantar para se alimentar. Dmitri, em correntes, havia sido incapaz de fazer qualquer coisa na época, mas hoje ele faria.

Agarrando a cimitarra no chão, ele desceu a lâmina na garganta de Kallistos. Um único golpe duro foi o suficiente para separar a cabeça do corpo, mas Dmitri tomou precauções extras para ter certeza que Kallistos nunca mais se levantaria, utilizando uma lâmina menor para arrancar o coração danificado do vampiro. Quando ele se virou para ir em direção a Honor, não tendo nenhuma escolha a não ser deixar o corpo de Kallistos para os cães, ele a viu correr para fora da casa com Illium, armas em punho.

Os cães não tiveram chance.

“Ninguém pode saber disso,” ele disse a Honor enquanto examinava as presas nascentes de um dos protovampiros dentro da casa, não mais surpreso com o que algumas pessoas arriscariam pela imortalidade.

“Eu entendo.” Ela se agachou ao lado dele, aquela estranha compaixão em seu rosto. “Não só iria balançar a estrutura de poder do mundo se os anjos fossem vistos como vulneráveis, pode dar a alguém ideias.”

“Sim.” Tão inteligente, pensou ele, e com tal clareza em seu pensamento, Honor era uma mulher que seria um trunfo a seu lado, deixando de lado o fato de que ele só queria abraçá-la, respirar o cheiro dela, ouvir a batida do seu coração vivo. Mas primeiro eles tiveram que examinar a casa aposento por aposento. Ela provou estar vazia de habitantes vivos, mas eles descobriram vários corpos em decomposição enterrados em covas rasas abaixo da casa, a evidência das tentativas fracassadas de Kallistos de Transformar vampiros.

No entanto, essa não foi a maior descoberta.

“Dmitri?” A voz feminina questionadora entrou na linha enquanto ele estava com Illium e Honor cercado pelo cheiro da sombra da morte. “Eu perdi a sua ligação—eu estava no recital de música dos meus irmãos.”

Um chute no peito, irradiando-se por seu corpo. “Você está segura.”

“Está tudo bem?”

“Sim.” Ele passou o telefone para Honor, precisando de um minuto para reconstruir os escudos emocionais que de alguma forma haviam caído com o som da voz de Sorrow.

Não foi até a noite do dia seguinte que eles voltaram para Nova York, depois de ter ficado para trás para garantir que tudo foi processado e limpo, até que ninguém jamais saberia o que havia acontecido naquele lugar tranquilo, rodeado pelo verde brilhante de

centenas de bordos-açucareiros. No entanto, ele não pilotou o helicóptero para Manhattan e a Torre, mas para um prédio abandonado e condenado não muito longe da fronteira de Nova York com Connecticut. “Você tem certeza?” ele perguntou à mulher com olhos cheios de mistérios que ele queria explorar enquanto ela estava deitada, prazerosa, e sorrindo em sua cama.

“Sim,” disse Honor. Amos, ela percebeu, não era o monstro que a assombrava.

Era a gaiola em que ele a colocou.

Saindo da máquina brilhante, ela esperou Dmitri se juntar a ela e então o levou para as entranhas do inferno. O edifício estava todo colado com sinais de Não Entre, mas ela caminhou para frente e através de uma porta interna que levava a um andar com chão de cimento.

“Ele me disse,” ela sussurrou, náuseas agitando seu estômago, “que planejava reformar o lugar, transformá-lo em um *salão* à moda antiga, onde só os privilegiados se reuniriam, mas primeiro ele tinha que ter certeza que todos os seus convidados teriam os apetites certos.” Apetites que significavam que Honor quase morreu antes que Amos até mesmo pintasse as paredes, muito menos substituído o tapete mofado e as tábuas quebradas.

Uma mão de homem fechando sobre a maçaneta. “Eu vou primeiro.”

“Eu preciso...”

“Encarar seus demônios.” Dmitri afastou o cabelo dela para fora do rosto com ternura inesperada. “Isso não significa que você tem que fazer isso sozinha e desamparada.”

Olhando para aquele rosto que ainda tinha restos das goivas brutais da luta, ela percebeu que ele precisava fazer isso também, protegê-la. Ela não podia fingir que sua proteção, seu cuidado, eram indesejáveis. Não aqui. Não quando se tratava de Dmitri. Mas... “Juntos.” Ela tocou a mão na dele. “Eu não vou me esconder de qualquer parte disso, nem mesmo atrás de seus ombros largos.”

Uma pausa longa, tensa antes de ele assentir e abrir a porta que levava a seu inferno pessoal. Mas, enquanto ela navegava os degraus, Dmitri ao seu lado, sua náusea foi sendo apagada pela raiva, cortante e brilhante... E então, quando ela entrou no quarto escuro onde tinha sido detida e torturada por dois longos meses, pelo orgulho.

Eu sobrevivi a isso.

O pensamento mal tinha passado por sua cabeça quando a *coisa* veio para ela do escuro, dentes à mostra e os dedos em garras, olhos vermelhos brilhantes.

Ela começou a atirar, gritando, “Não!” quando Dmitri teria se lançado à sua frente.

“Eu tenho tudo sobre controle!”

A criatura continuou vindo e ela continuou atirando, o barulho ensurdecedor no espaço fechado. Finalmente, ele estava ofegante no chão. Pegando a lanterna, ela apontou o feixe no que quer que fosse que tinha feito deste lugar sujo sua toca, nunca desapontando sua arma.

“Você.” Uma palavra borbulhante, cheia de sangue.

Ele já não parecia nada como as fotos que Dmitri havia mostrado a ela, sua elegância enterrada sob fome animalesca. A pele tinha se retraído de sua boca para mostrar as gengivas, suas presas; seu rosto estava emaciado, desmoronando. Assim como seu corpo sob os restos esfarrapados de sua camisa, suas costelas quebradas ainda não completamente fundidas, outras partes de seu torso pulverizadas com ferimentos de bala.

“Eu tive você,” sussurrou Amos.

“Não,” ela disse novamente, falando com Dmitri.

“Honor.”

“Ele não é um perigo.” Caminhando para olhar para a forma emagrecida de Amos, ela percebeu que ele, de alguma forma, havia conseguido chegar ali depois de Jiana trinchá-lo. No entanto, uma vez que estava seguramente escondido, ele não teve força para sair e se alimentar, mesmo quando seu corpo se canibalizava para curar seus ferimentos mais graves.

Uma criatura lamentável.

Mas com um reservatório de força.

Ele avançou para ela com um rugido sibilante. Sem perder a calma, ela esvaziou o o pente em seu coração, explodindo-o em pedacinhos. “Será que ele vai se levantar de novo?”

“Não. Ele estava muito fraco.” A mão de Dmitri tocou seu cabelo. “Está feito.”

Virando-se, ela olhou ao redor da sala cheia de fumaça e viu apenas isso. Uma sala. “Sim. Está feito.”

Exausta e emocionalmente esgotada, ela não protestou quando Dmitri a levou voando para a Torre e a levou para sua suíte.

“Eu comprei uma cama nova,” ele disse a ela quando puxou-a para o chuveiro e começou a ajudá-la a tirar a roupa. “Você vai ser a única mulher que já dormiu nela.”

Ele era dono de seu coração, esse vampiro com suas cicatrizes e sua escuridão. “Venha aqui.” Envolvendo seu rosto enquanto ele se inclinou em direção a ela, ela esfregou seu nariz contra o dele, sentiu seu corpo enrijecer por um segundo inexplicável antes dele tomar sua boca em uma bruta reivindicação de um beijo, o tipo de beijo pecaminoso, devasso que nenhum homem bom jamais iria dar à sua mulher. O banho resultante foi decadente e bem-vindo, mas seu corpo cedeu quando ela bateu na cama.

Eles queriam desonrá-la, os vampiros com os olhos quentes e as mãos que vagavam sobre sua carne enquanto a prendiam na parede. Ela sabia disso, entendia isso. “Perdoe-me, Dmitri,” ela sussurrou dentro de sua mente, e virou quiescente.

Eles riram. “Viu, ela quer. Eu sabia que essas camponesas ficariam todas felizes em abrir suas coxas por um homem de verdade.” Mãos ásperas, agarrando e empurrando as saias, outro par machucando seus seios.

Apesar de sua vergonha, sua raiva, ela disse a si mesma para ficar quieta, para não lutar.

Mas, então, o terceiro vampiro entrou no berçário e saiu com Caterina em seus braços. “Tão doce e suave,” ele murmurou, seu tom exalando gentileza. “Eu ouvi que sangue assim é uma iguaria.”

Quieta, quieta, ela disse a si mesma, mesmo quando a fúria fez seu sangue virar chamas. Se ela protestasse, o monstro saberia que mantinha um pedaço de seu coração em suas mãos e ele iria machucar Caterina ainda mais. Mas o seu silêncio não poderia proteger sua criança, e ela gritou em horror— “Não! Por favor! — quando o vampiro abaixou a cabeça no pescoço pequeno de Caterina e começou a desfiá-lo como um cão. O grito de pavor de seu bebê atravessou o ar, perfurou o silêncio, perfurando-a até que ela sangrou.

Jogando o cotovelo no nariz de um dos vampiros que a segurava, ela esfaqueou o outro com a faca de cozinha que tinha escondido em suas saias quando eles entraram em sua casa com tanta maldade em seus olhos. “Deixe-a ir!” Escapando porque eles não esperavam desafio, ela arrancou Caterina dos braços do vampiro que se alimentava. “Não, não. Oh, não.” Seu pobre bebê estava morto, sua garganta em carne, seu pequeno corpo já esfriando.

“Não!” Era o grito agudo de uma mãe quando os monstros atacaram-na novamente, mas ela não iria liberar Caterina. Nem mesmo quando eles quebraram suas costelas, a jogaram no chão, e empurraram as saias. Ela não se importava com o que eles fizeram com ela, contanto que não tocassem Caterina... E não descobrissem Misha.

“Fique quieto, Misha,” ela implorava em sua mente. “Fique quieto, muito silencioso.” Ele estava brincando no espaço pouco abaixo do telhado, que era seu lugar “secreto,” e ela gritou para ele se esconder quando tinha visto os primeiros vampiros. Não tinha havido tempo para Caterina,

mas ela havia esperado que eles não fossem tão cruéis a ponto de prejudicar um bebê.

Ela não sentiu dor quando eles a machucaram, não sentiu nada, cada grama de seu ser concentrado em escutar seu filho, em manter sua filha perto. “Eu não pude protegê-la, Dmitri,” ela sussurrou em uma voz silenciosa enquanto os vampiros a usavam. “Eu sinto muito.” Ela morreria aqui, ela sabia disso. E acontecesse o que mais, ele não iria perdoar isso. Ele era tão teimoso, levaria a ferida no seu coração até o dia em que tomasse seu último suspiro, seu marido bonito e leal que a tinha amado, mesmo quando um anjo veio para conquistá-lo.

Um sussurro de som.

Olhando para cima, ela viu Misha espiando por cima da borda do espaço do telhado. Com os olhos, ela disse para ele ficar quieto, para ficar parado. Mas ele era filho de seu pai. Gritando de raiva, ele pulou nas costas de um de seus atacantes, afundando pequenos dentes fortes no pescoço do vampiro. O vampiro foi arrancar seu filho das costas e jogá-lo no chão enquanto ela lutava para escapar, para protegê-lo.

“Não!” Um dos outros pegou a forma gritante de Misha em seus braços. “Ela quer o filho mais velho vivo!” Ele prendeu seu doce menino apertado enquanto ela pediu-lhe para não machucar seu filho. Mas o monstro apenas riu, continuando a esmagar Misha até que seu corpo pequeno e feroz ficou mole.

Então, tendo terminado com ela, eles quebraram sua espinha para que ela não pudesse escapar enquanto a casa se enchia de fumaça, de chamas. Ela morreu com seu bebê nos braços, segurando-se nele até o fim. Mas não houve paz para a sua alma, sua mente cheia com o eco dos gritos de Misha, a visão do pescoço devastado de Caterina, e as terríveis palavras de Dmitri quando os homens Isis vieram atrás dele. “Você me perdoará, Ingrede? Pelo que eu devo fazer?”

Um homem tão orgulhoso, seu marido. Muito, muito orgulhoso. “Você luta uma batalha,” ela sussurrou, tocando-lhe a mão em sua bochecha. “Você faz isso para nos proteger. Não há nada para perdoar.”

Então ele se foi, seu Dmitri, para a cama de um ser que o via apenas como uma coisa a ser utilizada. E ele prometeu voltar, não importava o que isso exigiria. Mas agora, ela não estaria esperando por ele.

O coração dele iria quebrar.

“Honor!” Dmitri balançou a mulher que tinha dormido tão quente ao lado dele durante a noite, tentando acordá-la enquanto ela chorava, lágrimas com grandes soluços.

Então ela virou-se, escondendo o rosto em seu peito, e ele sabia que ela já estava acordada. Suas lágrimas, elas eram as de uma mulher que tinha perdido tudo. Devastação

em cada gota, quente e úmida enquanto ela chorava e chorava, chorava, seu corpo tremendo tanto, ele preocupado que ela quebraria.

Ela não ouviria as suas palavras, não seria suavizada, então ele simplesmente a abraçou, mais apertado do que ele nunca havia feito antes. Ela não lutou contra ele, não fez nada além de chorar—até que o peito dele estivesse molhado de sua desolação e ele quisesse destruir algo, partir no meio. Mas ele não lhe disse para parar. A morte de Amos, ele pensou, tinha sido o catalisador para isso, e se ela precisava disso para completar a sua cura, que assim fosse.

Assim, ele segurou aquela caçadora cujos olhos de um verde meia-noite diziam que ela o via, sombras e tudo, que o tocava como Ingrede costumava fazer, que o fazia imaginar uma verdade impossível, abraçou-a tão apertado que ela era uma parte de sua própria alma.

37

Honor sentou com as pernas balançando pelo lado de fora do corrimão de metal do escritório de Dmitri. Seria uma terrível queda se ela caísse, mas ela imaginou que um dos anjos abaixo a pegaria. É claro, ela não estava disposta a arriscar — não havia maneira no inferno que ela planejasse morrer em breve.

Não depois de levar tanto tempo para voltar da última vez.

Sua respiração prendeu em sua garganta pela sua aceitação consciente de uma ideia impossível... Exceto que não era. Era tão real quanto o horizonte de Manhattan em frente dela, aço contra um céu azul celeste listado com branco. As memórias tinham cascadeado uma sobre a outra desde que ela acordou nas primeiras horas desta manhã, chorando tanto que seu peito ficou dolorido, seus olhos inchados e sua garganta ferida.

Ele é meu marido.

Talvez não pela lei, mas no que dizia respeito à sua alma, Dmitri pertencia a ela.

Sempre.

Quando a porta abriu em suas costas, ela olhou para cima, esperando o homem do centro de seus pensamentos. Não era. Ela sorriu para a caçadora que veio sentar-se ao lado dela. “Como você chegou aqui?” A segurança era hermética.

Ashwini balançou seus pés. “Eu convenci Illium.”

“Eu não sabia que você o conhecia.”

“Eu não conhecia. Agora eu conheço.” Olhos castanhos cheios de uma intensidade líquida pousaram em Honor. “Ele disse que você precisava de uma amiga. Eu já sabia disso, mas fingi que era novidade. O que está errado?”

Honor virou seu rosto para o vento, deixando-o empurrar para trás os cabelos soltos, enrolarem-se em um bagunça tão selvagem como Dmitri fazia na cama. “Você nunca acreditará em mim.”

Um longo silêncio antes de Ashwini disse, “Lembra-se da primeira vez que nós nos encontramos?”

A memória era clara com cristal. Tinha sido em um barulhento bar com caçadores e mercenários. Elas haviam rido durante drinques, comido tudo frito, plantado as sementes de uma amizade profunda e permanente. E então, enquanto elas estavam saindo pela porta — “Você me chamou de alma velha,” ela sussurrou. “Uma alma perdida.”

“Tão velha que faz minha alma doer”—Ash inclinou-se até que seus ombros se tocaram por um momento—“mas não mais perdida.”

Tremendo, ela apoiou suas palmas das mãos na áspera superfície em que elas sentavam. Não haveria mais sussurros, ela sabia, de uma vida há muito ida—não havia mais qualquer necessidade, a barreira entre passado e presente dizimada na tempestade de lágrimas até que ela viu a mulher que ela tinha sido tão claramente quanto a que ela era agora.

As memórias despertadas lhe causaram uma dor agonizante. O pensamento da perda de Caterina e Misha... Ela não podia suportar. Mas ela tinha lembrado, entendido algo muito mais bonito, também. Amada, ela tinha sido *amada*. E, ela pensou, lembrou dos braços que tinham segurado ela muito apertado esta manhã, ela era amada de novo. Ele podia nunca ter sido capaz de dizer isso, a lâmina letal que seu marido tinha se transformado, mas ela sabia.

O que ela não sabia era se sua beleza, feria Dmitri que estava pronto para ouvir o que ela tinha para contar a ele.

Dmitri observou as duas mulheres sentadas na sacada e verificou pela terceira vez para garantir que as asas dos anjos esperando abaixo estavam em alerta para pegar se necessário. “Eu devia sair daqui e arrastá-las ambas para dentro,” ele disse para Raphael quando o arcanjo entrou para ficar ao seu lado.

“Sim,” Raphael disse. “Isso deve ser uma visão bastante divertida.”

Dmitri atirou ao arcanjo um olhar sombrio. “Sua consorte é uma má influência.”

“Minha consorte está agora se juntando à sua mulher.”

Virando, Dmitri viu Elena chegar a uma aterrissagem um tanto vacilante, porém segura, na varanda. Ela jogou seu punho no ar antes de sentar junto à caçadora de longas pernas com um olhar sombrio que era a melhor amiga de Honor—e, de acordo com os relatórios que eles tinham dela, um indivíduo extremamente talentoso quando se falava daqueles sentidos que não eram aceitos pela maioria dos humanos. Imortais, entretanto, tinham estado vivos tempo demais para descartar a coisa como uma fantasia. E então eles vigiavam Ashwini. “Javier a atrai.”

“Eu acho que é hora dele entrar.” *Isso dará a Venom um período suficientemente longo para garantir uma boa transferência.*

Dmitri assentiu, sentindo um tipo de paz selvagem dentro dele quando Honor sorriu, seu corpo metade escondido entre o meia-noite e amanhecer das asas abertas de

Elena. “Será bom para Venom trabalhar ao lado de Galen.” O vampiro era forte, mas jovem e podia ser impulsivo; enquanto Galen era tão estável e centrado como uma rocha.

“Eu concordo.” As asas de Raphael farfalharam quando ele as reassentou. “Eu falei com Aodhan—ele não mudou sua opinião.”

Dmitri pensou sobre o extraordinário anjo quebrado, se perguntando se ele acharia o que procurava nesta vibrante, ousada cidade com seu ritmo cardíaco pulsante de vida. “Você acha que isso é o começo de sua cura?”

“Talvez.” Uma pausa calma. “Nós seremos seu escudo, Dmitri.”

“Sim.” *O jovem anjo?*

Descansando. Sua vontade é forte—isso não irá quebrá-lo.

Bom.

Do lado de fora, as mulheres continuavam conversando, seus cabelos enrolando-se juntos no vento brincação, os fios brilhantes quase brancos de Elena contra os negros lisos de Ashwini e os cachos do mais suave ébano de Honor. Era uma visão que faria qualquer homem para olhar. “Nós não somos quem nós éramos até dois anos atrás, Raphael.”

“Você lamenta essa mudança?”

“Não.”

Honor desafiou Dmitri para uma sessão de treinamento naquela tarde e perdeu.

Ele a levou para sua cama aquela noite, a deitou para seu deleite. Quando ela mordeu seu lábio inferior e sussurrou, “Eu pensei que você tinha dito algo sobre um chicote de veludo?” em uma voz que continha igualmente antecipação e o odor de nervosismo sensual, ele tomou sua boca com uma necessidade voraz que perfumou o ar com o doce almíscar de sua excitação.

Inalando isso, ele a fez deitar de costas—suas mãos segurando nas barras da cabeceira—e começou a beijar, a sentir o gosto, de cada minúsculo centímetro dela, do suave calor de sua testa para o oco de sua garganta e a as dobras apertadas de seus mamilos. Lá, ele parou, levou seu tempo, até que os mamilos estivessem molhados e ressaltados, depois moveu-se para mergulhar em seu umbigo, o nó trêmulo de carne entre suas coxas, a curva de seus joelhos, e finalmente, o gracioso arco de seus pés.

Respiração saindo em suspiros irregulares, ela balançou a cabeça quando ele disse a ela para virar.

“Honor.” Era um comando.

“Não.” Assombrosos olhos cheios de desafio que era um convite, seu corpo tão sensível que quando ele correu os dedos levemente entre suas pernas, ela empurrou para cima, seus olhos fechados apertados e seus músculos tensos em prontidão para o auge da ruptura. “Dmitri.”

“Não,” ele disse, movendo seu toque e mergulhando sua cabeça para falar com seus lábios contra seu ouvido. “Você não é recompensada por mau comportamento.”

Impenitente, ela beijou o lado de seu rosto, sua mandíbula. Suaves, molhados beijos que fizeram seu pau pulsar nas calças pretas que ela ainda usava, enquanto ela deitava-se nua para ele, sua pele seda quente, seu sangue quente e desperto e sussurrando para ele um vício erótico que ele não podia se dar ao luxo de ceder.

“Suborno funciona?” Outro beijo.

Ele pressionou a mão em seu abdômen, empurrando-a de costas de novo. “Essa é outra regra que você quebrou.” Ele tinha ordenado a ela para ficar imóvel.

“Você não vai ter misericórdia de mim?” Era uma pergunta rouca quando se ele levantou da cama e foi até o armário... Mas ela manteve a promessa que tinha feito a ele no começo, ficado na cama.

“Você deveria saber melhor do que esperar isso de mim,” ele disse, fechando sua mão ao redor do cabo de um suave chicote de veludo que ele nunca tinha antes usado, como não tinha usado qualquer coisa neste quarto. Ele tinha construído uma cama para Ingrede, e, do mesmo modo, ele tinha montado esse quarto para Honor.

Agora, correndo sua mão sobre o chicote, ele balançou as caudas sobre seu braço para garantir que não causaria nenhuma dor a ela, somente o mais excruciante prazer. Os olhos dela foram para o chicote quando ele voltou caminhando para ela, e ele viu seu quadril torcer de um modo que disse a ele que ela estava muito perto do limite. Permitindo que seus lábios curvassem apenas um pouco, ele correu as caudas sobre seu corpo dos seios até a coxa.

“Onde,” ele murmurou, “Você gostaria de levar suas lambidas?” Ele circulou os fios em volta de seus seios. “Aqui?” Acariciando abaixo, sobre suas coxas. “Aqui?” Subindo de volta, mudando seu domínio para conduzir as caudas através de suas delicadas dobras. “Ou talvez aqui?”

Ela gritou, e ele soube que ela estava no precipício. Afastando-se, ele mudou de mão de novo e sacudiu sua mão. As caudas de veludo beijaram a pele avermelhada de suas coxas e suas lamúrias transformaram-se em um gemido gutural.

“Mais abertas.” Ele ordenou.

Espalhando suas coxas, ela trocou olhares com ele.

Sua próxima carícia bateu no interior das coxas e ele viu a tempestade crescendo naqueles olhos semelhantes à floresta à meia-noite. Medindo precisamente, ele balançou sua mão de novo... Então o veludo caiu sobre as dobras úmidas de suas coxas.

Ela gozou com um grito, seus braços esticados enquanto ela continuava a agarrar as barras de ferro da cabeceira, seus seios avermelhados e suas costas arqueadas.

Querendo ela conduzindo isso, espremendo cada gota de êxtase, ele balançou o chicote de novo, sobre seus seios.

Seu prazer a controlou, e ela era bela. Derrubando o chicote, ele tirou o resto de suas roupas e acomodou-se entre suas coxas, empurrando dentro dela enquanto ela descia do alto, sua carne tremendo com tremores secundários. Minúsculos músculos internos se contraíram ao redor dele, quase roubando seu controle. Mas ele tinha tido séculos para aperfeiçoar isso e ele tinha a intenção de prolongar a noite de prazer.

Gemendo, Honor o abraçou apertado enquanto ele se balançava dentro dela lentamente, curtos golpes que instigavam, porém nunca entregavam. Suor escorregando pelos seus corpos dez minutos depois e a mulher que era sua estava deitada de costas, agarrando os lençóis e tentando forçá-lo mais fundo com seus tornozelos fechados ao seu redor. “Mais rápido.”

“Eu venci a sessão de treinamento,” ele a lembrou. “Posso fazer o que eu quiser.” Inclinando-se para baixo, ele lambeu uma gota de suor ao logo de sua garganta. “Nesse momento, eu quero tomar você lenta e facilmente.”

Seu peito arfando, ela tentou empurrar uma mão entre seus corpos. Agarrando-a, ele prendeu-a acima de sua cabeça, antes de pegar a outra e imobilizar ambos os pulsos com uma mão. “Garota má.” Segurando seu olhar, ele acariciou de novo, ouviu sua frustração no gemido baixo no fundo de sua garganta. “Assustada?” Era uma pergunta séria, porque ele a tinha contida.

“Não.” Arqueando-se, ela mordeu sua mandíbula. “Você devia estar, no entanto.”

Rolando seus quadris, ele a amou de formas que fizeram os olhos dela fecharem e os seios crescerem em direção à sua boca. Ele aproveitou, sugando e brincando com seus mamilos enquanto continuava a atormentá-la com seu pau. Quando ele levantou a cabeça e reivindicou um beijo, ela sugou sua língua... Em seguida ela fez a única coisa que tinha sempre feito ele perder o controle, mesmo antes de ser Transformado. Acariciando seu caminho para baixo até sua garganta, ela prendeu os dentes sobre sua pulsação e lambeu com sua língua.

Rosnando, ele soltou os pulsos dela para enfiar a mão em seu cabelo, afastando sua garganta—tomando cuidado para não machucá-la—mesmo enquanto enfiava seu pau até

as bolas dentro dela no mesmo movimento.

Ela engasgou. “Oh, Deus.”

“Como,” ele sussurrou, usando a outra mão para empurrar um de seus joelhos, abrindo-a mais para ele, “você sabe fazer isso?” Era uma carícia muito específica, uma que ele tinha descoberto com Ingrede. Nos anos seguintes, outras mulheres—incluindo Favashi—tinham tentado ir para sua garganta, mas ele nunca tinha deixado ela desprotegida.

Até Honor.

“Você se recusou a se apaixonar por outra pessoa, Dmitri.” Um sussurro com um impacto de um tiro. “Então eu tive que voltar para você... Marido.”

Cada músculo em seu corpo travou. “Não.”

A resposta de Honor para aquela única palavra dura não era nada que ele poderia ter previsto. “Está bem.” Acariciando seu rosto com mãos gentis, ela sorriu torto, seus olhos luminosos com um amor tão profundo, que ele pensou que se afogaria no cintilante verde meia-noite. “Você não tem que acreditar em mim, ou mesmo me achar sã. Apenas deixe-me amar você.”

Suas próximas palavras foram ditas em uma língua antiga, esquecida, o dialeto um que havia sido falado apenas em um minúsculo vilarejo há muito desmoronado—um dialeto que apenas Dmitri lembrava. Exceto que o ritmo cadenciado dele saía dos lábios de Honor como se ela tivesse corrido pelos mesmos campos, dançado sob o mesmo sol brilhante. “Eu sempre fui um pouco louca no que dizia respeito a você.”

“Eu não posso...” Ele começou, pois o que ela estava oferecendo era demais, um presente muito doloroso.

“Shh.” Ela correu os dedos através de seu cabelo. “Tudo bem.”

“Não.” Não estava bem, não estaria bem até que ele tivesse as respostas que precisava.

“Tão teimoso.” Beijando-o lentamente e profundamente, ela o segurou com suas pernas ao redor de seus quadris quando ele ia sair. “Eu deveria ter esperado isso de um homem que uma vez escalou uma montanha de madrugada para trazer-me flores silvestres.”

Seu corpo todo tremeu sob o peso do conhecimento naqueles olhos, no toque, na voz. Todas as minúsculas coisas que ela tinha feito que tinham cutucado suas memórias, o eco da alegria de Ingrede quebrando seu coração quando era Honor que ria, a forma que ela o *conhecia*, caiu de encontro ao caos dentro dele, deixando somente uma necessidade crua em seu rastro.

“Deixe-me dar a você o que você precisa, marido. Eu esperei tanto tempo.” Palavras espantosas entrelaçadas com um desejo primoroso que cantava para seu sangue. “*Beba.*”

O fio final de seu controle rompeu-se.

Rugindo, ele conduziu dentro dela de novo e de novo, até que ela se apertou ao redor dele com poder feminino e ele estava gozando com tanta satisfação que ele não tinha memória de afundar suas presas no seu pescoço. Em seguida o gosto ácido, selvagem de seu sangue bateu com a ferocidade de uma tempestade de vento, e de repente ele estava duro mais uma vez.

Honor sentiu seus olhos se arregalarem quando Dmitri começou a mover-se de novo, suas presas enviando uma onda de prazer sensual através de seu sistema—lânguida, persuasiva, com gosto de pecado e sexo e todas as coisas deliciosamente más... E tão diferente do que ela tinha experimentado no buraco que a comparação teria sido risível.

Gemendo com a opulenta ereção passando por músculos doloridos e um corpo prazerosamente estilhaçado, ela se sentiu revestindo a dura invasão de sua ereção em exuberante necessidade. “Oh, Deus, Dmitri.”

O comprimento grosso dele empurrava tecidos inchados, arqueava ondulações de êxtase através de seu sistema, enquanto ele se inclinava para seu pescoço e se alimentava. Enfiando a mão em seu cabelo, ela o segurou, a ardente sensualidade do momento dividida com uma ternura selvagem.

Fazendo um baixo, profundo som de satisfação, ele tirava, colocava... E a levou a um orgasmo que nunca parecia parar.

Seus músculos estavam ainda tremendo pelo prazer erótico quando, terminando o beijo de sangue, ele lambeu as pequenas feridas, sugou a pele de novo, e levantou sua cabeça. “Nós não terminamos,” ele ronronou em seu ouvido enquanto as pernas dela caíam da costa dele, cansadas demais para mantê-las. Alcançando entre elas, ele puxou seu clitóris com dedos que a conheciam bem demais.

Outro orgasmo balançou através dela, profundo, tão profundo. “Eu não aguento mais.” Era um gemido.

“Mentirosa.” Um movimento de rolagem de seus quadris, e ela estava erguendo-se em direção a ele, sua mãos acariciando sua bochecha, seus braços.

Ele tinha paciência infinita, e não estava disposto a dar a ela o que ela queria desta vez. Não até meia hora depois, quando ela estava sugando sua garganta, arranhando suas

costas, e ameaçando usar uma lâmina nele. Foi quando ele tirou seu pau para ela gritar de frustração, abriu suas coxas completamente, e inclinou aquela cabeça escura para sugar seu clitóris em sua boca.

O choque erótico foi tão intenso que queimou suas terminações nervosas, fez luzes explodirem atrás de seus olhos. Ela estava quase certa de que perdeu a consciência por um ofuscante segundo. Quando ela finalmente levantou suas pálpebras drogadas, foi para sentir seu belo, perigoso Dmitri deslizando dentro dela em um impulso primitivo que era pura posse.

38

Acabado o banho, eles conversavam sentados na cama, Honor deitada contra o peito de Dmitri, seu corpo macio e quente e seu. Absolutamente, categoricamente *seu*.

“Eu não poderia esconder isso de você,” ela disse enquanto corria seus dedos pelo cabelo que ele estava secando enquanto ela estava deitada contra ele preguiçosa e saciada, “Mas eu estava preparada para o descrédito, pensei que eu poderia levar anos para provar isso a você.”

Tomando sua mão, ele espalhou-a sobre seu coração. “Alguma parte de mim sabia desde o começo.” Ela estava dentro dele, sua alma forçando a dele a voltar à vida. “Eu apenas não estava pronto para conscientemente aceitar isso.” Honor era a brava, a que tinha dado o salto de esperança.

A mão dela se fechou. “Eu sei que isso machucará muito você, mas preciso ter esta questão respondida.” Seus olhos incandescentes com lágrimas, joias na chuva. “Misha... O que eles fizeram a Misha?”

Uma queimadura ardente em seu peito, o cheiro de carne e músculo queimados e os gritos silenciosos de seu corpo. Mas sua boca ele manteve fechada, embora isso custasse a ele um pedaço de sua sanidade.

“Pronto, amante. Você nunca se esquecerá de mim.” Os lábios vermelhos de Isis pressionando sobre a carne queimada e ferida, sua língua escavando dentro da ferida dolorosa. “Sempre, você me carregará dentro de si.” Seu rosto perfeito permanecia sereno enquanto ela pegava o ferro de marcar e pressionava em sua carne uma segunda vez para marcar com certeza as palavras dela.

Escuridão o engoliu e quando ele acordou, seu peito estava enrugado com uma cicatriz tão pesada e espessa, que ele pensou que nada poderia apagá-la. Olhando para cima, ele viu Raphael olhando para marca com uma fria intensidade que falava de morte. O anjo nada disse, mas quando seus olhos se encontraram, ele puxou a corrente que prendia a sua mão esquerda a parede. A atordoada mente de Dmitri levou um momento para ver, para entender.

A pedra estava rachando. Tinha demorado um ano, mas Raphael tinha enfraquecido suas amarras o suficiente para quebra-las—agora, Dmitri simplesmente tinha que sobreviver, ficar forte de novo. Então ele o fez, apesar de Isis quase tê-lo destruído. Mas não fez isso para matá-la, embora essa necessidade fosse uma febre em seu sangue. Ele fez isso para que ele pudesse segurar seu filho de novo, o único de sua família que restava.

“Shh, Misha,” ele disse, sua garganta rachada e crua quando seu filho gritava e convulsionava, seu pequenino corpo preso na parede por um elo de ferro ao redor de seu pescoço.

"Papa estará aí em breve e ele consertará tudo."

Ele manteve sua promessa. Ele tinha dado a seu filho a paz.

A culpa do que ele tinha feito agarrava o sangue dele. "Isis tentou Transformá-lo."

Um som aterrorizado. "Ele era jovem demais."

"Sim." Dmitri não podia colocar sua dor em palavras, mas quando as mãos de Honor foram acariciar suas bochechas, ele inclinou sua cabeça em direção a ela, deixando-a pressionar os lábios sobre seus olhos fechados, seus lábios.

"Eu entendo." Sua voz era um sussurro rouco. "Está tudo certo, Dmitri. Era a única coisa que você poderia ter feito."

Dmitri não tinha chorado, nem nos últimos mil anos. Mas a agonizante lembrança de segurar o corpo de seu filho nos braços, de olhar aqueles confiantes olhos febris e cheios de sofrimento e uma loucura que já havia feito Misha roer sua própria carne, de segurar aquele olhar até o fim, quando ele acabou com a vida de seu corajoso, belo menino... Isso rasgou através dele no momento, criando rios cortantes de dor.

Ele teria se afogado não fosse a mulher que o segurava no meio da tempestade, aquelas lágrimas que se misturavam com as dele, aquelas mãos gentis que davam a ele o perdão por um crime pelo qual ele nunca tinha se perdoado. "Eu era seu pai," ele disse finalmente. "Caterina, Misha... Eu não pude proteger nenhum deles. Eu não pude proteger você."

Honor balançou sua cabeça. "Você lutou por nós. Você entregou seu orgulho, seu corpo, sua liberdade. Mas acima de tudo, você nos amou até que nenhum de nós sabia o que era viver sem ser adorado." Acariciando seu rosto de novo, ela tocou sua testa na dele. "Se eu tive uma segunda chance, você não acha que nossos bebês devem ter tido, também?"

O sussurro dela não eliminou sua tristeza acerca de sua perda, mas o tocou com um brilho de esperança. E ter esta mulher nos braços era um presente que ninguém poderia tirar. "Ingrede ou Honor?" Não importava para ele, a essência dela indelevelmente tatuada em sua alma.

"Ingrede viveu outra vida, era outra mulher." Um beijo em sua mandíbula, seguindo por uma careta. "Eu sou Honor, então não comece repentinamente a pensar que eu vou colocar saias e ser uma esposa dona de casa."

"Você pode fazer qualquer coisa que você desejar," ele disse. "Contanto que não vá para muito longe de mim." Ele não permitiria isso, não poderia aguentar. "Por quase mil anos eu esperei por você. Eu não posso dar a você essa distância."

"Dmitri." Foi um longo tempo depois que eles falaram de novo, a necessidade dele

por ela um poço profundo que nunca secaria. “Eu não tenho nenhum desejo de colocar distância entre nós,” ela disse, escovando o cabelo dele para trás, acariciando sua mandíbula, toques constantes de amor. “A posição na Academia da Sociedade para uma professora de línguas antigas ainda está aberta. Eu vou pegá-la.”

“Bom.” Levantando a mão dela para seus lábios, ele beijou seus dedos. “Nós casaremos na alvorada.” Sua esposa usaria seu anel, seria sua em todas as formas.

“Antiquado.” Riso, familiar e novo, envolvendo-se ao redor dele, enlaçando ele. “Eu espero que você saiba que você usará ouro também.”

“Eu esperei a eternidade para usar de novo.” Corpo e alma, ela o possuía. “Eu sou seu. Sempre.”

Névoa nos olhos dela. “Eu *amo* você.”

“Mesmo que eu não seja mais um homem tão bom quanto o que você conheceu uma vez?” Nunca seria novamente, sua alma muito atingida, muito entrelaçada com violência e escuridão.

“Nós dois ambos fomos um pouco espancados—é o que nos faz tão interessantes.”

Ele queria rir, mas seu peito doía. “Você deseja ser Transformada, Honor?” Se ela escolhesse a expectativa de vagalume da vida mortal, desta vez ele iria com ela. Não era uma escolha, mas uma simples verdade.

Honor ficou imóvel. “Eu não posso ser escrava de ninguém, Dmitri. Nunca.”

“Isso não será um problema.” Então, por que esta era Honor, que o conhecia como nenhum outra nesta terra, ele disse, “Você só irá servir a mim.”

“Homem arrogante.” Levantando para ficar em cima dele, ela tocou seu nariz no dele, esfregando daquele modo familiar. “No começo, eu pensava que não, eu nunca poderia ser um dos monstros. Mas nós nunca tivemos uma chance, Dmitri. Eu *quero* essa chance. Eu quero cem vidas com você.”

Ele não deu a ela a oportunidade de mudar de ideia, ávido por cada instante, cada segundo. “Nós começaremos o processo depois da cerimônia de casamento.”

“Você acha que a Sociedade ainda me aceitará?” Era uma pergunta preocupada. “A Academia nunca foi preconceituosa contra os instrutores vampiros, mas... meus amigos.”

“Se eles são seus amigos, eles estarão com você.”

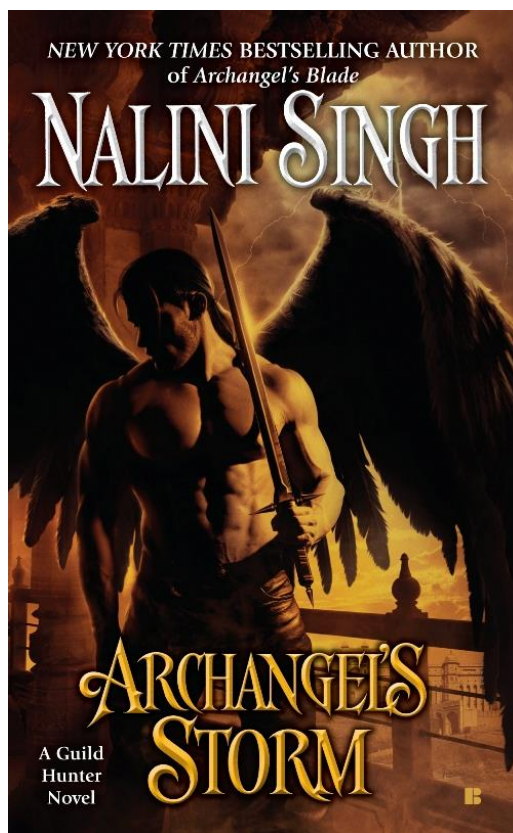
Sim. Tendo fé na força dos relacionamentos que ela tinha construído, ela deitou sua cabeça contra ele, esse homem que ela tinha lutado contra a própria morte para encontrar. “Conte-me o que você fez, o que você viu, depois que eu fui embora.”

Uma forte mão em punho no seu cabelo, possessão e escuridão. “Eu vivi muitos anos.”

“Está tudo bem,” ela disse, espalhando seus dedos sobre seu coração. “Nós temos a eternidade.”

FIM

NO PRÓXIMO LIVRO...



Com asas de meia-noite e uma afinidade com as sombras, Jason corteja a escuridão. Mas agora, com o consorte da Arcanjo Neha jazendo assassinado no palácio cravejado de joias que era sua prisão, e a ira dela ameaçando causar uma devastação cataclísmica, Jason avança para a luz, sabendo que ele precisa descobrir o assassino antes que seja tarde demais.

Conseguir a confiança de Neha vem com um preço—Jason precisa se ligar à linhagem dela através da Princesa Mahiya, uma mulher com segredos tão perigosos, que não confia em ninguém. Muito menos em um espião-mestre inimigo.

Com apenas sua caça a um assassino violento e inteligente para uni-los, Jason e Mahiya embarcam em uma missão que leva a um pesadelo de séculos de idade... E à tempestade escura de uma paixão inesperada que ameaça encharcá-los de sangue.

EM BREVE!

AVISO

Esta tradução foi feita pelo grupo **Shadows Secrets** de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato ebook. Os grupos tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.